

80
MILHÕES
DE EXEMPLARES
VENDIDOS

1 NEW YORK TIMES

SANDRA BROWN

AUTORA DE *CALAFRIO*, *OBSESSÃO E LETAL*

CAMINHOS SOMBRIOS

«Uma contadora
de histórias magistral.»

USA TODAY

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Ficha Técnica

Título original: Mean Streak
Autor: Sandra Brown
Tradução: Inês Castro
Revisão: Domingas Cruz
Capa: Maria Manuel Lacerda/Oficina do Livro, Lda.
ISBN: 9789897414152

QUINTA ESSÊNCIA
uma marca da Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda
uma empresa do grupo LeYa
Rua Cidade de Córdoba, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

Publicado com o acordo de Maria Carvainis Agency, Inc.
e Julio F. Yañes, Agencia Literaria.
Traduzido do original inglês Mean Streak
© Sandra Brown, 2014
e Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda.
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
E-mail: quintaessencia@oficinadolivro.leya.com
www.quintaessencia.com.pt
www.leya.pt

Esta edição segue a grafia do novo acordo ortográfico.

Prólogo



Emory sentia dores pelo corpo todo. Até respirar lhe doía. O ar enevoadado parecia repleto de alguma coisa invisível, mas cortante, como cristais de gelo ou fragmentos de vidro. Vestia pouca roupa. O frio penetrante feria-lhe o rosto onde a pele se encontrava exposta. Fazia-lhe lacrimejar os olhos, obrigando-a a piscar constantemente para evitar que as lágrimas lhe toldassem a visão e obscurecessem o caminho.

Surgira-lhe uma pontada aguda de lado. Aguilhoava-a, incessante, esmagava-a, cruel. A fratura de stresse no pé direito disparava ferroadas de dor para a canela.

Mas admitir a dor, passar por cima dela, superá-la, era uma questão de vontade própria e disciplina. Tinham-lhe dito que possuía ambas. Em abundância. Em demasia. E era para isto que servia o treino difícil. Conseguia fazer isto. Tinha de conseguir.

Continua, Emory. Coloca um pé à frente do outro. Devora a distância, um metro de cada vez.

Quanto tempo faltaria?

Meu Deus, por favor, não muito mais tempo.

Revigorada pela determinação e pelo medo de falhar, acelerou o passo.

Então, das sombras profundas dos bosques invasores, veio um som rumorejante, seguido por uma deslocação de ar mesmo atrás dela. O coração apertou-se-lhe com um pressentimento de catástrofe a que não teve tempo de reagir antes de foguetes de dor lhe explodirem dentro do crânio.

Capítulo 1



— **D**ói assim tanto? – A Dra. Emory Charbonneau apontou para um desenho de um rosto de criança contorcido de dor, com grandes lágrimas a escorrerem dos olhos. – Ou assim? – Apontou para um outro na série de imagens, onde um rosto franzido ilustrava um desconforto moderado.

A menina de três anos apontou para o pior dos dois.

– Lamento, querida.

Emory inseriu o otoscópio no ouvido direito. A criança começou a gritar. Com tanta suavidade quanto possível e a falar com ela de forma tranquilizadora, Emory examinou os dois ouvidos.

– Estão ambos muito infetados – comunicou à mãe arrasada.

– Ela está a chorar desde que se levantou esta manhã. É a segunda dor de ouvidos esta estação. Não consegui vir à sua consulta da primeira vez, por isso levei-a a uma urgência. O médico receitou-lhe medicamentos, passou-lhe, mas agora voltou.

– As infeções crónicas podem causar perda de audição. Devem ser evitadas, não apenas tratadas quando surgem. Talvez fosse bom levá-la a um otorrinolaringologista pediátrico.

– Já tentei. Nenhum está a aceitar novos doentes.

– Posso arranjar-lhe um dos melhores.

Não era uma bazófia despropositada. Emory tinha a certeza que qualquer dos seus vários colegas aceitaria um doente que ela enviasse.

– Vamos dar a esta infeção umas seis semanas para curar por completo e depois trato de lhe marcar uma consulta. Por agora, vou receitar um antibiótico e um anti-histamínico para limpar o líquido atrás dos tímpanos. Pode dar-lhe um analgésico infantil para a dor, mas logo que os medicamentos comecem a surtir efeito deverá diminuir. Não a obrigue a comer, mas mantenha-a hidratada. Se não estiver melhor dentro de poucos dias, ou se a febre subir, telefone para o número neste cartão. Vou estar fora no fim de semana, mas outro médico substitui-me. Duvido que apareça alguma emergência, mas, se isso acontecer, ficará em excelentes mãos até eu voltar.

– Obrigada, doutora Charbonneau.

– Uma criança doente não é divertimento para ninguém. Tente descansar um pouco também – esboçou um sorriso compreensivo à mãe.

– Espero que vá a algum sítio divertido no fim de semana.

– Vou fazer uma corrida de trinta e dois quilómetros.

– Isso parece uma tortura.

Emory sorriu.

– É esse o objetivo.

Saiu do gabinete, preencheu o formulário da receita e terminou as suas anotações no processo da doente. Quando o entregou à assistente administrativa que atendia os doentes, a jovem informou:

– Foi a sua última do dia.

– Sim e vou andando.

– Notificou o hospital?

Assentiu.

– E o serviço de atendimento telefónico. Estou oficialmente desvinculada para o fim de semana. Os doutores Butler e James estão ocupados?

– Estão. E ambos têm várias doentes na sala de espera.

– Estava a contar falar com eles antes de sair, mas não vou incomodá-los.

– A doutora Butler deixou-lhe um bilhete.

Passou-lhe uma folha de um bloco com monograma. *Parte uma perna. Será isso que se diz a uma corredora de maratona?* Emory sorriu, dobrou a folha e enfiou-a no bolso da bata.

– O doutor James pediu-me para lhe dizer para ter cuidado com os ursos – disse a rececionista.

Emory soltou uma gargalhada.

– As doentes sabem que eles são um par de palhaços? Diga-lhes que mandei um adeus.

– Assim farei. Boa corrida.

– Obrigada. Até segunda.

– Oh, quase me esquecia. O seu marido telefonou, disse que ia sair do emprego e que estaria em casa para se despedir de si.

– Emory?

– Estou aqui.

Quando Jeff entrou no quarto, ela fechou a mochila e, com um movimento que era intencionalmente desafiador, puxou-a de cima da cama e fez deslizar uma das alças para o ombro.

– Recebeste a minha mensagem? Não queria que te fosses embora antes de eu chegar para me despedir.

– Quero evitar o trânsito de sexta à tarde.

– Boa ideia. – Fitou-a durante um instante antes de continuar. – Ainda estás zangada.

– Tu não estás?

– Mentiria se dissesse que não.

A discussão da noite anterior ainda estava fresca. As palavras gritadas em fúria e ressentimento pareciam reverberar das paredes do quarto mesmo agora, horas depois de se terem deitado, de costas viradas um para o outro, ambos a albergar uma hostilidade que andara a ferver em lume brando durante meses e que, por fim, chegara a ponto de ebulição.

– Ganho pelo menos alguns pontos por ter querido despedir-me de ti? – perguntou ele.

– Isso depende.

– De quê?

– De estares ou não a contar convenceres-me a não ir.

Ele suspirou e afastou o olhar e ela prosseguiu:

– Foi o que pensei.

– Emory...

– Devias ter ficado e terminado o teu dia no escritório. Porque vou, Jeff. De facto, mesmo que não tivesse planeado esta corrida de fundo para amanhã, ia querer tirar algum tempo para mim. Uma noite longe um do outro dar-nos-á oportunidade para esfriar os ânimos. Se a corrida me esgotar, poderei lá ficar também amanhã à noite.

– Uma noite ou duas não me vão fazer mudar de opinião. Esta tua compulsão...

– Foi aí que começámos a noite passada. Não vou reiniciar agora a discussão.

O programa de treinos para uma maratona próxima fora o assunto que desencadeara a altercação, mas ela receava que houvesse mais questões substantivas subjacentes. A maratona não era o problema deles; o casamento sim.

E era por isso que queria tanto afastar-se para refletir.

– Anotei o nome do motel onde vou dormir esta noite. – Quando passaram pela bancada da cozinha, inclinou a cabeça para o pedaço de papel.

– Telefona-me quando lá chegares. Vou querer saber se chegaste bem.

– Está bem. – Colocou os óculos escuros e abriu a porta traseira. – Adeus.

– Emory?

Ela virou-se na soleira. Ele inclinou-se e roçou-lhe a boca com os lábios.

– Tem cuidado.

– Jeff? Olá. Já cheguei.

O percurso de duas horas de Atlanta deixara Emory cansada, mas a maior parte do cansaço devia-se a stresse, não à viagem em si. O trânsito na autoestrada 85 para norte diminuía de forma considerável cerca de uma hora depois de ter deixado a cidade, quando virara para a estrada nacional que seguia para noroeste. Chegara ao seu destino antes do anoitecer, o que facilitara encontrar o caminho na cidade desconhecida. Já estava enfiada na cama do motel, mas a tensão ainda lhe apertava o espaço entre as omoplatas.

Não a querendo exacerbar, pensara em não telefonar a Jeff. A discussão da noite anterior tinha sido um pequeno conflito. Pressentia uma luta muito maior no futuro. Porém, em todo o processo, queria brigar de forma justa, não impertinente.

Além disso, se fosse ao contrário, se fosse ele que tivesse partido numa viagem de carro e não telefonasse como prometido, ela teria ficado preocupada.

– Já estás na cama? – perguntou ele.

– Prestes a apagar a luz. Quero sair cedo amanhã.

– Como é o motel?

– Modesto, mas limpo.

– Fico preocupado quando a limpeza é um serviço que se especifica. – Fez uma pausa, como se à espera que ela se risse. Quando isso não aconteceu, perguntou como correria a viagem.

– Bem.

– E o tempo?

Estariam reduzidos a falar do tempo?

– Está frio. Mas estava a contar com isso. Mal comece, aqueço logo depressa.

– Continuo a achar que é uma loucura.

– Organizei bem o percurso, Jeff. Vai correr tudo bem. Além disso, estou cheia de expectativa.

Estava muito mais frio do que previra.

Percebeu-o, mal saiu do carro. Claro que o miradouro ficava numa elevação muito mais alta do que a cidade de Drakeland onde passara a noite. O Sol já subira, mas estava obscurecido com nuvens que amortalhavam os picos montanhosos.

Uma corrida de trinta e dois quilómetros ali em cima seria difícil.

Fazendo a rotina habitual dos exercícios de alongamento, avaliou as condições. Embora frio, era um dia perfeito para correr. O vento era insignificante. Na floresta em volta, apenas os ramos mais altos das árvores era agitados pela brisa.

A sua respiração formava uma pequena nuvem de vapor que lhe embaciava os óculos de sol, por isso puxou a gola alta do casaco de treino por cima da boca e nariz, ao mesmo tempo que consultava o mapa uma última vez.

O parque de estacionamento alojava os turistas que vinham até ao miradouro adjacente. Servia também como polo de numerosos trilhos de pedestrianismo que dele radiavam como raios de uma roda antes de se ramificarem em caminhos sinuosos que entrecruzavam o topo da montanha. Os nomes desses trilhos estavam gravados em placas de sinalização em forma de seta.

Localizou o trilho, que escolhera depois de analisar cuidadosamente o mapa do parque nacional e de fazer mais pesquisa *online*. Gostava de desafios, mas não era temerária. Se não tivesse a certeza que conseguia fazer o percurso, ida e volta, não iria tentar a experiência. Não se sentia intimidada pelo terreno inóspito, pelo contrário, estava desejosa de o enfrentar.

Trancou a mochila na mala do carro e afivelou a bolsinha à cintura. Depois ajustou a fita da cabeça, pôs a zeros o cronómetro do relógio de pulso, calçou as luvas e partiu.

Capítulo 2



Emory despertou aos poucos, mas não abriu os olhos, receando que a entrada de luz piorasse a dor de cabeça atroz. Tinha-a sacudido de um sono profundo, uma dor tão penetrante que era como se alguém estivesse a usar uma pistola de pregos dentro do seu crânio. Estava a ouvir um barulho que não era habitual ouvir no seu quarto, mas nem a curiosidade era suficiente para a estimular a erguer as pálpebras.

Para além das dores agudas dentro da cabeça, o seu pé direito latejava constantemente. Correrá muito sobre ele de manhã.

O aroma da comida estava a deixá-la enjoada.

Porque estaria a cheirar-lhe a comida no quarto, se a cozinha ficava no lado oposto da casa? O que quer que fosse que Jeff estivesse a cozinhar...

Jeff não cozinhava.

Os olhos abriram-se de repente e, quando não viram nada que reconhecesse, sentou-se muito direita.

A cena estranha diante dela toldou-se e começou a andar à roda. BÍlis escaldante subiu-lhe à garganta. Mal conseguiu empurrá-la de volta para não a vomitar. As tonturas lançaram-na outra vez para trás na almofada, que percebeu não ser a sua.

E o homem que se agigantava ao lado da cama não era Jeff.

Exclamou com brusquidão:

– Quem é você?

Ele deu um passo em frente.

– Afaste-se de mim! – Ergueu a mão, com a palma para fora, embora não tivesse qualquer hipótese de lutar contra ele. Sentia-se tão fraca como um recém-nascido. Ele era um gigante.

Mas, obedecendo à sua ordem, ele ficou onde estava.

– Não tenha medo de mim. Não vou magoá-la.

– Quem é você? Onde estou?

– Está em segurança.

Isso era o que se veria. Respirava de forma curta e rápida e o coração martelava. Fez um esforço para se acalmar, sabendo que entrar em pânico não seria nada bom.

– Como se sente? – A voz dele era baixa e enferrujada, como se não a usasse há algum tempo.

Fitou-o apenas, a tentar juntar os estímulos desconexos e formar uma explicação sobre onde se encontrava e porque estaria ali.

– Como está a sua cabeça? – Ele sacudiu o queixo para cima.

Hesitante, ela apalpou a zona indicada e gemeu quando as pontas dos dedos tocaram numa protuberância atrás da orelha esquerda. Era como se tivesse batido num gongo com uma marreta, enviando ondas de dor através da sua cabeça. O cabelo estava peganhento e emaranhado e os dedos vieram manchados de sangue. Reparou que havia sangue na fronha da almofada.

– O que me aconteceu?

– Não se lembra?

A sua mente tentou retroceder.

– Lembro-me de correr. Caí?

– Pensei que talvez mo pudesse dizer.

Estava prestes a abanar a cabeça, mas o movimento fê-la sentir-se mal e provocou outra crise de dor.

– Como cheguei aqui?

– Tinha estado a observá-la com os binóculos.

Ele estivera a observá-la através de binóculos? Não gostava nada daquilo.

– De onde?

– De uma cumeeira noutra pico. Mas perdi-lhe o rasto e pensei que deveria ir verificar o que se passava. Encontrei-a inconsciente no chão, peguei em si e trouxe-a para aqui.

– *Aqui* onde?

O homem fez um gesto com a mão, convidando-a a ver por si própria.

Todos os movimentos da cabeça significavam novo tormento, mas soergueu-se nos cotovelos. Depois de dar à tontura vários minutos para diminuir, observou o que a rodeava, especificamente à procura de uma possível forma de escapar, caso isso se tornasse necessário.

Havia quatro janelas. Só uma porta. Só uma divisão, de facto.

A cama onde se achava deitada ocupava um canto. Um biombo de painéis tipo veneziana, se calhar destinado a separar a zona de dormir do resto da divisão, tinha sido dobrado e encostado contra a parede, que era feita de troncos cortados.

O outro mobiliário consistia numa poltrona reclinável de pele castanha e do respetivo sofá a condizer. Ambos tinham dobras, rugas e arranhões que atestavam décadas de uso. Entre eles erguia-se uma mesa de apoio e, sobre ela, um candeeiro com um abajur de serapilheira. Estas peças agrupavam-se num quadrado de tapete com um debrum a toda a volta.

A cozinha abria-se para o resto da sala. Havia um lava-loiça, um fogão estreito, um frigorífico antiquado e uma mesa de madeira de bordo com duas cadeiras de costas de travessas, pintadas de um verde-azeitona. Uma grande lareira de pedra abarcava a maior parte de uma parede. A lenha que lá ardia fazia o barulho crepitante que ela não conseguira identificar quando acordara.

Ele dera-lhe tempo para examinar a sala. Depois disse:

– Só uma das suas garrafas de água está vazia. Deve ter sede.

Tinha a boca seca, mas havia outras questões que a preocupavam mais.

– Eu estava inconsciente quando me encontrou?

– Completamente. Tentei várias vezes reanimá-la.

– Quanto tempo estive inconsciente?

– Encontrei-a por volta das sete e meia desta manhã.

Ela olhou para o relógio de pulso e viu que eram seis e vinte da tarde. Mexeu os pés para pontapear as

cobertas. Atirando as pernas para a beira da cama, levantou-se. Vacilou logo.

– Uau!

Ele agarrou-lhe os braços. Ela não gostou que lhe tivesse tocado, mas teria caído para a frente se não o tivesse feito. Ele guiou-a de volta para a beira da cama. Ela sentia que a cabeça ia explodir. O estômago andava às voltas. Tapou os olhos com a mão porque tudo no seu campo de visão estava alternadamente a aproximar-se e depois a retroceder, como as imagens vacilantes numa casa de espelhos.

– Quer voltar a deitar-se ou consegue sentar-se? – perguntou ele.

– Fico sentada.

Retirou-lhe gradualmente as mãos dos braços e depois deixou-a. Foi à cozinha e tirou um jarro de água do frigorífico. Encheu um copo e levou-lho.

Ela fitou-o desconfiada, a pensar se a drogara. A droga da violação era inodora, sem sabor e eficaz. Não só debilitava a vítima, como lhe limpava a memória. Mas se este homem tivesse algum propósito nefando em mente, qual seria o interesse de a drogar se ela já se achava inconsciente?

– Já tinha tentado fazê-la ingerir alguma água. Mas estava sempre a engasgar-se e a cuspi-la.

O que explicava por que razão a parte da frente da sua camisola estava húmida. Encontrava-se completamente vestida à exceção do casaco, luvas e fita da cabeça. Ele também lhe tinha tirado os ténis de corrida que colocara no chão perto da cama, muito bem alinhados um ao lado do outro. Ergueu os olhos dos sapatos para o homem que lhe estendia o copo de água.

– Tenho a certeza que tenho uma concussão.

– Foi o que calculei, visto que não conseguia acordá-la.

– A minha cabeça está a sangrar.

– Já não. Coagulou bastante depressa. Tenho estado a limpá-la com água oxigenada. É por isso que o sangue nos seus dedos parece fresco.

– Com toda a probabilidade preciso de ser cosida.

– Sangrou muito, mas não é um corte assim tão fundo.

Ele examinara a ferida e fizera essa avaliação? Porquê?

– Porque não chamou o 911, uma ambulância?

– Estou fora dos circuitos habituais aqui em cima e não posso garantir a qualidade dos serviços de urgência. Achei que era melhor trazê-la para aqui e deixá-la dormir até passar.

Ela não concordava. Qualquer pessoa que sofresse um golpe na cabeça devia ser vista por um médico para determinar a extensão das lesões provocadas, mas ainda não tinha energia para discutir a questão. Precisava primeiro de perceber onde se encontrava e desanuviar a cabeça. Aceitou o copo de água.

– Obrigada.

Embora tivesse imensa sede, bebericou a água, com receio de vomitar se bebesse demasiado depressa. Estava a sentir-se um pouquinho menos ansiosa. Pelo menos, o coração já não batia tão depressa e a respiração estava perto do normal. Em breve mediria a sua tensão arterial, o relógio de pulso permitia-o, mas ainda não se sentia com coragem para o fazer. Tinha de agarrar o copo de água com muita força para o manter estável. Ele devia ter reparado.

– Tonta?

– Muito.

– A cabeça dói?

– Nem acredita como.

– Já tive uma vez uma concussão. Não teve grande importância, exceto uma dor de cabeça muito horrível, mas foi bastante mau.

– Não creio que a minha seja grave. A minha visão está um pouco turvada, mas recordo-me em que ano

estamos e do nome do vice-presidente.

– Então sabe mais que eu.

Provavelmente pretendia ser uma piada, mas não havia humor nem na inflexão da voz nem na expressão do seu rosto. Não dava a impressão de ser um homem que se risse às gargalhadas nem com frequência. Nem nunca.

Beberricou outra vez do copo e depois pousou-o na pequena mesa ao lado da cama.

– Agradeço a sua hospitalidade, *mister*...

– Emory Charbonneau.

Fitou-o com surpresa.

Ele apontou para os pés da cama. Até ao momento ela não reparara na sua bolsinha, ali junto com as suas outras coisas. Uma das hastes dos seus óculos de sol estava partida. Havia sangue nela.

– Vi o seu nome na carta de condução – explicou ele. – Da Georgia. Mas o seu nome parece da Louisiana.

– Originariamente sou de Baton Rouge.

– Há quanto tempo vive em Atlanta?

Parecia que ele também reparara no endereço dela.

– Há tempo suficiente para a considerar como minha casa. Por falar nisso...

Não querendo levantar-se outra vez, deslizou pela beira da cama até chegar à bolsinha. Lá dentro, junto com duas garrafas de água, uma delas vazia, havia duas notas de vinte dólares, um cartão de crédito, a carta de condução, o mapa que usara para marcar o trilho e, o que mais necessitava naquele preciso momento, o telemóvel.

– O que estava a fazer aqui em cima? – perguntou ele. – Para além de correr.

– Era o que eu estava a fazer aqui em cima. A correr. – Quando tentou sem êxito, pela terceira vez, ligar o telemóvel, praguejou em voz baixa. – Creio que a minha bateria está completamente descarregada. Pode emprestar-me o seu carregador?

– Não tenho telemóvel.

Quem não tem um telemóvel?

– Então, se puder usar o seu telefone fixo, eu pago...

– Nenhum telefone de nenhum tipo. Lamento.

Fitou-o boquiaberta.

– Nenhum telefone?

Ele encolheu os ombros.

– Ninguém a quem telefonar. Ninguém que me telefone.

O pânico que conseguira anteriormente afastar apoderou-se dela. Com a percepção de que se encontrava à mercê deste desconhecido, aquela situação desconcertante tornou-se assustadora. A sua cabeça dorida encheu-se de repente com histórias de mulheres desaparecidas. Desapareciam e, muitas vezes, as famílias nunca sabiam qual fora o seu destino. Os fanáticos religiosos apropriavam-se de esposas. Os perversos mantinham mulheres acorrentadas dentro de caves, faziam-nas passar fome, torturavam-nas de formas indescritíveis.

Engoliu outra onda de náusea. Mantendo a voz tão firme quanto foi capaz, disse:

– Com certeza que tem um carro.

– Uma carrinha de caixa aberta.

– Então poderia, por favor, levar-me até onde deixei o meu carro esta manhã?

– Podia, mas...

– Não me diga. Não tem combustível.

- Não, não é isso.
- Então é o quê?
- Não posso levá-la lá abaixo.
- Lá abaixo?
- Montanha abaixo.
- Porque não?

Ele esticou o braço para a mão dela. Ela puxou-a para trás, para longe do alcance dele. Ele franziu o sobrolho de aborrecimento, depois atravessou a sala até à única porta e abriu-a.

A aflição de Emory deu lugar ao desânimo. Apoiando-se em várias peças de mobiliário, à medida que avançava devagar pela sala, juntou-se a ele na soleira da porta aberta. Era como se uma cortina cinzenta tivesse sido pendurada por cima da ombreira.

O nevoeiro parecia impenetrável, tão cerrado que não conseguia ver nada para lá de alguns centímetros do caixilho da porta.

– Surgiu ao princípio da tarde – explicou ele. – Por sorte, eu estava lá na montanha esta manhã, ou poderia ter acordado e ter-se visto em dificuldades com isto.

– *Estou* em dificuldades com isto.

– É o que parece.

– Não tenho de estar. – Mais uma vez, a respiração soava e parecia ofegante. – Pago-lhe para me levar no seu carro.

Ele lançou uma olhadela por cima do ombro para a bolsinha aberta em cima da cama.

– Por quarenta dólares? Nem pensar.

– Cobre o que quiser. Pago-lhe o resto mal me leve a casa.

O homem estava a abanar a cabeça.

– Não é que duvide que me pagaria. É que nenhum dinheiro me convencerá. As estradas aqui em cima são sinuosas e estreitas, com precipícios íngremes. A maioria não tem *rails* de proteção. Não vou arriscar a sua vida ou a minha, já para não falar da carrinha.

– E os seus vizinhos?

O rosto dele mostrou inexpressividade.

– Vizinhos? Com certeza alguém que viva aqui perto tem um telefone. Podia ir a pé...

– Ninguém vive aqui perto.

Era como argumentar com um poste de vedação. Ou um poste de telefone.

– Preciso que o meu marido saiba que estou bem.

– Talvez amanhã – retorquiu ele, lançando uma olhadela ao céu, embora não houvesse absolutamente nada que ver. – Dependendo de quando isto levantar. – Fechou a porta. – Está a tremer. Vá para perto da lareira. Ou, se precisar da casa de banho... – Apontou para uma porta do outro lado da sala, perto da cama. – Pode ficar muito frio lá dentro, mas liguei o aquecedor para si. – Dirigiu-se ao fogão onde uma panela fervia em lume brando. – Tem fome? – Tirou a tampa e mexeu no que estava lá dentro.

A forma como ele desvalorizava a situação dela espantava-a. Assustava-a. Também a irritava como tudo.

– Não posso ficar aqui a noite toda.

Apesar de a voz dela ter revelado um toque de quase histeria, o homem permaneceu imperturbável quando bateu com a colher que pingava na borda da panela, a pousou num pires e voltou a fechar a tampa. Só então se virou para ela e fez um gesto para a porta.

– Viu por si. Não há outra opção.

– Há sempre uma opção.

Ele afastou o olhar durante vários segundos. Quando os olhos de ambos se cruzaram de novo, disse:

– Nem sempre.

Sem saber muito bem o que fazer a seguir, Emory continuou onde estava e observou-o a reunir utensílios para pôr a mesa. Perguntou outra vez se ela tinha fome.

– Não. Estou maldisposta do estômago.

– Esperei por si para comer, mas visto que não vai fazê-lo, importa-se?

Não que ela acreditasse que a resposta tivesse qualquer importância para ele, mas disse-lhe que fizesse o favor.

– Tenho uma coisa para a sua dor de cabeça. E uma *Coca-Cola* poderia acalmar-lhe o estômago. Ou talvez devesse voltar para a cama.

Deitar-se fá-la-ia sentir-se ainda mais vulnerável.

– Vou sentar-me durante um bocado.

Movendo-se de forma vacilante, encaminhou-se para a mesa de jantar. Recordando-se que tinha sangue nos dedos da ferida na cabeça, disse:

– Preciso de lavar as mãos.

– Sente-se antes que caia.

Agradecida, afundou-se numa das cadeiras. Ele trouxe-lhe um frasco de plástico de desinfetante para as mãos, que ela usou liberalmente e depois limpou as mãos num pedaço de papel de cozinha que arrancou de um rolo no centro da mesa.

Sem demora nem hesitação, ele tirou-lhe o papel manchado de sangue das mãos, colocou-o num caixote do lixo, depois foi até ao lava-loiça e lavou as próprias mãos com água quente e sabonete líquido. Abriu uma lata de *Coca-Cola*, trouxe-a e a um frasco de comprimidos analgésicos de venda livre para a mesa, bem como um pacote de bolachas de água e sal e um pedaço de manteiga ainda na embalagem. No fogão, serviu uma porção de guisado para uma tigela de cerâmica.

Sentou-se diante dela, rasgou um pedaço de papel de cozinha do rolo, colocou-o no colo e depois pegou na sua colher.

– Detesto comer à sua frente.

– Por favor.

Encheu uma colher de comida e reparou que ela estava a olhar para o conteúdo da tigela.

– Provavelmente não é aquilo a que está acostumada.

– Em qualquer outra altura pareceria bom. Guisado de vaca é um dos meus pratos favoritos.

– É carne de veado.

Ela olhou para a cabeça de veado montada na parede por cima da lareira.

Afinal ele conseguia sorrir. Fê-lo, dizendo:

– Não esse em particular. Já cá estava quando me mudei.

– Mudou? Esta é a sua residência permanente? Pensei... – Examinou a sala rústica e os seus confortos limitados e esperou não estar prestes a ofendê-lo. – Pensei que isto era um local para férias, tipo uma cabana de caça. Um sítio que usava sazonalmente.

– Não.

– Há quanto tempo cá está?

Com os cotovelos em cima da mesa, inclinou-se sobre a tigela, dirigindo-se-lhe em vez de a ela quando murmurou:

– Seis meses mais ou menos.

– Seis meses. Sem sequer um telefone? O que faria numa emergência?

– Não sei. Ainda não tive nenhuma.

Abriu o pacote das bolachas de água e sal, tirou duas e espalhou manteiga por cima. Comeu uma e deixou cair a outra dentro da tigela do guisado, partindo-a com a colher, antes de comer outra colherada.

Ela observou-o com descarada curiosidade e apreensão. Ele colocara um pedaço de papel de cozinha no colo como se fosse um guardanapo de linho, mas comia com os cotovelos sobre a mesa. Servia-se de manteiga da embalagem e esmigalhara uma bolacha dentro do guisado, mas limpava a boca depois de cada garfada.

Vivia numa cabana de madeira velha, mas não parecia um homem de montanha. Particularmente. Tinha a barba por fazer, mas não há mais de um ou dois dias. Vestia uma camisa de flanela aos quadrados pretos e vermelhos enfiada em calças de ganga desbotadas, mas a roupa estava limpa. O cabelo era castanho-escuro, pela altura do colarinho atrás, mais comprido do que a maioria dos homens da idade dele usava. Estava entremeado com fios grisalhos nas têmporas.

Aquela camada de branco daria a outro homem um ar distinto. A ele só o fazia parecer mais velho do que provavelmente era. Trinta e muitos se calhar. Mas era um rosto vivido, com uma teia de rugas em volta dos olhos, sulcos nos cantos dos lábios e uma desconfiança vigilante no fundo dos olhos que eram de um tom surpreendente de água-marinha. A cor fria contrastava com o rosto bronzeado e maltratado pelo vento.

Era uma estranha mistura. Vivia de forma tosca, sem sequer um telefone ou televisão, mas não era grosseiro e falava bem. Prateleiras abertas fixadas nas paredes de madeira continham dezenas de livros, alguns de capa dura, outros de capa mole, todos dispostos de forma ordenada.

Todo o sítio estava limpo, reparou. Mas não havia uma única fotografia na sala, nada de bibelôs nem recordações, nada que remetesse para o seu passado ou, já agora, para o seu presente.

Ela não confiava nada nos modos descontraídos dele, nem na explicação para não a ter levado a um centro médico mal a encontrara. Telefonar para o número de emergência 911 teria sido ainda mais prático. Se ele tivesse querido fazê-lo.

Um homem não pega simplesmente numa mulher inconsciente e a sangrar e a carrega para a sua cabana remota e sem vizinhos na montanha sem uma razão qualquer e não conseguia pensar em nenhuma que não envolvesse criminalidade ou depravação ou ambas.

Não lhe tocara de nenhuma forma inconveniente, mas talvez fosse um psicopata que se recusava a atacar as suas vítimas quando estavam inconscientes. Talvez as preferisse acordadas, conscientes e sensíveis ao seu tormento. Trémula, perguntou:

– Estamos na Carolina do Norte?

– Sim.

– Pergunto porque alguns dos trilhos no parque se estendem ao Tennessee.

Recordava-se de estacionar numa zona reservada, de fazer os seus alongamentos, de apertar o cinto com a bolsinha. Recordava-se de atingir o seu melhor rendimento e recordava a quietude dos bosques de ambos os lados do trilho e de como o ar frio se rarefazia à medida que ganhava altitude. Mas não tinha memória de cair e bater com a cabeça com força suficiente para provocar um pequeno traumatismo craniano.

O que a levava a pensar se fora isso que de facto sucedera.

Serviu-se de uma bolacha e bebeu um golinho da *Coca-Cola*, na esperança que a combinação das duas coisas pudesse aliviar o mal-estar.

– Qual é a altitude aqui?

– Perto de mil e quinhentos metros – retorquiu ele. – Terreno difícil para correr.

– Estou a treinar para uma maratona.

Ele parou de comer, interessado.

- A primeira?
- A quinta de facto.
- *Hum*. Espera melhorar o seu tempo?
- Sempre.
- Então esforça-se.
- Não o vejo dessa maneira. Adoro-o.
- Um grande desafio, corrida de longa distância a esta altitude.
- Sim, mas torna mais fácil a corrida a um nível inferior.
- Não a preocupa poder exagerar?
- Tenho cuidado. Sobretudo com o meu pé direito. Fiz uma fratura de stresse o ano passado.
- Não admira que o proteja.

Ela lançou-lhe um olhar penetrante.

- Como sabe que o faço?
- Reparei quando andava aí a coxear da cama para a porta.

Se calhar, pensou ela. Ou teria reparado antes, quando a observava com os binóculos? De que distância? De uma crista distante como afirmara ou de uma distância muito mais próxima?

Em vez de o confrontar com aquelas perguntas, continuou a fazer conversa na esperança de obter informações.

– O pé deu-me problemas o ano passado depois de Boston. O podólogo aconselhou-me a parar durante três meses. Detestei não poder correr, mas segui as instruções dele. Logo que me deu luz verde, comecei a treinar outra vez.

- Quando é a maratona?
- De hoje a nove dias.
- Nove dias.
- Sim, eu sei. – Suspirou. – Esta concussão acontece numa altura muito inconveniente.
- Poderá ter de desistir.
- Não posso. Tenho de correr.

Ele não fez a pergunta, ficou só a olhar para ela.

– É uma maratona para angariar fundos. Ajudei a organizá-la. As pessoas estão a contar comigo.

Ele encheu outra colherada, mastigou e engoliu antes de continuar:

- A sua carta de condução identifica-a como *doutora* Emory Charbonneau. Médica?
- Pediatra. Partilho um consultório com dois ginecologistas-obstetras.
- Fica com os bebés quando eles nascem?
- Foi esse o plano quando montámos o consultório.
- Tem filhos seus?

Hesitou e depois abanou a cabeça.

- Algum dia, espero.
- E Mister Charbonneau? Também é médico?
- Mister Surrey.
- Como disse?

– O meu marido chama-se Jeff Surrey. Quando casámos eu já era doutora Charbonneau. Por razões profissionais, pareceu-me melhor não mudar o meu nome.

Ele não fez qualquer observação, mas as sobrancelhas uniram-se numa meia-carranca.

- O que faz ele?
- É gestor financeiro. Investimentos. Futuros.

- Tipo para pessoas ricas?
- Suponho que alguns dos seus clientes vivem bem.
- Não sabe?
- Não discute comigo as questões financeiras dos seus clientes.
- Certo. Não faria isso.

Ela mordiscou outra ponta da bolacha.

- E você?
- Eu o quê?
- O que faz?

Fitou-a e, com toda a seriedade, disse:

- Vivo.

Capítulo 3



Vivo. Não estava a ser superficial e Emory pressentiu que não tencionava aprofundar. O homem sustentou-lhe o olhar durante um instante, depois pousou a colher na tigela vazia e empurrou a cadeira para trás. Levou os utensílios para o lava-loiça. Voltou à mesa e perguntou educadamente se ela queria mais bolachas.

– Não, mas vou ficar com a *Coca-Cola*.

Enquanto ele começava a lavar a loiça, ela pediu licença. Andando com muito cuidado para manter as paredes no lugar e impedir o chão de ondular, entrou na casa de banho. O aquecedor era do tipo antiquado como a sua bisavó tivera. Chamas azuis ardiam contra grelhas de cerâmica enegrecidas.

Utilizou a sanita, lavou o rosto e as mãos e bochechou com um pouco de pasta de dentes espremida do tubo que descobriu no armário dos remédios por cima do lavatório. Lá dentro havia também um frasco de água oxigenada, uma lâmina de barba e uma embalagem de creme de barbear, uma caixa de pensos rápidos, um frasco de multivitaminas e uma escova de cabelo.

A cabina do duche era feita de folha. O cestinho de metal pendurado da cabeça do chuveiro continha apenas um sabonete e um frasco de champô. Ansiava por lavar o sangue do cabelo, mas não o fez com medo de reabrir o corte no couro cabeludo. O galo por baixo não crescera, mas qualquer pressão que aplicasse provocava faíscas de dor.

Não conseguiu resistir a espreitar para o outro pequeno armário. Nas prateleiras empilhavam-se, dobrados e ordenados, toalhas de banho e toalhetes. Também armazenavam rolos de papel higiénico, sabonetes e produtos de limpeza.

Fora do normal eram as caixas de balas.

Encontravam-se na prateleira mais alta, rotuladas de acordo com o calibre. Teve de se pôr em bicos de pés para tirar uma delas. Ergueu a tampa. À luz do candeeiro por cima do lavatório, os cartuchos pareciam grandes, compridos e letais.

Fechou a caixa com rapidez e voltou a colocá-la exatamente onde a encontrara, a pensar onde guardaria ele as armas que correspondiam ao arsenal de munições.

Saiu da casa de banho e viu que a sala se encontrava às escuras, à exceção da luz bruxuleante da

lareira e do candeeiro por cima do lava-loiça da cozinha. Ele estava a dobrar um pano da loiça por cima da borda. Ouvindo-a, virou a cabeça, falando com ela por cima do ombro.

– Calculei que quisesse deitar-se cedo.

Ela lançou uma olhadela à cama, onde as cobertas, que deixara amarfanhadas, tinham sido endireitadas e, de um dos lados, dobradas para trás num ângulo preciso de noventa graus. A fronha ensanguentada fora substituída por uma limpa.

– Durmo na poltrona reclinável.

– Dorme na cama. – Puxou um fio para desligar a luz por cima do lava-loiça.

O gesto tinha uma finalidade que sugeria de forma forte que seria inútil discutir os preparativos para a noite de sono. Emory sentou-se na beira da cama. Tivera as calças justas de corrida vestidas o dia inteiro. Sentia o sutiã de *jogging* desconfortavelmente apertado. Mas por nada deste mundo removeria um único fio de tecido e ele ia ter luta se tencionasse despir-lhe as roupas.

Susteve a respiração quando o homem avançou para a cama, mas, depois de pousar o frasco de analgésicos e a lata de *Coca-Cola* na mesinha de cabeceira, ele continuou e entrou na casa de banho, regressando em segundos com o frasco de água oxigenada e um aplicador formado por quadrados dobrados de papel higiénico.

– Não tenho algodão nem gaze – disse, ao mesmo tempo que vertia a solução para o papel higiénico. Pousou o frasco e inclinou-se para ela.

– Eu faço isso.

– Não consegue ver. Se começar a apalpar, pode reabrir o golpe.

Ela sabia que era verdade, por isso baixou as mãos.

– Vire a cabeça... – Empurrou-lhe o queixo com as costas da mão.

Obedeceu e ficou ali quieta, tensa e nervosa, enquanto ele limpava a ferida.

– Dói?

– Um pouco.

Doía muito, mas não conseguia pensar numa maneira correta de se queixar sem parecer estar a criticar a técnica dele. De facto, era difícil pensar em alguma coisa com ele tão perto, dobrado sobre ela. A proximidade do seu rosto com o meio do corpo dele era perturbadora e não respirou até ele dizer «Pronto» e se afastar.

– Detesto ir sujar outra fronha.

– O sangue lava-se. A maior parte das vezes. – Pegou no frasco de comprimidos, deixou cair dois na palma e estendeu-lhe a mão. – Vão ajudar com a dor de cabeça.

– Vou esperar antes de os tomar. Até ver como estou.

Ele pareceu disposto a discutir, mas voltou a colocar os comprimidos no frasco e pousou-o de novo na mesinha de cabeceira.

– Ficam aqui se mudar de ideias. Diga-me se precisar de qualquer outra coisa.

– Obrigada. Assim farei. Mas tenho a certeza que vou ficar bem.

– Talvez eu devesse acordá-la de vez em quando. Só para ter a certeza que está tudo bem, para me certificar que consigo acordá-la.

– É boa ideia. Mas em vez de o incomodar, vou ligar o despertador no meu relógio de pulso.

Com a boca retorcida de desaprovação, ele retorquiu:

– Como queira – e virou-se.

Ela deitou-se e puxou as cobertas até ao queixo. Embora fechasse os olhos, os ouvidos estavam em alerta máximo escutando-o a movimentar-se na sala, a pôr mais lenha na lareira, a puxar o guarda-fogo para o seu lugar.

O sangue lava-se. A maior parte das vezes. Dito como alguém que tinha experiência desse dilema.

Estremeceu ao pensar como estava indefesa. Nem conseguia ficar de pé sozinha por mais do que um par de minutos. Se tivesse de se proteger, o que poderia fazer?

Na faculdade, fizera um curso de defesa pessoal, mas isso fora há muito tempo. Tudo o que se recordava agora era que não devia pensar no assaltante como um todo, mas sim focar em partes individuais que seriam vulneráveis a um contra-ataque. Olhos, nariz, orelhas, testículos. Receava que essa regra não se aplicasse a um homem que parecia sólido como uma sequoia.

Desejou ter escondido uma daquelas balas de aspeto mortífero. A ponta de uma delas enfiada num globo ocular iria causar sérios estragos. Pararia até um gigante tempo suficiente para passar por ele.

Ouviu o que pareciam botas a bater no chão de madeira abafadas pelo tapete e depois o rangido do couro quando ele se instalou numa das peças de mobiliário. Abriu um pouco os olhos e viu que ele escolhera a poltrona reclinável e não o sofá. Estava inclinado para trás, uma manta puxada até meio do torso.

De forma desconcertante, estava a olhar diretamente para ela, os olhos a refletirem a luz da lareira como os de um animal predador.

A voz retumbou na distância entre os dois:

– Descontraia-se, doutora. Se quisesse fazer-lhe mal, já teria acontecido por esta altura.

A razão dizia-lhe que era verdade. Estivera a dormir, desprotegida, toda a tarde e ele não lhe fizera mal. Mesmo assim..

– Porque me trouxe para aqui?

– Já lhe disse.

– Mas não acredito que seja verdade. Não totalmente.

– Não posso controlar aquilo em que acredita. Mas não deve ter medo de mim.

Passado algum tempo, ela perguntou:

– Drakeland é a cidade mais próxima?

– Não.

– Qual é?

– Nunca ouviu falar dela.

– E fica a que distância?

– A direito? Vinte quilómetros.

– E pela estrada?

– Vinte e cinco.

– Eu podia correr isso com facilidade. A descer, não seria uma distância difícil para mim.

Ele não disse: *Oh, pelo amor de Deus, minha senhora, tem uma concussão e nem sequer consegue andar em linha reta, quanto mais correr.*

Não disse absolutamente nada, o que era ainda mais enervante do que se tivesse referido o ilogismo de tal perspetiva. O silêncio era também mais ameaçador do que se lhe tivesse dito sem rodeios que ela não ia a lugar nenhum tão cedo, que a trouxera para ali para ser a sua escrava sexual e que, sob pena de morte, era melhor ela não estar a planear nenhuma fuga.

No entanto, fugiu ao olhar opalescente, fechando os olhos. Durante cinco minutos, não partilharam senão uma tensão carregada e o estalar da lenha na lareira.

Apesar do medo, o seu corpo estava exausto. Por conta própria, os músculos começaram a relaxar. Afundou-se mais no colchão. O seu cérebro traumatizado arrastou-a para o oblívio. Estava mesmo quase a entrar nele quando, com um sacão, despertou por completo.

– Não me chegou a dizer como se chamava.

– É verdade – retorquiu ele. – E não direi.

Antes de adormecer, Emory pusera o despertador para dali a duas horas, mas a precaução provou ser desnecessária. Minutos antes do despertador retinir no seu pulso, ele estava à cabeceira da cama, a mão grande a abanar-lhe ao de leve o ombro.

– Doutora, *Doc*?

– Estou acordada.

– Dormiu?

– Um pouco.

– A cabeça dói?

– Sim.

– Quer tomar uns comprimidos?

– Neste momento não.

Ele ficou ali durante um instante sem dizer nada e depois:

– Precisa de ir à casa de banho?

– Talvez.

Neste caso, *talvez* significava que sim, porque as náuseas a tinham despertado há meia hora. Tinha ficado ali deitada, a tentar convencer-se que iam passar. Com o risco de o acordar, não queria levantar-se e cambalear até à casa de banho. Não queria pedir-lhe ajuda, mas, pior, não queria vomitar na cama dele.

Por isso, quando o homem perguntou se precisava da casa de banho, embora só se tivesse comprometido com um *talvez*, ficou grata por ele o ter entendido como um sim claro, a um nível de emergência. Ele puxou as cobertas para trás. Ela fez deslizar as pernas para a beira da cama e pousou os pés no chão. Ele pegou-lhe debaixo dos braços e ajudou-a a levantar-se.

Com os joelhos pouco firmes, ela deu um primeiro passo hesitante.

– Cuidado. – Passou-lhe um braço pela cintura e segurou-a contra si.

– Desculpe a maçada.

– Não custa nada.

A distância até à casa de banho era uma questão de passos, mas parecia mais longa do que a Grande Muralha da China. Quando chegaram à porta, ele acendeu a luz e depois fechou a porta, dizendo:

– Não tenha pressa.

Mas ela não teve tempo para fazer mais nada exceto cair de joelhos em frente da sanita. Não havia muito que vomitar, mas os espasmos eram intensos, atormentando-lhe o corpo todo e continuou com vômitos mesmo depois de o estômago se esvaziar. Quando por fim aquilo parou, puxou o autoclismo e, utilizando o lavatório como apoio, ergueu-se, fraca.

Ele falou do outro lado da porta:

– Tudo bem?

– Melhor.

Nunca sentira água tão fria como a que saiu da torneira, mas sabia bem quando a borrifou no rosto. Lavou a boca várias vezes. Tinha a visão ainda um pouco turva e ainda bem. Estava contente por não conseguir ver com uma clareza 20/20 o seu reflexo no espelho por cima do lavatório. Mesmo pouco nítido, era horrível.

Estava lívida. Tinha os lábios sem cor. O cabelo emaranhado da cama, um horror. O sangue tinha secado numa crosta preta desagradável à vista. Mas estava demasiado esgotada para se importar com o

seu aspeto medonho.

Sentia-se mais preocupada com a dor de cabeça. A dor já não era parecida com a pistola de pregos. Era mais surda do que isso. Mais como um bastão que estivesse a bater contra o seu crânio do lado de dentro. A luz piorava a situação. Desligou-a e depois arrastou-se até à porta e abriu-a.

Ele estava ali mesmo. Os seus olhos nivelavam-se com o esterno dele.

– Depois disto, creio que me sinto melhor.

– Ótimo. – Estendeu o braço para a ajudar, mas, quando lhe tocou no ombro, a mão deslizou para a sua nuca sob o cabelo. – Está ensopada.

Durante o acesso de vômito, tivera suores frios que lhe tinham deixado a pele encharcada, as roupas húmidas.

– Tudo bem. – Mal conseguiu proferir as palavras. Os dentes tinham começado a chocalhar.

Ele guiou-a de volta à cama e ajudou-a a sentar-se.

– Vou buscar-lhe alguma coisa para mudar de roupa.

– Não, a sério, eu...

– Não pode passar o resto da noite com roupas molhadas.

Deixou-a, dirigiu-se a uma cómoda escondida sob o teto inclinado e, de uma gaveta, puxou uma camisa de flanela, muito semelhante à que vestia. Quando lha entregou, ela fitou-o com firmeza nos olhos.

– Não vou despir-me – disse, a falar a sério.

Ele observou-a durante um momento, depois voltou a entrar na casa de banho e saiu com uma toalha lavada, ainda dobrada. Embora o gesto fosse amável, a expressão do rosto não era. Os lábios tinham-se comprimido numa linha cínica.

– A sua virtude está a salvo, doutora. Fazia tenções de montar o biombo para lhe dar alguma privacidade.

Arrastou-o da parede e desdobrou os painéis. Quando ficou equilibrado, passou para trás dele, deixando-a a sentir-se como uma idiota ingrata.

Qualquer modéstia que tivesse possuído fora abandonada na faculdade de medicina. Tanto ela como os colegas internos tinham praticado diversos procedimentos uns nos outros, em geral por entre brincadeiras irreverentes, mas, em todo o caso, fora impossível permanecer assustada como uma donzela em relação à nudez e funções corporais.

Puxando o fecho da camisola de corrida, disse consigo própria que não reclamara da questão de se despir por causa de modéstia, mas sim de autopreservação. Ele fora bondoso e atencioso, um cavalheiro. Mas como se poderia confiar num homem que nem sequer dizia como se chamava?

Despiu-se com tanta rapidez quanto a tremura incontável lhe permitia. Liberta de tudo na parte de cima, secou depressa o torso com a toalha e depois vestiu a camisa que ele lhe emprestara. A flanela era velha, macia e era maravilhoso estar livre do sutiã de corrida apertado e húmido.

A última coisa a sair foram as calças justas de correr. De manhã, voltaria a vesti-las, mas, por agora, era bom fazer deslizar as pernas nuas por entre os lençóis.

Ele não conseguia vê-la, mas devia ter estado a ouvir o frufu das roupas e cobertas da cama. Mal ela se instalara, perguntou:

– A costa está livre?

– Pode deixar o biombo.

O homem começou a dobrar os painéis.

– Preferia que ficasse.

Ao que parecia, o que ela preferia era irrelevante. Ele voltou a pôr o biombo no seu lugar encostado à parede.

– Preciso de conseguir vê-la.

– Eu digo-lhe se precisar de alguma coisa.

– Não me disse que tinha de vomitar e quase tivemos uma grande porcaria entre mãos. – Dobrou-se pela cintura e puxou um pequeno cesto de papéis de metal de sob a mesa junto à cama. – Se eu não chegar aqui a tempo. – Colocou o caixote do lixo onde ela não poderia não acertar se pendurasse a cabeça para fora da beira da cama.

– Creio que já me passou a náusea.

– Se não, não faça cerimónia, está bem?

Ela fez um aceno tenso de cabeça.

– Qualquer outra coisa que precise agora?

– Não.

– Tem a certeza?

– Sim.

Parecendo duvidosos, os olhos dele examinaram-lhe a forma sob as cobertas, fazendo com que ela sentisse imensa consciência de si própria. Para evitar olhar para ele, fechou os olhos. Por fim, ele acreditou nela e afastou-se.

Os pés calçados com meias eram meros sussurros no chão, mas uma coisa tão grande como ele não podia passar pelo ar sem criar agitação. Ela seguiu-lhe mentalmente os movimentos, ouviu o baque quando ele acrescentou dois toros de lenha ao lume que ardia baixo e depois o ranger do couro quando se instalou de novo na poltrona reclinável.

Passaram-se alguns minutos. Os toros novos de lenha davam estalidos à medida que iam pegando fogo. Observou os padrões tremeluzentes da luz das chamas e das sombras projetados no teto. Reparou numa coisa em que não reparara antes. Uma vareta de metal com cerca de cinco centímetros de diâmetro esticava-se horizontalmente entre duas das vigas expostas, as extremidades enfiadas num furo. Não conseguia imaginar para que seria a vareta. Quanto às vigas, pareciam talhadas de forma tão tosca quanto ele.

Talhado de forma tosca talvez, mas solícito.

Pigarreou:

– Não lhe agradei antes.

– Não tem de quê.

– Estou a agradecer-lhe agora.

– *Okay.*

Passou-se mais algum tempo, mas ela sabia que ele não estava a dormir.

– Gostaria de saber como se chama.

O fogo crepitou. Uma das vigas gemeu sob o peso do telhado.

Ele não emitiu um único som.

Capítulo 4



— Não estás preocupado?
Jeff Surrey espreguiçou-se, bocejou e depois virou-se de lado e soergueu-se sobre o cotovelo.

— Nem um pouco. Isto é um truque para atrair as atenções. Emory quer que eu me preocupe com ela.

— Não é típico dela não telefonar.

Ele franziu o sobrolho.

— E nas alturas mais inoportunas. Como a noite passada.

O telemóvel vibrara sobre o móvel da casa de banho mesmo quando ele e Alice iam a entrar no chuveiro depois de uma sessão de atividade sexual vigorosa. Falar com a mulher na verdade acrescentara um pouco mais de excitação à brincadeira ensaboada pós-coital. Mesmo assim, ficara ressentido com a interrupção de Emory, que quase parecera deliberadamente programada.

Nos últimos tempos, andara a telefonar-lhe com frequência durante o dia, em geral por causa de alguma coisa banal. Ele queria comer em casa ou fora? Ela deveria ir buscar as coisas à lavandaria ou ele ficara de tratar desse recado? Ele telefonara à empresa que tratava dos algerozes para marcar uma limpeza ou deveria ser ela a telefonar?

Os estratagemas eram risivelmente transparentes. Ela pensava que estava a ser oh-tão-subtil, quando era evidente que andava a controlar o que ele fazia. Nos últimos meses, ele tivera de justificar todos os sítios onde ia e quanto tempo lá estivera. A constante monitorização tornara-se cada vez mais aborrecida e ele estava a ficar sem desculpas plausíveis para o tempo que passava com Alice.

— Não foi fantástico? Dois dias, quase sem sermos perturbados.

— Estás a estragar-me com mimos. Pequeno-almoço na cama esta manhã.

— Mais tipo almoço – retorquiu ele, esfregando-lhe o nariz no pescoço.

Ela gemeu.

— Nem acredito que tenhamos dormido até tão tarde. Quanto bebemos a noite passada?

— Não creio que fosse o vinho. Acho que foi a erva. De grande categoria.

Ela tapou o rosto com as mãos e riu-se.

— Há anos que eu não me entregava a esse prazer. O meu nível de tolerância estava ultrapassado.

– Foi uma travessura divertida. – Passou-lhe um dedo entre os seios. – Ficaste muito *sexy*. Não que precisas de ajuda nesse capítulo.

Alice não era uma beldade de virar a cabeça. O cabelo e olhos escuros embelezavam a sua tez cor de azeitona, que alguns poderiam considerar apelativa. Poder-se-lhe-ia chamar uma mulher atraente. Mas nem os críticos mais indulgentes lhe dariam mais do que um cinco.

Porém, havia vantagens em envolver-se com uma mulher sem grande beleza. O medo da rejeição tornava-a agradecida; a gratidão fazia com que se contentasse com facilidade e fosse mais maleável.

Uma linha vertical de preocupação formou-se entre as suas sobrancelhas.

– Achas que Emory sabe de nós?

– Não.

– A sério?

– A sério que não. Não sabe.

A declaração firme era basicamente verdadeira. Podia dizer sem mentir que Emory não o acusara de ter um caso amoroso, o que não era dizer que não suspeitasse. Mas, para aliviar a preocupação da sua amante, esfregou o espaço entre as suas sobrancelhas com o dedo indicador, alisando a ruga de apreensão.

– Está a amuar, só isso.

– Disse-te alguma coisa antes de partir?

Ligeiramente irritado com a persistência dela, suspirou:

– Sim. Disse adeus.

– Sabes a que me estou a referir. Disse alguma coisa que indicasse que estava perto de descobrir a verdade?

– Fui a casa para me despedir dela e ofereci uma resistência simbólica à sua partida. Mas, para falar com franqueza, a cavalo dado não se olha o dente. Quanto mais depressa ela saísse da cidade, mais depressa te levava para a cama. – Pousou-lhe a mão no seio e começou a dar-lhe nova forma com apertões suaves.

– Não disseram mais nada?

– Pedi-lhe que me telefonasse quando chegasse ao motel, o que ela fez. E atrasou a realização da minha fantasia do duche – grunhiu perto do ouvido dela. – O que nunca lhe perdoarei. – Inclinou-se e mordiscou-lhe a ponta do seio.

Mas ela não se distraiu com tanta facilidade.

– Isso foi há mais de vinte e quatro horas, Jeff, o que é muito tempo sem ter notícias dela.

– Ela disse que poderia lá passar outra noite, dependendo de se sentir ou não muito cansada depois da corrida. Ao que parece, é o que está a fazer.

– Como sabes se não voltou para casa enquanto estás aqui?

– Porque se o alarme da casa disparar, toca no meu telefone. Graças a Deus pelas aplicações.

– Ela não te dizia se fosse ficar lá?

Ele suspirou de resignação.

– Não é que eu goste de falar disto, sobretudo durante os preliminares, mas, já que insistes, estávamos zangados um com o outro quando ela se foi embora. Ela está chateada e está a castigar-me não me telefonando esta noite.

– Porque estavam zangados?

– Por causa do raio daquela maratona que ela vai correr.

– O que tens a ver com ela correr uma maratona?

– Exato! – exclamou ele com veemência. – Foi isso que lhe perguntei. Não é nada comigo, por isso

porque tenho sempre de a acompanhar?

– Para a apoiar?

– Já fiz isso. Na porra de todas as maratonas. Durante horas, tento arranjar espaço na linha da meta, à espera dos trinta segundos que ela leva a passar a correr por mim e a receber os meus aplausos pela sua proeza excepcional. Recusei fazê-lo outra vez. Mas é uma corrida especial para ela, por isso ficou ofendida e... por que raio estou a falar contigo sobre os meus infortúnios conjugais, quando preferiria estar a fazer isto? – Fez deslizar a mão entre as coxas dela. – Não é um plano melhor?

Ela suspirou e contorceu-se contra a mão dele.

– Um plano muito melhor.

Ele enfiou um preservativo e instalou-se entre as coxas dela que eram inteiramente diferentes das de Emory. Isto é, do que ele se recordava da sensação das coxas abertas de Emory. Já se passara tanto tempo desde que tinham feito sexo que a sua memória do facto se esbatera.

Não tinha a certeza de quem arrefecera primeiro, se ela se ele. Estaria a enganá-la porque o sexo conjugal se tornara tão infrequente e pouco excitante, ou tornara-se infrequente e pouco excitante porque Emory intuía que ele estava a divertir-se na cama de outra mulher?

Não que fosse aceitar a culpa toda para a sua infidelidade. Oh, não. Uma grande porção era imputada a Emory. Todos os dias, acordava e saía antes do amanhecer, nunca chegava a casa antes de escurecer. Trabalhara horas sem fim no consultório e depois atendia chamadas a qualquer hora da noite de pais descontrolados a perguntar-lhe o que fazer com o nariz a fungar ou a febre ou a diarreia dos filhos.

O tempo livre era dedicado a treinar para o raio das maratonas. Corria. O. Tempo. Todo.

Já era corredora quando se tinham conhecido. Ao princípio, ele admirara as suas qualidades atléticas, a sua energia e autodisciplina. Bem como, claro, a sua boa forma física e pernas bem modeladas. Durante um par de anos, tinham corrido juntos. Mas depois ela armara-se em fanática com ele.

Muito bem. Ele deixara-a dedicar-se ao passatempo dela, enquanto ele se entregava ao dele e, naquele preciso momento, o dele era prender aquelas coxas macias com as suas ancas a pulsarem. Deu uma última estocada e veio-se. Não tinha a certeza se Alice se viera, mas ela era melhor do que Emory a fingi-lo.

Capítulo 5



Quase logo que acordou, Emory percebeu que estava sozinha.

Sentou-se. A cabana encontrava-se vazia.

O homem mantivera-se de vigia a noite toda. Sempre que ela se mexera, ele tinha saído da poltrona reclinável e viera à cabeceira da cama perguntar se ela estava bem, se precisava de alguma coisa, se estava outra vez a sentir-se mal.

Não tivera mais náuseas, por isso, por volta das duas da manhã bebera alguns goles de *Coca-Cola*. Mantivera-se no estômago. Duas horas depois, mudara para água. Ele exortara-a a fazê-lo, dizendo-lhe o que ela já sabia: que a desidratação era um problema. Ela correrá bastante, dormira o dia todo sem ingerir líquidos e depois vomitara o pouco que bebera.

Agora, segundo o seu relógio de pulso, passava pouco das nove, manhã de domingo. Dormira durante cinco horas sem acordar ou sem ele a acordar e agora ele desaparecera.

Movimentando-se de forma hesitante por causa das tonturas remanescentes, levantou-se e foi à casa de banho, levando consigo as calças justas de corrida que vestiu depois de usar a sanita.

Quando voltou para a cama, experimentou as outras roupas. A camisola, o casaco e o sutiã ainda estavam húmidos e frios. Arrastou uma das cadeiras da mesa de jantar para mais perto da lareira e dispôs as roupas por cima para acelerar o processo de secagem.

E agora?

Foi buscar outra lata de *Coca-Cola* ao frigorífico. De facto, sabia bem. Usou um gole para engolir mais dois comprimidos analgésicos porque a dor de cabeça, tal como as tonturas, perdurava. Não tão ofuscante como antes, mas estava ainda ali e era impossível ignorá-la.

Puxou para o lado uma cortina de musselina e ficou desanimada quando não viu nada senão nevoeiro para lá das vidraças, como algodão em rama. Abriu a porta e lançou um olá, mas o nevoeiro absorveu-lhe a voz. Deu alguns passos em frente e, quando já cobrira cerca de um metro, as tábuas descaíram para um degrau quinze centímetros abaixo e depois para outro. A seguir ao degrau mais baixo havia uma rocha larga e plana cravada no solo.

Não era possível apalpar assim o caminho durante vinte e cinco quilómetros sem cair de um rochedo ou perder-se irremediavelmente na imensidão da montanha. Arrepiou caminho, passou pela porta, entrou

na cabana e olhou em volta, examinando tudo.

Havia um cabide de parede adjacente à porta. O conjunto de chaves de ignição em que reparara pendurado do cabide a noite passada não estava lá agora. Mesmo que conseguisse encontrar a *pick-up* dele no nevoeiro, não poderia pô-la a trabalhar. E se, por algum milagre, conseguisse descobrir como fazer uma ligação direta no carro, não saberia que direção tomar. Com toda a probabilidade, acabaria por se despenhar por uma encosta abaixo.

O que significava que a solução para voltar à civilização tinha de ser encontrada dentro da cabana.

Começou a procurar no sítio mais lógico, a cómoda de onde ele tirara a camisa que ela vestia. Encontrou meias, roupa interior, *T-shirts*, camisas de flanela. Uma gaveta não continha senão calças de ganga dobradas.

O guarda-vestidos tinha uma porta frágil feita do que parecia ser madeira de celeiro. Na sua vida anterior, as tábuas tinham sido pintadas de um vermelho apagado. Não era maior do que uma cabina telefónica com um único varão onde estavam pendurados casacos e um fato-macaco do género que um caçador usaria.

Alinhados no chão viam-se vários pares de botas de tipos variáveis, desde botas de caminhada coçadas semelhantes às que ele usara no dia anterior a um par forrado a lã, de atacadores e sola de borracha. Chegou-os para o lado para ver se havia algum buraco de esconderijo por baixo das tábuas do soalho, mas não havia nenhum.

A prateleira por cima do varão continha cobertores, camisolões e uma caixa de sapatos na qual havia vários pares de luvas. Alinhou os dedos pela palma de uma delas. A luva excedia a sua mão por vários centímetros intimidantes.

Voltou a pôr tudo no seu lugar e bateu com a porta do guarda-vestidos, agitada. Raios, ele tinha armas guardadas algures.

Descobriu o baú debaixo da cama.

Jeff nunca servira no exército, mas ela vira filmes suficientes para reconhecer um baú militar quando o via. O baú de metal tinha cantos reforçados e substanciais fechos de latão. Felizmente, pareciam estar destrancados. Se conseguisse fazer deslizar o baú de baixo da cama, conseguiria abri-lo.

Não ia ser fácil. Estava fraca por não ter comido há mais de vinte e quatro horas e passar a maior parte desse tempo na cama. O simples ato de se dobrar para inspecionar por baixo da cama provocara uma onda de tonturas e foguetes de dor na cabeça. Inspirou fundo várias vezes para afastar ambos e, quando diminuíram para um nível tolerável, agarrou na pega de uma extremidade do baú e puxou com todas as suas forças.

Não conseguiu movê-lo mais do que três ou quatro centímetros de cada vez antes de ter de descansar. Quando conseguiu tirá-lo por completo debaixo da cama, estava molhada de transpiração e os braços e pernas doíam do esforço.

Abriu os fechos e ergueu a tampa.

Assim que ele passou a porta, ela lançou-se às suas costas, saltando-lhe para cima às cavalitas, rodeando-lhe a cabeça para lhe enterrar os dedos no rosto.

Entusiasmou-se ao ouvir-lhe o grunhido de surpresa e dor quando uma das suas unhas lhe arrancou uns bons cinco centímetros de pele da face. Mas o seu sucesso teve vida curta, durando ao todo dez ou quinze segundos.

Depois as mãos enluvadas dele fecharam-se à volta dos seus pulsos e forçaram as suas mãos a afastar-se do rosto. Enquanto antes se agarrara a ele com feroz determinação, estava agora a debater-se com o

mesmo esforço para libertar os pulsos daquelas mãos de ferro. Pontapeou-lhe a parte de trás das pernas, mas foi um desperdício de valiosa energia.

Reconheceu a futilidade de tentar libertar-se ao mesmo tempo que a sua reserva de forças se esgotou. Fraquejou contra ele, dobrada nas suas costas como a bandeira dos vencidos.

– Já terminou? – perguntou ele.

– Nem por sombras.

– Vou deixá-la descair. Nada de mais parvoíces, está bem?

– Vá para o inferno.

– No seu devido tempo, doutora. É coisa certa.

Esticando os braços para trás por cima dos ombros, baloiçou-a até ela conseguir tocar no chão e depois largou-a.

Ela estava preparada para aquilo. Antes de ele se ter virado por completo para a enfrentar, ela soltou a faca que enfiara num dos troncos da parede e golpeou-lhe o torso. Ele arqueou as costas e encolheu a barriga mesmo a tempo. Ela falhou por completo. O segundo golpe cortou o tecido do casaco, mas provocou danos insignificantes na trama resistente.

– Raios!

Emory ergueu a faca bem alto e lançou-a em arco em direção ao pescoço dele. A ponta da lâmina prendeu-se na lã do cachecol, mas nunca chegou a encontrar carne pois ele agarrou-lhe a mão e, com facilidade humilhante, desarmou-a. Atirou com a faca pela sala, onde deslizou pelo soalho de madeira antes de bater no rodapé.

– *Agora* já terminou?

Ela cambaleou para trás contra a parede, receando retaliação. Ele parecia enorme e indómito. Escorria-lhe sangue do arranhão profundo no rosto. Limpou-o com as costas da mão, deixando uma mancha vermelha na luva de camurça.

Ele olhou para a mancha de sangue e depois para ela.

– Calculo que se esteja a sentir melhor.

Ela endireitou-se até à sua altura máxima e fitou-o furiosa, desprezando a sua própria fraqueza e enfurecida pela compostura dele.

– Quer explicar-me o que diabo foi isto? – perguntou ele.

Seguiu o gesto furioso dela e olhou por cima do ombro para a mesa de jantar onde ela colocara o portátil incriminatório e o respetivo carregador, que encontrara no baú debaixo da cama.

– Mentiu-me.

– Não menti não.

– Disse que não tinha um carregador.

– Eu disse que não tinha um *telemóvel*. Que não tenho.

– Bem, encontrei o carregador e tem estado ligado ao meu telemóvel há duas horas e o telemóvel continua a não funcionar. O que lhe fez?

– Tirei-lhe a bateria.

A confissão calma deixou-a muda. Enquanto ela continuava ali boquiaberta, ele prendeu a ponta do dedo do meio entre os dentes da frente, usou-os para puxar a luva direita e depois começou a sabotar o casaco.

– Porquê? – arquejou ela.

– Para não poder emitir sinal.

Ela estivera a acalantar uma réstia de esperança de que tivesse deixado a sua imaginação levar a melhor, que tivesse visto demasiados programas televisivos, lido demasiados livros, tanto ficção como

relatos verdadeiros, sobre mulheres que eram capturadas, torturadas, violadas, assassinadas. Agarrara-se à esperança reduzida de que ele não estivesse de facto a mantê-la naquele sítio isolado contra a sua vontade e com intenções maléficas.

Mas ele acabara de atirar com essa esperança débil para o inferno. Inutilizara-lhe o telemóvel. De propósito. A sua localização não podia ser detetada usando o GPS, que seria uma das primeiras coisas que as autoridades tentariam fazer quando Jeff a desse como desaparecida.

– Porque me trouxe para aqui?

– Não determinámos isso já?

– Não determinámos o raio de coisa nenhuma exceto que é um raptor e um... – Interrompeu-se, não querendo plantar-lhe ideias na cabeça.

Porém, ele pareceu ler-lhe o pensamento, porque arqueou uma sobrancelha escura de forma inquisitiva:

– E um quê?

Tivera uma oportunidade diminuta-a-nenhuma de o incapacitar ou arrancando-lhe os olhos ou enterrando-lhe a faca no corpo. Visto que ambas as tentativas tinham falhado, a única arma que lhe restava era a razão.

– Escute, não quero saber do que fez no passado. Ainda não me fez mal. De facto, tem sido excecionalmente amável. O que agradeço. As coisas podiam ter corrido muito pior para mim se não estivesse lá para... para me encontrar e trazer para aqui.

Ele esperou vários segundos.

– Mas?

– Mas preciso de ir embora agora e chegar a casa. Tem de me deixar ir.

O homem ergueu um pouco os ombros e fez um gesto para a porta.

– Está destrancada. Mas aviso-a, não acredito que vá muito longe. Andei uns quilómetros pela estrada abaixo, a pensar que o nevoeiro pudesse não estar tão cerrado a uma altitude mais baixa. Nunca consegui sair dele.

– Andou.

– Sim.

– Porque não levou a carrinha?

– Pela mesma razão que não a levei de carro ontem à noite. Há dezenas de ziguezagues. Podia falhar uma curva e cair de um precipício de cem metros.

– Mas levou as chaves da sua carrinha.

– Porque não queria que a guiasse.

– Ocorreu-me essa ideia.

– Calculei. Não queria que desse cabo dela e possivelmente se matasse entretanto. E foi por isso que levei as chaves.

Enfiou as luvas, manchadas de sangue e tudo, no bolso do casaco e pendurou-o num cabide de parede. Desenrolou o cachecol que tinha à volta do pescoço. A estática levantou-lhe o cabelo quando puxou o gorro. Tanto ele como o cachecol foram juntar-se ao cabide.

Dirigiu-se à lareira, agachou-se em frente, remexeu nas cinzas com um atiçador e depois juntou vários toros de lenha. Erguendo-se e sacudindo as mãos nas calças, perguntou se ela já comera alguma coisa.

– Não.

Ele abriu o frigorífico. Ela marchou para o dito e empurrou a porta fechando-o com força suficiente para abanar o eletrodoméstico e chocalhar as garrafas lá dentro. Ele virou-se, parecendo pronto para a matar ali mesmo, mas ela não deixou que o seu olhar assassino a intimidasse.

– O meu marido vai estar desesperado para saber onde estou e o que me aconteceu. Vai pôr a polícia a procurar.

– Bem, não a vão encontrar hoje. Não com esta falta de visibilidade.

– Posso mandar-lhe um *e-mail*. Mas preciso da *password* para o seu portátil.

Ele lançou uma olhadela ao portátil, depois virou-se outra vez para o frigorífico, deu-lhe um empurrão na anca com a sua para a afastar do caminho e reabriu a porta.

– Não faço *e-mails*.

– Não faz mal. Posso contactá-lo através do Facebook. Mesmo que Jeff não veja a minha mensagem, um amigo...

– Desculpe, doutora, *Doc*, não.

– Mas...

– Não.

– Não falo de si. Como poderia se nem sequer sei o seu nome? Digo só a Jeff que estou bem.

Ele abanou a cabeça.

– Nada de detalhes, prometo. Pode aprovar a mensagem antes de eu a enviar.

– Não.

Era como chegar à temida parede dos trinta e dois quilómetros numa maratona. Tínhamos de prosseguir, esforçar-nos para a ultrapassar ou seríamos derrotados.

– Está a cometer um crime, sabe.

– Não lhe pus nem um dedo em cima.

– Mas está a manter-me aqui contra a minha vontade.

– As circunstâncias é que a estão a manter aqui.

– Podia alterar as circunstâncias se quisesse.

– Não posso alterar o tempo.

– Não me estava a referir ao tempo. Está a recusar deixar-me usar o seu computador para...

– O portátil está proibido.

– Porquê?

– Isso é comigo.

– Seja o que for, não pode ser bom.

– Não disse que era bom. É apenas como as coisas são.

– Diga-me porque não me deixa sair daqui.

Ele avançou para ela e dobrou-se para ficar quase ao mesmo nível do seu rosto. Falando num tom áspero, mais sinistro do que um grito, disse:

– Não é uma questão de não a deixar sair, *Doc*. – Sacudiu o queixo para a porta. – É uma questão de não os deixar entrar.

Capítulo 6



Jeff entrou pela porta da garagem e desligou o alarme da casa. Não havia luzes lá dentro. A casa estava fria e vazia.

Antes de sair de casa de Alice, ela expressara outra vez o seu receio de que Emory estivesse a par do caso amoroso dos dois.

– Tens a certeza que ela não sabe?

– Ela está a sentir-se negligenciada e a desempenhar cabalmente o papel de esposa magoada – assegurou-lhe ele. – Está numa de amuar, é só.

Mas o facto é que não soubera de Emory desde sexta à noite quando ela telefonara do motel onde passara a noite. Era domingo à tarde, o que representava uma quantidade significativa de tempo para não se ter notícias de uma esposa, mesmo que chateada.

Não havia nenhum homem casado no mundo que não entendesse que ele estivesse à espera que a pequena rebelião de Emory passasse e que ela superasse o seu acesso de irritação a seu belo tempo. Mas não fazer nada fazia-o parecer um malandro, mesmo aos olhos da sua amante extraconjugal.

Não é típico dela não telefonar, observara Alice mais do que uma vez durante o fim de semana. *Não estás preocupado?*

Não estava, mas calculava que devia estar. Telefonou para o telemóvel de Emory e, antes que tocasse sequer, a voz da mensagem de saudação dela solicitou que deixasse uma mensagem. «Pensei que já estivesses em casa. Telefona-me.»

Ela trabalhava muitas vezes no consultório fora de horas e aos fins de semana, utilizando esse tempo para pôr a papelada em dia. Telefonou para o número geral e depois para o número privado reservado apenas para uso da família. Ambos foram atendidos por gravações. Deixou mensagens pedindo-lhe para lhe ligar. Telefonou depois para o hospital onde ela trabalhava e pediu para transferirem a chamada para o piso da pediatria.

A enfermeira que atendeu reconheceu-o pelo nome.

– Em que posso ajudar, Mister Surrey?

– A doutora Charbonneau está aí?

– Pensei que ela só vinha amanhã.

– Sim. Mas eu estava à espera que chegasse a casa esta tarde e não consegui contactá-la no telemóvel. Ninguém atende no consultório. Pensei que ela pudesse ter passado por aí para ver algum doente e tivesse ficado retida.

– Acabei de entrar de serviço, por isso não sei, mas vou perguntar.

– Obrigado. Se alguém a viu, peça, por favor, para me telefonarem. E, se ela aparecer, diga-lhe que o telemóvel está a ir direto para as mensagens de voz. Precisa de verificar a bateria.

Desligou, deixou cair o telemóvel em cima da secretária, levantou-se e começou a andar de um lado para o outro, a tentar decidir o que fazer em relação àquilo. Considerou-o durante vários minutos, mas só havia uma opção lógica.

Dez minutos depois, estava a acelerar para norte na I-85.

Emory depenicou a tosta de queijo, alimentando-se de pequenas dentadas, a experimentar o estômago para ver se rejeitaria comida sólida. Não tinha náuseas hoje, apenas uma sensação de mal-estar na boca do estômago de que poderia não sair viva daquela cabana.

Depois da recusa dele de a deixar usar o portátil, recuara para a cama, mas não antes de montar, desafiadora, o biombo desdobrável. Deitara-se em cima das cobertas, puxando apenas um canto da colcha por cima das pernas.

Ali ficara deitada, tensa e desconfiada, mas ele ignorara-a e atarefara-se na cabana. Ela sentira o cheiro do café que ele fizera e do ovo que fritara. Lavara a loiça e depois fora lá fora apenas uns minutos. Ela adormecera a ouvi-lo movimentar-se na zona de estar.

Quando acordou, tinham-se passado horas. Já estava escuro. Através das venezianas do biombo, viu que o candeeiro com o abajur estava ligado.

Ficara preocupada que o ataque patético e fracassado que intentara contra ele pudesse ter-lhe chocalhado o cérebro e deixado ainda mais debilitada. Mas, quando se sentou, reparou que as tonturas estavam melhores. A dor de cabeça, contudo, persistia.

Levantara-se e usara a casa de banho; depois, embora tivesse jurado que só no dia de são nunca deixaria o seu fraco refúgio, que ele teria de a arrastar pelos cabelos de trás daquele biombo, circundou-o e saiu.

Tal como ela, ele acabara de voltar lá de fora, todo agasalhado como antes. Trouxera uma carga de lenha. Vendo-a, parara na soleira, depois fechara a porta com um pontapé traseiro do calcanhar, limpou as solas das botas no tapete de juta e transportara a lenha para a lareira. Estava diligentemente a encher o recipiente da lenha.

Assim que acrescentou os toros novos, despiu o vestuário do exterior, sacudindo pedacinhos de gelo do casaco antes de o pendurar no cabide.

– Começou a cair um pouco de granizo.

– Que golpe de sorte para si. Quanto pior estiver o tempo, mais fácil será para si manter-me aqui prisioneira.

– Veja a coisa pelo lado positivo – retorquiu ele, pactuando com o sarcasmo dela –, não vai passar fome. Tenho comida suficiente para vários dias.

Depois daquela troca de palavras, ele fora preparar sopa enlatada de galinha com massa e as tostas de queijo, que até agora ela estivera a depenicar. Mas, de facto, aquela comida simples tinha um sabor delicioso e, quanto mais comia, com mais fome ficava. No seguimento da corrida do dia anterior, ficara com depleção de hidratos. A sopa repunha o sódio. Terminou a refeição.

Ele reparou nos pratos vazios dela, mas não teceu comentários quando os levou para o lava-loiça.

- Café?
- Não, obrigada. Tem chá?
- Chá. – Repetiu a palavra como se nunca tivesse ouvido falar disso.
- Não importa.
- Lamento. – Levou a chávena de café para a mesa e sentou-se diante dela. – Não sou bebedor de chá.
- Devia tê-lo à mão. Nunca se sabe quando alguma cativa o irá pedir.
- É a minha primeira.
- Primeira cativa ou primeira bebedora de chá?
- Ambas.
- Não acredito em si.

Com suprema indiferença, ele ergueu um dos ombros e soprou o café antes de beber um pouco. Quando devolveu a caneca à mesa, apanhou-a a olhar para cima para a barra de metal suspensa entre as vigas. Quando ela voltou a olhar para ele e os seus olhares se cruzaram, Emory sentiu um sobressalto, como um soco na barriga. Não ia fazer-lhe perguntas sobre a barra, com medo do teor da resposta.

Sentindo o peso do olhar dele, passou o polegar no grão da madeira do tampo da mesa.

– O que fez?

– Quando?

– O seu crime. O que foi? – Resistiu a não olhar para ele o maior tempo que conseguiu. Quando ousou fitá-lo nos olhos, estes cintilavam como pedras preciosas multifacetadas. Tê-los-ia achado belos se não tivesse medo deles. – Falou em «não os deixar entrar». Foi o que disse.

– *Hum, hum.*

– A polícia? Está a esconder-se das autoridades?

– Está a ir muito bem, *Doc*.

– Pare de me chamar isso. Parece o nome de um animal de estimação. E não vou ser o seu animal de estimação.

– Não um muito dócil. Arranha.

Ela tentou evitar olhar para a marca ensanguentada na bochecha dele. O sangue coagulara, mas parecia doloroso e com mau aspeto.

– Devia pôr um pouco da sua água oxigenada nisso para não infetar.

– Pois devia. Mas não quis derrubar ali a muralha de Jericó para ir à casa de banho. – Inclinou a cabeça na direção do biombo. – Tive receio de ser outra vez atacado.

– Não lhe doeu assim tanto.

– Não estava com medo que me magoasse. Tinha receio era de a magoar a si. Não de propósito – esclareceu face à expressão horrorizada dela. – Mas, se tiver de me defender de si, poderá acabar ferida porque sou muito maior.

O tamanho dele teria sido intimidante se ela estivesse atrás dele na fila do supermercado ou junto dele num elevador ou sentada ao seu lado num avião. Não precisava de se esforçar por ser imponente, a sua altura era suficiente. A camisola de torcidos de cor creme era justa e realçava-lhe a largura dos ombros e do peito.

As mãos, apertadas à volta da caneca de cerâmica do café, faziam-na parecer tão delicada como uma chávena do serviço de chá de porcelana com que ela brincara quando era pequena. Mesmo inativas, as mãos dele intimidavam-na. Do osso do pulso até às pontas dos dedos compridos, pareciam capazes de fazer...

Muitas coisas.

Recordou-se da gentileza com que aqueles dedos tinham explorado a pele na sua nuca. *Está ensopada.*

As faces ruborizaram-se com os pensamentos que lhe atravessaram a mente. Bebeu do seu copo de água e depois retomou o interrogatório onde o interrompera.

– Esteve no exército?

– O que a leva a perguntar?

– A sua arrumação. Tudo dobrado de forma uniforme, muito bem organizado. As botas alinhadas aos pares.

– Deve ter feito uma busca completa ao sítio.

– Não estava à espera disso?

– Pois. – Esticou as pernas compridas em frente, em ângulo em relação à mesa. – Sabia que ia mexericar.

– Então o que escondeu antecipando a minha busca? Algemas? Correias de couro?

– Só o meu portátil. Não suficientemente bem, como se viu. Mas não pensei que tivesse força para puxar o baú de baixo da cama.

– Precisei de todos os milésimos de energia que tinha.

– Teve a suficiente para me atacar.

– Mas não a suficiente para aguentar.

– Devia ter pensado nisso.

– Pensei.

– Ah, certo. A faca.

– Não me serviu de muito.

– Fez um buraco no meu melhor cachecol.

Teve o descaramento de parecer divertido, o que a irritou. Tentou apanhá-lo desprevenido.

– Fale-me da guerra.

O escrutínio encontrara um ponto sensível. Ele puxou as pernas, sentou-se mais direito, bebeu um gole de café. Ações normais, sem importância, mas, neste caso, reveladoras.

– Então? – continuou.

– O que quer saber?

– Em que ramo das forças armadas esteve?

Nada.

– Quando prestou serviço?

Nada.

– Onde?

Quando ele não respondeu àquilo, ela perguntou:

– Nada para dizer sobre o tópico da guerra?

– Só que não a recomendo.

Miraram-se por cima da mesa. No olhar firme dele, ela leu um aviso de que ele queria que a conversa terminasse ali. Não abusou da sua sorte.

– As caixas de balas na prateleira da casa de banho...

– Pensei que estivessem fora do seu alcance.

– Tive de me esticar nas pontas dos pés. Se tem balas, deve ter armas.

– O meu arsenal não apareceu durante a sua busca?

Ela abanou a cabeça.

– Que chatice. Caso contrário, ter-me-ia dado um tiro em vez de me atacar com as unhas e uma faca. Teria sido preciso menos energia.

Ele estava outra vez a troçar dela. Ripostou:

– Foi um crime violento?

O sorriso dele dissolveu-se. Não, dissolveu-se não, porque isso denotaria um desvanecimento gradual. O humor dele desapareceu num instante, aquele canto da boca a voltar ao seu lugar para formar a linha firme que costumava ser.

– Extremamente.

A resposta brusca encheu-a de angústia e de uma sensação dolorosa de desespero. Desejou que ele tivesse negado ou suavizado aquilo. Ainda a agarrar-se a uma vã esperança, disse:

– Se foi alguma coisa que fez durante a guerra...

– Não foi.

– Entendo.

Ele soltou uma risada áspera.

– Não entende o raio de nada.

Levantou-se tão de repente que ela quase apanhou um susto de morte. Em reação, pôs-se também de pé de um salto, fazendo cair a cadeira para trás. Quando bateu com ruído no chão, ela encolheu-se.

Ele deu a volta à mesa, apanhou a cadeira e pô-la direita com ênfase furioso, batendo com as pernas no soalho.

– Pare de saltar sempre que eu me mexo.

– Então pare de me assustar.

– Não estou a assustá-la.

– Está!

– Não tenho essa intenção.

– Mas é o que faz.

– Porquê? Não vou fazer-lhe mal.

– Se isso é verdade, então deixe-me telefonar ao meu marido...

– Não.

– ... para lhe dizer que estou bem.

– Não.

– Porquê?

– Já vimos isso. Estou farto de falar sobre isso. Estou também farto de ir fazer chichi atrás de uma árvore, o que andei a fazer a tarde inteira, para não perturbar o seu descanso. Mas agora vou entrar na casa de banho para usar a sanita e tomar um duche. Faça de conta que está na sua casa. Bisbilhote à vontade – disse, esticando os braços de lado. – A casa é toda sua.

Fechou o biombo com vários estalos altos de madeira contra madeira e colocou-o na sua posição original contra a parede.

– Fica aqui.

À porta da casa de banho, ligou a luz, mas, antes de entrar, virou-se.

– Não andaria nem dez metros para lá daquela porta antes de se perder e não me apetece ir atrás de si esta noite. Por isso, livre-se de quaisquer planos que tenha para fugir.

Depois entrou na casa de banho.

Mal ele fechou a porta, ela foi buscar o portátil ao sofá onde ele o pousara quando pusera a mesa. Sentou-se com ele à mesa de jantar, levantou a tampa, despertou-o e colocou o cursor na caixa para a *password*.

Os dedos apoiaram-se nas teclas. E lá ficaram. Como poderia adivinhar qual era a *password* quando não sabia absolutamente nada sobre o homem? Nem o nome, nem a data de nascimento, nem a cidade natal, nem a profissão, nem os passatempos. Nada.

De qualquer modo, tentou dezenas de combinações, algumas com temas militares, a maioria ridículas, mas, como esperado, nenhuma teve êxito a desbloquear o computador.

– Raios!

– Não teve sorte?

Sobressaltada, virou-se no assento da cadeira, não o tendo ouvido sair da casa de banho. Ele vestia apenas calças de ganga e trazia na mão as botas, meias e camisola. Se pensara que ele era intimidante antes, ainda o era agora mais daquela maneira. Cabelo húmido. Descalço. Peito nu.

Enervada, virou-se de novo para o portátil, baixou a tampa sem grande suavidade e levantou-se.

– Vá para o inferno.

– Já disse isso.

– E estava a falar a sério.

Passou por ele e dirigiu-se para a casa de banho.

– Guardei-lhe alguma água quente.

Bateu com a porta e, quando foi dar a volta à chave, descobriu que não havia nenhuma.

Ansiava por um duche, tentada pelo cheiro limpo do sabonete e do champô dele, mas, receosa de ficar nua, contentou-se em lavar-se no lavatório com o raio de um daqueles toalhetes muito bem dobrados. Tocou ao de leve com ele no cabelo emaranhado de sangue, mas pouco contribuía para desfazer a crosta e, além disso, doía.

Pendurada num cabide atrás da porta estava a camisa de flanela com que dormira a noite passada. Mudara para as suas roupas desportivas antes de ele voltar naquela manhã, mas agora não conseguiu resistir a substituí-las pela camisa.

Cedeu também à tentação de usar a escova de cabelo dele nas partes da sua cabeça não afetadas pelo galo dorido e respetiva crosta. Porém, a intimidade que isso implicava era perturbadora. Limpou os dentes com o dedo indicador.

Desligou a luz antes de abrir a porta. Ele estava sentado na poltrona reclinável a ler um livro de capa mole à luz do candeeiro. Na sua ausência, vestira uma *T-shirt* branca simples e meias brancas. Não ergueu a cabeça nem acusou de maneira alguma a presença dela ali.

Emory deslizou para dentro dos lençóis, despiu as calças justas e depois rolou de lado para a parede.

Meia hora depois, ele desligou o candeeiro. Ela ainda estava muito acordada e muito ciente da presença dele quando se aproximou da cama. Fechou os olhos com força e susteve a respiração.

Louca de medo, entoou mentalmente: *Não, por favor, não por favor, não por favor.*

Mas junto com aquela súplica silenciosa para que ele não a molestasse, não a matasse, havia outra, igualmente forte, para que ele não a desapontasse. Era estúpido e inexplicável, mas existia. Por razões que não tinham nada a ver com medo, não queria que ele fosse um depravado, um violador, um assassino, ou, sob qualquer aspeto, transtornado de espírito ou maléfico.

– Sei que está acordada. Olhe para mim.

Excetuando o coração que martelava nas suas costelas, ela não se mexeu.

O colchão afundou quando ele colocou o joelho perto da sua anca. Alarmada, ela rolou até ficar de costas e ofegou quando ele plantou as mãos de cada lado dos seus ombros, subjugando-lhe o corpo, bloqueando-lhe a visão das vigas, daquela preocupante barra de metal, tudo exceto o rosto dele.

– Quando o tempo clarear, juro-lhe que a levarei pela montanha abaixo. Tratarei de a pôr a salvo. Até lá, não lhe vou fazer mal. Entendido?

Incapaz de falar, ela acenou com a cabeça uma vez.

– Acredita em mim?

Com absoluta franqueza, ela sussurrou:

- Quero acreditar.
- Pode acreditar.
- Como posso, quando não responde às perguntas mais básicas?
- Faça-me uma pergunta básica.
- Como se chama?
- Que interessa isso?
- Se não interessa, porque não me diz?
- Confie em mim, *Doc*, se vai intrometer-se na minha vida, não vai gostar do que descobrir.
- Se não queria que me intrometesse, não devia ter-me trazido para aqui.

Desta vez, ele quase sorriu.

- Agora apanhou-me.

Emory analisou-lhe as feições, à procura de pistas para a coisa terrível que ele fizera. Era um rosto forte, invariavelmente masculino, mas sugerindo mistério, mais do que ameaça.

- Porque se esconde das autoridades?
- Porque alguém o faz?
- Para não ser apanhado.
- Aí está.
- Como cidadã respeitadora da lei, não posso simplesmente...
- Pode sim – insistiu ele. – Pode *simplesmente* deixar o assunto em paz.

De repente, ela ficou farta das ameaças veladas e decidiu desafiá-lo.

- Ou quê? O que fará? Prometeu não me fazer mal.

Mesmo que não tivesse conseguido ver-lhe os olhos na escuridão, tê-los-ia sentido, a seguir-lhe a boca, a garganta, a gola aberta da camisa. Avançaram até ao v das coxas antes de regressarem aos dela.

Susteve a respiração.

- Não lhe doeria – sussurrou ele.

Capítulo 7



Emory deixou a cortina cair outra vez na janela.

– Está horrível lá fora.

O tempo piorara durante a noite. Começara a nevar e a neve acumulava-se numa espessa camada de gelo. O que, claro, jogava a favor dele.

Estava sentado à mesa de jantar, a consertar a torradeira que não fizera saltar as fatias de pão ao pequeno-almoço.

– Essa coisa é muito velha, não?

O tom zangado da voz dela fê-lo erguer a cabeça.

– Não sei. Vinha com a cabana.

– Porque não compra uma nova?

– Esta pode ser arranjada. Além disso, gosto de recuperar coisas. – Já colara o pedaço partido da haste dos óculos de sol. Pousara-os com cuidado na mesa para a cola secar.

– É um habilidoso nato.

– Vou-me safando.

Sem dúvida que estava a ser modesto e era, de facto, um bom faz-tudo. Teria de ser, para viver como vivia, sozinho numa zona isolada, não contando com ninguém senão ele próprio.

Jeff não saberia como montar os botões numa torradeira, muito menos repará-la. Embora fosse injusto pensar nele de forma tão pouco caridosa. Nunca ninguém lhe tinha pedido que consertasse um eletrodoméstico e teria ficado surpreendido por saber que ela achava esse esforço tocante, mesmo que não fosse bem-sucedido.

Que se lembrasse, nunca lhe pedira para a ajudar com alguma coisa na casa. Talvez devesse. Se não tivesse sido tão autoconfiante e, ao invés, lhe tivesse pedido pequenos favores, talvez fossem mais felizes. A desavença entre eles começara há um ano quando ele não conseguira chegar a sócio na sociedade de investimentos onde trabalhava. Assumira um ar de indiferença, mas ela sabia que o facto de o terem posto de lado constituíra um enorme desapontamento e um golpe no seu ego.

Querendo reafirmar-lhe o seu apoio, ela fizera um esforço concertado para lhe telefonar durante o dia, às vezes por causa de alguma coisa tola, só para lhe fazer ver que estava a pensar nele. Porém, em vez de

o animar, a atenção extra só parecera irritá-lo. A dada altura, até lhe pedira, com delicadeza gelada, para parar de o tratar de forma paternalista.

Num esforço para voltarem aos eixos, ela mudara de tática, sugerindo escapadelas de fim de semana, para fazerem coisas que pensava que ele poderia gostar. Um fim de semana de prova de vinhos em Napa. Um festival de cinema independente em Los Angeles. Uma pousada no Bairro Francês.

As suas ideias obtinham reações pouco entusiasmadas ou franco desdém. A vida sexual dos dois degenerou até que ele se queixou da pouca frequência, enquanto, ao mesmo tempo, parava de tomar a iniciativa. O orgulho dela impedia-a de tentar seduzi-lo. Chegaram a um impasse. O fosso continuou a alargar-se. Meses de tensão crescente culminaram numa discussão sobre a indiferença dele em relação à maratona iminente. Era para angariar fundos para uma instituição de caridade e fora ela que iniciara a organização da maratona. Para além de mostrar falta de interesse, ele desenvolvera uma atitude hostil em relação ao evento e ao que ele chamava a «obsessão» dela com aquilo.

A rejeição de uma coisa tão importante para ela era sintomática do distanciamento emocional dele em geral e, quando ela o referira naquela última quinta-feira durante a conversa empolada ao jantar, a situação rapidamente se tornara inflamável.

O que ela não dissera, o que reprimira, era que desconfiava que ele tinha uma amante. Por norma, quando o ego de um homem é espezinhado, o tónico que procura não é sexo mais aventuroso?

Mas faltando-lhe provas que fundamentassem a sua suspeita, não o dissera em voz alta. Partira na sexta à tarde, zangada, mas com esperança de que passar uma noite fora reformulasse a sua perspetiva e, para dizer a verdade, lhe fomentasse um espírito combativo para manter intacto o casamento.

Não contara cair, fazer uma concussão e ser «salva» por um homem sem nome que, sem sequer lhe tocar, lhe provocara mais consciência sexual na noite anterior do que Jeff provocava em mais de um ano.

– Tem frio?

A pergunta fê-la sair com brusquidão do seu devaneio.

– Quê?

– Está a esfregar os braços. Tem frio?

– Não.

Ele largou a torradeira eviscerada e levantou-se para ir à lareira. Quando os toros que acrescentou começaram a arder, voltou a colocar o guarda-fogo e fez-lhe sinal para se aproximar.

– Chegue-se mais perto. Aqueça-se.

– Quem lhe fornece a lenha?

– Ninguém. Corto-a eu.

– Vai até ao bosque e deita árvores abaixo?

– Há pessoas que o fazem, sabe?

Ninguém que ela conhecesse. Compravam lenha a alguém que a entregava em casa e a empilhava ou adquiriam num pequeno molho no supermercado, junto com o pão e o leite.

Convencido que a lenha tinha pegado, ele voltou para a mesa, pegou nos óculos de sol dela e passou-lhos.

– A cola secou. Penso que vai aguentar.

Ela testou a solidez da reparação.

– Obrigada.

– Não tem de quê.

– As suas mãos parecem demasiado grandes para trabalhar numa coisa tão pequena e delicada. Nunca pensaria que poderia ser tão destro.

– Posso ser destro quando se exige destreza.

Emory percebeu que ele estava divertido com a cilada involuntária que ela lhe armara e contente consigo mesmo com a sua réplica sugestiva. Afastando-se dele, enfiou os óculos no bolso da camisa. Ele sentou-se à mesa e retomou o trabalho com a torradeira, parecendo perfeitamente satisfeito. Ela sentiu que a pele lhe encolhera.

– Não o põe louco?

– O quê?

– O silêncio. A solidão.

– Tenho música no meu portátil.

– Podemos pôr música a tocar?

– Boa tentativa, mas nada feito, *Doc*.

Ela andou de um lado para o outro na sala.

– O tédio não o enlouquece?

– Nunca estou entediado.

– Como não? O que faz o dia todo? Isto é, quando não está a consertar pequenos eletrodomésticos?

Pretendera que a observação fosse uma rabeçada, mas ele não se ofendeu.

– Projetos.

– Como o quê?

– Estou a construir um abrigo para a *pick-up*.

– Sozinho?

– Não é difícil, mas sou miudinho, o que o torna moroso. Tinha esperança de o terminar antes de o inverno se instalar. – Lançou uma olhadela à janela. – Não consegui.

– Que mais?

– Construí as estantes.

– Só isso? É tudo o que faz? Anda por aí a fazer melhoramentos na casa?

– Tenho caçado. Porém, não muito. De vez em quando pesco.

– Quando se farta de carne de veado.

– Não, não gosto de peixe, por isso lanço sempre o que apanho outra vez para a água. Faço caminhadas. Paisagem deslumbrante aqui em cima. Às vezes, acampo, mas prefiro a minha cama a um saco-cama no chão.

– Então não se opõe por completo às comodidades.

Ele esboçou um meio-sorriso.

– Não. Prefiro os meus duches e o meu café quentes.

Ela olhou em volta, a tentar aferir a escassa área onde ele vivia.

– Não consigo imaginar estar aqui fechada sem nada para fazer.

– Tenho alguma coisa para fazer. Estou a fazê-la.

– A reparar uma torradeira velha?

Desta vez ele não respondeu à provocação. Recostou-se para trás na cadeira e fitou-a pensativo ao mesmo tempo que batia com uma pequena chave de fendas na palma da mão.

– Há outras coisas que precisam de ser consertadas.

– E o que acontece quando se esgotarem?

– Não vejo que vá acontecer.

Mais do que um pouco subjugada pelo tom dele de «não invadir propriedade alheia», Emory deu uma volta à sala, foi até uma das janelas e puxou a cortina para o lado para poder olhar outra vez lá para fora. A queda de neve era mais forte do que antes.

– A que distância estamos de Drakeland?

- Mais do que uma maratona, se estava a pensar correr o caminho todo.
- Passei lá a noite de sexta. Mas não vi muito da vila. É bonita?
- É quase civilizada. Tem um Wend's, um Walmart, um cinema com várias salas.

Ela ignorou o sarcasmo.

- Vai lá muitas vezes?
- Ao cinema?
- À vila.
- Quando preciso de alguma coisa. Quando me apetece ir.
- Vai ter com amigos?
- A senhora do Dunkin' Donuts fala-me sempre. Conhece a minha cara.
- Mas não o seu nome.

Ele não disse nada.

– nenhuns amigos. Nenhum.. – Sem saber o que dizer, foi até à lareira e sentou-se. – Como ganha a vida? O que faz para ter dinheiro?

- Cá me arranjo.
- Isso não é uma resposta.
- Mantenho-me vestido e alimentado, mas não tenho montes de dinheiro. – Fez uma pausa. – Não como você – acrescentou.
- Não tenho montes de dinheiro.

Ele ergueu uma sobrancelha.

– A riqueza é relativa – retorquiu ela, irritada. – Além disso, como é que... – Parou e olhou para o portátil na mesinha de apoio por baixo do candeeiro. – Andou a pesquisar-me?

- Na tarde em que a trouxe para aqui.
- Descobriu o meu nome na carta de condução.
- O resto foi fácil. Bastou tocar nalgumas teclas. Apareceu o nome da empresa Charbonneau Oil and Gas. É uma herdeira.

Ela não estava preparada para falar de uma coisa tão pessoal com ele. Mas acabou por dizer:

- Detesto essa palavra.
- Porquê?
- Porque significa que os meus pais morreram. Calculo que leu isso.

Ele pousou a chave de fendas e prestou-lhe toda a sua atenção.

- O amigo do seu pai ia a pilotar o avião.
- Era um piloto experiente, voara com o seu próprio avião milhares de milhas. Os dois casais, os melhores amigos de sempre, iam a caminho de Oklahoma para um jogo na universidade LSU. Tigers contra Sooners. – Remexeu no botão de punho da camisa de flanela, que vestira por cima das roupas de corrida para ter mais uma camada. – Não viram o pontapé de saída.

Atrás dela, o lume ardia, aquecendo-lhe as costas, mas não chegando ao vazio frio provocado pela lembrança da súbita perda dos pais.

– Durante muito tempo, estive mesmo muito mal. Rezava a Deus e amaldiçoava-o, às vezes ao mesmo tempo. Esgotava-me a chorar. Num acesso de fúria, cortei o cabelo todo. O desgosto era uma doença para mim. Infelizmente é incurável. Aprendi apenas a viver com ela. – Quando percebeu como a sala se tornara silenciosa, virou a cabeça e fitou-o.

Ele estava sentado perfeitamente imóvel, a observá-la com atenção.

- Mais nenhuma família chegada?
- Não. Só eu. Éramos muito conhecidos em Baton Rouge. Não podia ir a lado nenhum sem deparar com

alguém que queria falar da mãe e do pai e apresentar os seus pêsames. Começou a ser difícil. Parecia que a minha sobrevivência dependia de partir, começar de novo num sítio qualquer. Assim, depois de acabar o meu internato, vendi a casa da família, as minhas ações na empresa e mudei-me. Nova cidade. Novo estado. – Bateu nas coxas, fez correr as mãos para cima e para baixo. – Pronto, já está. Esqueci-me de alguma coisa?

– Como conheceu o seu marido?

– Um amigo comum apresentou-nos.

– Amor à primeira vista?

Ela pôs-se de pé.

– Tudo o que precisa saber sobre Jeff é que, neste momento, está muitíssimo preocupado.

– Há quanto tempo está casada?

– Três anos mais alguns meses.

– Foram anos felizes?

– Sim.

– A cabeça dói-lhe?

– Quê? – Depois, percebendo que estivera a esfregar a ferida, baixou a mão. – Não. O alto baixou. O corte faz comichão.

– Significa que está a curar.

– Significa que preciso de lavar o cabelo.

– Porque não usa o chuveiro?

– O que acha?

– Porque não quer ficar nua.

A resposta conclusiva não pedia aprofundamento.

Ele deu uma última volta à chave de fendas, pousou a torradeira direita no centro da mesa e experimentou várias vezes a alavanca de ejeção. Já não prendia. Levantou-se e levou-a para a bancada, voltando a colocá-la no seu lugar. Arrumou a chave de fendas numa gaveta.

– E você? – perguntou ela.

– Não me importo de ficar nu.

– Não era disso que estava a falar.

O homem apoiou as mãos na bancada atrás dele e cruzou os tornozelos com mais langor do que ela teria pensado que um tipo daquele tamanho conseguiria. Parecia supremamente à vontade consigo próprio e com o que o rodeava, com a situação bizarra, com tudo o que a estava a enlouquecer, sobretudo o mistério que *ele* era.

– Então de que estava a falar, *Doc*?

– Família. Tem alguma mulher escondida algures?

Na noite anterior, a expressão dele praticamente a desafiara a não se intrometer. O olhar duro avisara-a para prosseguir por sua conta e risco. Estava a fitá-la da mesma maneira agora.

– Não.

– Nunca?

– Nenhuma noiva. Nenhuma mulher. Nunca. – Deixou passar vários segundos. – Mais alguma coisa?

Sim. Um milhar de coisas, mas abanou a cabeça.

– Então, dê-me licença, por favor. – Passou por ela e entrou na casa de banho.

A conversa deixara-a a sentir-se mais perturbada do que nunca. Desnudara a sua alma em relação à morte trágica dos pais e ao efeito que isso tivera nela, um tema sobre o qual em geral se mostrava reticente porque era tão doloroso.

Ele continuara a fintar perguntas que poderiam com facilidade ser respondidas com uma ou duas palavras. Estava a esconder-lhe coisas e era tudo uma incógnita sombria que a inquietava.

Sentindo outra vez frio, aproximou-se da lareira. A lenha que ele acrescentara há pouco ardera depressa. Afastou o guarda-fogo, tirou um dos toros mais pequenos da caixa, colocou-o com cuidado em cima dos que estavam em chamas e depois estendeu o braço para outro. Quando o puxou para fora, os outros mexeram-se, revelando qualquer coisa no fundo da caixa.

Era um saco de papel castanho, maior do que um saco de comida rápida, mas não tão grande como um saco de mercearias. Curiosa, tratou de o tirar debaixo da lenha, o que exigiu esforço porque era pesado.

Para manter o saco fechado, alguém tinha feito várias dobras na parte de cima. Desenrolou-as e abriu-o.

Lá dentro encontrava-se uma pedra, com vinte centímetros de diâmetro na ponta mais larga, com pontas salientes que formavam uma cadeia de montanhas miniatura no topo. Esses picos estavam manchados de vermelho-escuro com sangue. Escorrera para a rede de fissuras minúsculas como um fluxo de lava macabro. Colados no sangue seco, havia vários fios de cabelo, tal e qual do mesmo comprimento e cor do dela.

Soltou um grito agudo de compreensão, mesmo no instante em que mãos, nas quais reparara especificamente por causa do seu tamanho e força, lhe prendiam os braços por trás, a faziam rodopiar e lhe arrancavam o saco.

– Não devia ter visto isso.

Capítulo 8



O agente especial do FBI Jack Connell subiu os degraus do edifício de pedra acastanhada, verificou o retângulo junto à porta e premiu o botão ao lado do nome Gaskin. Ela estava à espera dele e atendeu quase de imediato.

– Mister Connell?

– Exato.

Ouviu o zumbido da porta a abrir-se. Empurrou a porta principal, entrou num pequeno vestíbulo e depois atravessou outra porta com painéis de vidro martelado encastoados em madeira pesada e cinzelada. Ela avisara-o que o edifício não fora modernizado para incluir um elevador, mas, felizmente, o apartamento ficava no segundo andar.

Contornou o pilar trabalhado da escada em caracol no patamar. Eleanor Gaskin encontrava-se na soleira de uma porta aberta e estendeu-lhe a mão direita.

– Não mudou.

– Não poderei dizer o mesmo de si.

Ela riu-se com bom humor e deu uma palmadinha na barriga distendida.

– Bem, isso é verdade.

Agora no início da casa dos trinta, era atraente, com olhos castanhos bem separados e cabelo preto liso quase ao estilo do usado pelas raparigas na década de 1920. Vestia calças justas de malha preta, sabrinas e uma camisa de tamanho fora do normal para acomodar a sua gravidez. Não havia artifício no seu sorriso. Depois de apertarem as mãos, ela afastou-se para o lado e fez-lhe sinal para entrar.

– Obrigado por me telefonar – agradeceu ele. – Deixamos os nossos cartões às pessoas, mas raramente esperamos ter notícias de alguém. Sobretudo passado tanto tempo.

– Quatro anos, se não estou em erro.

Tinham-se passado quatro anos desde o tiroteio em massa em Westboro, na Virginia. Entrevistara aquela jovem dois meses depois daquele dia horrível, mas não falara com ela de novo até ao telefonema inesperado na noite anterior.

– Sente-se – disse ela. – Quer tomar alguma coisa?

– Não, obrigado.

Sentou-se no sofá indicado. A sala estava inundada de luz do Sol que entrava pela janela saliente que dava para a rua. Era um bairro estritamente residencial, forrado com árvores, situado entre duas das avenidas movimentadas do Upper West Side de Nova Iorque.

– Bonito edifício – comentou ele. Apartamentos como aquele, que parecia incluir todo o segundo andar, vinham com uma etiqueta de preço pesada.

Como se lhe lesse os pensamentos, ela explicou:

– O meu marido herdou-o da avó. Ela vivia aqui há mais de quarenta anos. Claro que tivemos de o renovar. Casas de banho novas, cozinha nova. Melhor que tudo, tinha um quarto extra para o bebé.

– Primeiro filho?

– Sim. É uma menina.

– Parabéns.

– Obrigada. Estamos entusiasmados.

Trocaram o sorriso de desconhecidos educados que tinham uma coisa importante mas desconfortável para discutir. Foi ela que iniciou a conversa.

– Viu o vídeo que lhe mandei no *e-mail*?

– Não menos de uma dúzia de vezes. Mas gostaria de o ver consigo para verificar se estou a olhar para a mulher certa.

Ela dirigiu-se a um armário que albergava uma série de componentes audiovisuais. Ligou os necessários e uma gravação começou a passar no ecrã de televisão montado na parede por cima da lareira. Postou-se ao lado, com o comando na mão. As letras indicativas de uma estação de televisão estavam sobrepostas no fundo da imagem.

– Tenho-o preparado, por isso deve estar a aparecer... ali. – Pôs o vídeo em pausa e apontou para uma mulher, um rosto numa multidão. Era uma reportagem do noticiário nacional, transmitida na noite anterior. Manifestantes em Olympia, no estado de Washington, tinham marchado para o edifício do capitólio por causa da revogação de uma lei sobre armas. A mulher em questão carregava um cartaz.

– Foi a quem pensei que se referisse. Parece-se um pouco com Rebecca Watson, mas... não tenho cem por cento a certeza. – Jack aproximou-se da televisão para examinar a imagem de mais perto. Estudou o rosto, que se encontrava no meio de dezenas de outros. – Conseguiu reconhecê-la no meio disto tudo?

– Mal a vi.

Ele fitou-a, duvidoso.

– Conhecia bem Rebecca. Mudei-me para esta cidade vinda diretamente da faculdade, sem qualquer experiência. Ela apostou em mim. As pessoas não esquecem o seu primeiro empregador. Trabalhámos juntas no Macy's durante quase cinco anos antes do incidente em Westboro e não apenas como conhecidas. Eu era a sua assistente pessoal. Passávamos horas juntas todos os dias. Na altura eu era solteira. Ela acabara de se divorciar. Às vezes, íamos para casa dela depois do dia normal de trabalho, continuávamos a trabalhar e depois bebíamos uma garrafa de vinho. Éramos amigas.

Estava a repetir o que lhe dissera quatro anos antes, quando Rebecca Watson fora dada como desaparecida e ele interrogara Eleanor por causa do súbito desaparecimento da amiga. A jovem estava perturbada e preocupada. E dissera a verdade. Apostava a sua carreira na veracidade dela. Mas não tivera nada de útil para lhe dizer na altura. Ele deixara-lhe o seu cartão e pedira que se alguma vez visse ou tivesse notícias de Rebecca Watson, por favor, o contactasse de imediato.

Na noite anterior, ela fizera-o. Mas não queria ficar demasiado excitado com aquele novo desenvolvimento. Ainda. Durante quatro anos seguira pistas que tinham parecido promissoras. Todas haviam levado a becos sem saída.

– Ela mudou – observou. Há quatro anos, também passara algum tempo com Rebecca Watson, mas

nunca tinham partilhado uma garrafa de vinho. As suas conversas tinham sido contenciosas. Ele interrogara-a a fundo. Durante horas. Dias. Ela dissera-lhe desde o princípio que nunca lhe revelaria o paradeiro do irmão e não o revelara.

– O cabelo dela está diferente – concedeu Eleanor Gaskin. – Mas isso muda-se com facilidade.

– Na altura usava óculos.

– Grandes, com aros de tartaruga. – Sorriu. – Achava que a faziam parecer mais profissional e lhe davam alguma vantagem quando tinha de mostrar que não era para brincadeiras. E, acredite em mim, ela não era para brincadeiras.

– Acredito em si – retorquiu ele, recordando o silêncio obstinado de Rebecca Watson em relação ao assunto do irmão. Nunca conseguira vergá-la e esse fracasso ainda o exasperava. – Sei que já cobrimos todas estas questões na época, mas talvez me tivesse falhado alguma coisa. Não se importa de me atualizar?

Voltaram aos seus lugares e, com um gesto, Eleanor convidou-o a fazer perguntas.

– Rebecca falava consigo sobre ele, Mistress Gaskin?

– Refere-se ao irmão?

Jack assentiu.

– Falava muito dele. Os pais tinham morrido, por isso eram só eles os dois. Eu estava quase tão preocupada quanto ela com receio que ele fosse ferido ou morresse no Afeganistão. Achava que ela não iria aguentar perdê-lo. Eram muito dedicados um ao outro. Quando ele voltou para casa, Rebecca ficou aliviada, muito feliz. Passaram momentos muito bons juntos. Ele adorava Sarah, fazia as vezes de pai. Ela adorava o tio. Depois... – Olhou para ele com tristeza e ergueu o ombro.

– Westboro.

– Sim.

Jack recordava-se da data do evento fatal. Estava gravada na sua memória tão indelevelmente como o nome do homem que ainda procurava. Depois, cinquenta e cinco dias após o tiroteio, a irmã também desaparecera.

Jack passara os quatro anos seguintes a explorar todas as hipóteses possíveis na tentativa de localizar Rebecca. Porque, como Eleanor dissera, os irmãos eram muito dedicados um ao outro. Encontrar Rebecca ajudá-lo-ia a encontrar o respetivo irmão. Infelizmente, pareciam possuir os dois um talento notável para desaparecer.

Rebecca trabalhara no departamento de compras de artigos para a casa do Macy's, um cargo com um bom ordenado e bónus de incentivos. Sem aviso prévio, nem sequer uma mensagem de voz, abandonara o seu emprego. Vagara o apartamento da noite para o dia, deixando um cheque na caixa do correio do superintendente que a desobrigava da renda. Fora o último cheque que passara da sua conta. Até hoje, essa conta ainda tinha mais de dois mil dólares. Levara a filha e fizera um passe de magia à David Copperfield, provando ser tão esquiva como o irmão.

– Certo dia não apareceu para trabalhar – disse Eleanor numa reflexão triste. – Telefonei-lhe o dia todo, deixei mensagens que não foram respondidas. Pensei que talvez Sarah estivesse doente.

No seguimento do divórcio, Rebecca Watson ficara com a custódia completa da filha. Depois do desaparecimento das duas, o ex-marido fizera algum barulho e averiguações por conta própria, mas desistira passados apenas alguns meses. Na opinião de Jack, não se esforçara assim muito. Por essa altura, já se casara outra vez. A nova mulher estava grávida. Tinha outras prioridades.

– Não consegui nada do ex-marido de Rebecca – comunicou agora a Eleanor. – E segui-o de perto durante anos. Sabia que não se importaria muito com a saída de Rebecca da sua vida, mas não conseguia acreditar que deixasse ir a filha assim com tanta facilidade.

– É um sacana egocêntrico e um idiota.

Jack sorriu face à franqueza dela.

– Não poderia estar mais de acordo. A filha desaparecera, mas ele parecia mais preocupado com o que lhe custaria um detetive privado para lhe seguir a pista.

– Estava a contar consigo para as encontrar.

– *Hum*, não exatamente. Disse-me que eu não conseguia encontrar um monte fedorento de caca numa rosa branca.

– Encantador. – Fez uma pausa. – Os cunhados detestavam-se um ao outro. Sabia?

– Rebecca contou-me isso.

– Era uma antipatia mútua e veemente.

Jack logo eliminara o ex-cunhado como pessoa a quem um experiente veterano de guerra e atirador de elite recorreria para pedir ajuda. Tinham-se mostrado hostis um com o outro desde o início do casamento de Rebecca.

– Eleanor, diga-me a verdade – pediu. – Depois do irmão dela desaparecer, enquanto eu andava numa roda viva a tentar encontrá-lo, Rebecca sabia onde ele estava?

– Ela jurou-me que não. Disse-lhe isso há quatro anos. Também lhe disse que acreditei nela.

– Toda a gente mente – retorquiui ele com suavidade, como se desfazendo um mito a uma criança. –

Mentem a bons amigos. Mentem especialmente às autoridades e sobretudo quando estão a tentar proteger alguém que amam. E o facto de Rebecca ter abandonado de súbito a sua vida aqui não lhe concedeu nenhuns pontos para lealdade. Não na minha opinião.

– Não, tenho a certeza que não. – A futura mãe ofereceu-lhe um pequeno sorriso. – Mas no que dizia respeito ao irmão, era leal até ao extremo, não era?

Quando Jack Connell chegou ao escritório do FBI em Manhattan depois da sua visita a Eleanor Gaskin, evitou toda a gente que parecesse querer conversa, foi direito ao seu cubículo e fechou a porta. À sua secretária, respondeu apenas aos *e-mails* e telefonemas urgentes, mas não fez nada que não fosse obrigatório para se pôr em dia numa segunda-feira de manhã.

Deixando tudo o resto à espera, abriu a gaveta da sua secretária reservada a uma pasta de arquivo com uma capa muito gasta, na qual estava carimbado um nome a tinta vermelha. Deixando cair a pasta sobre a secretária, amaldiçoou o nome e o homem que o usava, abriu a pasta e, depois de remexer um pouco, localizou uma fotografia de Rebecca Watson que fora tirada há quatro anos pelo próprio Jack, enquanto vigiava o apartamento dela, na esperança de que o irmão lá aparecesse.

A semelhança com a mulher no vídeo era notável, mas não podia ter a certeza absoluta de serem uma e a mesma pessoa e também não acreditava que Eleanor Gaskin a pudesse ter, embora não duvidasse da sua convicção.

Ainda estava a comparar os dois rostos cinco minutos depois quando alguém bateu à porta e o seu colega, Wes Greer, um analista de dados, espreitou.

– Agora é boa altura?

– Claro, entra.

Telefonara a Greer para lhe pedir um favor na sua caminhada entre o edifício de pedra acastanhada, onde Mrs. Gaskins vivia, e a estação de metro mais próxima. Greer era sossegado, pálido, de aspeto absolutamente vulgar, mas brilhante. E conseguia manter a boca fechada o que, na opinião de Jack, era um trunfo valioso.

Sentou-se diante de Jack.

– Telefonei para a estação televisiva em Olympia e falei com o repórter que cobriu a história. Havia centenas de manifestantes. Mas esse grupo em particular foi levado de autocarro até ao capitólio vindo de Seattle. A razão para terem aparecido no filme? Ele disse que eram os mais ruidosos e expansivos.

– Investigaste em Seattle?

– Encontrei uma Rebecca Watson no condado. Vive num lar. Nascida em mil novecentos e quarenta e um. O que a torna...

– Velha de mais. *Raios!*

– Vou continuar a tentar. Alargar a rede.

– Obrigado, Wes.

Levantou-se e chegou à porta.

– Oh, quase me esquecia. Sexta ao fim do dia, já tinhas saído para o fim de semana, consegui mais informação sobre o treinador de Salt Lake City. Vai andar, mas nunca mais conseguirá dar um pontapé noutra bola de futebol americano. Os tempos de treinador passaram à história.

– Foi o treinador que te disse isso?

Greer abanou a cabeça.

– Consegui encontrar o especialista dos ossos que reconstituiu o fémur. Disse que foi preciso muita supercola.

– Estava a ser eufemístico?

– Não tenho a certeza. Afirmou que os ossos eram lascas.

– O que tinha a dizer o treinador?

– Nada. Mal me identifiquei, desligou. Tal como os outros.

Jack olhou para a pasta.

– Não os posso censurar. Têm medo de falar.

– Eu também teria.

– Alguma ideia de quem será o próximo?

– Estou a trabalhar nisso – retorquiu Greer. – Mas, sabes, as coisas amontoam-se.

– Por agora, continua com Seattle.

Greer saiu. Jack fitou absorto, a porta fechada durante vários momentos e depois o olhar voltou a recair na pasta. Pondo de lado a foto de Rebecca Watson, fitou a outra que estava por baixo, a do irmão.

A fotografia tinha sido tirada antes de o homem se ter tornado amargo e irado e ter perdido a vontade de sorrir. Na foto, havia uma sugestão de sorriso no canto da boca. Mas, se a estudássemos com tanta frequência e atenção como Jack fizera, detetar-se-iam já lá as linhas fracas nos lábios, como parênteses, quase a pressagiarem a maldição que colocaria sobre si próprio em Westboro.

Jack resmoneou a pergunta que fizera um milhar de vezes:

– Onde estás, seu filho da mãe?

Capítulo 9



Jeff, que tinha estado a passar os canais, largou o comando para atender o telemóvel.

– Está?

– Jeff? É a doutora Butler, do consultório.

Raios!

– *Hum, hum.*

– Estou em alta voz com o doutor James. Estamos a telefonar para saber o que se passa com Emory. Não veio esta manhã e não temos conseguido apanhá-la nem no telemóvel nem em casa. Está tudo bem?

Jeff soergueu-se e rodou as pernas para o lado da cama.

– Foi passar o fim de semana fora.

– Sabemos disso. Mas percebemos que estaria de volta esta manhã. Tem consultas marcadas. Ao princípio, pensámos só que estava atrasada, o que não é típico dela, e a rececionista lá conseguiu conciliar as marcações. Funcionou durante algum tempo, mas agora a sala de espera está a abarrotar. A rececionista vai ter de começar a remarcar as consultas de Emory se ela não aparecer já.

– É melhor fazer isso. Quero dizer, remarcar as consultas.

– Para amanhã?

– Pensando bem, poderão querer aguentar até... até sabermos de certeza quando volta ela.

Conseguia ouvir os dois colegas de Emory a falarem em sussurros, mas não percebia o que estavam a dizer. Por fim, o Dr. James disse:

– Não sabemos de que outra forma perguntar isto, Jeff, exceto de forma direta. O que se passa? Não temos nada a ver com a vida pessoal de Emory, mas não aparecer para trabalhar, faltar aos compromissos com os doentes, não é nada dela. Contactámos o hospital para ver se ela fizera a ronda esta manhã. Disseram-nos que tinhas telefonado ontem a perguntar por ela expressando alguma preocupação. Já falaste com ela?

– Não. – Percebendo que não podia continuar a empatar aquilo, transmitiu as notícias inquietantes. – A verdade é que não tenho notícias dela desde sexta à noite. Mas – apressou-se a dizer – tínhamos tido uma discussão na quinta à noite. Uma estupidez, de facto. Quando ela não ligou no fim de semana, calculei que tinha considerado que estávamos zangados e que não nos falávamos. De forma imbecil, decidi esperar

que acabasse a zanga.

– Oh.

Uma sílaba e Neal James aplicava-a como a lâmina de uma guilhotina. Fora sempre um cretino para Jeff, com um ar de superioridade que era tão óbvio como aquele nariz espetado.

A tentar não parecer na defensiva, Jeff continuou:

– Não fiquei alarmado porque Emory não tinha sido muito específica sobre quando planeava voltar. Falou em ficar no sábado à noite também. Por isso, não me preocupei até ontem à tarde quando continuei a não ter notícias dela.

– Não tiveste qualquer contacto desde sexta à noite?

– Correto.

A reação chocada da Dra. Butler foi perguntar se Jeff comunicara a ausência inexplicada de Emory à polícia.

– Sim. Vim até cá ontem, a cidade chama-se Drakeland e comecei a procurá-la no motel onde passou a noite de sexta. Foi jantar cedo no café ao lado. Telefonou-me do quarto a dizer que se ia deitar. O rasto parou aí.

– Ela ia correr no sábado de manhã, certo? – disse a Dra. Butler. – Alguém a viu a sair do hotel?

– Não, mas sabes como ela é. Gosta de começar cedo, por isso se calhar saiu antes da luz do dia. O funcionário da receção registara o cartão de crédito na noite anterior, quando ela entrou, por isso não tinha necessidade de ir à receção antes de partir.

– E não voltou ao motel no sábado à noite?

– Não. Mas também não planeava. Levou todas as suas coisas quando partiu.

– Isso é motivo para mais preocupação ainda – replicou o Dr. James.

– Concordo – disse Jeff. – Mal o soube, notifiquei o departamento do xerife.

– E? O que disseram? O que estão a fazer?

– Nada ainda. Disseram-me que era demasiado cedo para entrar em pânico, mas, como disse, isto não é nada típico de Emory. Foi isso que expliquei ao agente com quem falei. Mesmo que estivesse zangada comigo, não faltaria às consultas.

– O que podemos fazer?

Conseguia perceber pela voz da Dra. Butler que ela estava profundamente preocupada, mas a tentar não pensar no pior. Disse:

– Por agora, aguentem aí o forte. Emory detestaria prejudicar os doentes. Digo-vos logo que souber alguma coisa. Tenho de comunicar com o departamento do xerife daqui a uma hora.

– Talvez devesse ir já. Outra hora é uma hora perdida.

Não pedira o conselho do Dr. James e ficou melindrado por ter sido dispensado de forma tão santimonial, mas respondeu em tom neutro:

– Ia sair quando telefonaram.

Depois de prometer mantê-los informados e trocaram despedidas, olhou-se no espelho da cómoda. As calças de flanela e camisola de seda sobressairiam aqui numa zona de fatos-macaco, mas Deus o livrasse de se integrar.

Receava esta missão, mas agradava-lhe ter uma razão para sair do quarto do motel, que deixava muito a desejar.

Drakeland era a capital de um condado grande e sobretudo rural. O departamento do xerife estava movimentado apesar do tempo inclemente. De facto, por causa dele. Enquanto Jeff esperava a sua vez no vestíbulo, a tentar afastar a bainha do casaco comprido do chão sujo, havia um fluxo constante de funcionários e civis a sair, a entrar e a lidar com problemas relacionados com o tempo, como o grande

camião articulado que ficara com a caixa de lado e paralisara o tráfego na estrada nacional em ambas as direções.

Uma mulher continuava a falar aos gritos do telhado caído do celeiro e dos cavalos presos lá dentro. O gerente de uma loja de ferragens preenchia uma queixa sobre o furto de uma lanterna de querosene.

Era um zoo.

Por fim, o agente com quem Jeff falara na noite anterior apareceu a uma porta dupla e fez um gesto para Jeff avançar.

– Detesto vê-lo aqui, Mister Surrey.

– Disse-lhe que ela não tinha fugido.

– Venha então.

O agente Sam Knight, precedido da sua grande barriga, levou Jeff para uma sala de esquadra, onde pessoal com ar stressado estava a lidar com a inundação de pessoas no vestíbulo. Knight fez sinal a Jeff para se sentar na cadeira diante da sua secretária atravancada ao mesmo tempo que se afundava num cadeira giratória. A placa com o nome sobre a secretária designava-o como *Sargento Detetive*. Jeff achava que Knight era um pouco simples de mais para o título.

– A minha mulher é uma pessoa responsável. Não...

Knight ergueu uma mão tão grande e rosada como um presunto.

– Um pouco de paciência, Mister Surrey. Temos de tratar das coisas básicas primeiro. Colocou um par de óculos de leitura e bateu com o dedo no teclado do computador até que apareceu no monitor um impresso em branco. – Qual é o nome completo de Mistress Surrey?

Jeff explicou por que razão Emory usava o seu apelido de solteira.

– E é médica.

– Como se escreve *Char-ban-o*?

Usando o método de procurar no teclado e bater com o dedo, Knight preencheu toda a informação pertinente sobre Emory: número da segurança social, idade, altura, peso.

– Um metro e sessenta e sete. Cinquenta e cinco quilos. Então ela é... magra? – perguntou o detetive, espreitando para Jeff por cima das lentes manchadas dos óculos.

– Sim. Está em excelente forma física. É um corredora de fundo. Maratonas.

– Pois, mencionou isso a noite passada. – Depois perguntou qual era a cor do cabelo.

– Mais para o loiro. De facto, de um castanho muito claro, com madeixas. Mais ou menos por aqui. – Jeff tocou na clavícula.

– Olhos?

– Cor de avelã.

– Vestida como, a última vez que foi vista?

– Não sei.

As mãos de Knight imobilizaram-se no teclado. Virou a cabeça para olhar para Jeff, que explicou de forma algo impaciente:

– A última vez que a vi usava um par de calças de ganga, botas altas castanhas e uma camisola cor de camelo. Levava o casaco na mão. Mas, como lhe disse a noite passada, planeava fazer uma corrida de longa distância no sábado. Presumo que terá saído do hotel vestida com roupas de corrida.

– Que tipo usa em geral?

Jeff descreveu-as pelo nome da marca.

– São de alta qualidade, concebidas para corredores a sério. Ela contava que estivesse frio. Teria um casaco de fecho-éclair. Qualquer coisa térmica por baixo. Luvas. Habitualmente, usa uma dessas fitas à volta da cabeça para o cabelo não cair para a frente e manter as orelhas quentes. Óculos de sol, talvez.

– Tem alguma fotografia dela?

– Em casa. Mas há muitas na internet.

Knight utilizou um motor de pesquisa e conseguiu logo uma série de resultados.

– É ela?

Jeff assentiu quando o agente apontou para uma fotografia de Emory, tirada na inauguração do consultório com os Drs. Butler e James.

– Mulher bonita.

– Obrigado.

– Que tipo de médica? – perguntou Knight.

– Pediatra.

– Estes dois ainda são sócios dela?

– Sim. Falei com eles há meia hora. Também não tiveram notícias dela.

– Dão-se todos bem?

– Claro.

– Não há rivalidades profissionais?

Jeff soltou um suspiro de exasperação.

– Está a bater à porta errada. Os colegas dela estão muito preocupados.

– Está bem. Estou só a perguntar. Vou perguntar muitas coisas que podem parecer irrelevantes ou apenas francamente indiscretas. Mas, infelizmente, as perguntas embaraçosas são por vezes necessárias.

É talvez o pior aspeto do meu trabalho.

Jeff duvidava da exatidão daquela afirmação, mas não a contestou.

Knight deu uma vista de olhos a alguns dos outros *links*.

– É uma senhora ativa.

– Muito.

– Tem a certeza que ela não está numa dessas coisas de caridade?

Jeff inspirou fundo e soltou o ar com lentidão.

– Ela veio para aqui na sexta à tarde para poder correr num trilho de montanha no sábado. Como treino.

– Sabe que montanha, que trilho?

– Assim de repente não. Ela mostrou-me um mapa. Se o vir, talvez me consiga lembrar.

– Sabe em que parque?

– Há mais do que um?

Knight fitou-o apenas durante vários segundos e depois disse:

– Só nesta região da Carolina do Norte temos quatro florestas nacionais e fundem-se com o parque Great Smoky e Cherokee no Tennessee. Depois se for para sul, para a Georgia...

– Estou a começar a entender – retorquiu Jeff, interrompendo a aula de geografia. – Não sei que parque nem que montanha. Mas ela passou a noite aqui em Drakeland, por isso o sítio lógico para começar a procurá-la será a zona de pedestrianismo mais próxima.

Knight pareceu pessimista.

– Isso ainda nos dá uma série de opções, uma série de quilómetros quadrados para cobrir.

– Lamento não saber mais sobre o destino dela. Porém, o que sei é que ela não iria para «uma dessas coisas de caridade» sem me dizer.

Impávido com a impaciência, Knight retorquiu:

– Não, provavelmente não. E outros membros da família?

– Eu sou a única família dela.

– Mais ninguém que ela pudesse ter ido visitar e decidido ficar?

– Não.

– Amigos?

– Telefonei a toda a gente em que consegui pensar, mas ninguém a viu ou teve notícias dela. O que receio signifique... signifique que alguma coisa lhe aconteceu.

O detetive inclinou-se para a frente e apoiou os braços na beira da secretária.

– Está a recear o pior, Mister Surrey. Não o censuro. Eu se calhar também o faria. Mas posso dizer-lhe que, em todos estes meus vinte e tal anos neste departamento de xerife, amachei e deitei fora todos os relatórios de pessoas desaparecidas que preenchi. As pessoas aparecem 99,9% das vezes. É o 0,1% que chega aos noticiários da noite e nos dá pesadelos a todos. Por isso, mantenha uma atitude positiva, está bem?

Jeff assentiu.

– Vou tentar.

– A primeira coisa que faremos é começar à procura do carro dela. – Chamou uma agente a quem se dirigiu como Maryjo e forneceu-lhe a marca, modelo e matrícula do carro de Emory que Jeff providenciara. – O mais depressa possível – disse.

Maryjo prometeu ir logo tratar do assunto, mas avisou-o que o tempo iria representar um grande obstáculo.

– Tenho carros a deslizar de estradas por todo o lado. A maior parte das estradas de montanha menos percorrida foi fechada ontem, mas vou pôr a polícia montada a tratar disso. Claro que estamos a falar de três estados, a não ser que também incluamos a Carolina do Sul e nesse caso são quatro.

Jeff ficou impressionado. Ela sabia somar três mais um.

Quando ela se afastou, Knight chamou outro agente e apresentou-o como Buddy Grange. Apertou a mão a Jeff e puxou uma cadeira para se juntar a eles.

– Sam enviou-me um *e-mail* do registo de pessoa desaparecida da sua mulher. Já estou informado.

– Maravilhoso – replicou Jeff, a tentar não parecer muito sarcástico. – Quando começamos de facto a procurá-la?

– Mais algumas perguntas primeiro – disse Knight. – Estaria Emory na posse de uma arma?

– Arma?

– As pessoas que fazem caminhada nas montanhas em geral levam algum tipo de proteção. *Spray* de pimenta. Repelente para ursos. Que, na minha opinião, é uma fraude, mas se as pessoas se sentem mais seguras...

– Estamos no inverno. Os ursos não estão a hibernar?

– Em teoria – retorquiu Knight, esboçando um sorriso. – A sua mulher tem uma pistola?

– Caramba, não. E nada do que mencionou antes. Não que eu tenha conhecimento.

– E você?

– Sim. E tenho licença de porte de arma. – Extraiu a carteira do bolso das calças e mostrou-lhes o documento emitido pelo estado da Georgia. – Posso mostrar-lhes a pistola. Está no porta-luvas do meu carro.

– Está bem. Mais tarde. – Knight lançou uma olhadela a Grange antes de voltar a Jeff. – Disse que ela saiu na sexta, mas o senhor não veio ter connosco senão a noite passada. Isso representa o quê, cerca de quarenta e oito horas?

– O que foi uma decisão incorreta, *terrível*, da minha parte. Percebo isso agora.

– Porque esperou? – perguntou Grange. O nome Buddy não condizia com ele. Era mais novo, mais magro, mais arguto do que Knight. Não tão rústico.

– Emory comentara comigo que podia ser difícil correr este trilho. Mencionou a altitude como fator importante. Também sofreu uma fratura de stresse no pé direito o ano passado. Estava preocupada com isso. Por todas essas razões, sabia que ia ser esgotante e disse-me que poderia não querer vir a guiar para casa no sábado, que poderia ficar mais uma noite a descansar. Quando não tive notícias dela, calculei que fora isso que decidira fazer.

– Descreveria a sua mulher como conscienciosa? – perguntou Grange.

– Ele chamou-lhe responsável – ofereceu Knight.

– É – disse Jeff. – Muito conscienciosa e responsável.

Grange franziu o sobrolho.

– Então parece-me que o senhor teria ficado preocupado quando ela não telefonou para lhe dizer que não iria para casa no sábado à noite.

– Fiquei preocupado.

– Mas esperou outras vinte e quatro horas antes de empreender a viagem até cá para procurá-la.

– Já admiti o delito como má decisão da minha parte. Mas disse-lhe a *ele* – apontou para Knight – *a noite passada* que receava que tivesse acontecido alguma coisa a Emory. Ele desvalorizou a minha preocupação. Se o senhor e este... – Olhou em volta, demorando o olhar na mulher do celeiro que abatera e que chorava agora um cavalo morto. – Se este departamento mal gerido não fez nada em relação ao seu inexplicado desaparecimento durante outras doze horas, a culpa é vossa, não minha.

Com compostura exasperante, Knight disse:

– Ninguém está a culpá-lo, Mister Surrey.

– Não foi o que me pareceu. O que ele disse pareceu-me uma insinuação.

Grange, impávido, perguntou:

– O que insinuei?

– Negligência da minha parte. Indiferença. Nada que seja verdade ou correto.

Knight inclinou-se outra vez para a frente e ofereceu-lhe aquele sorriso rústico.

– O detetive Grange não estava a insinuar nada, Mister Surrey.

Jeff mirou-os aos dois com frieza, mas não disse nada.

– Só que... a questão é... – Knight remexeu-se na cadeira e retraiu-se como se tivesse inflamado uma hemorroida. – Aquele 0,1% de pessoas desaparecidas que mencionei antes? Em geral, a pessoa que comunica que estão desaparecidas é a própria pessoa que sabe onde elas estão.

Capítulo 10



Qualquer confiança que ele tivesse conquistado desvaneceu-se mal ela viu aquela maldita pedra e tirou a conclusão lógica.

Passara-se durante vários minutos, durante os quais lutara como um gato selvagem. Ele tentara dominá-la sem a magoar, mas ela continuou a arranhar, a pontapear e a bater-lhe. Um dos socos acertou no arranhão que lhe fizera no dia anterior. Reabriu e começou a sangrar. Não parou de se debater até sucumbir de pura exaustão. Caso contrário, não estaria tão dócil como estava agora.

Dócil talvez, mas tensa como uma corda de harpa. Ele depositara-a na beira do sofá, onde ela se sentava agora a abraçar os cotovelos, literalmente a segurar-se. Ele aproximou-se e estendeu-lhe um copo de uísque.

– Tome, beba isto.

– O caraças. – Empurrou o copo, entornando o uísque sobre ele.

– Que desperdício de bom licor. – Sorveu-o das costas da mão.

– Gostaria que eu me embebedasse, não era? Tornava-me mais manejável?

– Não servi o suficiente para a embebedar, só o suficiente para a acalmar.

– Não quero acalmar, muito obrigada. – Atirou a cabeça para trás e lançou-lhe um olhar furioso. – Porque não funcionou a pedra?

– Funcionou. Pô-la inconsciente.

– E depois arrastou-me para aqui.

– Na verdade, trouxe-a na minha carrinha. Veio para aqui afundada no banco do passageiro. O cinto de segurança impedia-a de cair para o chão.

– Porque me trouxe para aqui? – Examinou-o com o que parecia ser tanto perplexidade quanto medo. – Se queria matar-me, porque não me asfixiou quando eu estava a dormir?

– Isso não dá emoção nenhuma.

Ela fez um gesto para o teto.

– Fico à espera que me enforque naquela barra e esventre como um veado?

Ele olhou para a barra e franziu o sobrolho.

– Demasiada emoção. Muito esforço para içar. Grande porcaria para limpar depois. Em vez disso,

porque não bebe só o uísque enriquecido com veneno? – Estendeu-lhe outra vez o copo. – Não? Muito bem então – disse quando ela não se mexeu.

Bebeu a bebida de um trago. Ela podia não querer acalmar, mas ele bem que precisava. Pousou o copo na mesinha de apoio e continuou:

– Aquilo era tudo parvoíce, sabe, só uma brincadeira.

Sem disposição para brincadeiras, ela continuou a abraçar-se, a baloiçar-se para a frente e para trás, obviamente perturbada.

– Estava a começar a acreditar...

– Quê?

– Que não pretendia fazer-me mal.

– Não pretendo.

Ela soltou uma risada curta e lançou uma olhadela ao saco incriminatório pousado na mesa de jantar.

– Apesar de provas em contrário.

Comprimida ali, ela parecia pequena, desamparada, assustada. Ele admirou a determinação que ela precisava de ter para não chorar quando os olhos lhe tremulavam de lágrimas. O medo evidente afetava-o muito mais do que a forma como se debatera e pontapeara.

Sentou-se ao lado dela, ignorando o facto de ela se ter retraído para impedir que os respetivos ombros se tocassem.

– Nunca quis que visse aquela pedra.

– Então devia ter encontrado um esconderijo melhor.

– Temporário. Entretanto, nunca pensei que fosse remexer na caixa da lenha.

– Ninguém teria esperado uma descoberta tão horrorosa lá no fundo.

– Horrorosa sim. Com o seu sangue e cabelo. Sabia que ia ficar transtornada se a visse.

– Pode crer que sim – replicou ela com veemência. – E acreditei em si quando me disse que eu tinha caído.

– Eu não disse isso, você é que o presumiu. Eu disse que a encontrara inconsciente no chão.

– Porque me deu uma pancada na cabeça com aquela pedra!

– Não, *Doc*. Não dei.

– Guardou-a como troféu?

Ele não lhe deu a satisfação de uma resposta. Ela gemeu.

– Desejava que acabasse logo com isso.

– O quê?

– Seja o que for que me vá fazer. Não teria de continuar a temer, a receá-lo. O *suspense* está a dar cabo de mim. Faz parte da tortura?

Tinha as mãos nos joelhos, os punhos cerrados com tanta força que todo o sangue se esvaíra delas. Estavam brancas e frias ao toque quando ele colocou a mão por cima.

Quando ela tentou puxá-las, ele aguentou firme.

– Olhe para mim.

Ela virou a cabeça e olhou diretamente para os olhos dele. Os dela eram cor de avelã, mais verdes do que castanhos. Os pontinhos cor de laranja, que ele pensara ao princípio ser um efeito da luz, eram verdadeiros. De tão perto, poderia tê-los contado.

– Não lhe fiz mal. Não *vou* fazer-lhe mal. Quantas vezes terei de lho dizer para acreditar?

– Acreditarei quando me deixar contactar...

– Ainda não.

– Quando?

– Quando a puder entregar em segurança.

– Mas entretanto as pessoas estão preocupadas comigo.

– Tenho a certeza que estão. Mas não precisam de estar. E não precisa de ter medo de mim. Não há motivo nenhum.

– Como pode dizer isso quando nem sequer me diz o seu nome ou alguma coisa sobre si?

– Muito bem. Se lhe disser uma coisa, para de lutar contra mim e de tentar fugir?

Ela assentiu.

Sabia que ela estava a fazer uma promessa falsa, mas talvez a acalmasse se ele lhe contasse uma coisa que não revelasse nada.

– Também perdi os meus pais.

– Amava-os?

– Sim.

– Eles morreram antes ou depois de... daquilo que fez?

– Antes. Pelo que estou contente.

– O que fez?

– Não torne a perguntar, *Doc*. Não lhe direi. – Olhou para a mão que ainda cobria as delas e percebeu que o seu polegar estava, reflexivamente, a acariciar-lhes as costas. A sua mente começou a rodopiar com imagens eróticas de outras partes da pele dela que gostaria de acariciar. – Se lhe dissesse, ficava mesmo com medo de mim.

Movimentando-se com rapidez, antes que invalidasse todas as promessas que lhe fizera, ergueu a mão das dela e levantou-se. Mantendo-se de costas, apanhou o saco de cima da mesa e enfiou-o debaixo do braço. Depois foi até à porta, tirou o casaco, cachecol e gorro do cabide.

– Durante a sua crise, reabriu o corte na cabeça. Tem sangue fresco no cabelo. Poderá querer repensar aquele duche.

Fechou a porta com estrondo atrás de si e manteve-se debaixo do alpendre até ter vestido a roupa. O vento era suficientemente forte para dobrar copas de árvores. Soprou-lhe neve e pedaços de gelo para os olhos quando atravessou o pátio em direção ao barracão dos arrumos.

Colocou o saco numa prateleira alta e pôs um rolo de arame em frente. Arrastou depois uma palete de madeira para fora do barracão até ao cepo de cortar lenha na extremidade mais distante da estrutura. Carregar toros de lenha recém-cortados para a palete era trabalho que não puxava pela cabeça, por isso podia fazê-lo sem pensar.

O que lhe deixava a mente livre para se concentrar em Emory Charbonneau.

Incomodava-o que a desconfiança instintiva dela fosse tão forte.

Incomodava-o ainda mais por ser válida.

Nada mais, ninguém mais, alguma vez o distraíra do seu propósito. Ela sim. A preocupação que sentia por ela era imprudente, potencialmente perigosa e podia ser ruínosa. Lutava contra ela, mas sentia-se a perder terreno sempre que olhava para ela... e sempre que ela retribuía o olhar.

Fez três viagens entre a pilha de lenha e os toros de madeira cortados empilhados contra a parede sul exterior da cabana, onde estavam semiprotégidos dos elementos. Quando terminou, voltou a arrumar a palete no barracão.

Lá dentro, abrigado do tempo, com a respiração a formar vapor no ar frio, descalçou a luva e tirou o berloque prateado do bolso das calças de ganga.

Emory não reparara que o perdera e esperava que não o fizesse e o pedisse de volta. Esfregou-o entre o polegar e indicador e reconheceu que fora muito juvenil e uma tolice sentimental conservar secretamente uma lembrança dela. Em toda a sua vida, nunca guardara nada para se recordar de uma

mulher, nem sequer se ela própria lhe tivesse dado essa lembrança. *Especialmente*, se ela própria lhe tivesse dado a lembrança.

Não era romântico. Nunca fora. Quando se esquecera de mandar comprar flores para a rapariga que levava ao baile de formatura, Rebecca ficara irritada.

– Quem quer saber de parvoíces dessas? – resmungara ele.

Furiosa ela exclamara:

– Eu quero! Importa-me ser a irmã de um idiota absoluto e completo. – E encomendara ela própria as flores para o par dele.

Nunca mais se ia calar se soubesse...

Mas ela nunca saberia de Emory Charbonneau. Ninguém saberia. O tempo que ela passara com ele seria um segredo que ele levaria para o túmulo. Tinha de a deixar partir. Deixá-la-ia partir. Mas, pelo menos, teria aquele berloque como recordação.

Voltou a pô-lo no bolso e calçou a luva. Antes de sair do barracão, olhou para a prateleira onde arrumara o saco para se certificar que, desta vez, estava bem escondido, depois saiu e trancou a porta atrás de si. No alpendre da cabana, bateu com os pés para soltar a neve e gelo que se tinham colado às botas e depois empurrou a porta.

Mal entrou, foi recebido pelo perfume familiar do seu sabonete e champô. Emory estava de pé em frente da lareira, a dobrar roupas molhadas nas costas de uma das cadeiras de jantar que chegara para perto do lume. Tinha o cabelo húmido. Em vez das roupas de corrida, usava outra das suas camisas de flanela e um par das suas meias.

E parecia ser tudo.

Entre a bainha da camisa, que lhe dava pelo meio das coxas, e as meias enfaixadas à volta dos tornozelos, não havia nada senão pernas lisas. Eram pernas de uma corredora, esguias e compridas, barriga de pernas e gémeos bem delineados sob pele retesada.

Ela acabou de colocar as calças de malha justas por cima da travessa superior das costas da cadeira, endireitou a peça de vestuário até ficar satisfeita e chegou a cadeira um pouquinho mais para perto do guarda-fogo antes de se virar para ele.

– Aceitei a sua oferta de um duche. – Fez um gesto para as meias e depois passou a mão pela abertura da camisa onde apenas alguns botões tinham sido apertados. – Espero que não se importe de eu ter ido buscar estas coisas emprestadas.

Com dificuldade, ele apartou o olhar da bainha da camisa. Como resposta, abanou a cabeça num não.

– É maravilhoso sentir-me limpa.

Ele assentiu com a cabeça.

– Também lavei as minhas roupas.

Ele olhou para as peças de roupa molhada, mas não teceu comentários.

– A minha cabeça parou de sangrar.

Murmurou qualquer coisa rouca que soava como:

– Ótimo.

Despiu o casaco, gorro e cachecol, virou-se para os pendurar no cabide e manteve lá as mãos, os dedos enterrados fundo na trama de lã do cachecol, como se para salvar a própria vida, porque todo o sangue do seu sistema parecia ter-se acumulado num sítio crucial e a concentração era tão espessa que chegava a ser doloroso.

Dirigiu-se à zona da cozinha, puxou a garrafa de uísque do armário e serviu-se de outro *shot*. A meio caminho para a boca, parou e lançou-lhe uma olhadela por cima do ombro.

– Mudou de opinião em relação a isto também?

– Não. Obrigada.

Despejou a bebida. Queimou a descer e fez efervescência no estômago como uma bombinha, mas deu-lhe algo mais em que pensar ao invés de pele lisa e limpa e como seria macia e quente sob a velha camisa de flanela. Debaixo *dele*. A mexer-se debaixo dele.

– Disse que me tinha estado a observar através dos binóculos.

– Quê?

– Naquela manhã, quando... quando eu caí. Disse que tinha estado a observar-me.

– Quando estava a... – *Alongar. Arquear-se. Dobrar-se.* – Junto ao seu carro. Antes de começar.

– O que estava ali a fazer?

– Uma caminhada.

– Nada mais?

– Não. – Agarrou a borda da bancada e continuou a espreitar lá para fora pela janela por cima do lava-loiça. Não confiava em si próprio para a encarar.

– O que fez com que reparasse em mim?

As suas pernas naquelas calças de malha preta. O seu traseiro. Meu Deus, o seu traseiro.

– Estava só, sabe, a explorar a zona com os binóculos, a ver a vista. Suponho que detetei movimento.

– Porque não gritou um olá?

– Estava demasiado longe. Mas fiquei curioso.

– Curioso porquê? Eu não parecia uma pessoa que ia só correr?

– Pois, mas admirei-me por estar sozinha. A maior parte das pessoas, seja o que for que estejam a fazer em terreno acidentado, fá-lo com outra pessoa. Você não. Estava sozinha.

– Mas estou habituada a isso.

A torneira gotejava. Durante algum tempo, aquele pingar, a intervalos de quinze segundos, foi o único som na sala. No mundo.

Depois ela disse:

– Foi disso que não falámos.

Ele rodou a torneira para ver se conseguia parar o gotejamento.

– Como?

– Esta manhã perguntei-lhe como aguentava o silêncio, o tédio e a solidão. Falámos das outras duas coisas, mas não da solidão.

A torneira parou de pingar, mas manteve-a bem agarrada como se a fosse puxar das suas amarras.

– Não se sente só?

Seria a sua imaginação ou a voz dela baixara de volume e timbre?

– Às vezes.

– O que faz em relação a isso?

Não, não era a sua imaginação. A voz dela vibrava com um tom baixo e íntimo. Estava rouca, como se tivesse afinal bebido o uísque e lhe tivesse crestado a garganta. Soltou as mãos da torneira da água e virou-se com lentidão. Ela aproximara-se apenas até à mesa de jantar, onde estava parada como se à espera de um sinal dele para o que deveria fazer a seguir.

– Não creio que se esteja a referir à solidão em geral, pois não, *Doc*?

Ela rolou os ombros num movimento que podia ter significado qualquer coisa.

– Está a perguntar se me sinto só, com vontade de uma mulher?

– Sente?

– Com frequência.

– O que faz?

– Vou buscar uma.

A resposta sem rodeios teve o efeito que ele pretendia. Chocou-a como tudo.

– Como me apanhou a mim?

– Não. Você foi diferente. Você foi um achado de sorte.

Ela ficou ali indecisa durante talvez meio minuto, com os olhos a dardejarem para isto e aquilo, mas desviados dele. Conseguiu perceber qual o instante em que ela decidiu persistir, porque os olhos interromperam aquela busca inquieta de... o quê? Coragem, talvez. De qualquer modo, regressaram a ele.

– Estava a falar a sério? – perguntou.

– O quê?

– Quando disse que não me faria mal?

– Sim.

Ela esperou, como se aguardasse que ele se desdisse, e depois retorquiu:

– Obrigada por tomar tão bem conta de mim.

– Já me agradeceu.

– Sim, mas essas outras vezes não contam.

– Porque não?

– Porque eu estava só a tentar aplacá-lo.

– Aplacar-me?

– Porque tenho estado com muito medo.

– No passado? Já não tem medo de mim?

– Não quero ter.

Deu um passo para ele e depois outro e continuou a avançar até estar à distância de um toque. Estendeu a mão direita.

– Amigos?

Ele olhou para a mão dela, mas não lhe pegou. Em vez disso, colocou-lhe as mãos nos ombros e puxou-a para ele. Ela baixou a cabeça, para não o fitar nos olhos, mas não lhe sacudiu as mãos, nem recuou, nem se retraiu como fizera todas as vezes que ele chegara assim tão perto.

Deu uns passinhos para encurtar a distância entre os dois e comprimiu a testa no centro do peito dele. Ele deslizou-lhe as mãos pelas omoplatas até às costas, puxando-a de forma incremental, mas inexorável, para mais perto e, quando os corpos ficaram ao mesmo nível, ela virou a cabeça e apoiou a face diretamente sobre o coração dele.

Ele alinhava as pontas dos dedos nos sulcos da coluna dela e moveu-os para cima e para baixo até que uma mão se pousou ao fundo das costas. E aí ficou. E aí massajou círculos e aplicou pressão suficiente para a inclinar para cima e a ajustar a ele no encaixe das coxas dela, o que a fez prender a respiração.

E depois pararam os dois de respirar.

Ela inclinou a cabeça para trás, ergueu-a para o rosto dele com aqueles olhos límpidos e, quando o fez, tudo passou a poder acontecer. Tinha de a possuir. Enfrentaria o inferno para estar dentro dela. Estava a afundar-se, a afundar-se, a afundar-se...

A sua boca estava quase sobre a dela... tão perto de a beijar, que conseguia sentir a humidade da respiração dela nos seus lábios, conseguia saboreá-la... mas conteve-se. Sussurrou:

– Quase me apanhou, *Doc*.

Ela sacudiu a cabeça e pestanejou.

– Quê?

– Quase cá nisto.

– Não sei o que quer dizer.

– O raio é que não sabe. Toda cheirosa. Nada senão um corpinho *sexy* debaixo dessa camisa. – Passou os dedos pela curva superior do peito dela que intumescia no decote aberto. – Com um ar fofo e suficientemente doce para me fazer salivar.

Esfregou-se contra ela de forma sugestiva.

– Sabe o que quero e pensou que se mo desse, então eu ficaria *aplacado* e levá-la-ia para casa. Bem que podia ter subido para um altar e ter-se oferecido.

Emitiu um som irónico.

– Aprecio o gesto. Verdade. Para não falar da vista. – Atirou a cabeça para trás num determinado ângulo para poder vê-la por inteiro. – Mas não estou numa de fazer sexo com uma mártir.

Zangada, ela empurrou-lhe o peito e tentou desenhencilhar-se dos braços dele.

Mas ele continuou a agarrá-la e, de facto, puxou-a com força para mais perto, meneando-se contra as coxas abertas dela com inequívoca implicação.

– Mas cá vai um aviso, *Doc*. Dá-me outra oportunidade para lhe pôr as mãos em cima e vou pô-las mesmo no seu corpo todo. Está a perceber? Não vou imaginá-la nua, vou *vê-la* nua. Ofereça-se outra vez e ignorarei todas as razões por que não deveria fodê-la.

Mais tarde, perguntou a si próprio o que teria acontecido nos segundos seguintes se a camioneta não tivesse resvalado da estrada e batido na árvore.

Capítulo 11



Os travões chiaram. Soltou Emory e foi até uma das janelas da frente a tempo de ver a carripana numa derrapagem incontrolada antes de esbarrar contra uma árvore do outro lado da estrada em frente do seu portão.

No mesmo instante em que reconheceu a *pick-up*, Emory lançou-se a toda a velocidade para a porta.

– Merda! – A mão voou-lhe e agarrou um punhado da fralda da camisa de flanela, fazendo-a parar.

Ela soltou um pequeno grito, mas ele fê-la rodar, comprimiu-a com força contra si e tapou-lhe a boca com a mão.

– Ouça-me. Fique calada e longe da vista.

Emory contorceu-se e tentou puxar-lhe a mão.

– Porra, ouça-me! Aqueles homens? Não vai querer que se metam consigo. Magoá-la-iam a sério. Acredite em mim, por favor. Está bem? Estou a falar a sério, *Doc*. Se pensa que eu sou uma ameaça, nem pode imaginar a festa que fariam consigo.

De algum modo, lá conseguiu transmitir a mensagem. Os olhos dela continuaram arregalados e receosos, mas parou de se debater.

– Vou ter de ir até ali, mas posso confiar que fica cá dentro?

Ela assentiu.

– Não é treta o que estou a dizer. Eles só trazem problemas. Está bem? – Ela balançou outra vez a cabeça e ele tirou-lhe a mão da boca. – Não deixe que eles a vejam.

Movimentando-se com rapidez, arrancou o casaco do cabide, abriu a porta e saiu para o alpendre, gritando:

– Fiquem onde estão.

Os dois homens tinham atravessado a estrada até ao portão dele, mas pararam quando lhes gritou. Ele cobriu a distância em passadas largas, cheirando-os antes de chegar a meio caminho do portão. Tresandavam a lã molhada, tabaco bafiento, uísque e odor corporal.

Barbas ásperas e desleixadas cobriam os dois terços inferiores dos rostos. Usavam gorros puxados por cima das sobrancelhas. Vestidos quase de forma idêntica com casacos pesados e calças de lona enfiadas em botas de borracha, as únicas características que os distinguiam um do outro eram alguma diferença de

altura e a caçadeira de cano duplo aninhada no braço esquerdo do mais baixo.

Eram os seus vizinhos mais próximos, mas nunca tinham falado e as únicas interações que tivera com eles haviam sido contenciosas.

Em mais do que uma ocasião, tivera de limpar o seu pátio de garrafas vazias de álcool e latas de cerveja que tinham sido atiradas da janela da *pick-up* quando passava aos solavancos. Por duas vezes, a parede do seu barracão fora crivada de chumbo grosso, possivelmente disparado da caçadeira que o mais baixo agora segurava. Um dia regressara a casa e encontrara um guaxinim morto no alpendre. Não morrera de causas naturais. A cabeça fora cortada.

Malvadez só por malvadez. Detestava aquilo.

Calculou que o par estava a tentar provocá-lo para ver se retaliava. Não lhes deu essa satisfação. Em vez disso, ignorara os incidentes e desviara o rosto sempre que eles passavam.

Estivera a aguardar pelo momento certo.

Agora, quase chegara ao portão quando o da caçadeira se inclinou para a frente e cuspiu uma mistela colorida de tabaco por cima da vedação na sua direção. A porcaria viscosa aterrou perto das suas botas. O outro era um pouco mais educado. Tocou na borda enrolada do gorro num movimento que imitava o tirar do chapéu.

– Olá, amigo. Chamo-me Norman Floyd. Este é o meu irmão mais novo, Will.

Norman esperou que ele se apresentasse.

Quando não o fez, o Floyd mais velho sacudiu o polegar por cima do ombro.

– Temos aqui um problema.

– Estou a ver.

A *pick-up* provavelmente nem sequer deveria andar na estrada, logo para começar. Faltava-lhe um dos para-choques dianteiros. Todos os quatro pneus estavam carecas. A pintura de camuflado parecia ter sido aplicada por mão de amador. O tubo de escape solto fora atado ao para-choque traseiro ferrugento com um pedaço de arame farpado.

Naquele momento, a grelha dianteira estava meio enrolada à volta do tronco de uma árvore de folha persistente que fora parcialmente desenraizada com o impacto e estava inclinada uns trinta graus. O radiador rebentado da carrinha deitava fumo.

– Não deviam ter ido para a estrada hoje. Demasiado gelo.

– Bem, pois, se calhar tem razão. – Norman encolheu os ombros e ofereceu-lhe um sorriso pateta, em que só confiaria se fosse parvo.

Entretanto, o outro, Will, estava a olhar para o pátio, a examinar com curiosidade a sua *pick-up*, o barracão, a cabana. Esperava que Emory tivesse seguido o seu conselho e não se mostrasse.

Mataria os dois irmãos Floyd se tivesse de ser, mas preferiria não ter de o fazer naquele dia.

– Somos vizinhos, sabe.

– Já os vi passar de carro.

– Sabe onde vivemos?

Sabia, mas pensou que era melhor não dar a entender que sabia. Acenou para a carrinha avariada.

– Não deviam tentar rebocá-la até as estradas estarem desobstruídas.

– Foi o que pensámos.

– Bem, tenham cuidado. Não deve haver problema se forem sempre pela berma para a gravilha vos dar alguma tração.

Não gostava da ideia de virar costas a um homem com uma caçadeira na mão, mas detestava ainda mais a ideia dos irmãos pensarem que tinha medo deles. Fez menção de se virar, mas Will falou pela primeira vez.

– Estava a imaginar que íamos a pé para casa? – Expressou a sua opinião sobre aquele plano cuspiendo de novo.

– O que pensámos – disse Norman numa lamúria – foi que nos pudesse dar uma boleia. São só dois quilómetros ou dois quilómetros e meio por esta estrada acima até nossa casa.

– Se não é mais longe que isso, podem fazê-lo com facilidade antes de escurecer. Se forem já.

Por baixo das sobranceiras salientes, os olhos de Will tornaram-se ainda mais hostis. Arrastou os pés uns centímetros mais para a frente e assumiu uma pose mais combativa.

Regra geral, a ameaça subtil tê-lo-ia divertido. Pensaria: *Anda lá, seu estúpido pacóvio, tenta lá.* Teria esperado que um ou outro viesse para cima dele e depois tê-los-ia arrasado aos dois. Ansiava pela ocasião para o fazer. Mas aquele não era o dia ideal. Tinha de considerar a segurança de Emory.

– Andar, *hum?* – Norman deu uma olhadela para o céu e ergueu a palma da mão para apanhar os flocos de neve. – Não me parece que isto vá levantar tão depressa. – Coçou qualquer coisa na barba quando olhou por cima do ombro na direção da sua carrinha. – Para mim e Will a caminhada não seria nada. Mesmo na merda deste tempo. Só que...

Fez um gesto para trás para a *pick-up*.

Emory observou, através de uma nesga de espaço entre o caixilho da janela e a cortina de musselina, o homem que tentara seduzir, sem sucesso, mexer na combinação do cadeado, atravessar o portão e a estrada até à *pick-up* avariada, onde a porta do passageiro estava aberta para trás. Dobrou-se, olhou lá para dentro, pareceu falar com alguém. Depois de uma conversa de sessenta segundos, virou-se outra vez para os dois homens. A expressão do rosto era sombria e perigosa. De lábios cerrados, disse qualquer coisa para o par dos homens e depois avançou a passos largos através do portão e do pátio para a cabana, deixando o portão aberto.

Ela afastou-se da janela quando ele irrompeu porta adentro.

– Mantenha-se longe da vista, mas vigie-os. Vá dizendo o que estão a fazer. – Dirigiu-se para a ponta do sofá, ergueu-o, afastou-o vários centímetros, ajoelhou-se e puxou para trás o canto do tapete.

– O que se passa? Quem são aqueles homens?

– Os irmãos Floyd. Norman e Will.

– Estão a pedir-lhe a sua ajuda com a carrinha?

– Não tem ajuda possível. Querem uma boleia.

– Para onde?

– Para casa deles. O que estão a fazer?

– Estão a ajudar alguém a sair da *pick-up*. Quem é?

– A irmã mais nova.

Durante a tensa troca de palavras, ele levantara uma secção do soalho de madeira. Na cavidade retangular sob o soalho encontrava-se um baú de metal como o que ela descobrira por baixo da cama. Soltou os fechos e abriu a tampa.

Armas de fogo. Muitas. De todos os tipos.

Tirou uma pistola, verificou o carregador e depois enfiou-a no cinto das calças de ganga e puxou para baixo a camisola e o casaco para a esconder. Enquanto Emory ali ficava, muda de espanto, ele fechou o baú, pôs as tábuas do soalho e o tapete no seu lugar e voltou a arrumar o sofá na mesma posição.

– Segredo desvendado – disse e fez um gesto para o armeiro escondido. – Se a necessidade surgir, sirva-se. Sabe disparar?

Ela fitou-o boquiaberta quando ele se dirigiu à cama e retirou a fronha da almofada. Depois pegou nos

sapatos dela e atirou-os para dentro da fronha.

– Caso fique sem lenha antes de eu voltar...

– *Voltar?* – questionou ela. – Não está a pensar a sério em ir com eles?

Mas parecia que estava, porque o trio lá fora encaminhava-se em direção à *pick-up* dele. O que carregava a espingarda parecia ansioso por a examinar. Ia à frente, enquanto o irmão, com assinalável impaciência, encaminhava a irmã à volta das zonas mais geladas do pátio.

– Como estava a dizer, a lenha está empilhada na parte de fora daquela parede. – Ergueu o queixo na direção da parede que continha as estantes. Batendo no casaco, localizou as luvas e calçou-as. Deixou cair o gorro e o cachecol dentro da fronha, arrebanhou a parte de cima no punho e atirou-a por cima do ombro como um saco do Pai Natal. – Não demoro.

Ela plantou-se entre ele e a porta.

– Está louco? Eles parecem perigosos.

– E são.

– Então...

– Vai correr tudo bem.

– Como sabe?

– Porque sei.

– Isso não é resposta.

– Mexa-se, *Doc*.

– Podem rasgar-lhe a garganta.

– Não é o estilo deles.

– O que sabe sobre o *estilo* deles?

– Mais do que queria.

– Já teve confrontos com eles antes?

– Não propriamente.

– O que significa isso?

– Sabia quem eram, mas, até hoje, não nos tínhamos encontrado. São meus vizinhos.

– Que afirmou não ter.

– Pois, bem, menti em relação a isso.

– A que distância vivem daqui?

– Não tenho tempo para explicar isso agora. Saia do meu caminho, antes que eles venham ver porque estou a demorar tanto.

Tentou contorná-la, mas ela deu um passo para o lado para lhe bloquear a passagem.

– Tem estado a usar a desculpa das estradas geladas para me manter aqui.

– Ainda estão traiçoeiras. E foi por isso que o raio daquela caranguejola embateu na árvore.

– Então porque os vai levar a casa?

– Porque é demasiado longe para a rapariga ir a andar. – Estendeu o braço por trás dela, tirou o porta-chaves do cabide e deixou-o cair no bolso do casaco.

Ela agarrou-lhe a manga.

– Não me pode deixar aqui.

Pela primeira vez desde que voltara a entrar, ele parou para olhar para ela e, depois, com um movimento súbito, largou a fronha e fechou as mãos à volta da cabeça dela. Passou-lhe o polegar enlavadado pelo lábio inferior.

– Jurei a mim mesmo que não lhe tocaria. Mas, de qualquer modo, desejava como tudo tê-la fodido.

Depois pegou-lhe nas ancas entre as mãos e afastou-a à força para o lado.

– Mantenha-se longe da vista até termos partido. Se eles vierem em vez de mim, dispare contra os filhos da puta e faça as perguntas depois. – Com um movimento fluido, dobrou-se para agarrar na fronha, abriu a porta e saiu.

A seguir à conversa com os detetives, Jack foi banido para o vestíbulo caótico, onde o chão fora patinhado de gelo lamacento e a derreter-se. Comera qualquer coisa de uma máquina dispensadora e regara a comida com café amargo e tépido, também de uma máquina. Arranjara depois uma cadeira vaga e acampara nela, por assim dizer, enquanto esperava que acontecesse alguma coisa.

Quanto mais tempo lá passava sentado, mais furioso ficava.

Telefonara antes à sua secretária a dar parte de doente, mas estava a reconsiderar se devia ou não notificar o seu chefe e dizer-lhe onde de facto se encontrava e o que se estava a passar. Porém resolveu não o fazer, decidindo que não fazia sentido dar o alarme até que a situação o exigisse.

Alice preocupara-se no dia anterior com Emory. Por esta altura, já devia estar a trepar paredes. Sabia que lhe devia telefonar, mas decidiu também não o fazer. Pareceria mal se Knight e Grange descobrissem que ele contactara a sua amante ilícita enquanto não sabia do paradeiro da mulher.

Leu o *Wall Street Journal* e jogou *Scrabble* no telemóvel, a fumegar de ressentimento o tempo todo por o ignorarem. Passou-se uma hora. Quando já não conseguia aguentar mais a inatividade, deu para praguejar entre dentes e, quando ficou mesmo farto, arriscou perder o seu lugar largando-o para ir até ao balcão da receção exigir que o agente lá sentado chamasse de imediato o sargento Sam Knight.

Alguns minutos depois, Knight apareceu na porta comunicante, não parecendo estar com pressa nenhuma, a tentar inutilmente encaixar as calças de pronto a vestir por cima da barriga.

– Deve ser telepatia, Jeff. Estava mesmo para o ir buscar. Venha lá.

Agora era *Jeff*?

Knight manteve a porta aberta para ele passar. A mulher do telhado do celeiro já não se encontrava na sala da esquadra. Havia pessoal a falar uns com os outros ou ao telefone. Alguns fitavam os seus computadores. Mas, por mais ocupados que estivessem, todos pararam ao mesmo tempo para seguir o seu progresso até à secretária de Knight, onde Grange já se achava à espera, parecendo tão sombrio como um cangalheiro.

– Oh, meu Deus – gemeu Jeff. – O que aconteceu?

Grange respondeu apontando-lhe uma cadeira.

Ele manteve-se de pé.

– Raios, responda-me.

– Nada se passou até agora – replicou Knight ao mesmo tempo que se deixava cair na sua cadeira. – Sente-se, Jeff, por favor.

– É tudo o que vocês parecem capazes de fazer. Sentar-se. Por que não estão a fazer alguma coisa construtiva para encontrar a minha mulher desaparecida?

– Estamos a fazer tudo o que podemos.

– Estão só sentados aí!

Percebendo que ainda chamara mais atenção para si próprio, sentou-se, com força, e fitou, furioso, os dois detetives.

– Não serviria de nada andarmos para aí às voltas a gastar combustível, quando não sabemos para onde ela foi depois de sair do motel – disse Knight.

– E então os cartões de crédito? A Marybeth não...?

– Maryjo.

– O que for. Ela não ficou de verificar movimentos e levantamentos em ATMs?

Grange interveio:

– Podíamos ter acelerado as coisas se você tivesse os números dos cartões de crédito de Emory.

– Já expliquei isso – retorquiu Jeff, tendo praticamente de descerrar os dentes para fazer sair as palavras. – Emory tem as suas contas. Eu tenho as minhas. Ela paga as contas dela...

– Na verdade, não paga.

Jeff olhou de Grange para Knight.

– De que está ele a falar?

– O contabilista que trata dos livros do consultório médico também paga as contas pessoais de Emory. Cobra-lhe um pequeno estipêndio todos os meses. Deu-nos os números da conta pessoal dela.

– Ótimo. Fantástico. Maryjo investigou?

– Na sexta à tarde, pouco depois de sair de Atlanta, a sua mulher encheu o depósito do carro numa estação de serviço e usou um cartão de crédito – disse Knight. – Temos essa transação no vídeo da câmara de segurança. A propósito, estava vestida tal como a descreveu.

– Porque pensou que não estivesse?

– Podia ser que tivesse parado entre a sua casa e a estação de serviço e... sabe como é... tivesse trocado de roupa.

Antes de Jeff poder responder àquela inanidade, Knight continuou:

– Bem, ela pagou o quarto do motel com o mesmo cartão e tornou a usá-lo para pagar o jantar na sexta à noite. Nenhum cartão foi usado a partir daí.

Jeff mordeu o lábio inferior.

– Desde sexta à noite?

– Sabe quanto dinheiro tinha com ela?

Abanou a cabeça, depois pigarreou e disse:

– Mas duvido que fosse muito. Não tem o hábito de trazer muito consigo. É uma espécie de piada entre nós. Ela parece nunca ter dinheiro nenhum.

Depois de um intervalo de vários instantes, Grange disse:

– Também recuperámos os registos do telemóvel. A última chamada que fez foi na sexta à noite. – Sorriu, mas não era uma expressão amigável. – Para si.

– Telefonou-me para me dizer que fizera a viagem sem percalços, que já estava na cama e prestes a adormecer. – Inclinou-se para a frente, apoiou os cotovelos nos joelhos e cobriu o rosto com as mãos. – Nada disto são boas notícias, pois não?

Ouviu a cadeira de Knight ranger e depois a mão do detetive aterrou pesadamente no seu ombro.

– Aguenta aí. Pode parecer que não estamos a fazer grande coisa, mas estamos a dar tudo por tudo para a encontrar.

Quando escoltou Jeff outra vez para o vestíbulo, Knight perguntou em tom casual se poderia dar uma olhadela à pistola de Jeff.

– Procedimentos normais. Entende. Se me der as chaves do carro, mando um agente lá fora buscá-la, para você não ter de sair neste temporal.

Jeff duvidava que o tempo fosse a razão para Knight não querer que fosse ele próprio buscar a pistola, mas entregou as chaves sem discutir.

Tendo recebido a garantia de que seria o primeiro a saber de quaisquer novidades, boas ou más, foi outra vez abandonado.

A sua cadeira já fora ocupada por um tipo com ar de motoqueiro, com uma barbicha entrançada que lhe chegava quase à cintura. Andando de um lado para o outro, verificou o telemóvel à cata de chamadas

perdidas. Uma das amigas de Emory, a quem telefonara na noite anterior, deixara uma mensagem de voz a dizer que não falava com Emory há mais de uma semana.

Um cliente deixara uma mensagem a expressar o seu descontentamento em relação à queda no mercado de ações e perguntava a Jeff se ele tinha alguma ideia de como compensar as perdas. O alfaiate telefonara para o informar que as alterações estavam prontas. Havia duas chamadas perdidas do número geral do consultório, mas ninguém deixara qualquer mensagem.

Alice, claro, sabia muito bem que não lhe devia ligar para o telemóvel.

Passou uma hora num inútil passarinho de um lado para o outro e estava a ferver de frustração quando Grange irrompeu pelo vestíbulo, com um chapéu com abas para as orelhas e a apertar o fecho de um casaco entufado ao mesmo tempo que se encaminhava para ele.

– Encontraram o carro dela.

– Só o carro? E Emory?

– Estão à procura.

– Onde?

– Nantahala.

– Onde fica isso?

– Você está em Nantahala. Floresta nacional. Eu e Knight vamos arrancar.

Grange estava quase a sair a porta quando Jeff processou tudo aquilo e reagiu. Correu para o apanhar e seguiu o agente. Este acabara de sair quando Sam Knight encostou um SUV cheio de acessórios ao passeio. Grange abriu a porta do passageiro e entrou.

– Fique aí. Entraremos em contacto consigo.

Dizendo aquilo, fechou a porta e o SUV acelerou, deixando Jeff a seguir-lhe o rasto pela neve.

Emory não demorou muito a deduzir por que razão ele levava os sapatos. Ela não podia ir embora de meias. Assegurara-se que ela continuava ali presa até ele voltar. Mas diabos a levassem se ia transformar-se em despojos reclamados pelo duo de provincianos se fossem eles, e não ele, que regressassem.

Ele afastara o sofá com facilidade. Ela precisou de mais esforço e foi ainda mais difícil levantar a secção do soalho, mas conseguiu com a ajuda de uma chave de fendas que descobriu na gaveta onde ele guardara a pequena que usara para consertar a torradeira.

Escolheu uma arma ao acaso e pousou-a com cuidado na mesinha de apoio.

Pouco depois de se terem casado, Jeff apresentara-a a uma pequena pistola que possuía e dera-lhe uma lição rudimentar sobre como dispará-la. Mas ela nunca o fizera. Fora um revólver. Esta tinha um cartucho. Reconhecer a diferença era quase a soma total do que sabia sobre armas de fogo. Mas ter uma à mão era bom para a sua paz de espírito.

Também se sentiria mais segura se estivesse completamente vestida. Mal as suas roupas secaram, vestiu-as.

Sem mais nada para fazer, andou de um lado para o outro na cabana a pesquisar sem descanso. Apalpou o conteúdo de gavetas que não explorara antes, mas não encontrou nada que revelasse alguma coisa sobre o seu anfitrião, nenhum jornal, correspondência, recibos, nem um único pedaço de papel com alguma informação esclarecedora.

Isso em si era já uma revelação. Ele era muitíssimo cuidadoso. Não guardava nada que o pudesse identificar.

Passando às estantes, fez correr o indicador pelas lombadas dos livros, reparando que os títulos tinham

sido organizados por ordem alfabética. Folheou vários, à procura de páginas soltas ou anotações escritas à mão nas margens. Passado algum tempo, concluiu que as estantes que ele próprio instalara não continham nada senão livros.

Em desespero, pousou as mãos com as palmas para baixo sobre a tampa do portátil, ordenando-lhe mentalmente que cedesse a sua *password* secreta como se fosse um tabuleiro ouija. Não aconteceu.

Acrescentou lenha à lareira quando começou a apagar-se. Andou de um lado para o outro, olhando com frequência pela janela lá para fora, na esperança de ver a *pick-up* aproximar-se. Por mais exasperante que fosse admitir, estava preocupada com ele. Os dois homens tinham mau aspeto suficiente para poderem matá-lo por causa das botas, quanto mais a *pick-up*. Talvez a «irmã mais nova» tivesse sido um engodo. Talvez tivessem batido deliberadamente com a carrinha velha na árvore como parte de um plano engenhoso para o roubarem.

Ele dissera-lhe que só conhecera os irmãos naquele dia, mas admitira que sabia quem eram. Sabia que cortar-lhe a garganta não era o *estilo* deles. O que queria dizer? A imaginação mostrou-lhe vários cenários, todos eles catastróficos, todos a acabar mal, não só para ele mas também para ela.

Era um pensamento horrível, que ainda não se permitira ter antes: ela poderia nunca mais voltar para casa.

Por esta altura, Jeff já teria notificado a polícia, mas saberia onde lhes dizer para começarem a procurar? Falara no seu destino, mas ele teria prestado atenção ou fixado alguma coisa do que ela dissera? Nem ela se conseguia lembrar se fora muito específica quando lhe mostrara o mapa da floresta nacional em que marcara o seu trilho. Mas, mesmo apenas com uma ideia geral do sítio de onde ela partira naquela manhã, já estariam a fazer uma busca.

Iria para casa. Claro que sim. E depois...

Quê?

A bola de cristal estava tão enevoada em relação ao seu futuro a partir desse ponto como estava em relação à sua atual situação.

Quando Jeff e ela se reencontrassem, ficariam contentes e aliviados por se verem um ao outro. Mas a sua disputa teria sido apenas suspensa, não resolvida. As coisas que os separavam continuariam firmemente instaladas. Presumindo que ele tinha um caso, quando ela regressasse sã e salva, ele terminaria apenas por um sentimento de obrigação? Isso não serviria para nada senão para manter toda a gente infeliz.

Sinceramente, como poderia acusar Jeff de ter uma amante quando o amplexo e quase beijo de um desconhecido a tinham posto a arder de desejo?

Sim. Era isso mesmo.

A sua tentativa de ser uma mulher fatal acabara com uma reviravolta irónica: ela é que fora seduzida. Armara aquela exibição embaraçosa, mas quando ele começara a acariciá-la, ela parara de representar. Ele puxara-a para si, ela sentira-o retesado e insistente contra ela e a verdade tornara-se incontestável. Desejara-o.

Todos os impulsos femininos tinham vindo ao de cima e não era apenas a longa inatividade que tornava o seu desejo sexual tão agudo. Era ele. Queria senti-lo, todas as superfícies rugosas, todas as palavras rudes, o odor da vida ao ar livre, o sabor de uísque no seu hálito, a saliência arrogante do seu pénis. Quisera-o na totalidade com um menosprezo temerário pelo que era correto e conveniente para a Dra. Emory Charbonneau.

Se ele não tivesse terminado com aquilo daquela forma insultuosa, ela teria feito ainda mais figura de parva.

Pensar naquilo perturbou-a e aumentou-lhe a ansiedade, por isso quando ouviu a *pick-up* entrar no

pátio, foi buscar a pistola, aninhou-a entre as mãos e apontou-a para a porta.

Ele entrou a bater os pés, parecendo ainda mais sinistro do que alguma vez o vira. A pistola não o desconcertou nem um pouco. Lançou-lhe um olhar irónico e depois atirou-lhe a fronha que continha os seus sapatos. Aterrou no chão aos seus pés.

– Calce os sapatos. Vamos embora.

– Onde vamos?

– Vou levá-la montanha abaixo e estou cheio de pressa.

Capítulo 12



Chegado outubro, o sistema de aquecimento no bloco de apartamentos de Jack Connell subia até aos vinte e oito graus e assim ficava até maio. Depois de entrar, procedente de um vento gélido que fustigava as ravinas das casas de Midtown Manhattan, trocou o fato e casacão por calções e uma *T-shirt* dos Jets, abriu uma cerveja e levou-a com ele para o escritório, uma pequena divisão escassamente mobilada com uma secretária, que era uma porta suspensa em dois cavaletes, e uma cadeira em segunda mão, de rodinhas, uma das quais estava pouco firme.

Ligou para o número que Greer lhe dera, do repórter da televisão que cobrira a marcha de protesto no edifício do capitólio em Olympia, estado de Washington.

O telefone tocou várias vezes e, quando atenderam, o barulho em pano de fundo era ensurdecedor. Depois de várias tentativas para iniciar a conversa, o jovem explicou que estava fora, era a *happy hour*, estava a tomar umas bebidas com amigos. Na costa oeste, a *happy hour* parecia começar às três e meia.

Jack gritou:

– Falou hoje com o meu colega. Wes Greer.

– Oh, o agente do FBI?

– Certo. Disse-lhe que o grupo que apareceu no vídeo da sua reportagem tinha vindo de autocarro de Seattle para participar na manifestação. Eram pessoas isoladas com uma paixão comum ou era um grupo organizado?

– Um grupo. Com um nome. Não me consigo lembrar dele agora. Está nas minhas notas. Para quando precisa dele?

– Para ontem.

– Oh. Posso voltar a ligar-lhe? Terei de telefonar para o estúdio e pedir a alguém para ir ver à minha secretária.

Jack deu-lhe o número do telemóvel. Enquanto esperava que ele voltasse a ligar, foi à cozinha e preparou uma sanduíche de pão de centeio seco, mostarda picante e carne assada que não estava completamente verde, abriu outra cerveja e ia a meio caminho das duas coisas quando o repórter telefonou.

– O grupo chama-se Citizens Who Care. CWC.

– Há algum contacto?

– Da pessoa que o iniciou. Um parente, creio que o sobrinho, foi morto com uma bala quando estava a comprar um *Slurpee* numa loja de conveniência. Interpôs-se no caminho de um assaltante armado. Bem, este tipo é superativista. Tem um nome comprido, género jogador de hóquei polaco ou algo assim. Pronto?

O repórter soletrou e as letras eram sobretudo consoantes. Jack perguntou se tinha algum número de telefone.

– Calculei que quisesse isso também. – Leu-o. – Diga lá, porque está a tentar localizá-lo? Há aí alguma história?

O pobre diabo não fazia ideia nenhuma.

Jack inventou uma treta sobre o «interesse do FBI» em qualquer grupo ou indivíduo que apoiasse ou «leis mais rigorosas sobre controlo de armas» ou «se opusesse à suspensão das liberdades pessoais pelo governo».

– Oh, isso já foi feito até à exaustão. – O repórter parecia entediado e pronto a voltar à sua *happy hour* com os amigos. – Mas fique com o meu número e telefone-me se lhe surgir alguma coisa que mereça notícia. Confidencialmente, claro. Nunca o revelaria como minha fonte de informação.

Jack fez uma promessa que não tencionava cumprir, agradeceu ao repórter e desligou. Trocou para um telemóvel pré-pago descartável, telefonou ao homem do nome esquisito e o próprio cavalheiro atendeu.

Parecia um tipo simpático o que fez com que Jack se sentisse mal por lhe mentir. Mas não muito mal. Usou um nome falso para se apresentar.

– Não estou a fazer nenhum inquérito nem a tentar vender-lhe nada. Estou à procura de uma colega de escola há muito perdida.

Lançou-se numa peta sobre uma iminente reunião de antigos colegas de liceu.

– Estou encarregue de encontrar pessoas a quem se perdeu o rasto. Pensar-se-ia que seria fácil, com a internet e tudo isso. Mas houve algumas pessoas que escaparam ao crivo. A noite passada eu e a minha mulher estávamos a ver as notícias e, juro por Deus, penso que avistei Becky Watson no seu grupo que marchou para o capitólio. Já no liceu, Becky era politicamente ativa e defendia causas como o controlo de armas. Eu também, a propósito.

– Becky, disse? Não temos nenhuma Becky no CWC.

– Talvez ela agora use Rebecca.

– Não, lamento. Ninguém chamado Rebecca, nem Watson.

– Caramba, tinha a certeza que era ela. O cabelo branco espetado era tal e qual o mesmo.

– Essa parece ser a Grace.

– A mulher de quem estou a falar vestia um casaco vermelho.

– Chama-se Grace Kent.

Jack, com o coração a bater com muita força, rabiscou o nome. Apetecia-lhe sondar o cavalheiro para tentar obter mais informações sobre a colega de manifestação. O que faz Grace? Tem uma filha com cerca de doze anos? Tem algum irmão que a visite regularmente? Não passa despercebido. Grande, de aspeto duro, cabelo escuro, olhos claros.

Mas resistiu à tentação de perguntar. Não queria despertar a curiosidade do homem. Poderia sentir-se obrigado a avisar Grace Kent de que alguém telefonara a fazer perguntas sobre ela.

Suspirou com desapontamento exagerado.

– Oh, bem, então não era a nossa Becky. Mas valeu a pena tentar. Desculpe tê-lo incomodado. Obrigado pelo tempo que me dispensou.

– Não há problema. Boa sorte para a reunião de antigos colegas.

Os dedos de Jack moveram-se o mais depressa que conseguiu no seu teclado, mas para nada. Ninguém chamado Grace Kent aparecia na lista telefónica de Seattle. Fez uma pesquisa no Google, não encontrou nada. Por isso, telefonou a Wes Greer, passou-lhe o trabalho e depois ficou ali sentado absorto a terminar a sanduíche, a mastigar de forma mecânica e a pensar.

Levou menos de dois minutos a decidir-se, agarrou outra vez no telefone, marcou um voo cedo, pediu um carro para o levar a LaGuardia às seis da manhã e reservou um carro alugado em Seattle. Ao fazer a pequena mala, reconheceu que provavelmente a viagem provaria ser a próxima de uma longa lista de buscas infrutíferas.

Tendo a última sido para Salt Lake City, precedida de Wichita Falls, no Texas. Antes disso, Lexington, no Kentucky. Sítios e indivíduos aparentemente aleatórios, não relacionados à exceção de uma única coisa em comum: um homem.

Já se encontrava na cama, mas ainda não a dormir, quando Greer que, ao que parecia nunca dormia, voltou a telefonar.

– Tenho um endereço. Grace Kent vive atualmente no estuário, não propriamente em Seattle.

– Como se vai para lá?

– De *ferry*.

Maravilhoso.

Jack escreveu o endereço da rua no seu telemóvel, deu a Greer o seu itinerário básico e concluiu, dizendo:

– Por enquanto, ninguém precisa saber que estou fora. De facto, estou doente com gripe.

– Entendi.

Deitado a fitar o teto do seu quarto, considerou as probabilidades de Grace Kent ser Rebecca Watson. Estava a apostar em nada mais do que a amiga de Rebecca, Eleanor Gaskin, que não lhe punha a vista em cima há quatro anos, tê-la detetado no meio de uma multidão às cotoveladas num vídeo noticioso de qualidade medíocre. Baseado só nisso, ia fazer aquela viagem pelo país. Seria pedir muito que tivesse sorte e que a mulher do cartaz fosse Rebecca? Ousaria ter esperança que ela colaborasse e lhe dissesse onde estava o irmão? Já que estava só a fantasiar, porque não imaginar que o irmão estava de visita e que atenderia a porta quando Jack tocasse à campainha?

Podia confiar na discrição de Greer, por isso, pelo menos, se fosse outra pista falsa, outro beco sem saída, ninguém o consideraria um completo idiota.

Exceto ele próprio.

E estava habituado a isso.

– Quando chegamos lá?

– Quando lá chegarmos.

Emory agarrou-se à beira do assento quando ele guinou a *pick-up* por outra curva fechada. Os faróis eram a única fonte de luz desde a partida abrupta da cabana. Se havia Lua, a camada de nuvens obscurecia-a por completo.

Não tinham passado por nenhuma habitação nem estrutura de algum tipo. Nada. Era uma estrada tão isolada como ela nunca vira e, com certeza, a mais perigosa. Como receado, havia zonas de gelo por baixo da acumulação de neve, invisíveis até a carrinha perder tração.

Quando faziam as curvas, os faróis dianteiros varriam formações rochosas implacáveis que se erguiam a direito do contraforte estreito da montanha, algumas encrustadas de gelo nos locais onde as quedas de água tinham gelado. Onde não havia formações rochosas, havia floresta. Os troncos maciços das árvores

não teriam cedido a um tanque. Ou, mais aterrador do que tudo, os faróis incidiam sobre o vazio negro. Um simples derrapar e poderiam mergulhar por cima da berma naquele vazio.

Ela queria fechar os olhos para não ver os perigos que os ameaçavam, mas não ousava por causa da ideia ridícula de que, estritamente por causa da sua vontade de viver, podia ajudar a manter o veículo na estrada.

Ele dissera-lhe que estava habituado a estas estradas de montanha com as suas curvas e ziguezagues, mas guiava com concentração, não desprendimento. As mãos enluvadas agarravam o volante, os olhos nunca largavam a estrada.

As respostas às suas perguntas sobre os irmãos Floyd tinham sido bruscas e monossilábicas, se é que respondia. Ela parara de perguntar. O que quer que tivesse sucedido entre ele e os vizinhos abandonados incitara-o a levá-la para casa, ou pelo menos a largá-la algures para ela poder ir para casa. Era tudo o que lhe importava.

Disse consigo própria que era tudo o que lhe importava.

– Para que são todas as armas?

– Para que são em geral as armas?

– Para disparar contra... coisas.

Ele encolheu os ombros, como se fosse toda a discussão que a questão justificasse.

– É perigoso tê-las por aí. E se eu lhe tivesse acertado por acidente?

– Teria sido um milagre.

– É um alvo grande. Àquela distância, eu não podia ter falhado.

– Se calhar não, mas não tinha cartucho.

– Não estava carregada?

Ele pareceu quase sorrir.

– *Doc*, um conselho. Se apontar a alguém com a intenção de disparar, assegure-se que a arma está carregada e pronta para disparar. Se não tenciona disparar, não aponte a coisa a ninguém para começar.

– Parece que é perito no assunto.

Ele não disse nada em resposta, nem disse mais nada enquanto fazia a série seguinte de ziguezagues.

Por fim, ela perguntou:

– Quanto falta?

– Alguns quilómetros.

– Importa-se que aumente um pouco o aquecimento?

– Faz favor.

Antes de saírem da cabana, ele vestira-lhe um casaco dele, dizendo-lhe que as roupas de desporto não seriam suficientes para a resguardar do frio. O casaco engolia-a, claro, mas estava agradecida e puxou-o mais junto ao corpo.

– Teria mesmo frio sem o seu casaco. Obrigada.

– De nada.

Não queria distraí-lo com conversa, mas estava desesperada para saber o que a aguardava.

– Vai... O que vai fazer?

– Quando?

– Quando lá chegarmos?

– Já vai ver.

– Não pode só dizer-me, para eu saber o que esperar?

– Já não falta muito.

De facto, no quilómetro seguinte o grau de inclinação aplanou e começaram a passar por casas.

Estavam muito espaçadas, mas eram os primeiros sinais de civilização que via em quatro dias. Depois de uma curva, os faróis incidiram numa placa a indicar o nome de uma pequena vila.

Ela virou-se para ele surpreendida.

– Isto não é Drakeland.

– Não.

– Drakeland fica muito longe?

– Na outra direção. Esta estrada não vai para lá.

– Pensei que me ia levar a Drakeland.

– O que a fez pensar isso?

O que a *tinha* feito pensar isso? Ele não lhe dissera que era esse o destino, mas, visto que tinha sido o seu ponto de partida, presumira que a levaria lá.

A vila que atravessavam agora mal se qualificaria como tal. Tinha duas luzes de sinalização, uma em cada extremidade da estreita estrada estadual que bissetava a vila. De um dos lados da estrada havia um banco, uma estação de serviço e uma estrutura móvel que servia como correios. Um café, taxidermista e armazém ficavam do outro lado. Estavam todos fechados.

Emory previra que seria devolvida a um sítio qualquer com luzes, atividade, pessoas. Refreando uma sensação de pânico, perguntou:

– Vai deixar-me aqui?

– Não.

A resposta seca pouco fez para lhe mitigar a apreensão.

No segundo sinal luminoso, ele virou à direita, passou dois quarteirões e depois virou outra vez à direita para uma viela que ficava nas traseiras de um conjunto do que parecia serem pequenos negócios e escritórios.

– O que está a fazer? Onde vamos? Vamos encontrar-nos aqui com alguém?

– Vamos fazer uma paragem rápida, é tudo. – Encostou junto à porta traseira de uma estrutura de tijolo só de um piso, desligou os faróis e o motor. – Fique aí quieta só um segundo.

Saiu e deu a volta para a caixa aberta da *pick-up*. Olhando através da janela traseira, ela viu-o levantar a tampa de uma caixa de ferramentas presa à cabina da carrinha e tirar uma chave de rodas com uma chave de porcas numa extremidade e um gancho afiado e de duas pontas na outra.

Levou-a até à porta de serviço traseira do escritório. Antes de Emory conseguir perceber o que tencionava fazer, já ele o fizera. Usou a ferramenta para fazer saltar o puxador da porta, incluindo todo o mecanismo da fechadura, deixando um buraco redondo no metal.

Voltou à carrinha e devolveu a chave de rodas à caixa de ferramentas, depois abriu a porta do lado do passageiro, desapertou o cinto de Emory, fechou a mão em volta do bíceps dela e puxou-a para fora.

– É consigo agora, *Doc*. Vamos apressar-nos.

Ao princípio, ela estivera demasiado estupefacta para reagir. Mas fê-lo agora, puxando num frenesim contra a força que ele exercia no seu braço.

– O que está a fazer?

– A arrombar.

– Porquê?

– Para roubar o que está lá dentro.

– Está louco?

– Não.

– Está prestes a cometer um crime grave!

– *Hum, hum.*

A falta de razoabilidade dele espantava-a. Aterrorizava-a. Pessoas loucas muitas vezes pareciam perfeitamente sãs até que... não eram. Molhou os lábios, fez várias inspirações pouco fundas.

– Escute, dou-lhe dinheiro. Sabe, disse que eu tinha montes dele. Dou-lhe... dou-lhe tudo o que quiser, só...

– Pensa que estou atrás de dinheiro? Caramba.

O homem que usara uma chave de rodas numa porta trancada com o objetivo de a arrombar para roubar pareceu de facto ofendido.

– Em nome de Deus, porque...

– Isto é o consultório de um médico.

Fez-se nova luz para ela.

– Drogas? Quer *drogas*?

Ele suspirou e impeliu-a em direção à porta.

– Não temos tempo para estes disparates.

Ela firmou os calcanhares.

– Não vou participar nisto. – Atirou-lhe com o punho livre, mas ele desviou-se. – Largue-me!

– Quieta!

Agarrou-lhe ambos os braços e olhou em volta para ver se a voz alteada despertara alguém, mas a viela continuava escura à exceção de um solitário candeeiro de rua numa extremidade e, de algum modo, de forma impossível, a luz cintilou nos olhos dele quando se cravaram nos dela.

– A rapariga na *pick-up*?

– A irmã dos Floyd?

– Está mal e precisa da sua ajuda.

– O que tem ela?

– Explico-lhe no caminho de volta.

– Não pode estar a falar a sério.

– Vamos regressar para a ajudar.

– Não vou regressar. – Tentou afastar-se dele e começou outra vez a debater-se.

– Emory.

O que a imobilizou não foi tanto o pequeno safanão que ele lhe deu, mas a utilização do nome dela e a autoridade com que o proferiu.

– Podemos ficar aqui a discutir e arriscarmos ser apanhados e ir para a cadeia ou...

– *Você* iria para a cadeia. Eu não.

– Ou pode cumprir o seu juramento de Hipócrates, ir lá dentro e apanhar o que precisa para a tratar.

– Não vou cometer um crime.

– Nem sequer por uma boa razão?

– Nada me poderia obrigar.

– Em breve engolirá essas palavras. – Puxou-a para a porta do escritório. – Tem a reputação de ser uma alma caridosa. Aqui está a sua oportunidade de fazer algum bem.

Capítulo 13



Jeff vira a luz do dia transformar-se num lusco-fusco de curta duração. A escuridão caiu depressa. Estava a matar tempo. Apetecia-lhe matar Knight e Grange por não o manterem informado como prometido. Assim, ficou sentado a ver o relógio de parede avançar pela tarde sem a mínima ideia do que estava a acontecer para lá do vestíbulo do departamento do xerife.

Quando se aproximou a hora do fecho do consultório em Atlanta, ligou para o número geral.

– Fala Jeff Surrey. Os médicos ainda aí estão?

– Oh, meu Deus, Mister Surrey. – O tom doce com que a rececionista atendera deu lugar a uma voz que titubeava de emoção. – Deixei-lhe mensagens a perguntar se havia notícias sobre a doutora Charbonneau. Temos estado todos doentes de preocupação. Por favor, diga-me que ela está bem.

– Deixe-me falar com os médicos, por favor. Qualquer deles.

– O doutor James está aqui mesmo ao lado.

Ouviu o auscultador a ser transferido de mão para mão e depois:

– Jeff?

– Receio não ter muito para te contar, Neal. Localizaram o carro de Emory ao início da tarde. Mas só o carro. Foi a última notícia que tive.

– Espera um pouco. Vou pôr-te em alta voz. Toda a gente quer ouvir.

Jeff conseguia imaginar o pessoal do consultório agrupado em volta da secretária do telefone enquanto ele relatava o pouco que sabia.

– Pesquisei essa floresta nacional na internet. Cobre milhares de quilómetros quadrados, a maior parte montanhosos, alguns referidos como «selvagens». O terreno não é para pessoas impressionáveis.

– Já acampeei nessa zona – disse o médico. – E ela está perdida aí? Caramba.

– Felizmente, como sabes, Emory está muito em forma e tem imensa capacidade de resistência.

– Não está a nevar aí e as temperaturas abaixo de zero?

Tinha de ser Neal James a pintar o pior cenário possível.

– Sim, o tempo está a dificultar as buscas.

Várias perguntas lhe foram lançadas ao mesmo tempo. Interrompeu-os.

– Lamento. Não sei mais nada. Os agentes ainda não voltaram e não telefonaram. Ou, se voltaram, não

falaram comigo. Já se passaram horas desde que partiram e sei tanto como vocês. É frustrante como tudo.

– Queres que vá até aí?

O médico estava a fazer a oferta por causa de Emory, não de Jeff, e ele ficou contente por ter uma razão válida para recusar.

– Não há nada que possas fazer. Até saber alguma coisa de conclusivo, estou a manter o pensamento positivo e a ter esperança que Emory esteja bem e não consiga simplesmente contactar comigo.

O pessoal do consultório endossou essa opinião, mas as vozes eram contidas, algumas lacrimosas, quando se despediram.

Telefonou a seguir para o escritório e deixou uma mensagem de voz à secretária, dizendo-lhe apenas que tivera uma emergência familiar e que não iria também no dia seguinte. Acabara de desligar quando Knight apareceu. Ao vê-lo o coração de Jeff disparou.

– Emory?

Abanando a cabeça, ele retorquiu:

– A busca continua. Lamento.

Fez sinal a Jeff para se juntar a ele e seguiram pelo caminho familiar através do labirinto de secretárias na grande sala da esquadra. Grange estava sentado à secretária de Knight com uma chávena de café entre as mãos, que pareciam vermelhas e gretadas. As faces estavam rosadas de frio.

Jeff ocupou a cadeira onde se sentara antes.

– Há quanto tempo chegaram?

– Foi só o tempo de ir buscar um café – respondeu Knight. – Quer uma chávena?

Jeff abanou a cabeça e depois olhou de um para o outro.

– Por amor de Deus, digam-me alguma coisa. *Qualquer coisa*. Tenho estado aqui ansioso.

Knight afastou para o lado a sua caneca de café e pegou num elástico que fez estalar contra os dedos.

– A triste verdade, Jeff, é que não sabemos onde está Emory.

Lançou uma olhadela a Grange que assentiu, solene, a confirmar.

– O carro...?

– Era o único numa zona de estacionamento que dá acesso a um miradouro e a vários trilhos de pedestrianismo. Esses trilhos ramificam-se para todo o lado e depois todos têm artérias que sobem, descem, a toda a volta. Escrevi o nome de alguns dos trilhos. Veja se algum lhe parece conhecido.

Jeff pegou na folha de papel que Knight lhe passou e leu a lista.

– Todos me soam ao mesmo. Nomes índios. Nada me salta à vista. O trilho que ela seguiu poderia estar aí, mas... lamento. Simplesmente não me lembro.

– Bem, todos eles estavam a ser pesquisados até que ficou escuro. Até esse momento, não havia sinal dela.

Jeff deixou a folha tombar em cima da secretária de Knight e depois dobrou a cabeça para baixo e massajou os olhos. Os dois agentes deram-lhe vários momentos para absorver as implicações do que lhe tinham acabado de contar. Por fim, ele ergueu a cabeça e arrastou a mão pela cara abaixo.

– O carro não forneceu nenhuma pistas?

– Estava coberto por uma fina camada de gelo, coberto de neve, mas, para além disso, não parecia ter sido mexido desde que ela o deixou. Nenhuma pegadas em volta, indicando que outra pessoa possa lá ter estado desde que ela estacionou.

– E dentro do carro? Nenhum sinal de luta? – Engoliu em seco. – Atividade criminosa?

– Isso são as boas notícias. Nenhum sinal de luta – disse Knight, sorrindo-lhe, afável.

– Graças a Deus.

– Parece-nos que ela estacionou e se afastou sozinha. Nenhum pneu furado. Claro que não deixou a chave, mas, segundo os tipos da, *hum*, investigação criminal...

– Investigação criminal?

– Estamos a tratar o assunto como tal até sabermos mais alguma coisa. Bem, depois de eles terem acabado de processar o carro, nós examinámo-lo. Pegou logo. Nenhum problema de motor. Na mala encontrámos as botas que ela usava na sexta e uma mochila com uma etiqueta de identificação.

– Uma flor-de-lis em pele dourada com o cartão dela lá dentro.

Knight assentiu.

– Ela tem um conjunto desses – disse Jeff.

– Trouxemos a mochila aqui para o departamento e queremos que a examine, que veja se repara nalguma coisa invulgar. Mas já verificámos e não vimos nada senão coisas normais. Muda de roupa, roupa interior, produtos de higiene pessoal.

– Ela levava pouca coisa. Tencionava ficar duas noites no máximo.

– Também lá havia um portátil – disse Grange.

– Nunca vai a lado nenhum sem ele.

– Não conseguimos entrar sem a *password*. Sabe qual é?

– Os nomes do pai e da mãe, só que ao contrário.

Grange anotou o que ele soletrou.

– Estão à espera disto. – Levantou-se e desapareceu por um corredor onde Jeff supunha que o pessoal começaria a explorar o conteúdo do computador de Emory.

– Não encontrámos o telemóvel.

Voltou a dar atenção a Knight.

– Ela leva-o numa bolsinha à cintura quando corre. Caso... – Interrompeu-se quando gaguejou. – Caso tenha algum problema.

– Bem, ainda não o usou. Verificámos. E não está a emitir sinal.

Grange voltou e disse para Knight:

– Eles logo nos dizem.

– Quem vos diz o quê? – perguntou Jeff.

– Os nossos fanáticos dos computadores. Dizem-nos se descobrirem alguma coisa útil no computador dela. – Grange foi caracteristicamente lacónico.

Jeff tinha mantido uma tampa na sua frustração por tanto tempo quanto conseguira.

– Entretanto, a minha mulher continua desaparecida. Não está ninguém à procura dela?

– Estão muitas pessoas, Jeff. Mas está escuro. As estradas lá em cima estão muito perto de intransitáveis, mas temos agentes a guiar por elas. A queda de neve é muito mais densa lá em cima do que aqui em baixo. Amanhã, se o tempo melhorar, vamos usar um helicóptero, mas a previsão meteorológica não é animadora. As buscas vão continuar por terra, mas são lentas por causa do terreno. Se for exequível, arranharemos uma unidade canina para...

– Porra. – Levantou-se e afastou-se, esmagando o punho na palma oposta. – «Amanhã.» «Se.» «Unidade canina», pelo amor de Deus. – Parou de andar e virou-se outra vez para eles. – Onde fica esse parque de estacionamento? A que distância daqui?

– Um bocado – replicou Knight.

– Oh, isso ajuda muito.

– Jeff, sente-se.

– O meu traseiro está a ficar com carbúnculos de ficar sentado! Vou até lá eu.

– Isso não seria muito inteligente.

– Oh, enquanto para vocês *inteligente* significa obter a *password* do computador de Emory?

Knight suspirou.

– Critique os nossos esforços se isso o faz sentir-se melhor, mas, se for andar lá em cima aos tropeções, logo estaremos a precisar de uma expedição de socorro para duas pessoas em vez de uma.

Jeff ficou ali a balançar-se nos calcanhares, a deitar fumo pelas ventas.

– E então o FBI?

– Podíamos chamá-los, mas eles iriam fazer o que nós estamos a fazer.

– Que é muito pouco.

– Escute, Jeff, sei que parece que nada está a ser feito, mas...

– E, porra, tem razão. É tal e qual o que parece.

– Compreendo que pode ser muito frustrante.

– O raio é que compreende. Já alguma vez desapareceu alguém que ama?

Convenientemente criticado, Knight admitiu em voz baixa não ter experienciado essa desgraça.

– Então não finja saber o que estou a sentir neste preciso momento.

– Muito bem, paro com as banalidades se se sentar e nos deixar discutir algumas coisas consigo.

Jeff não obedeceu de imediato, mas, em última análise, percebendo a inutilidade de ter um ataque de fúria e regressou ao seu lugar.

– Discutir que coisas?

– Bem – começou Knight –, tal como eu disse, parece que Emory estacionou e se afastou do carro por sua própria iniciativa. Não há nenhum sinal de ter sido assaltada ou arrastada, nada desse género.

– O que significa que provavelmente teve um percalço na porra daquele ermo. Ainda lá está enquanto nós estamos aqui sentados no aconchego com o café quente.

– Ela poderia ter-se encontrado com alguém?

– Não – replicou Jeff em tom brusco. Depois, passado um instante, olhou para Grange, que fizera a pergunta. – Tipo quem?

– Há clubes de maratonistas. Às vezes, treinam como grupo.

– Emory treina sozinha.

– Sempre?

– Sim. Se é membro de algum clube ou algo assim, nunca o mencionou. Não vai a reuniões ou coisas do género. Já falaram com algum clube desses?

– Maryjo falou. Nenhum tem Emory na lista dos associados.

– Então porque me falaram disso?

– Para verificar outra vez – respondeu Grange mantendo-se imperturbável. – Não é provável, mas Maryjo podia ter falhado algum.

– A minha mulher anda todas as manhãs com um grupo de mulheres da vizinhança – comentou Knight. – Não uma caminhada rápida, entenda. Mais tipo um passeio que lhes dá tempo para coscuvilharem sobre quem não está a andar. – Fitou Jeff. – Tem a certeza que Emory não tem um companheiro de corrida?

– Tenho a certeza. Não sei de ninguém com quem ela pudesse ir encontrar-se. Além disso, veio para aqui na sexta para estar sozinha.

– Para que queria estar sozinha? – perguntou Knight.

– Para se poder concentrar. Correr é como terapia para ela. Usa-o para resolver as coisas, endireitar a cabeça. É como... como a *igreja* para ela. Dá-lhe uma pedrada espiritual.

– Ouvi falar disso. – Knight olhou para Grange e assentiu, sério.

– Mesmo assim, deve ser muito dedicada para conduzir mais de cento e cinquenta quilómetros para treinar sozinha num trilho de montanha.

- Ela desafia-se a si própria – retorquiu Jeff. – Impõe objetivos pessoais difíceis.
- Supera-se a si própria?
- Mais do que isso. É uma perfeccionista. Se se empenha nalguma coisa, é como aço.
- Incluindo o casamento?

As observações despropositadas e estranhas de Grange estavam a começar a irritá-lo e deixou que isso se visse.

- Desculpe?

Knight, no tom de um avô sábio ou de um padre, perguntou com suavidade:

- Ela é fiel, Jeff?

Ele viu tudo vermelho e lançou-lhes aos dois um olhar furioso.

- Sei o que estão a pensar e estão enganados.

- O que acha que estamos a pensar?

– Que Emory se encontrou aqui com um homem. Que eu sou um palerma, o último a saber que a minha mulher me trai.

- Não é possível?

- Não. De todo.

– Muito bem – disse Knight. – Avisei-o que lhe teríamos de fazer algumas perguntas difíceis. Se diz que corre tudo bem na frente familiar, então... – Esticou as mãos de lado, deixando que o gesto falasse por si.

– Não disse que corria tudo bem. – Jeff baixou os olhos para o chão e, quando ergueu a cabeça, ambos os agentes o fitavam na expectativa. – Eu e Emory tivemos uma discussão na quinta à noite.

- Na noite antes de ela vir para aqui?

- Sim.

- A propósito de quê?

– Começou por uma coisa pequena. Eu não queria que ela viesse para aqui. Pensava que a viagem era absurdamente desnecessária. Porque não podia ela fazer a corrida mais perto de casa, num sítio qualquer que não exigisse que dormisse uma noite fora e que, francamente, fosse menos perigoso? Uma coisa levou a outra e a discussão intensificou-se. Ambos descarregámos algum mau humor. Fomos para a cama zangados. Na sexta à tarde, quando me despedi dela, ainda havia ressentimentos de parte a parte. Nenhum de nós pediu desculpa nem retirou nada que tivesse dito a noite anterior.

Knight fez uma careta. Grange nem sequer pestanejou.

Passados vários momentos de silêncio pesado, Knight perguntou:

- Durante essa discussão, que ressentimentos descarregaram?

– Em geral, o tempo que ela passa a correr. Especificamente, esta maratona que aí vem. Ela passou mais de um ano a organizá-la. Grande evento de beneficência. Prometeu um dinheirão se terminar. Será a primeira que corre desde que magoou o pé. O treino tem sido rigoroso. Mais do que acredito ser saudável ou sensato. Exortei-a a fazer apenas metade da distância, mas ela nem quis ouvir falar disso. O que diriam todos os outros corredores se a organizadora não terminasse? Eu disse que era o ego dela a falar e referi-me ao empenhamento dela como uma obsessão.

Knight assobiou.

– Admito que foi um golpe baixo – acrescentou Jeff. – Ela saiu da sala enfurecida e eu estava demasiado zangado para ir atrás dela. A discussão terminou nestes moldes.

- E ela? – perguntou Grange.

Jeff levou algum tempo a responder, a pensar no que queria revelar e decidiu ser franco.

- Eu fui posto de lado numa promoção para sócio na minha empresa. Não porque não o merecesse, mas

por causa de politiquices internas. O que é humilhante. Fiquei desapontado, desencantado, e, confesso, Emory aguentou o embate do meu descontentamento.

– Como assim?

– Tenho andado rabugento e metido comigo mesmo. Admito não ser muito divertido viver comigo. Rejeitei as tentativas dela para me animar e estimular a minha autoestima. – Encolheu os ombros. – Na quinta à noite, foi o culminar de meses de frustração. Ambos dissemos coisas.

Grange ficou ali apenas a olhar para ele. Knight perguntou:

– Palavras ofensivas? A discussão tornou-se física?

– Caramba. Não! Não somos manhosos. Vozes alteradas, foi só.

Knight assentiu.

– Eu e a minha mulher tivemos uma discussão esta manhã por causa de uma toalha molhada que eu deixei no chão da casa de banho. Gritou comigo, perguntou porque não mijava eu no chão, já agora. Nunca se sabe o que vai provocar uma mulher.

A comparação deixou Jeff demasiado afrontado para falar.

Knight levantou-se e, como se tivesse feito um sinal silencioso a Grange, este fez o mesmo.

– Se surgir alguma coisa esta noite, comunicaremos consigo – disse Knight.

Jeff fitou-os com incredulidade.

– E é isso? Vão fechar a loja e ir para casa?

– Não se preocupe. Temos pessoas a explorar ângulos diferentes.

– Que pessoas? Que ângulos?

– Ângulos. Começaremos cedo amanhã. Se calhar, poderá ajudar se vier também, Jeff.

– Gostaria muito. Acho que não aguento outro dia simplesmente para aqui sentado.

– Ótimo. Pode ir até lá acima connosco.

Naquele SUV aparelhado? Não era provável.

– Sigo-os no meu próprio carro.

– Ná, vamos todos juntos – retorquiu Knight, decidindo sem permitir qualquer hipótese de discussão.

O detetive tirou o casaco acolchoado das costas da cadeira e vestiu-o. Mirando o sobretudo de Jeff e o cachecol da *Burberry*, disse:

– Vai precisar de roupas diferentes.

– Trouxe na mala um casaco de esqui.

– Trouxe uma mala?

Jeff virou-se para Grange.

– Como disse?

– Fez uma mala antes de sair de Atlanta para vir para aqui?

– Trouxe algumas coisas, sim.

– Mas porquê? Estava a contar ficar por aqui algum tempo?

– *Raciocinei* – replicou, dando ênfase à palavra – que, quando me juntasse a Emory, não era provável que voltássemos antes de segunda de manhã. Vim preparado para passar pelo menos uma noite.

Grange não registou qualquer reação à explicação.

Knight encaminhou Jeff para a saída.

– Amanhã de manhã vamos buscá-lo às, digamos... sete? É demasiado cedo?

– Estarei pronto. Só espero que o motel tenha lugar para outra noite.

– Já está tratado – referiu Grange. – Telefonámos e marcámos um quarto para si.

Capítulo 14



Emory agarrou a correia por cima da janela do lado do passageiro quando a *pick-up* fez a curva. Encontravam-se na mesma estrada escura e cheia de gelo de antes, desta vez a subir, o que tornava a condução ainda mais difícil. Mas, para além da estrada perigosa, ela estava preocupada que os perseguissem.

Tinham entrado e saído do consultório do médico em cinco minutos. O homem que engendrara o arrombamento apontara uma lanterna e não só monitorizara o que ela estava a fazer, como vigiara através das janelas para se assegurar que ninguém fora alertado pelo arrombamento.

Recolhera instrumentos, materiais e medicamentos que pensava poder precisar e colocara-os num saco de plástico do lixo para trazer com ela. Ninguém os abordara quando tinham partido. Saíram da vila da mesma forma como tinham entrado: despercebidos.

Ou assim esperava. Da terceira vez que virou a cabeça para olhar pela janela da cabina para a estrada atrás deles, ele disse:

– Descontraia-se, *Doc*. Não há nenhum destacamento policial a perseguir-nos.

– Visto que sou nova nesta coisa de roubos, estou um pouco nervosa. Como sabia que não havia sistema de alarme no consultório médico?

– Não sabia.

Com absoluta incredulidade, ela retorquiu:

– O que teria acontecido se tivesse soado um alarme? Teríamos sido apanhados.

– Não, não teríamos.

– Acha que tínhamos conseguido fugir daquela pequena vila adormecida nesta *pick-up* grande e que dá nas vistas?

– Sim.

– Impossível.

– Não, não é. Já o fiz.

Ela não sabia se ficar chocada com a confissão dele ou consolada por saber que ele tinha jeito para evitar a captura.

– Ainda não consigo acreditar que você... que *eu*... infringi a lei.

– Não se atormente. Já mais do que compensou o nosso pequeno arrombamento e roubo desta noite.

Ela lançou-lhe um olhar penetrante e ele respondeu à pergunta não formulada.

– Há muita coisa *online* sobre a sua filantropia.

– Foi por isso que me chamou uma alma caridosa?

– Não precisa de ir ao Haiti ou organizar eventos para angariar fundos para ajudar alguém que precisa.

Tem uma rapariga aqui mesmo.

– Se ela está como a descreveu, precisa de um serviço de urgência.

– Ofereci-me para a levar. Ela recusou.

– Porquê?

Ele concentrou-se a subir uma inclinação íngreme, mudando de mudança e guiando com cuidado, mas

Emory pensou que estava a usar aquilo como desculpa para não lhe responder.

– Porque recusou? – repetiu.

– Tem medo.

– De quê? Médicos? Hospitais?

– Quando lá chegarmos, pode perguntar-lhe.

– Quando lá chegarmos, vou telefonar para o 911.

– Boa sorte com isso.

– Impedir-me-ia?

– Eles sim.

– Os irmãos?

Ele murmurou qualquer coisa que soava como *porra de brutos*.

– Se é essa a sua opinião sobre a família Floyd, porque se envolveu com eles?

– Preferia que a rapariga sofresse?

– Claro que não. – Continuou, sabendo que estava a pisar gelo fino. – Mas penso que a situação dela lhe deu uma razão válida para se meter com eles. É uma oportunidade de que não estava à espera, mas está a agarrá-la. Diga-me se estou quente.

Os dedos enluvados dele fletiram-se no volante, antes de voltarem a comprimi-lo com força, mas não disse nada.

– Já se pegou com eles antes.

– Não, não peguei.

– Não acredito. Você disse...

– Ouça, *Doc*, pode especular até cair para o lado e continuaria a estar enganada. Tudo o que precisa saber é que dei a minha palavra a Lisa que ia buscar ajuda. Cumpro a minha palavra.

– Deu-me a sua palavra que me ia levar de volta e aqui estou.

– Levá-la-ei de volta sã e salva. Só que não esta noite.

– Não, esta noite estava demasiado ocupado a assaltar o consultório de um médico e a fazer-me sua cúmplice.

– Obriguei-a sob ameaça de arma.

– Não propriamente.

– Mas lá perto. Se a necessidade alguma vez surgir, pode deitar todas as culpas para cima de mim.

– Como? Nem sequer sei o seu nome.

Ele lançou-lhe uma olhadela.

– Está a começar a perceber.

Falava com bastante ironia, mas havia alguma verdade na afirmação. Quando ela fosse para casa, como poderia alguma vez explicá-lo, explicar alguma coisa sobre aquilo? Tudo o que acontecera desde que

recuperara a consciência na cabana rústica parecia encontrar-se para lá do campo das possibilidades.

Este tipo de aventuras não aconteciam simplesmente a pessoas como ela. No seu vasto círculo de conhecimentos, ninguém que conhecesse experienciara tal desvio impensável ao seu mundo e à sua vida organizada dentro dele. Seria o bizarro a nova norma? Parecia que sim, porque a realidade se tornara surreal.

Ou seria isto a realidade? Ela assaltara mesmo o consultório de um médico? O seu parceiro no crime era um homem que admitia estar escondido das autoridades? Ela comera à sua mesa, usara o seu sabonete no duche, usara as suas roupas, estivera perigosamente perto de fazer amor com ele?

Ou acordaria em breve e achar-se-ia deitada ao lado de Jeff no quarto bem decorado e climatizado, onde a temperatura permanecia constante o ano todo, onde qualquer dia e qualquer noite eram mais ou mesmo iguais aos que tinham passado antes e aos que viriam a seguir, onde nada demasiado cataclísmico alguma vez acontecia? Ela abaná-lo-ia para o acordar, rir-se-ia e diria: «Nem acreditas o sonho louco e confuso que tive.»

Mas esse cenário era difícil de visionar. Não conseguia focá-lo muito bem. Os pormenores, a textura dos seus lençóis favoritos, a cor das paredes do quarto, o som do ressonar suave de Jeff eram perturbadoramente indistintos, ao passo que o perfil do homem a seu lado era chocantemente familiar.

Não podia chamá-lo pelo nome, mas conseguia descrever a cicatriz em forma de crescente por cima da sobrancelha esquerda. O cabelo raiado de prateado na testa, as linhas que lhe cercavam a boca como parênteses, as facetas dos olhos sempre a mudar eram apenas alguns dos muitos aspetos dele que passara a conhecer bem.

A voz dele, que ao princípio parecera sem inflexão, podia ser muito expressiva se soubéssemos que nuances escutar. Ele conseguia sussurrar quando se pensaria que um homem do seu tamanho seria incapaz de falar com tanta suavidade. Nunca se esquecia de dobrar o pano da loiça depois de o usar. Quando se sentava na poltrona reclinável para ler, acariciava sem reparar o canto dos lábios com o polegar e, depois de adicionar um pedaço de lenha à lareira, limpava sempre as mãos à parte de trás das calças.

Transformara-a numa criminoso esta noite. Há uma semana, teria ficado assarapantada com a perspetiva de tal coisa. Mas, ao considerá-la agora, percebeu que não estava tão escandalizada como deveria.

Quando dobraram uma curva na estrada e apareceu a vedação familiar, o portão, a cabana dele, o pensamento que lhe perpassou pela mente foi: *Chegámos a casa.*

Estava a aceitar e a sentir-se confortável com o carácter chocante da sua situação. Isso, mais do que qualquer outra coisa, devia tê-la assustado.

Ele abrandou.

– Paramos? Há alguma coisa que precise lá de dentro?

– Creio que não.

Durante dias ela quisera fugir da cabana dele. Agora sentiu um aperto de ansiedade quando passaram pela relativa segurança que representava.

– Independentemente das minhas objeções, quero que saiba que penso que é muito nobre da sua parte ajudar esta jovem – disse. – Até admiro os extremos a que chegou para a ajudar.

Ele não reagiu, pressentindo que ela tinha mais alguma coisa para dizer.

– Mas isto não é a minha especialidade e estou mal preparada. E, se o estado dela é tão grave como indicou, apesar dos irmãos assustadores, apesar de *si*, farei o que for necessário para a levar para um hospital.

– Ela não irá, *Doc*. Já lhe disse. Ela estava em Drakeland esta manhã. Podia ter ido a uma série de médicos. Não foi. Telefonou aos irmãos para a virem buscar e levar para casa. Iam a caminho quando

deram cabo da carrinha.

– Os irmãos estão à nossa espera?

– Obtive o consentimento deles, de má vontade, para trazer um médico. Foi preciso alguma persuasão por parte da mãe.

– Há uma *mãe*?

– Apresentou-se como Pauline. Não a recrimine por causa dos filhos. É patética, vencida. Está muito preocupada com Lisa.

Mais acima, detetou um vislumbre de luzes através das árvores.

– É ali?

– É ali.

– Então *são* vizinhos próximos.

– Já admiti que menti em relação a isso. Agora, preste atenção. Isto é importante. Não posso virar costas a esses tipos. Por isso, se eu disser «pisga-te», você vai-se embora, compreende? Nada de perguntas, discussão, nenhuma hesitação. Faz apenas o que eu disser, quando eu disser.

– Eles são assim tão perigosos?

Ele firmou o maxilar e a ferocidade da sua expressão era assustadora.

– São estúpidos e maus e isso torna-os perigosos. – Deu uma palmadinha perto da cintura. – Tenho a pistola à mão.

– Isso deve fazer-me sentir melhor?

– O que a deve fazer sentir melhor é que não hesitarei em usá-la.

Declarou-o de forma inequívoca e ela acreditou nele.

– Vai correr tudo bem – continuou, como se pressentisse a sua apreensão crescente. – Mais uma coisa, porém. Eles não sabem que é minha... convidada. É melhor que não saibam que está sob o meu teto.

– Melhor para quem?

Ele travou. A carrinha derrapou vários metros antes de parar no centro da estrada. Esticando o braço nas costas do assento, virou-se para ela.

– Melhor para *si* – disse em tom zangado. – Não os use para se afastar de mim.

Numa vozinha, ela retorquiu:

– Estava a brincar.

– Não é assunto para brincadeiras. Não lhes peça ajuda.

– Não pedirei.

– Jure-o, *Doc*.

– Não pedirei. Juro.

Ele continuou a fitá-la com veemência, depois tirou o pé do travão e continuou a guiar. Meio quilómetro à frente, virou para um caminho cheio de sulcos e semeado de lixo de todos os tipos. Nem o efeito suavizador da neve escondia as feias cicatrizes do desleixo e da degradação. As luzes estavam ligadas dentro da casa, mas nada na propriedade parecia convidativo.

Sobretudo o cão, que carregou porta fora e começou a ladrar, feroz. Parecia um guardião do inferno, quando se ergueu sobre as patas traseiras contra a porta do lado do passageiro da *pick-up*, as unhas a rasparem no metal. Apenas a janela separava Emory dos dentes descerrados que tentavam abocanhar. Ofegante de medo, espalmou-se contra o assento.

– Oh, esqueci-me – disse ele. – Também há um cão mau.

Ela não gritara, nem sequer guinchara, mas parecia petrificada. Sem ligar ao cão enlouquecido, ele pôs a

carrinha em marcha-atrás e executou a manobra para o veículo ficar virado para a saída.

Movimentando apenas a cabeça, ela virou-se para ele, com uma pergunta nos olhos. Ele disse:

– Uma precaução. Para o caso de precisarmos de partir a toda a pressa.

Um assobio penetrante fez com que o ladrar parasse de forma abrupta. O irmão mais velho saíra para o alpendre. A lâmpada de luz amarela que brilhava por baixo do beiral lançava sombras profundas no seu rosto, realçando-lhe o olhar carrancudo.

– Aquele é o Norman.

Reagindo a outro assobio agudo, o cão recuou, mas apenas alguns passos para trás e ficou perto da porta de Emory, rígido e alerta, com as orelhas a tremer, como se estivesse à espera de uma ordem para lhes rasgar as gargantas.

Ele inclinou-se para Emory e comprimiu-lhe a mão na coxa para a tranquilizar ao mesmo tempo que gritava através da janela do passageiro:

– Chamem o raio do cão.

Norman escudou os olhos do clarão da luz do alpendre. Vendo Emory perguntou:

– Quem diabo é ela? Devia trazer um médico.

– É a doutora Smith.

Norman desceu pesadamente os degraus e aproximou-se com passo vagaroso da *pick-up*. Através da janela, agora manchada de baba canina, deu uma vista de olhos a Emory.

– Ela é médica?

– É.

Esboçando um sorriso tolo, Norman disse em tom arrastado:

– Que pena eu não estar doente.

Para seu mérito, Emory não se retraiu nem deu nenhuma outra indicação de medo. Mas o desdém na sua voz podia ter cortado gelo.

– Soube que descurou dar tratamento médico à sua irmã. Assim, vim ver o que tem. Mas vou-me já embora se não refrear esse animal.

Divertido com a determinação dela, Norman ofereceu-lhe o seu sorriso parvo e disse:

– Sim, senhora, senhora doutor. – Depois virou-se e levou o cão pela coleira. Arrastou-o para uma árvore e prendeu uma corrente à coleira. – Deita-te – ordenou, atirando-lhe um pontapé que fez o cão esparramar-se na neve lamacenta. Voltou a levantar-se logo, mas ficou onde estava, sentado sobre as patas traseiras e a resfolegar com força.

Emory virou a cabeça e falou num tom de voz baixo que Norman não conseguiria ouvir.

– Tem a certeza que a sua pistola está carregada?

– Sempre. Eu protejo-a, *Doc* – acrescentou, passado um segundo. – Pode contar com isso. Matá-los-ei antes de os deixar tocar-lhe.

Os rostos estavam muito perto, por isso ele conseguiu ver a desorientação com que os seus olhos sondaram os dele. Depois, ela assumiu uma expressão de determinação. Afastando-se dele, abriu a porta do lado do passageiro e saiu.

– Onde está Lisa?

Norman fez uma vénia, dobrando-se pela cintura, e fez um gesto largo com o braço em direção à casa.

– Quarto das traseiras.

O cão rosnou quando eles passaram. Subiram juntos os degraus, atravessaram o alpendre e entraram diretamente numa sala de estar. Ele vira-a naquela tarde quando os trouxera a casa. A noite não a melhorara. Estava nojenta, desde o teto bolorento ao tapete manchado. Havia secções do papel de parede que tinham pelado, expondo as placas de gesso. Uma tenda feita de papel de jornal funcionava como

quebra-luz para o candeeiro de pé cujo apoio estava dobrado.

Will, esparramado no sofá, via um combate de luta livre na televisão. A caçadeira estava encostada, com o cano para cima, na almofada a seu lado. Mal viu Emory, ergueu as sobrancelhas.

– Estão a gozar comigo? O que raio se passa?

O irmão disse:

– Aqui o vizinho homem trouxe-nos uma médica mulher. Não é para rir?

O epíteto de Norman irritou-o, mas deixou-o passar porque não ia dizer aos irmãos Floyd como se chamava. Além disso, estavam a avaliar Emory como chacais esfomeados, o que o fez sentir-se ainda mais protetor. Ignorando o par grosseiro, pegou no braço de Emory e guiou-a em direção ao quarto onde deixara Lisa. A mãe encontrava-se na soleira da porta aberta do quarto, a torcer a batinha do avental sujo atado à volta da cintura.

Pauline Floyd era escanzelada ao ponto de os ossos dos ombros aflorarem como puxadores de gavetas no vestido esbatido. O cabelo era tão ralo que se via o couro cabeludo através do tufo grisalho encaracolado no topo. O rosto mostrava que vivera muitas ocasiões difíceis e que esta era outra delas.

– Pauline – disse ele –, esta é a doutora Smith. Doutora Smith, Mistress Floyd.

Emory murmurou qualquer coisa para responder à apresentação.

Pauline dirigiu-se-lhe, ansiosa:

– Pode ajudar a minha menina? Está a passar por uma coisa horrível. Diz que a barriga lhe dói e está a sangrar.

Emory olhou para dentro do quarto na direção da cama, onde o pequeno montículo por baixo da colcha esfarrapada jazia perfeitamente imóvel.

– Espero poder ajudá-la. Onde posso lavar as mãos?

A mulher idosa inclinou a cabeça, perplexa.

– Na casa de banho, suponho. – Fez um sinal com o polegar.

Emory pediu licença e seguiu a direção que Pauline lhe indicara.

A mulher observou-a até ela desaparecer por uma porta e depois voltou ao vizinho:

– Há quanto tempo vive ali em baixo?

– Algum.

– Sozinho?

– Sim, senhora.

Ela lançou uma olhadela à casa de banho.

– Ela é uma médica a sério?

– É uma excelente médica.

– Não conheço nenhuma mulheres médicas por aqui. Onde a foi buscar?

– À cidade – retorquiu ele, com a esperança que fosse toda a explicação exigida.

Emory saiu da casa de banho com ar pálido, mas cheio de determinação. Passou por ele e Pauline e entrou no quarto. Eles seguiram-na até à cama. Lisa estava deitada de lado, com os joelhos para o peito.

Emory retirou uma caixa de luvas de látex do saco de plástico que trouxera com ela, calçou um par e depois tocou no ombro da rapariga.

– Lisa? Sou a doutora Char... Smith. – Fez pressão suave mas insistente e a rapariga rolou até ficar de costas.

Era muito bonita, com feições delicadas e cabelo loiro sedoso. Por contraste, os olhos eram tão escuros que as íris quase não se distinguiam das pupilas. Olhando para lá de Emory, na direção dele, sorriu timidamente.

– Voltou?

– Prometi que voltava. Trouxe a médica.

Ela desviou o olhar para Emory.

– Dói.

Emory deu uma palmadinha na mão esbelta da rapariga.

– Espero poder aliviar isso logo, mas primeiro vou ter de a examinar. Está bem?

Lisa lançou uma olhadela à mãe e depois assentiu, hesitante.

Emory endireitou-se e virou-se.

– Vamos precisar de alguma privacidade.

– Fico mesmo aqui à porta – disse ele.

Mas, quando fez um gesto para Pauline sair à sua frente, ela protestou.

– É a minha filha. Tenho visto tudo.

– A doutora Smith chama-nos mal termine o seu exame. Certo, doutora Smith?

– Com certeza – replicou Emory.

De forma silenciosa, transmitiu-lhe a premência da situação. Sem dar qualquer hipótese a Pauline, ele pegou-lhe no braço e impeliu-a em direção à porta. Quando olhou para trás, Emory estava dobrada sobre a cama, a falar com suavidade com a sua doente.

Fechou a porta e encostou-se a ela. Pauline disse-lhe que estaria na cozinha e seguiu nessa direção. Andava com o nervosismo de um rato, mantendo-se perto da parede como se receosa de ser vista e despertar cólera. Desapareceu numa porta aberta.

Will não se mexera do seu lugar no sofá. Na televisão, duas mulheres lutadoras estavam a atirar-se uma à outra contra as cordas, mas o volume tinha sido baixado. Norman estava sentado num cadeirão estofado que a dada altura teria combinado com o sofá, mas que estava agora atravessado ao acaso com fita adesiva que juntava rasgões no tecido manchado.

Tinha a atenção total dos dois.

– Sente-se e descanse os ossos – disse Norman.

– Prefiro ficar de pé, obrigado.

– Como se chama, afinal?

– Que diferença faz?

Norman assumiu alguma pose.

– Está a meter-se nos nossos assuntos, é essa a diferença que faz.

– Tudo o que estou a fazer é a arranjar tratamento médico para uma rapariga doente.

– Doente o caraças. – Will desenrolou a espinha, pegou numa lata de cerveja da mesa de café riscada e instável e bebeu uma golada. – Devia era não se ter deixado emprenhar.

Anteriormente, quando a vira pela primeira vez na carrinha escaveirada, ele reparara que os lábios de Lisa estavam brancos de dor, mas, quando lhe perguntara a natureza dos seus padecimentos, ela não fora muito expansiva na sua resposta.

Visto que os irmãos tinham parecido indiferentes à situação dela, ele consentira em levá-los de carro para casa. Ajudara Lisa a entrar e, depois de ter explicado com rapidez a Pauline porque se encontrava ali, ele e a mulher idosa tinham levado Lisa para o quarto.

Pressentindo a relutância da rapariga em discutir o seu problema com membros da família, mandara Pauline buscar um copo de água para Lisa. Só então ela lhe confessara que tivera um aborto. Envergonhada, suplicara-lhe que não dissesse à mãe.

– Não devia passar por isto sozinha. Contou a alguém? – perguntara ele.

– À minha tia e tio... vivo com eles em Drakeland... ou vivia. Expulsaram-me de casa quando lhes contei o que estava a acontecer. Tive de contar aos meus irmãos para eles me virem buscar. Mas não

quero que a minha mãe saiba.

Tinha começado a chorar e parecera tão perturbada que ele lhe dera a sua palavra que não contaria à mãe, mas insistira que, se ela estava com tantas dores, devia ser vista por um médico. Ou ele a levava ou ela chamava o número das emergências 911.

– Os técnicos do serviço de urgência não contam a ninguém. Não podem. São profissionais.

Ela não quis ouvir falar do assunto. Fora então que ele se oferecera para trazer a ajuda médica até ela. Sabendo o que a rapariga assustada tinha sofrido, e continuava a sofrer, tanto física como emocionalmente, a observação do irmão Will enfureceu-o. Reprimiu o impulso de arrancar o Floyd mais novo do sofá pelo cabelo viscoso e atirá-lo pela janela.

– Que idade tem Lisa? – perguntou.

Will encolheu os ombros e olhou para Norman.

– Que idade é que ela tem? Catorze?

– Quinze.

Will voltou-se outra vez para ele.

– Quinze.

– Ela e a vossa mãe parecem ter uma relação muito próxima.

– Sabe como são as mulheres – bufou Norman. – São unidas.

– Então porque está Lisa a viver com parentes em Drakeland?

– Não tem a porra de nada a ver com isso – respondeu Will.

Norman replicou com mais civilidade:

– Há escolas melhores lá em baixo.

– Lisa está no secundário?

– Claro – disse Norman. – O que pensa, que ela é atrasada mental ou algo assim?

– Estava só a pensar se o pai do bebé que perdeu é tão jovem como ela.

– Ela trabalha num Subway aos fins de semana – comentou Will. – Sabe-se lá quem é que já fodeu.

Bebeu outra golada de cerveja, mirando-o por cima do topo da lata, como se esperasse que ele ficasse ressentido.

Ficou, mas manteve a expressão impassível e dirigiu a pergunta seguinte a Norman:

– Viveram aqui a vida toda?

– Sim. Bem, exceto durante algum tempo há alguns anos. Eu e Will ouvimos falar de trabalho na Virginia. Fomos para lá por um tempo.

– Como correu?

Norman coçou o covado.

– Não muito bem. Mal lá chegámos, a economia deu em merda. Fomos ambos despedidos.

– Grande chatice.

– Nem por isso. A mãe queria-nos de volta a casa e, de qualquer modo, a Virginia não é tão boa como se diz.

– Que tipo de trabalho lá faziam?

Os olhos de Norman estreitaram-se.

– O que tem com isso? De facto, o que é isso de todas essas perguntas sobre a nossa família?

– Só estava a fazer conversa amigável.

– Bem, converse sobre outra coisa qualquer.

– Do que precisamos é de uma mudança de assunto – disse Will. – Estalou os dedos. – Já sei. Vamos falar sobre si.

O brilho selvagem nos olhos do Floyd mais novo pô-lo em guarda, mas manteve o tom neutro.

- Que tem?
- Porque se mantém tão metido consigo?
- Gosto da minha privacidade.
- Gosta da sua privacidade – repetiu Will, como se ponderasse a resposta. – É homossexual?

Norman reprimiu um risinho e depois riu-se por trás do punho. Will lançou ao irmão uma piscadela de olho autocongratatória.

Ele deixou a piada seguir o seu curso e depois retorquiu:

- Não, Will. Sou heterossexual. Lamento. Detesto desapontar-te.

Will levou alguns segundos a entender a implicação. Quando compreendeu, lançou-se do sofá e veio a arrastar-se na sua direção. Norman esticou o pé dentro da bota e plantou-o diretamente no caminho do irmão. Will tropeçou nele e caiu de cara no tapete nojento. Ergueu-se a vomitar imprecações. Norman refreou-o fisicamente.

- Acalma-te, Will. Ele está só a meter-se contigo. E, afinal, estavas a pedi-las.

A torrente de blasfémias de Will continuou ao mesmo tempo que tentava libertar-se do irmão mais ponderado. Pauline veio ver qual era a agitação, mas depois de avaliar o que devia ser uma cena familiar, escapuliu-se outra vez, despercebida, para a cozinha.

Enquanto Norman ainda estava a tentar dissuadir Will de lhe arrancar a cabeça, a porta atrás dele abriu-se. Emory lançou uma olhadela aos irmãos que brigavam, mas havia outro problema que os suplantava. Em voz baixa, mas insistente, disse:

- Preciso de falar consigo.

Vigiando os Floyd, ele recuou até ao quarto, fechou a porta, depois arrastou uma cadeira direita e encaixou-a por baixo da maçaneta. Não precisou de perguntar sobre Lisa. O comportamento de Emory dizia tudo.

- Isto não é um aborto – disse ela.

Ele lançou uma olhadela à cama onde Lisa estava deitada, a chorar baixinho. Emory tirara as luvas cirúrgicas das mãos. Segurava-as do avesso, mas ele viu que os dedos das luvas estavam manchados de escuro.

- Então o que se passa com ela?
- Está em trabalho de parto.

Capítulo 15



Jeff leu o nome da pessoa que ligava no telemóvel e considerou a hipótese de não atender. Falar com Alice não era a melhor ideia. Mas, por outro lado, toda a gente sabia que ela era amiga dele e de Emory como casal. Era natural que estivesse preocupada e lhe telefonasse a saber informações e a oferecer todas as formas de apoio.

Atendeu.

– Olá.

– Jeff, o que diabo se passa?

– Emory está desaparecida.

– Isso já sei. Já se tornou viral nas redes sociais.

– Merda. Foi o pessoal do consultório?

– O consultório propriamente dito não emitiu nenhum comunicado. Mas membros do pessoal, individualmente, têm estado a revelá-lo. Algumas das amigas de Emory também, que dizem que começaste a ligar-lhes ontem à procura dela.

Ele praguejou baixinho.

– Sabia que mais cedo ou mais tarde haveria um bombardeamento nas redes sociais, mas, ingenuamente, esperei que tivesse mais tempo antes da investida.

– Tenho estado fora de mim com preocupação. Conta-me.

Ele passou os dez minutos seguintes a dar pormenores sobre a situação sem qualquer interrupção da parte dela para além de exclamações espontâneas de consternação e solidariedade. Chegou ao fim e terminou com:

– Amanhã, logo de manhãzinha, vou com Knight e Grange ao local nas montanhas onde encontraram o carro dela.

– Isto é inacreditável.

– Eu sei. É como se ela tivesse sido sugada por alienígenas e é a coisa menos horrível em que consigo pensar. As alternativas pavorosas...

– Não. Não faças isso a ti próprio. Podes enlouquecer a especular.

– Estou já a meio caminho. Da loucura, quero dizer. Os dois detetives exortaram-me a manter uma

atitude positiva, mas vamos ser realistas, Alice. Passou demasiado tempo desde que ela foi vista ou que alguém falou com ela. Por mais zangada que estivesse quando partiu, se conseguisse contactar-me, já o teria feito por esta altura. Isto não pode ser bom.

– Receio que tenhas razão.

Era uma mulher demasiado prática para mentir quer a ele quer a si própria.

– Vai passar na televisão amanhã – contou-lhe ele. – Possivelmente logo cedo nas notícias da manhã.

As equipas noticiosas apanham agora a maior parte das suas pistas nas redes sociais. Assim que o departamento do xerife confirme oficialmente que ela está desaparecida, os repórteres e as equipas de filmagem virão em bando até cá.

– Emory é tão conhecida e tem uma imagem pública tão grande.

Disse-o sem ciúmes nem rancor. Uma coisa que ele apreciava muito em Alice era que ela estava bem ciente dos muitos feitos e talentos de Emory, mas não se sentia ameaçada nem ressentida com eles. Emory tinha uma natureza competitiva. Não Alice, que era dissemelhante dela sob todos os aspetos e não se importava de ser ofuscada por comparação com o brilho estelar da sua mulher.

E era precisamente por isso que ele estava com Alice.

– Por causa da notoriedade de Emory, Knight disse-me para me preparar. Avisou-me que podia ser a minha última noite de paz até ela ser encontrada. Logo que a coisa se saiba, é provável que seja cercado pelos meios de comunicação. Na opinião de Knight, não será muito mau – continuou. – Ele diz que em geral é boa ideia um membro da família fazer um apelo público, ir à televisão e pedir ajuda ou informações. Já os viste na televisão, pais a soluçar, cônjuges perturbados a suplicar o regresso são e salvo de um ente querido desaparecido. Nunca pensei ser um desses pobres lamechas.

– Vais sentir-te à vontade a fazer isso?

– Não será fácil, mas farei o que se esperar de mim ou me for exigido.

– Pareces exausto.

– Têm sido uma merda de umas vinte e quatro horas.

– O que te levou a ir até aí ontem?

Sai da minha cama e vai até lá. Ela não o dissera, mas estava implícito.

– Como me estavas sempre a indicar, não era típico de Emory estar tanto tempo sem telefonar, por uma questão de cortesia já que não por outra razão qualquer. Ainda não acreditava que alguma coisa catastrófica tivesse acontecido, mais que ela me estivesse a castigar por causa da nossa discussão. Vim até cá à espera de a encontrar amuada no quarto do motel. Estava a planear que nos reconciliássemos, ou pelo menos que fizéssemos uma trégua até podermos chegar a casa e resolver as coisas. Quem diabo poderia ter previsto *isto*?

Ela emitiu sons calmantes. Ele imaginou-a a abraçar-lhe a cabeça nos seus seios fofos, a passar-lhe os dedos pelo cabelo e a afagar-lhe a face. Ele nunca exigira nem apreciara particularmente mimos e festas, mas eram essenciais para Alice. O corpo dela, viçosamente proporcionado, parecia exigir que fizesse bom uso daquilo para que fora concebido.

Como se seguindo o curso dos seus pensamentos, ela disse:

– Quem me dera estar aí contigo.

– Não vai dar.

– Eu sei. Isso não me impede de o querer. Onde estás agora?

– Numa porcaria de um motel. Nem sequer sei como se chama.

Ela sugeriu que ele procurasse um alojamento melhor. Ao mesmo tempo que explicava como se encontrava neste motel em particular, Jeff foi até à janela e espreitou pela frincha do cortinado piroso, meio à espera de ver Grange e Knight sentados no SUV com as janelas de vidros fumados, a vigiar o

quarto dele através de binóculos de visão noturna.

– Porem-me aqui e cobrirem a despesa é a sua forma subtil de me dizerem que não tenho liberdade para andar por aí, como se tivessem de me manter debaixo de olho.

– Não é assim tão surpreendente, pois não? É natural que estejam preocupados contigo, com o teu estado de espírito. E, se houver algum súbito acontecimento novo, precisam de saber onde te encontrar depressa.

– Talvez.

– Jeff? O que é?

Ela detetara a sua vexação e ele aproveitou a oportunidade para descarregar.

– É quase como se pensassem que eu tive alguma coisa a ver com o desaparecimento de Emory.

– Com certeza que não podem pensar isso!

– Oh, podem sim. É sempre o marido, não é? – Não disse «o marido infiel», mas Alice era esperta o suficiente para inferir o adjetivo.

Numa vizinha, ela perguntou:

– Falaste-lhes de nós?

– Caramba, não. Raios, não. Confessei a discussão que eu e Emory tivemos na quinta à noite, mas... Não sei. Talvez esteja só a ser paranoico, mas pareceu-me que eles interpretaram mais do que de facto aconteceu. Knight até teve o descaramento de perguntar se a discussão se tornara física.

– O trabalho deles é serem desconfiados.

– Grange com certeza que é. Saltou logo quando mencionei que fizera uma mala antes de partir de Atlanta, perguntou se eu estivera a contar ficar algum tempo.

– Explicaste como és esquisito e picuinhas com o teu guarda-roupa?

Ele entendeu aquilo como uma pergunta retórica.

– Os dois também têm aquela rotina do polícia bom/polícia mau que é tão transparente que é quase divertida.

– Só que não é divertido, Jeff. Nada disto. A tua mulher, meu amigo, está desaparecida.

– Sim, está desaparecida. Está desaparecida porque foi para um sítio para onde, nem ela nem nenhuma mulher, nunca devia ter ido sozinha. Eu devia ter calado a boca em relação a isto. Tentar convencê-la a não fazer a viagem só a tornou mais determinada. Sabes como ela é persistente. Agora estamos todos a sofrer as consequências das más escolhas dela.

– Jeff – ralhou ela com suavidade.

– Lamento. Sou horrível. Não estou em mim.

Alice ficou calada durante algum tempo e depois:

– Esses dois detetives disseram que não havia qualquer indicação de que ela tivesse sido abordada por alguém.

– Pelo menos não onde o carro estava estacionado.

– O que não descarta a possibilidade de alguma coisa horrível lhe ter acontecido enquanto estava a correr, ou atividade criminosa ou um acidente que a debilitou.

– Isso é o que estou sempre a repisar, mas...

Hesitou, a pensar se devia ou não falar do assunto e então disse:

– Formularam outra explicação para o desaparecimento dela.

– O quê?

– É absurdo, mas sugeriram que Emory se encontrou com alguém aqui em cima, um homem, e que está num refúgio de amantes. Knight perguntou-me sem rodeios se ela era infiel.

– Tens alguma razão para desconfiar disso?

Não era a reação que ele previra e provocou-lhe uma risada.

– Caramba, Alice. Tu também? O que é bom para um...?

Parece que ela estava a pensar precisamente a mesma coisa. O silêncio demorado no outro lado estava pesado de subentendido. Por fim, ela retorquiu:

– Conhecendo Emory...

– Está fora de questão.

– Eu ia dizer que parece altamente improvável.

– Se ela tem outro interesse amoroso, será o raio das maratonas. Não um homem. Mas, para ela, correr é tão orgástico como foder. Mais ainda, se queres saber a verdade.

– Não quero saber. Disse-te desde o princípio, Jeff. Podemos falar de tudo, nenhum assunto está proibido, exceto a tua vida pessoal com Emory.

– Alice...

– Não quero saber se o sexo é maravilhoso ou horrível ou medíocre. Não quero saber nada.

– Muito bem! Já te ouvi! – Caramba! Ninguém estava do lado dele?

De repente, ela mostrou-se contrita.

– Perdão. A última coisa que precisas é que eu te ataque.

– Ouve – retorquiu ele com brusquidão. – Preciso de desligar.

– Jeff.

– Não devias ter telefonado. Estou contente por o teres feito. Mas falámos demasiado tempo. Se alguém verificar o meu telemóvel, terei de explicar esta chamada. Telefone quando puder. Adeus.

– Jeff, espera.

– Quê?

– Já consideraste a hipótese...

– Desembucha, Alice. O quê?

– Talvez devesse ter um advogado presente quando falares com eles.

De novo, não era um comentário que ele tivesse previsto da parte dela.

– Era só o que precisava. Um advogado a aconselhar-me a não responder às perguntas deles. Não pareceria nada suspeito.

– Só acho que seria sensato...

– Não, seria estúpido. Porque se esses dois detetives meteram nos seus cérebros pequeninos que sou culpado, arranjar um advogado seria ratificá-lo. Não, Alice. Nada de advogado.

– Estou só a tentar ajudar.

– O que aprecio. Mas tenho de tratar disto à minha maneira.

– Compreendo. Mas, por favor, não me afastes. O que posso fazer?

Ele pensou naquilo e depois disse com frieza:

– Podes parar de me telefonar.

– Trabalho de parto? Ela disse-me que perdeu o bebé.

Falava num sussurro, mas a sua inquietação era evidente. Mantendo a voz baixa, Emory retorquiu:

– E foi isso que aconteceu. – Inspirando fundo, organizou os seus pensamentos para lhe dar uma explicação. – Lisa calcula que concebeu há quatro meses e meio. Mas, há duas *semanas*, teve um aborto. Estando já de pelo menos dezasseis semanas, devia ter consultado um médico que lhe teria receitado medicamentos que provocam e aceleram a eliminação de tecido. Podem ser necessárias várias semanas para o corpo se livrar sozinho desse tecido. Muitas vezes, se a gravidez está tão avançada como a de

Lisa estava, realiza-se uma dilatação e curetagem. Pode ser muito triste e até traumático para a doente, mas não há mais problemas residuais de saúde.

Parecendo desconfortável com o assunto, ele passou os dedos pelo cabelo.

– Mas ela não foi ao médico.

– Não. Agora está a sofrer, porque nem todo o material uterino foi eliminado naturalmente quando teve o aborto. Não recebeu qualquer tratamento, nem os medicamentos, nem uma curetagem. O corpo está a tentar expelir sozinho um feto de dezasseis semanas e as contrações são tão fortes que é, no essencial, como estar em trabalho de parto.

– Caramba. – Ele desviou o olhar antes de voltar a falar com ela. – Tem a certeza que já não há bebé?

Ela ficou comovida com a aparente preocupação dele.

– Tenho a certeza. Ela teve uma hemorragia abundante hoje, bem como há duas semanas. E o tamanho do útero não é tão grande como seria se estivesse a meio de uma gravidez. – Olhou para a cama. Lisa parara de chorar, mas pusera o braço por cima da testa. – Ela diz que está contente por ele ter morrido.

– Há quanto tempo isto dura?

Emory voltou a olhar para ele.

– A hemorragia de hoje? Acordou-a hoje de manhã e tornou-se tão significativa, tal como as contrações, que foi obrigada a contar à tia e ao tio.

– A bondade personificada, pelo que depreendi.

– Ela contou-lhe que a puseram fora?

Ele assentiu.

– Não lhe deixando outra opção senão telefonar aos cretinos dos irmãos e pedir-lhes que a viessem buscar.

– Quanto tempo vai demorar a, *hum*, sair?

– Não sei. Podia usar os instrumentos que trouxe para raspar o útero, mas sinto alguma relutância. Em primeiro lugar, porque não é a minha especialidade. Em segundo, as condições aqui são tudo menos assépticas. O risco de infeção seria demasiado grande.

Ele matutou naquilo durante vários momentos e depois disse:

– Muito bem. Embrulhe-a aí. Vamos levá-la para o hospital.

– Espere. – Pousou-lhe a mão no braço. – Tenho também de considerar a estabilidade emocional da minha doente. Ela insiste que mais ninguém saiba do bebé. Quando sugeri que você e eu a levássemos e à mãe ao centro médico mais próximo, ela ameaçou matar-se.

– Estava histérica.

– Estava perfeitamente racional. Está disposto a arriscar que ela não está a falar a sério?

Ele praguejou entre dentes e depois soltou um longo suspiro.

– O que sugere, *Doc*?

Emory consultou o relógio de pulso.

– Sugiro que deixemos a natureza seguir o seu curso. São quase duas horas. A estrada apresentará menos perigos à luz do dia. Vamos reavaliar a situação de madrugada. Talvez até lá consiga acalmá-la o suficiente para aceitar o que aconteceu e a consiga convencer a contar à mãe o que se passa.

Ele aproximou-se um pouco mais e baixou a voz, para não haver qualquer hipótese de Lisa os ouvir.

– Ora vamos lá, *Doc*, acha que Pauline não sabe? É rude e pouco culta, mas não é estúpida.

Ela lançou-lhe um sorriso abatido.

– Tenho quase a certeza que ela sabe. E é mais do que provável que Lisa saiba que ela sabe. Mas a negação é a única forma de ela conseguir lidar com a situação neste preciso momento.

Ele olhou para a cama, a testa enrugada de preocupação.

– Ela não está em perigo de morrer, pois não?

– Acredite, se eu pensasse que era uma situação de emergência, eu própria pegava nela e conduzia a carrinha. Mas não chegou a esse nível. A tensão arterial está um pouco alta, mas isso explica-se possivelmente por causa da aflição dela. A hemorragia é o que se esperaria. Estou a controlar a temperatura. Está normal.

Para mitigar ainda mais a preocupação dele, referiu:

– Ela está assustada e desconfortável, mas o corpo está a reagir como deveria. As mulheres de países do terceiro mundo aguentam isto sem medicamentos nem procedimentos clínicos e sobrevivem.

Ele olhou em volta.

– Isto qualifica-se como terceiro mundo.

– Como precaução, estou a dar-lhe antibióticos.

– Importa-se que fale com ela? – Inclinou a cabeça para a cama.

– Não. Aos olhos dela, é um herói. Disse-me que era a pessoa mais simpática que já conheceu.

– Ela não me conhece.

– Foi o que eu disse. – Sorriu para lhe mostrar que estava a brincar. – Vá lá. Dou-lhes um momento.

– Não abra essa porta.

Ela fitou-a e estremeceu.

– Não tenho qualquer intenção de o fazer.

Ele aproximou-se da beira da cama e ajoelhou-se sobre um joelho, para ficar ao nível dos olhos de Lisa. Emory não conseguiu ouvir o que diziam, mas Lisa escutava com profunda atenção.

O cansaço reclamou Emory e, apesar da condição miserável da parede, encostou-se para trás apoiada a ela e fechou os olhos. A cabeça doía-lhe, mas atribuiu a dor surda à fadiga, mais do que à concussão. O espaço entre as suas omoplatas queimava de tensão. Considerando os eventos da noite, seria de admirar?

Não há muito, dentro de um espaço de tempo que podia ser medido em horas e não dias, pensara que acordar na cama de um desconhecido, não saber onde se encontrava ou como lá chegara, era a coisa mais bizarra que alguma vez lhe tinha acontecido. Como se enganara.

– Como está?

Despertada pela aspereza familiar do sussurro dele, abriu os olhos e sentiu-se momentaneamente desorientada.

– Bolas, devo ter adormecido de pé. Não me acontecia desde a faculdade de medicina.

– Cansada?

– Exausta.

– O crime tem os seus efeitos.

Ela soltou uma risada suave.

– Um delito grave por causa de uma doente. Há uma primeira vez para tudo. Compreendo agora melhor – acrescentou – a zona cinzenta da sua moralidade.

– Cinzento-escuro – disse ele e ela sorriu. – Tem fome?

– Sim, mas não comeria nada que saísse desta casa.

– Um pouco de água?

– Se lavar o copo primeiro e for o único a mexer nele.

– Nem poderia ser de outra maneira.

Afastou a cadeira de baixo da maçaneta da porta e ia para a abrir quando ela o deteve com uma pergunta.

– Os irmãos estavam a lutar quando o fui buscar. Tinha a ver com quê?

– Comigo.

– Consigo?

– Will perguntou-me se eu era homossexual.

– Que idiota. O que lhe disse?

Ele fitou-a durante um instante, depois retirou a mão da maçaneta da porta, colocou-a à volta da nuca dela por baixo do cabelo e puxou-a para receber o seu beijo, o beijo explorador, evocativo e nada tímido, que começou devagar, mas logo adquiriu uma premência mal refreada.

Beijou-a como se tivesse significado, como se esse beijo fosse a última coisa que fizesse na terra e fosse fazê-lo bem, de forma completa, sem deixar nada a desejar.

Mas ela ficou a desejar e, a julgar pelo subir e descer rápido do peito dele e da febre nos seus olhos quando sacudiu a cabeça para trás, ele também ficara a desejar mais.

Abruptamente, ele retorquiu:

– Disse-lhe que não.

A crise chegou um pouco depois das quatro. Lisa agarrou o baixo-ventre e gritou.

– Sei que dói. – Emory nunca sentira nada pior do que dores menstruais pouco fortes. Nunca concebera, nunca tivera um aborto e, se isso tivesse acontecido, teria recorrido a cuidados médicos imediatos e ideais. O sofrimento evidente da rapariga afetava-a para lá da sua objetividade profissional.

Depois do segundo grito, a porta do quarto abriu-se de rompante e Pauline entrou por ali adentro.

– O Mister Não-sei-como-se-chama não me queria deixar entrar, mas só se me fosse amarrar como um porco conseguiria manter-me lá fora.

Ele, que tinha estado a montar guarda à porta do quarto, olhou para Emory com mortificação.

– Juro-lhe que não hesitaria em amarrar Norman ou Will, mas não sou adversário à altura de Pauline.

Estou mesmo aqui fora. – Deu um passo para trás e puxou a porta, fechando-a.

Quando Lisa viu a mãe, uma expressão de alívio inundou-lhe o rosto, como se a tivessem dispensado de tomar uma decisão difícil.

– Mãe? – Estendeu a mão.

Pauline agarrou-a ao mesmo tempo que se sentava na beira da cama. Erguendo a cabeça para Emory, disse:

– Fui a mais velha e todos os meus irmãos e irmãs nasceram em casa. Não tenho náuseas. Posso massajar-lhe a barriga.

Vinte minutos depois, Emory deixou mãe e filha sozinhas. Pauline estava a falar baixinho com a rapariga, a mão calosa e não tratada espantosamente meiga quando afastava o cabelo de Lisa da testa. Emory foi à porta e abriu-a. Lá estava ele, como dissera que estaria, de sentinela. Os irmãos dormiam. Will ressonava no sofá. Norman estava na poltrona, a cabeça apoiada no ombro, um bocado de baba a baloiçar-lhe do lábio inferior.

Emory trazia o saco de plástico do lixo, agora fechado com um nó apertado no cimo.

– É preciso desfazermo-nos disto. Sugiro que se queime.

Sem hesitar, ele tirou-lho da mão.

– Como está Lisa?

– Muito melhor. Estou quase a convencê-las que ela devia ir fazer um exame. Mas penso que vai ficar bem. Gostaria de ficar com ela mais algum tempo, só para termos a certeza.

Ele assentiu e afastou-se para tratar da sua tarefa.

Pouco depois, Emory e Pauline deram a Lisa um banho de esponja e mudaram a roupa da cama. Os novos lençóis estavam desbotados, mas limpos. Pauline levou os sujios e disse a Emory que ia fazer café.

Emory mediu a tensão arterial de Lisa, mas, mesmo antes de retirar a braçadeira, já a cabeça da rapariga estava enterrada fundo na almofada e os olhos a fecharem-se.

Arqueando as costas para desfazer a tensão, Emory foi até à janela e olhou lá para fora. Pensou que os olhos lhe estavam a pregar partidas. O Sol ainda não se erguera, mas havia luz suficiente a anunciar a madrugada para conseguir entrever uma forma grande, ajoelhada ao lado do cão, a afagar-lhe a cabeça e a falar com ele com palavras que tinha a certeza não importavam para o animal maltratado. Este estava a reagir à primeira carícia bondosa que provavelmente já recebera. Comeu um pedaço de comida da mão dele e depois lambeu-lhe a palma de gratidão.

– É o seu namorado?

Emory olhou para a cama e ficou surpreendida por ver que Lisa estava acordada e a observá-la.

– Não. Acabámos de nos conhecer.

– Como se chama ele?

– É um homem muito reservado.

Lisa estudou-a durante um momento e depois disse:

– Também não sabe, pois não?

Ela lançou à rapariga intuitiva um sorriso pesaroso.

– Não.

– Via-o a trabalhar no pátio quando passávamos pela casa dele. Sempre me assustou.

– Porquê?

– Para começar, é muito grande.

– É mesmo.

– E com aspeto melancólico. Nunca o vi sorrir senão na noite passada.

– Não está para aí virado muitas vezes.

– Porém, sorri para mim. E para a mãe. E para si.

Tinha a expressão de entendida de uma mulher e Emory percebeu que ela devia ter testemunhado o beijo, o beijo que lhe provocava uma sensação de ondulação no baixo-ventre sempre que pensava nisso. O beijo que a aquietara e eletrificara ao mesmo tempo. Nunca se sentira mais segura ou mais em perigo. As emoções eram contraditórias, porém, num ponto, límpidas como cristal: não quisera que o beijo terminasse. Apesar da situação e do ambiente imundo, ansiara por sentir mais os lábios dele, o sabor dele, o trespassar arrojado da sua língua.

Lisa fê-la sair do seu devaneio quando disse:

– Uma vez, quando os meus irmãos despejaram um barril de lixo mesmo à saída do portão dele, eu disse-lhes que eles eram loucos por o estarem a irritar.

– Creio que tens provavelmente razão. – Hesitou, não querendo colocar Lisa numa posição embaraçosa, mas sentindo-se pressionada a perguntar. – Sabes se os três já se envolveram nalgum conflito antes?

– Antes do quê?

– Antes de ele se tornar vosso vizinho.

– Não. Tenho a certeza. Ouvi Will e Norman a falar sobre ele, a perguntar quem seria e o que andaria a tramar. A mãe calcula que ele esteja a esconder-se da lei.

Emory não respondeu.

– Ou, disse a mãe, talvez ele esteja a esconder-se de uma mulher e filhos que abandonou.

Nenhuma noiva. Nenhuma mulher. Nunca.

– Mas não acho que seja isso – continuou Lisa. – Mais depressa acreditaria que ele era um foragido do que um homem que abandonou a família.

Emory olhou para ela.

– Porque dizes isso?

– Não parece simplesmente esse tipo de pessoa. Mas alguma coisa se passa ali. É invisível, mas percebe-se que a carrega com ele.

Silenciosamente. Emory concordou.

– Se tivesse de me pôr a adivinhar – prosseguiu Lisa –, diria que ele tem um lado mau muito grande. Mantém-no controlado. Mas se alguma vez o soltar, cuidado.

Sem perceber como as suas observações eram perturbantes para Emory, acrescentou:

– Mas foi muito bom para mim, logo desde o princípio, quando olhou para dentro da carrinha e viu que eu estava doente. Tratou-me bem e não como se esperasse algum coisa em troca. Se percebe o que quero dizer.

Emory acenou com a cabeça para mostrar que entendia.

Lisa, pensativa, repuxou a bainha esfiapada do lençol de cima.

– Não creio que seja o tipo de homem que se metesse comigo. Que se aproveitasse de uma mulher. Sabe?

– Não, tenho a certeza que não é esse tipo de homem. – Emory estava com ele há três dias e ele não se aproveitara, nem quando ela se atirara a ele. *Quase me apanhou, Doc.*

– O que pensa dele, doutora Smith?

Emory voltou-se outra vez para a janela e observou-o a coçar o cão atrás das orelhas. Desapertou a corrente da coleira. Roçando-lhe a mão com o focinho, o cão começou a andar todo contente ao lado dele, quando ele se virou e se dirigiu outra vez para a casa.

– Francamente, Lisa, não faço ideia nenhuma do que pensar dele.

Capítulo 16



— **E** stá bem quente aí atrás? – Sam Knight olhou para Jeff pelo espelho retrovisor. Sentado no banco traseiro do SUV, com as suas marcas oficiais nos painéis da porta e barra de luz no tejadilho, Jeff sentia-se como um animal enjaulado no desfile de um circo, parte do espetáculo de feira, mas antipatizando intensamente com ele.

– Estou bem. Obrigado.

– Ainda está frio como teta de bruxa esta manhã. Mas, pelo menos, a neve parou. Diga-me se precisa de mais calor.

– Assim farei.

– Lá está Buddy.

Knight saiu da estrada e subiu a rampa de entrada para uma padaria local, onde Grange estava à espera cá fora. Tinha uma caixa rasa e um saco de papel branco nas mãos enluvadas e batia os pés para se manter quente. Mal o SUV travou, subiu para o assento do passageiro.

– Porra! Está frio.

– Obrigado por te ofereceres para comprar o nosso pequeno-almoço – agradeceu Knight. – O café cheira bem. Passa uma chávena lá para trás para Jeff. Que tipo de dónutes compraste?

– Sortidos.

Knight voltou a entrar na estrada nacional, mas manteve-se na faixa de fora, a guiar com cuidado. Com tanto cuidado, de facto, que era desesperante para Jeff. Grange distribuiu o café e passou a caixa de dónutes em volta. Knight, revigorado com uma dentada no seu, dirigiu-se a Jeff no espelho retrovisor.

– A doutora James telefonou-nos esta manhã.

Grange corrigiu-o, a falar por entre dentes.

– A doutora Butler.

Knight virou-se para o colega.

– *Hum?*

– A doutora Butler é que é a senhora. O doutor James é o homem.

– Oh, está bem – retorquiu Knight. – Estou sempre a trocar os nomes deles. Bem, Jeff, ela telefonou.

– Também me telefonou.

– Ah, sim?

Assentiu ao mesmo tempo que soprava o café.

– Para me informar que o consultório vai oferecer uma recompensa por informações.

– Já é alguma coisa, não é? – exclamou Knight. – Vinte e cinco mil dólares.

– Sinto-me tocado com a generosidade deles – disse Jeff. – Pensar que os sócios de Emory fariam isso por ela. Por mim.

– Diz bem de todos.

– Emory é altamente considerada entre os colegas.

– Li que foi ao Haiti depois do furacão – comentou Knight. – Fez voluntariado durante semanas.

– Fez três viagens e está a planear ir outra vez quando conseguir conciliar com a agenda dela.

Grange limpou a cobertura de açúcar das pontas dos dedos com um guardanapo de papel.

– O que faz ela com o consultório quando parte assim?

– Outros pediatras cobrem o trabalho dela e ficam contentes por o fazer porque ela nunca esquece um favor e retribui sempre.

– Parece que tem um espírito bondoso – comentou Knight estendendo a mão para dentro da caixa à cata de um segundo dónute. – Um genuína humanitária.

– É mesmo, e é uma das razões por que a amo. Mas, com todo o devido respeito – disse Jeff embrulhando o dónute meio comido num guardanapo e voltando a colocar a tampa na chávena de café –, estão a contar-me coisas sobre a minha mulher que eu já sei. Quando me vão contar alguma coisa que eu não saiba? Como porque não a conseguem encontrar e o que está a ser feito para remediar isso.

– Estamos a tratar disso.

– Já o disseram. Dúzias de vezes. Mas não vejo nada.

– Não houve nenhum desenvolvimento esta noite. Estamos com esperança de ter mais sorte hoje.

– Estão a apostar na *sorte*? Caramba.

Desviou-se do espelho retrovisor, preferindo olhar lá para fora pela janela do que para os olhos tristes de Knight. Tinham saído da estrada principal e estavam agora numa com apenas duas faixas e, de vez em quando, uma de ultrapassagem. Era uma estrada sinuosa, com curvas tão frequentes que o facto de viajar atrás estava a deixar Jeff enjoado.

– Não fique desencorajado – disse Grange. – Estamos a trabalhar noutros ângulos.

– Já os mencionou a noite passada – retorquiu Jeff. – Não especificou foi que ângulos são esses.

– Bem, para começar, há o dinheiro.

A cabeça de Jeff rodopiou para Grange que estava a observá-lo das costas do seu assento.

– O dinheiro de Emory – esclareceu o detetive, como se Jeff não soubesse a que dinheiro se referia.

– A sua mulher está cheia de dinheiro – comentou Knight. – Fortuna de família. Podia demitir-se e nunca mais ter de pedir a outro miúdo para dizer *aaah*. – Riu-se. – Se eu fosse assim tão rico, nunca mais fazia peva.

– Isso é ofensivo – ripostou Jeff.

Knight olhou para ele no espelho.

– Desculpe, Jeff, não pretendia...

– Emory ficaria muitíssimo ofendida com observações dessas. Ela trabalha com mais afinco por causa da sua herança.

– Ah sim?

– Nunca menciona a sua fortuna, muito menos faz gala dela. De facto, quase que se sente contrita.

– O que explica porque dá tanto dinheiro – observou Grange.

– Prometeu duzentos mil dólares a uma próxima maratona. – Knight dirigiu-se ao colega, mas Jeff

percebeu que o homem mais velho o dissera para seu benefício. – Poderia levar algum tempo – continuou –, mas suponho que, se se dedicasse a isso, acabaria por fim por dar *todo* o seu dinheiro.

– O que não deixaria nada para o seu beneficiário. – Grange voltou a olhar para Jeff. – Que acontece ser você, Jeff, não é?

Ele lançou um olhar gelado ao agente todo cheio de si.

– Acredito que já sabe a resposta a essa pergunta.

– Bem, Jeff, temos de verificar estas coisas. É a rotina quando um cônjuge é dado como desaparecido.

Quanto mais provinciano o tom de Knight se tornava, menos Jeff gostava e confiava nesse tom. Não entenderiam que ele era suficientemente esperto para perceber quando estava a ser levado? Disse:

– Se verificaram as finanças de Emory, então sabem que não faço a gestão da carteira dela. De facto, todos os investimentos dela estão com outra firma.

– Pois, o tipo de topo lá no seu local de trabalho contou-me isso.

Lançou a Knight um olhar penetrante no espelho retrovisor.

– Como disse?

– Você tinha dado a entender à sua empresa que ela lhe entregaria todas as questões monetárias quando vocês casassem. Mas não o fez. De qualquer modo, foi o que o seu chefe me disse.

– Ele disse-lhe a *si*?

Knight assentiu.

– Quando lhe telefonei ontem e perguntei quem detinha as rédeas da fortuna de Emory.

Jeff ficou todo arrepiado ao perceber que, no dia anterior, enquanto, durante horas a fio, fora obrigado a esperar no vestíbulo do departamento do xerife daquela vila provinciana, estava a ser investigado e a falarem dele na sua empresa.

O que significava que os seus colegas de trabalho sabiam que não fora a doença que o mantivera longe do escritório. Tinham ficado a saber qual a natureza da «emergência familiar» mesmo antes de ouvirem falar do desaparecimento de Emory no noticiário da manhã. Aqueles labregos tinham-no feito passar por mentiroso junto do sócio principal da sua empresa e isso enfureceu-o.

– Não gere o dinheiro dela – estava Grange a dizer –, mas recebe-o se ela falecer antes de si, correto?

– Se me tivesse perguntado, tinha-lho dito – respondeu Jeff, mal controlando a sua ira. – Não teria tido de telefonar para a minha empresa e incomodar os meus colegas de trabalho com perguntas que não têm nada a ver com o desaparecimento de Emory.

– Temos de cobrir todos os ângulos – retorquiu Grange.

– Por falar nisso – interveio Knight –, qual é o nome daquele fármaco que queria que Emory endossasse?

– Como soube disso?

– Havia muitos *e-mails* no computador dela sobre esse assunto. Entre você, a empresa farmacêutica, a sua mulher. Remontando a mais de um ano. O que era aquilo?

– Visto que já parecem saber, porque não me dizem vocês?

– Seria mais fácil se nos fizesse um resumo – pediu Knight. – Não temos mais nada para fazer enquanto guiamos.

Ocorreu a Jeff que talvez tivesse subestimado aqueles dois. Por um golpe de força de vontade, controlou a sua fúria e, quando falou, usou um tom entediado.

– A empresa passara por todos os passos com a FDA, há muito, e recebera aprovação para realizar ensaios clínicos com doentes.

– Para que era o fármaco?

– Para ajudar a prevenir a obesidade em crianças com predisposição genética. Emory foi convidada

para ser um dos médicos participantes.

– Mas, quando o ensaio clínico terminou, ela não endossou o medicamento – comentou Grange.

– Na opinião dela, os efeitos secundários não compensavam os benefícios derivados do medicamento.

– Por outras palavras, fazia mais mal do que bem.

– Essas outras palavras são suas – disse Jeff. – Não de Emory.

– Você tinha encorajado clientes a investirem bastante nesse fármaco – observou Knight.

– Não – replicou Jeff, arrancando a palavra. – Encorajei clientes a investir numa empresa que está na linha da frente de avanços farmacêuticos que têm como alvo problemas médicos atuais, como a obesidade infantil, que afeta milhões de pessoas globalmente, não apenas a nível de saúde, mas em todos os outros aspetos. A nível cultural, social, financeiro, etc.

Knight riu-se entre dentes.

– Deixe-se de tretas, Jeff. A comissão de valores mobiliários não está aqui a ouvir às escondidas. Traduzindo, um sinal importante por parte da sua mulher teria ajudado muito os seus clientes e, desse modo, você, a fazer uma data de dinheiro.

– Emory ainda não deu ao fármaco a sua aprovação ou não aprovação. Apenas retirou o seu endosso, aguardando mais estudos.

Knight e o colega trocaram um olhar que indicava que também aguardavam mais estudos sobre essa questão. Jeff desviou o olhar como se estivesse impassível.

– Oh, a propósito – disse Knight –, importa-se que enviemos alguns tipos ao seu motel para dar uma olhadela dentro do seu carro?

– O meu carro? Para quê? Têm um mandado?

– Precisamos de um?

– Não. Procurem tudo o que quiserem. Desfaçam-no. Já que estão nessa onda, façam uma busca na minha casa também. Mandem cães que farejam cadáveres. Não se esqueçam de verificar a mata de pinheiros nas traseiras da nossa propriedade. É um excelente local para uma sepultura.

Knight olhou para Grange.

– Disse-te que ele ia ficar perturbado.

– Não estou perturbado.

Mas aos próprios ouvidos de Jeff, parecia perturbado. Em vez de lhes dar a satisfação de o verem ferver de irritação, virou a cabeça para olhar lá para fora pela janela. Durante a meia hora seguinte, seguiram com apenas os dois da frente a trocarem de vez em quando algumas palavras. Nada de importante foi discutido.

A altitude crescente e curvas da estrada aumentavam o enjoo de Jeff. Os precipícios onde não existiam *rails* de proteção punham-no mais ansioso do que já estava. Desejou não ter concordado em acompanhá-los. O dia começara mal.

Não dormira bem, levantara-se antes do despertador tocar e ligara a televisão. Tal como esperado, todas as estações de Atlanta cobriam o desaparecimento de Emory. Poucos minutos depois dos noticiários, o telemóvel começara a tocar. Conhecidos, alguns que mal conhecia, clamavam que sabiam mais. Atendera apenas algumas dessas chamadas, deixando a maior parte ir para o *voicemail*.

Enquanto esperava que Knight o fosse buscar, ruminara em tudo o que fora dito e tentara não dar muito valor à aparente suspeição dos detetives. Segundo o que o próprio Knight admitira, colocar o cônjuge sob o microscópio era rotina. Se deixasse que as insinuações deles o abalassem, eles assumiriam que ele era culpado.

Mas com toda aquela conversa sobre as finanças de Emory e agora a revista ao seu carro, estava a reconsiderar a sua decisão de não assegurar os serviços de um advogado, como Alice sugerira.

Ela também telefonara de manhã apesar de ele lhe ter dito para não o fazer. A conversa fora breve, mas ficara zangado com ela por o ter desafiado e ainda mais zangado consigo próprio por ter cedido e atendido quando o número dela aparecera no telemóvel.

Estava zangado com o par de detetives de meia-tigela que, ao que parecia, achavam que ele era demasiado estúpido para perceber a farsa grotesca de lei e ordem que estavam a jogar com ele.

Sobretudo, estava zangado com Emory. Ela era a culpada por ele ter de sofrer com aquilo tudo.

– Sabes o que não me sai da cabeça? – Norman, que estivera a comer uma tigela de cereais à mesa de jantar, inclinou a cadeira nas pernas traseiras. – O que não me sai da cabeça é seres tão sovina com o teu nome. Suponho que vou continuar a chamar-te vizinho.

– A tua mãe chamou-me guarda da doutora Smith. Guarda, vizinho, tudo bem por mim. – Aceitara a oferta de Pauline de uma chávena de café porque a água para o fazer chegara a ponto de ebulição e ele próprio lavara a chávena. Sob o olhar pensativo de Norman, soprou o café quente e bebeu um golinho. – Mas não penses demasiado nisso, Norman. Podes deformar alguma coisa.

Com um sorriso bem-disposto, Norman pegou na sua tigela e encheu outra colherada.

– O que calculo é que és um fugitivo da justiça.

– É isso que calculas?

– Eu também – declarou Will, que lhe lançou um olhar ameaçador do que parecia ser o seu lugar permanente no sofá.

– Podes dizer-nos – incitou Norman num tom adulator. – Nós próprios já tivemos atritos com a lei.

– Já?

– Não ias acreditar nalgumas façanhas que aprontámos.

– Cala o raio da boca, Norman.

Mas Norman estava com uma disposição expansiva.

– Cumpri três meses por roubar a carteira de uma velhota do carrinho das compras na mercearia.

Ele não reagiu.

– Doutra vez, roubámos uns pneus recauchutados a um velho que tem um ferro-velho ali na sessenta e quatro. Depois, juro por Deus se não é verdade, vendemo-los outra vez ao tipo passada uma semana com um lucro de vinte dólares. O velho pateta nunca percebeu que foi enganado.

Ele inspirou fundo como se singularmente não impressionado.

– Will meteu-se numa briga com um tipo por causa de um jogo de póquer. Atacámo-lo bem. Foram precisos quatro homens para nos tirar de cima dele. Eu levei com liberdade condicional. Will teve de cumprir alguns meses por agressão. Mas o outro tipo ainda se está a arrepender de ter chamado batoteiro ao meu irmão mais novo. Não é, Will?

– E também ainda não acabámos com ele – afirmou Will.

– Ah não? – perguntou ele, arqueando uma sobrancelha, a sentir que estava na altura de mostrar algum interesse pelas façanhas deles? – O que têm planeado para ele?

– Não tens nada a ver com isso.

– Não sejas tão suscetível, Will – disse Norman. – Ele está só a fazer conversa, recordas-te? – Depois virou-se para ele. – Agora é a tua vez. Vamos lá. Podes dizer-nos. O que fizeste?

Ele bebeu da chávena de café.

– Fizeste... – Segurando a tigela numa mão, Norman apontou-lhe o outro dedo indicador e imitou o disparar de uma pistola. – Deste cabo de alguém?

– Os teus cereais estão a ficar empapados.

Do sofá, Will disse:

– Porra, Norman, ele não te vai confessar nada. Além disso, aposto que não há nada para confessar. Não é tão duro como dá a entender.

– Talvez tenhas razão. – Mas Norman continuou a observá-lo de forma especulativa, ao mesmo tempo que segurava a tigela contra o peito e enfiava cereais pela boca abaixo.

Fitando o seu café, ele perguntou:

– Então e tu?

Norman parou de mastigar.

– Hã?

Ele ergueu a cabeça e incluiu Will no olhar que dividiu entre os dois.

– Algum de vocês já matou alguém?

Norman encolheu os ombros.

– Nunca tive de o fazer.

– Ainda – acrescentou Will.

– Bem, não estaria muito ansioso se fosse vocês.

– Significa que já o fizeste. – Norman gargalhou. – Estás a ver, Will? Disse-te.

– Ele está só a falar de alto.

Norman, mirando-o de cima a baixo, continuou:

– Conheci uma data de pessoas que precisavam de ser mortas.

– Eu também.

– Mas não o recomendas. Porque não?

– Matar não é tão bom como se diz, tal como afirmaste sobre o estado da Virgínia. – Deixara cair a isca. Pensou se a morderiam. Com aparente indiferença, foi até à cozinha e serviu-se outra vez. – Nunca me chegaste a dizer que tipo de trabalho faziam lá.

– Trabalhávamos para uma empresa de transportes. Camiões de longo curso.

– Eram motoristas?

– Nã. – Norman limpou leite dos lábios com as costas da mão. – Trabalhávamos no armazém.

– Uma porcaria de trabalho – contribuiu Will.

Andara a passar os canais na televisão sem som. Encontrando uma estação que estava a dar a reposição de um episódio de *Gilligan's Island*, instalou-se melhor para ver. A espingarda estava agora apoiada no braço do sofá, com o cano para cima, perto da cabeça de Will.

Norman catava um floco de cereal que lhe caíra na camisa e ficara colado.

– Porém, aquela empresa onde estávamos a trabalhar entrou para a história.

Com movimentos lentos e medidos, ele voltou a pôr a cafeteira do café na placa elétrica.

– Como assim?

– Foi em Westboro. Nunca ouviste falar? O tiroteio? Um gajo com algum tipo de ressentimento entra por ali adentro, fez saltar aquilo tudo para o inferno, matou uma data de pessoas.

Ele virou-se e assentiu para Norman.

– Ouvi falar disso.

– Bem, nós já tínhamos sido despedidos não mais de uma semana antes de aquilo acontecer. Perdemos a emoção toda.

– Se queres que te diga, todos os homens naquela ilha aqui da série eram maricas – zombou Will. – Eu cá tinha agarrado Ginger mal tivéssemos chegado a terra. – Mudou de canal.

Norman sorveu leite diretamente da tigela.

– Se eu tivesse estado na ilha Gilligan, o traseiro de Mary Anne não tinha tido a mínima hipótese.

Will assobiou do outro lado da sala.

– Sempre preferiste a porta traseira.

– Gostava de entrar na porta traseira da doutora Smith.

Ambos os irmãos o miraram, com sorrisinhos, à espera de ver como ele reagiria. Em vez de ser levado, ignorou-os e olhou pela janela suja por cima do lava-loiças da cozinha, como se verificasse o tempo. Depois, levando o café com ele, dirigiu-se para o quarto.

– O que se passa aí afinal? – perguntou Norman, acenando para a porta, que se mantivera fechada a noite toda.

– Estão a tratar da tua irmã.

– Sabemos isso – resmungou Will. – Porque está a levar a porra de tanto tempo?

– Já esgotaram as vossas boas-vindas?

– Quanto a mim, nunca foste bem-vindo.

– Já vamos sair daqui a pouco – disse ele. – Oh, Norman?

– *Hum?*

– É melhor teres cuidado com essa cadeira.

– *Hum?*

Pontapeou as pernas traseiras da cadeira, fazendo-as saltar. Norman caiu para trás, aterrando com força e salpicando o rosto enraivecido com o que restava de leite na tigela dos cereais.

Will, reagindo demasiado depressa para pensar na espingarda, rolou do sofá e lançou-se como um corredor a sair dos blocos na pista.

Ele largou a chávena de café a tempo de apanhar o queixo de Will com um soco dado de baixo para cima que o enviou a vacilar para trás. Movimentando-se com rapidez, esmagando a chávena de café por baixo da bota, agarrou na caçadeira, rodou-a e apontou-a aos irmãos, imobilizando-os quando se preparavam para saltar sobre ele.

Emory abriu a porta do quarto.

– O que se passa?

Mantendo o olhar nos irmãos, que ainda estavam prontos para atacar, ele recuou até onde Emory se encontrava na porta aberta.

– Acha que pode deixar Lisa por enquanto?

– Sim, penso que ela vai ficar bem.

– Ótimo.

– Vou matar-te, certo como tudo – rosnou Will através de dentes cerrados.

– Hoje não, não vais.

Ele tirou a pistola do cinto e passou-a a Emory.

– Se algum deles se mexer, não pare para pensar. Puxe o gatilho. Entendeu?

* * *

Estupefacta, ela assentiu com a cabeça uma vez. Ele deslizou por ela e entrou no quarto.

Norman e Will ficaram ali a olhar para ela, a respirar com força de ira, fazendo-lhe lembrar toiros a resfolegar. Norman perguntou:

– Quem é aquele filho da mãe?

– Não sei.

– Uma merda – exclamou Will. – Estão os dois feitos um com o outro. A entrem por aqui adentro como se isto fosse vosso. O que querem?

- Tudo o que fiz foi vir aqui tratar da vossa irmã.
- Ela teria ficado bem sem si.
- Possivelmente, mas ainda bem que consegui ajudar.
- É mesmo médica? – perguntou Norman.
- Sim.

– Pois, bem, acho que está a mentir – afirmou Will, erguendo belicosamente o queixo onde uma nódoa negra do tamanho de um punho se formava. – Qual é a história dele?

O alvo da pergunta avançou por trás dela, fechou a mão esquerda à volta do seu bíceps e empurrou-a para a frente.

- Não largue essa pistola.

Emory manteve os olhos em frente enquanto ele a impelia pela sala de estar e porta fora.

- Entre no carro.

Antes de lhe largar o braço, ele deu-lhe um pequeno empurrão e ela começou a descer os degraus do alpendre. Ouvia Will dizer:

- Ele está a roubar a nossa caçadeira!

Por baixo da árvore, o cão levantou-se e abanou a cauda. Parecia que ela se tornara sua amiga por associação. Quando chegou à *pick-up*, abriu a porta do lado do passageiro, olhou para trás e viu-o ainda no alpendre, observando-a ao mesmo tempo que guardava a porta com a caçadeira.

- Porque não vem? – perguntou. – O que vai fazer?

- Entre na carrinha e não saia.

Ela hesitou.

- Entre e feche a porta – disse ele, articulando bem as palavras.

Emory subiu e puxou a porta, fechando-a. Ele esperou até ter a certeza que ela ficava lá dentro, depois virou-se e desapareceu pela porta da frente. Alguns segundos depois, ouviu-se uma rajada de espingarda que soou como uma explosão no ar da manhã.

Foi seguida por uma segunda.

Capítulo 17



Emory abriu a porta, saltou da carrinha e correu em direção à casa, colidindo com o seu protetor carrancudo quando ele descia os degraus.

– Caramba, disse-lhe para ficar na carrinha. – Fê-la rodar e empurrou-a nessa direção.

– Matou-os!

– Não, não matei.

Não, não matara.

Porque conseguia ouvir a invetiva cheia de obscenidades dos Floyd e depois ambos irromperam pela porta fora. A fúria tornou Will desastrado quando tentou recarregar a caçadeira. Norman, de pés calçados em meias, escorregou num dos degraus do alpendre.

Emory foi içada sem grande suavidade para a cabina da *pick-up* e depois o seu dono deu a volta, entrou e pôs o motor a trabalhar, todos os movimentos eficientes, como se não tivesse dois homens sedentos de sangue no seu alcance.

Acelerou com tanta força que os pneus rodaram antes de ganharem tração. Saíram do caminho a toda a velocidade, deixando os Floyd a abanarem os punhos e a berrarem ameaças.

Emory estava paralisada de incredulidade. Seguiram em silêncio durante os breves momentos que levaram a chegar à cabana. Ele saiu, abriu o portão e depois guiou a carrinha para o habitual lugar de estacionamento. Voltando a sair, dirigiu-se a um cepo e puxou a lâmina do machado da superfície muito entalhada.

Ela seguiu-lhe o progresso pelo pátio, de volta ao portão e para o outro lado da estrada até à carrinha com a árvore inclinada ainda incrustada na grelha. Foi dando a volta a todos os quatro pneus, rasgando-lhes metodicamente grandes lanhos. A seguir regressou ao portão e voltou a pôr o cadeado, testando-o com um forte puxão para se assegurar que estava bem preso. Depois de voltar a colocar o machado no cepo, regressou à carrinha, abriu a porta do lado do passageiro e estendeu o braço lá para dentro.

Instintivamente, ela retraiu-se. Ele franziu o sobrolho.

– Quero a minha pistola.

Esquecera-se que ainda a tinha. Agarrava-a na mão direita com a força fria da morte.

– Vai disparar contra alguém?

– Não antes do pequeno-almoço.

Desta vez, quando ele estendeu a mão para a pistola, ela deixou-a ir. Ele voltou a colocá-la no cinto ao mesmo tempo que se virava e começava a andar em direção à cabana.

Emory saiu da carrinha e olhou para o portão, a pensar se devia trepar a vedação e fugir a correr. Ele mentira-lhe sobre a questão dos vizinhos. Para além dos Floyd, com certeza que haveria outros razoavelmente perto.

Mas a estrada era íngreme, com demasiados ziguezagues. Cruzava-se com outras estradas rurais que eram também assustadoras. O seu pé direito latejava por ter estado de pé à cabeceira de Lisa a maior parte da noite. Tinha a cabeça aturdida por falta de sono. A temperatura devia estar bem abaixo de zero. O que provavelmente não seria um problema porque ele a conseguiria apanhar antes de ela ter andado cinquenta metros.

Percebendo a temeridade e inutilidade de tentar sequer escapar, seguiu-o para dentro de casa.

Ele estava agachado em frente da lareira a empurrar cinzas frias lá para dentro. Pôs acendalhas e, quando pegaram, acrescentou lenha.

– Vai demorar a ficar quente aqui dentro. Até que fique, é melhor manter o casaco vestido.

O casaco dele. Tirara-o para tratar Lisa, mas vestira-o outra vez pouco antes de partirem. De súbito, pareceu pesado e incómodo, mas continuava contente com o calor e sensação de proteção que providenciava.

Ele voltou a colocar o guarda-fogo e virou-se para ela.

– Ainda tem fome?

– Fome? – Fitou-o, desnorteada. – Não o percebo. Comete roubo para ajudar uma jovem que nem sequer conhece. É suficientemente meigo para converter um cão mau num amigo. Mas depois dispara uma caçadeira contra dois homens, sem ser provocado.

– Não foi sem provocação.

– Quando partimos, você estava a dominá-los. Não tinha nada que voltar lá dentro.

– Tinha pois.

– Porquê?

– Por causa de si.

– De mim?

– Eles tinham feito umas observações ordinárias a seu respeito.

– Devia tê-los ignorado.

– Não quis fazê-lo.

– Do que estava à espera? Requite? São ignorantes e desprezíveis e...

– São merda é o que são.

– Está bem, são marginais. Isso justifica disparar contra eles?

– Não disparei contra eles. Se tivesse disparado, estariam mortos.

– Então porque disparou a caçadeira?

Tentou olhá-lo fixamente, mas, para sua consternação, ele afastou-se.

– Quer usar o chuveiro primeiro ou vou eu?

Furiosa por ele se mostrar tão indiferente à sua indignação, foi atrás dele e agarrou-lhe a manga, fazendo-o virar-se.

– Responda-me!

– Quê?

– Diga-me porque disparou a espingarda. E não afirme que foi em autodefesa.

– Não ia fazer isso.

– Então porque o fez? Só porque fez questão?

Ele permaneceu imutável.

– Diga-me!

– *Disparei na televisão!*

Atordoada, quer pelo grito quer pela explicação, ela deu um passo atrás, sentindo uma forte vontade de se rir.

– Na televisão? Porquê?

Puxou a manga das mãos dela.

– Para eles não verem a sua fotografia.

Quando ele saiu da casa de banho, com a barba acabada de fazer e vestindo roupas limpas, ela estava a servir os ovos mexidos com *bacon* que preparara. Afinal, era manhã. A maior parte das pessoas estava a tomar o pequeno-almoço a esta hora do dia. O pequeno-almoço era a única coisa convencional neste universo do outro lado do espelho em que ela agora vivia.

Como se não tivesse largado uma bomba antes de se retirar para a casa de banho, ele agradeceu-lhe o prato de comida que ela pousou à sua frente na mesa. Quando ele começou a comer, ela fez um gesto para uma travessa cheia de fatias de torrada.

– A torradeira trabalha melhor. As torradas saltaram.

– Ótimo. A reparação poupou-me ter de comprar uma nova.

Executar tarefas vulgares como fazer torradas e colocar um pedaço de manteiga num prato tinham-lhe dado uma sensação autoilusória de controlar a situação. Sabia que ele reparara no prato quando cortou com a faca um pedacinho de manteiga e a espalhou na sua torrada. Acusou-o com uma olhadela na direção dela, mas não fez comentários.

A meio da refeição, ele perguntou se ela queria outra chávena de café.

– Se se vai levantar, sim, se faz favor.

Ele voltou com as chávenas novamente cheias e depois sentou-se, escarranchando-se no assento da cadeira à maneira de um homem. Um homem qualquer. Um homem normal, não violento. Um homem que não disparara, de madrugada, contra a televisão dos seus vizinhos pacóvios.

Incapaz de reprimir mais tempo a pergunta, disse com brusquidão:

– A minha fotografia estava na televisão?

– Vi-a quando íamos a sair. Foi por isso que tive de voltar a entrar e tratar do assunto.

– Estavam a dizer...

– Não sei o que estavam a dizer. O som estava desligado. – Bebeu um gole de café, observando-a através do vapor que se erguia da chávena. – Mas em grandes letras amarelas no fundo do ecrã estava a notícia de uma recompensa. Vinte e cinco mil.

– Quem ofereceu a recompensa? Jeff?

Ele encolheu os ombros.

– Mas não podia deixar os irmãos Floyd ver aquilo. Deus sabe o que teriam feito para reclamar a recompensa.

– Porque não me explicou isso logo? Porque me deixou continuar a falar como falei?

– Queria perceber o que pensa realmente de mim. – Recostou-se para trás na cadeira. – Agora já sei. Tem uma opinião muito baixa.

– Isso não é verdade.

Ele emitiu um som de escárnio.

– Bem, pode censurar-me? Pauline, que só o conheceu a noite passada, conjecturou que é um fugitivo.

– Ela disse-lhe isso?

– Disse Lisa.

– Parece ser o consenso entre eles. Norman gabou-se das suas transgressões à lei e exortou-me a trocar histórias com ele.

– O que lhes disse?

Não respondeu.

– Nada – disse ela, à sorte, mas sabendo que tinha razão.

– Lisa contou-lhe mais alguma coisa? – perguntou ele.

Ela relatou o contexto da conversa sobre ele. Ele não fez comentários sobre o facto de a rapariga acreditar que ele era um foragido da lei e não um desertor de esposas, nem disse nada em resposta à qualificação como homem que não esperaria favores sexuais em troca de bondade.

– Ela tem grande apreço por si. Mas continua a ser um quebra-cabeças para ela. Perguntou-me o que penso de si.

Ele esperou, imóvel e inexpressivo.

– Digo-lhe o que disse a Lisa. Não sei o que pensar de si.

Continuou a olhar para ela durante mais uns momentos, depois levantou-se e levou os pratos vazios para o lava-loiças. Trabalharam lado a lado para limpar a cozinha. Era espantoso para ela que, dados os acontecimentos das últimas doze horas, a cena que agora representavam fosse tão vulgar. Podiam ser um casal qualquer em qualquer lugar, a fazer a sua rotina da manhã.

Exceto que os casais oficializados sabiam o que esperar um do outro. Poderia haver uma ocasional surpresa, mas, por norma, um não espantava o outro com atos extraordinários de bondade seguidos por explosões de violência.

E os casais oficializados em geral não se beijavam com o erotismo flagrante com que ele a beijara na noite anterior. A não ser que os cônjuges fossem pele com pele e o beijo fosse um prelúdio para as relações sexuais que anunciava.

Quando o último prato ficou arrumado, ela disse:

– Se não se importar de me emprestar outra camisa...

– Sirva-se.

A caminho da casa de banho, tirou uma camisa e um par de meias da cómoda. As roupas de desporto cheiravam à casa dos Floyd. Foi um alívio despi-las. Pô-las no lavatório em sabão enquanto tomava um duche e lavava o cabelo. O galo baixara muito e, à exceção de alguma sensibilidade, quase não dava pelo corte.

Ele dissera que não seriam necessários pontos para fechar e perguntou a si própria agora como teria sabido isso. Talvez o tivesse planeado daquela maneira. Talvez a tivesse atingido apenas com força suficiente para a pôr inconsciente, mas não com tanta força que lhe causasse um corte que exigisse pontos.

Perguntou a si própria onde teria ele escondido a pedra.

Torceu a roupa e levou-a para a sala. Como antes, chegou uma das cadeiras para perto da lareira e esticou as peças de vestuário nas travessas das costas. Sentou-se em frente e penteou o cabelo com os dedos até que secou parcialmente.

– Devia secá-lo por completo – disse. – Mas não aguento a cabeça mais tempo.

Ele marcou a página no livro que estivera a ler e pousou-o em cima da mesa.

– Também estou esgotado.

Saiu da poltrona reclinável, foi a todas as janelas e puxou os estores atrás das cortinas de musselina,

escurecendo a sala, deixando como únicas fontes de luz o candeeiro na mesinha de apoio e a lareira.

- Como sabe que os Floyd não vão aparecer para se desferrarem por causa da televisão?
- Se planeassem atacar hoje, já cá estavam.
- Não têm carro.
- Não é isso que os está a atrasar. Sob aquela bazófia toda, são uns cobardes.
- Como sabe?
- Conheço o género.
- Conhece-os. De um sítio qualquer. Por alguma coisa. – Esperou um segundo ou dois e espicaçou-o. –

Não é?

- Vá dormir, *Doc*.

Demasiado exausta para se envolver numa discussão com uma parede de pedra, meteu-se na cama e puxou as cobertas. Ele voltou à poltrona reclinável, desligou o candeeiro e tapou-se com uma manta. Passaram-se vários minutos lentos. Por mais cansada que estivesse, não conseguia relaxar. Todos os músculos do seu corpo se mantinham rígidos, a mente num torvelinho, as emoções a entrecrocarem-se.

Sabia que ele também não estava a dormir. Se abrisse os olhos, sem dúvida que descobriria os dele postos nela: sempre vigilantes, penetrantes na sua intensidade, notavelmente quietos à exceção do reflexo tremulante da luz da lareira.

Se ele não tivesse dado cabo da televisão, os Floyd poderiam ter reparado no noticiário, chamado a polícia, referido o seu paradeiro e arrebanhado a sua recompensa. Por esta altura, ela encontrar-se-ia num ambiente familiar, junto de Jeff e a retomar a sua vida normal.

Em vez disso, estava aconchegada na cama deste homem sem nome, que, à vez, a confundia, excitava e horrorizava.

Apesar da sua intenção de manter os olhos fechados, estes abriram-se de moto próprio. Como esperado, ele estava a olhar diretamente para ela.

- Antes de sairmos, você voltou ao quarto.
- Queria ter um momento a sós com Lisa.
- Para quê? – Quando ele não respondeu, ela soergueu-se nos cotovelos para poder vê-lo melhor. –

Para quê?

Ele levou muito tempo a responder.

– Perguntei-lhe qual dos dois irmãos fora o pai do filho dela. Ela disse-me que poderia ter sido qualquer um deles.

Capítulo 18



Chovia muito em Seattle. O que era o raio de um eufemismo. O voo de LaGuardia do agente especial Jack Connell fora atrasado durante várias horas devido a granizo, neve e ventos fortes. Quase preferia aquela mistura invernososa a este tempo. A sua experiência até ao momento, e estava agora apenas a tirar o carro alugado do estacionamento do aeroporto de Sea-Tac, levava-o a acreditar que todo o raio da região Noroeste Pacífico se encontrava debaixo de água.

Conduzindo do aeroporto para a cidade, mantinha um olho na autoestrada lavada pela chuva, ao mesmo tempo que tentava encontrar o botão para desembaciar no painel de instrumentos não familiar. Por milagre, sem se matar nem a si nem a outro condutor, conseguiu chegar ao centro da cidade e ao cais do *ferry*.

Qualquer panorama que pudesse ter apreciado num dia de sol estava obscurecido por uma carga de água e um nevoeiro denso. A cidade foi engolida por ele poucos minutos depois da partida do *ferry* e o que se achava em frente era um desconhecido tão grande como o oceano Atlântico fora para os marinheiros do século xv.

Nunca gostara muito de barcos. Ainda gostava menos de barcos a avançar devagar a apitar através do nevoeiro. Demorou uma hora e meia até anunciarem o seu porto de destino e ficou aliviado por voltar a guiar em terra firme. Ou o que teria sido firme, se não estivesse alagada em água.

Deu entrada no hotel e, sem sequer perder tempo a instalar-se no seu quarto ou a desfazer a mala, enfrentou outra vez o tempo. Usando o GPS do carro, foi direto à residência de uma tal Grace Kent.

Era uma casa de dois pisos, de ripas brancas com portadas cinzentas a flanquearem as janelas em ambos os andares. A porta de entrada era vermelha e, na parede exterior ao lado, havia uma caixa de correio de latão.

Pensou em ir até à porta e verificar que tipo de correspondência tinha sido entregue naquele dia. Mas, considerando que a prudência é a mãe de todas as virtudes e tudo isso, decidiu-se contra correr esse risco. Assim, guiou até ao final do quarteirão onde estacionou por baixo dos ramos carregados de chuva de uma conífera gigante.

Passaram-se mais de três horas. Mesmo antes das seis, um monovolume virou para a casa e entrou na garagem que foi aberta com um comando. A porta desceu antes de Jack conseguir ver quem estava dentro

do carro.

Mas alguns minutos depois, quando a porta da frente se abriu, agarrou na sua máquina fotográfica e focou a teleobjetiva na mulher que saiu para ir buscar o correio.

Grace Kent era Rebecca Watson. Não havia dúvida.

Isto não era um passinho em direção à sua presa. Isto era um passo de gigante.

Sam Knight inclinou-se para trás na cadeira da sua secretária e firmou as mãos em cima da pança.

– O que achas?

Grange replicou sem pestanejar:

– Culpado como tudo.

Estavam ambos cansados de um dia inteiro ativamente envolvidos nas buscas de Emory Charbonneau. A maior parte do tempo fora passado ao ar livre, a esquivarem-se ao frio, ou no SUV a tentarem aquecer-se ao mesmo tempo que ouviam Jeff Surrey a lançar calúnias sobre a sua aptidão.

Tinham-no deixado no motel, outra fonte de queixas, e voltado ao escritório para avaliar a falta de progresso do dia antes de irem para casa dormir um pouco e retomarem às primeiras horas da madrugada.

– É culpado, sim – afirmou Knight. – Mas ser um idiota não é um delito criminal.

– Deviam aprovar uma lei só para ele.

Knight riu-se entre dentes, embora não fosse assunto para risos. Pegou num elástico e começou a esticá-lo à volta dos dedos.

– Achas que ele a matou e escondeu o corpo.

– Divórcio instantâneo. Muito menos complicação, sobretudo quando há bens significativos envolvidos.

– Que ele herdaria.

– Seria motivo suficiente, mas talvez não seja o único motivo dele.

– *Okay*, mordo a isca.

Grange estava ansioso por esclarecer.

– Ela não mudou o pote de ouro para a empresa dele quando casaram. Nem endossou aquele fármaco, que ele convencera os clientes que era um bom investimento.

– De um ponto de vista profissional – retorquiu Knight pensativo –, são dois golpes contra Jeff. Ela fê-lo ficar mal e poderá ter-lhe custado a posição de sócio.

– A nível pessoal também é bastante mau. Ela suplanta-o em todas as frentes. É muito conhecida pela sua filantropia. Em todos os artigos sobre ela, o nome dele é apenas uma nota de rodapé. É adorada pelos doentes, mas os clientes dele acusam-no se as notícias económicas não são boas.

– Ele tem ciúmes do sucesso dela como ser humano.

– Ressentimento a juntar à questão do dinheiro. – Grange encolheu os ombros. – Parece canja.

– Essa parte da canja incomoda-me – retorquiu Knight. – É quase demasiado óbvio. Além disso, não temos nenhum corpo, nenhuma arma a fumar, nem nenhuma oportunidade do suspeito a liquidar. Pelo que sei, coisas como estas dão jeito quando vamos ao ministério público e tentamos que alguém seja indiciado por matar a mulher. Até conseguirmos mais alguma coisa, no essencial não temos nada. Podemos também nunca conseguir nada. – Olhou para o grande mapa na parede e suspirou. – Ela pode estar num sítio qualquer.

Os meios de comunicação tinham chamado às buscas da Dra. Emory Charbonneau um «esforço coordenado», o que era uma designação errada para muitos e uma piada para o sargento detetive Sam

Knight. A coordenação era quase inexistente porque estavam envolvidos todos os departamentos de segurança numa zona que abarcava três estados e todos eles tinham a sua agenda própria, problemas de pessoal, considerações orçamentais e estupidez geral. Havia muitos agentes dedicados e determinados, mas os seus esforços eram muitas vezes minados pelos não tão espertos nem responsáveis, dos quais também havia muitos.

Depois havia as centenas de voluntários, todos com razões próprias para se juntarem às buscas, onde figurava em destaque a recompensa dos vinte e cinco mil dólares. Knight era suficientemente *blasé* para acreditar que isso induzira muitos a oferecerem-se.

Mas, mesmo que a disponibilidade dos voluntários para enfrentarem terreno hostil e temperaturas abaixo de zero fosse puramente altruísta, era preciso preocuparem-se que um deles pudesse, literalmente, tropeçar no corpo de Emory Charbonneau e comprometer uma cena de crime.

Considerando tudo isso, a margem de erro era oceânica na sua envergadura e o caos estava praticamente garantido.

Entretanto, Grange estava convencido que o marido era o culpado e que os restos mortais dela não seriam encontrados até que Jeff cedesse e lhes dissesse onde deviam procurar. Infelizmente, Sam concedia que o seu colega se calhar tinha razão.

– O sábado dele é duvidoso – comentou Grange. – Onde esteve ele o dia todo?

– Ouviste o que o homem disse. Teve coisas para fazer em casa e depois foi tratar de alguns assuntos.

– De algum modo, fazer coisas em casa e Jeff Surrey não combinam. Também não consegue apresentar ninguém com quem tenha contactado – lembrou-lhe Grange. – Durante o dia inteiro. Ninguém tipo um barbeiro ou um comerciante qualquer que se lembre dele. Depois, no domingo, também está invisível até meio da tarde quando começou a telefonar e a deixar mensagens a perguntar se alguém tivera notícias de Emory.

Knight pegou na deixa.

– Transforma-se no marido preocupado, mas só depois de decorrida uma quantidade significativa de tempo.

– Fingimento. Só para vista.

– Então como fez ele? – perguntou Knight. – Quando?

– Importas-te que tente?

Knight fez um gesto para que ele conjecturasse em voz alta.

– Muito bem, Emory faz a sua corrida no sábado, como planeado. Diz a Jeff que vai passar a noite por aqui. Ele vem até cá de carro e encontram-se em local e hora previamente combinados. Ele começa com grandes desculpas. «Querida, desculpa. Devia ter sido mais compreensivo em relação aos teus treinos para a maratona. Vamos beijar-nos e fazer as pazes.»

– Mas ficou o tempo todo à espera do momento para dar cabo dela seja lá por que método.

Grange assentiu.

– Desfaz-se do corpo, depois volta a Atlanta. No dia seguinte, domingo, começa a telefonar à procura dela e depois volta a Drakeland e desempenha o papel de marido preocupado no motel, no café e na sua primeira visita a este departamento. «A minha mulher não voltou para casa. Alguém me ajude.»

– E nem sequer pediu por favor – retorquiu Knight.

– Se tivesse, tínhamos logo percebido que era tudo teatro.

O elástico estava a trabalhar bem nos dedos de Knight.

– Parece bom, mas, em termos de provas, é tudo conversa. A unidade forense examinou todos os centímetros do carro dele.

Jeff percebera o ardil deles de «é apenas rotina». Manifestara desagrado, mas não de forma tão

clamorosa como Knight esperara e a maior parte dos seus protestos prendia-se com os possíveis estragos que poderiam ser feitos nos interiores de pele personalizados. Tinham-lhe assegurado que o departamento cobriria quaisquer estragos pouco prováveis.

Depois, como se tivesse sido prerrogativa sua recusar-lhes o acesso, dissera: «Está bem, revistem. É uma perda de tempo e efetivos, mas não tenho nada a esconder.»

E possivelmente não tinha. Não haviam descoberto nada de incriminador. Nenhum sangue, nem fibras, cabelos, químicos, cheiro químico que indicasse que fizera uma limpeza ao carro, ou mau cheiro como o de um cadáver.

Ficaram aliviados por não descobrir nada que indicasse que alguém tinha feito mal à Dra. Charbonneau. Ao mesmo tempo, fora uma desilusão saírem de mãos a abanar. Todas as suas perguntas continuavam sem resposta.

– Incomoda-te que ele não tenha exigido um advogado, um mandado de busca? – perguntou Knight.

– É óbvio que te incomoda a ti.

– Sim. Um tipo como ele, frio como um pepino, pensar-se-ia que teria pedido logo um advogado.

– Mas tem esperteza suficiente para perceber que isso aguçaria o nosso interesse por ele.

– Talvez. Mas o que me diz a mim é que ele sabia que não íamos encontrar nada no carro. Por isso, se ele a matou mesmo, deixou-a no local. Além disso...

Grange gemeu com o pensamento de que havia outra saída para Jeff Surrey.

– Além disso – continuou Knight –, ele entregou o telemóvel.

– Ele levantou objeções.

– Não muito. Sobretudo expressões faciais que mostravam o seu desagrado. Não nos ofereceu tanta discussão como se esperaria de um homem que tem de encobrir o assassinio da mulher.

– Então o que quer isso dizer? – perguntou Grange.

– Significa que ou ele é inocente e apenas parece culpado ou que é a porra de muito esperto.

– Estou a pensar na última hipótese.

– Eu também. Mas temos de o vergar.

Grange bateu com a ponta da borracha de um lápis em cima da secretária.

– Poderá ser que *Alice* seja melhor amiga dele do que de Emory?

Knight fez saltar o elástico contra os dedos.

– Uma aventura? Jeff?

– Achas que o ultrapassa?

– Não, só não consigo imaginá-lo a desenvolver suficiente emoção ou fluxo sanguíneo para ficar duro.

– Para alguns homens, a excitação não tem a ver com carne.

A pensar naquilo, Knight inclinou a cabeça para um dos lados.

– Suponho que não. Poder. Controlo.

– Crueldade.

– Sou antiquado. Gosto de carne.

Grange sorriu e depois ficou sério outra vez.

– Nos últimos dois dias, houve... – Fez uma pausa para verificar os seus apontamentos. – Cinco chamadas entre os dois.

– Ela é uma boa amiga e cliente.

– Com quem ele fala às tantas da noite? A primeira coisa esta manhã?

– Ele explicou essas chamadas. Alice está preocupada com Emory. «Extremamente», para o citar.

Grange assentiu.

– Estaria de ambas as formas, no entanto.

– De ambas as formas?

– Se é amiga dos dois então, nestas circunstâncias, naturalmente que estaria preocupada com ambos.

Extremamente. Mas também estaria preocupada se o amante se tivesse livrado da mulher, com ou sem o seu conhecimento prévio, para desimpedir o caminho para eles ficarem juntos.

Knight matutou naquilo durante uns dez segundos.

– Amanhã, enquanto eu faço de ama-seca a Jeff, vais até Atlanta, sondas os vizinhos dela, perguntas se ela teve visitas na sexta e no sábado enquanto Emory estava fora.

Grange sorriu.

– Aposto um em vinte que terá havido avistamentos do carro chique de Jeff com os estofos de pele personalizados.

Capítulo 19



— *D*oc? Emory inclinou a cabeça para a mão que se apoiava no seu ombro e esfregou a face nas suas costas.

— Vai acordar ou continuar a dormir?

— *Hmm?*

Despertou com lentidão e abriu os olhos. A mão onde apoiava a face estava ligada a um braço comprido coberto por lã marfim, ligado a um ombro largo que lhe bloqueava a visão do teto.

Ele estava dobrado por cima dela, o rosto próximo. A luz da lareira fazia sobressair as feições, realçando-lhe as maçãs do rosto e queixo forte, acentuando os fios prateados no cabelo, mas marcando mais as linhas que lhe rodeavam os lábios firmes e transformando em covas misteriosas as órbitas dos olhos.

Queria desesperadamente que ele a beijasse.

Mas ele retirou a mão e recuou da cama. Ela sentou-se. Os estores das janelas ainda estavam descidos, mas não havia luz do dia a iluminar as bordas. Zonza e desorientada, perguntou:

— Que horas são?

— Seis e meia. Dormiu quase o dia todo.

— Não posso acreditar que tenha dormido tanto tempo.

— Foi difícil para si a noite passada. Não sabia se a havia de acordar ou não.

— Ainda bem que acordou.

— As suas calças. — Passou-lhas.

Ela atirou com as cobertas para trás, levantou-se e foi para a casa de banho. Usou a sanita, vestiu as calças justas, lavou a boca e passou uma mão pelo cabelo que secara de forma louca e emaranhada porque fora deitar-se com ele húmido.

Quando saiu da casa de banho, ele estava de pé em frente das estantes a examinar os títulos. Ela aproximou-se da lareira e verificou o *top* de desporto e o casaco.

— Ainda húmidos — disse. — Vou ter de usar a sua camisa mais algum tempo.

Ele não respondeu. Havia uma melancolia no silêncio dele que a impeliu a preenchê-lo.

– De facto, estou num estado lastimoso. Nenhum creme durante três dias. O meu cabelo está uma confusão. Se alguma vez me visse como costumo andar, não me reconheceria.

Mantendo-se de costas para ela, ele retorquiu:

– Reconhecê-la-ia.

O tom sombrio e o retraimento implicavam um significado subjacente à declaração simples e, quando percebeu o que era, o desalento abateu-se sobre ela tão pesado como o casaco dele parecera antes.

– Mas isso nunca vai acontecer, pois não? Mal eu chegue a casa, nunca mais nos veremos um ao outro.

– Não.

Não entrou em mais pormenores. Não tornou aquilo condicional. Declarou-o como conclusão inevitável.

Ela não sabia o que dizer e, mesmo que soubesse, não tinha a certeza de conseguir falar. Tinha a garganta apertada de emoção, uma emoção que não devia estar a sentir. Com a perspectiva de voltar para casa, devia estar a sentir alívio e feliz expectativa. Em vez disso, sentia-se desolada.

Claro que, quando retomasse a sua vida, passar-lhe-ia esta tola e inexplicável tristeza. Adorava o seu trabalho e os seus doentes. Tinha de pensar na maratona. As pessoas estavam a contar com ela. Logo que chegasse a casa, não teria nenhum tempo a perder. Teria de mergulhar nas suas coisas e compensar o tempo perdido, o tempo que passara ali.

Em breve, estes últimos dias pareceriam um sonho.

Mas porque se sentia como se estivesse a acordar antes de o sonho ter chegado a uma conclusão gratificante?

Interrompendo-lhe os pensamentos, ele disse:

– Se quiser comer alguma coisa, por favor, sirva-se.

– Não tenho fome.

Ao que parecia, ele também não. A zona da cozinha encontrava-se às escuras. Ele puxou um livro de uma das prateleiras e levou-o para a poltrona.

– Talvez não esteja tão confiante em relação às intenções dos Floyd como quis que eu acreditasse.

Quando ele a olhou, ela acenou com a cabeça para a pistola que se encontrava na mesinha de apoio, a luz do candeeiro a incidir nela, bem ao alcance dele.

– Nenhum sinal deles. Mas eu podia estar enganado.

Ela sentou-se no sofá.

– Como sabia que eram os irmãos de Lisa?

Absorto, ele passou as pontas dos dedos pelo título gravado em relevo na capa do livro.

– Não sabia até ela me contar. Estava tão determinada que ninguém soubesse sobre o bebé, apesar de o ter perdido. Suponho que qualquer rapariga de quinze anos naquela situação teria medo que se soubesse. Mas insistia sobretudo que Pauline não soubesse daquilo. Entretanto, aqueles cretinos bebiam cerveja e pareciam até divertidos com a situação dela. De repente, percebi porquê. Era uma piada entre eles. Tive esperança de me ter enganado. Mas, quando perguntei diretamente a Lisa, ela começou a chorar e contou-me.

Emory abraçou os cotovelos.

– Foi um incidente isolado? – perguntou esperançada.

– Não. Já dura há algum tempo, segundo ela.

– Como é que Pauline não percebeu isso?

– Ela sabe, *Doc*. Claro que sabe. Não o admitiu, se calhar nem para si própria, mas sabe. Porque acha que mandou Lisa viver com a irmã e o cunhado na cidade?

Emory apoiou os cotovelos sobre os joelhos e pôs a cabeça entre as mãos.

– É obsceno. Lemos coisas sobre isso, ouvimos histórias nas notícias, mas é difícil para mim acreditar que coisas como esta de facto acontecem.

Ele soltou uma risada desconsolada.

– Oh, acontecem. Pior do que isto. O seu mundo bonito e limpo protege-a do lado feio da nossa sociedade.

Ela baixou as mãos.

– Não se atreva a fazer isso.

– O quê?

– A insultar-me assim.

– Não estava.

– Estava sim. – Levantou-se. – Não posso evitar que os meus pais fossem ricos. Não pedi para nascer num mundo bonito e limpo, não mais do que Lisa pode evitar as circunstâncias do seu nascimento.

Ele pôs o livro de lado e passou os dedos pelo cabelo.

– Tem razão. Não estava a agir bem. Peço desculpa.

– Não se ponha com paternalismos também.

– Não estava.

– A seguir vai chamar-me outra vez alma caridosa.

Ele saltou da poltrona.

– Muito bem, então diga-me o que posso dizer que não a irrite.

Ainda zangada, ela perguntou:

– O que acontecerá a Lisa?

– Esperemos que a tia e o tio a recebam de volta.

– Não me parecem ter corações muito generosos. Podia ser preferível uma casa de acolhimento.

– Casa de acolhimento?

– O SPC podia colocá-la...

– SPC?

– Serviços de Proteção à Criança...

– Sei o que é – retorquiu ele vexado. – Mas, para eles se envolverem, Lisa teria de denunciar o abuso sexual.

– Claro que ela vai denunciá-lo!

– Não o fez até agora.

– Mas fará. Aqueles dois pervertidos precisam de ir para a cadeia.

– Sim. Mas isso nunca acontecerá. Devia. Mas não acontecerá.

– O que está a dizer?

– Conheço a mentalidade, *Doc*. É uma mentalidade de clã. Protegem os seus, dê lá por onde der. Pauline ignorou e negou até este ponto. Vai continuar da mesma maneira. Lidará com a questão, mas à margem da lei e sem interferência governamental.

– Se nem ela nem Lisa denunciarem o facto, se *você* não o fizer, então farei eu.

– Faria isso a Lisa? Fá-la-ia sofrer as repercussões, que poderão envolver represálias duras da parte de Norman e de Will, quer sobre ela, quer sobre a mãe?

– Então devemos olhar para o lado, não ligar e deixá-los safarem-se com a violação?

Ele não disse nada, mas Emory estremeceu com o olhar que lhe perpassou pelo rosto.

– O que vai fazer? – Fitou a pistola. – Não pode matá-los.

Ele aguentou-lhe o olhar durante um momento, depois aproximou-se da lareira e começou a remexer na lenha com o atizador.

- O problema não é seu.
- Tornou-o meu problema.
- Bem, não será mais a partir de agora.

Ela estava prestes a lançar-se noutra saraivada, quando reparou nas ações controladas das mãos fortes. Nem um único movimento se desperdiçava, todos eram deliberados. Sentiu outra vez aquela constrição inoportuna na garganta.

- Vai levar-me de volta.

Ele não disse nada, fitou apenas o montículo de cinzas.

Isto explicava o estado de espírito dele desde que a acordara. Ela engoliu em seco.

- Esta noite? Agora?

– Quando estiver pronta. As estradas já estão bastante desobstruídas.

– Devíamos ir então – observou, embora lhe doesse a garganta ao falar. – Há pessoas lá fora ao frio, à minha procura.

- Esta noite não.

– O quê?

– Estive *online* e verifiquei as notícias enquanto estava a dormir. Suspenderam as buscas até amanhã ao romper do dia.

Ela lançou uma olhadela ao portátil em que reparara sobre a mesa da cozinha.

- O que estão a sugerir que me aconteceu? Leu alguma coisa sobre Jeff?

– Só li os pontos mais importantes, não os pormenores. – Deu um pontapé numa brasa que caíra fora da lareira. – O que lhe vai dizer sobre o tempo que passou aqui?

- Não faço a mínima ideia.

A cabeça dele virou-se, a sobrancelha direita ligeiramente arqueada. A expressão era agora tão familiar para ela. Ele queria uma resposta, mas não queria perguntar diretamente.

– Não faço ideia do que direi a Jeff. Nem a ninguém. Não me lembro do que me provocou a concussão, por isso não a posso descrever nem como acidente nem como ataque. Não sei onde estamos, não exatamente. O que lhes posso dizer sobre si, quando não sei nada? Nem o seu nome nem... nem sequer porque me trouxe para aqui.

Ele praguejou numa suave expulsão de ar, ao mesmo tempo que apoiava as mãos na prateleira da lareira e deixava cair a cabeça entre os braços. Ficou ali a fitar as chamas durante vários momentos, depois acrescentou lenha e voltou a colocar o guarda-fogo. Limpou as mãos à parte de trás das calças de ganga.

Virou-se para ela.

– Bem, posso esclarecer essa última incerteza para si. A razão por que a trouxe para aqui. Encontrei-a no trilho. O que fiz por si, abrigando-a, alimentando-a, providenciando primeiros socorros...

- Teria feito por qualquer desconhecido que precisasse.

– O raio é que teria – retorquiu ele com aspereza. – Sim, teria levado uma pessoa ferida a um serviço de urgência, tê-la-ia largado lá e ido embora. Nenhum risco, nenhum envolvimento, nenhuma hipótese de me expor. Mas você, a ameaça mais grave de todas para... – Olhou em volta para o interior da cabana. – Para tudo. Você, queria guardá-la por mais algum tempo.

Ergueu a mão e cerrou-a num punho, como se explicasse.

– Nunca apreciará o risco que corri para a manter aqui. Com certeza que não se consegue identificar com a luta que tem sido para me manter longe de si.

Encaminhou-se para ela e, quando havia apenas centímetros a separá-los, perguntou:

- Ainda tem medo de mim?

– Muito.

Ele deu outro passo.

– Mas não está a fugir. Porquê?

– Porque me identifico com essa luta.

O som que ele fez era em parte gemido em parte grunhido.

– Era melhor parar com isso agora, *Doc*.

Deu-lhe tempo, mas, quando ela não se mexeu, estendeu o braço em volta e espalmou-lhe uma mão no traseiro. Parecia que o calor da mão dele dissolvia o tecido das calças de malha quando ele a puxou. Fez deslizar a outra mão por baixo do cabelo dela e curvou-a na sua nuca, como fizera na noite anterior.

– Última chance.

Ela colocou-lhe as palmas das mãos no peito e depois fê-las deslizar para os ombros dele.

– Muito bem. Avisei-a. Disse-lhe que se voltasse a pôr-lhe as mãos em cima...

– As punha no meu corpo todo.

– Não foi só isso que disse que faria.

Cobriu-lhe os lábios com os seus e libertou o desejo ardente que reprimira na noite anterior. Nada foi moderado, não a introdução da língua dele, não a necessidade com que a boca dela se abriu para ele, não as palavras eróticas que ele lhe sussurrou quando por fim o beijo se quebrou e a soltou, mas apenas para poder desapertar à pressa os botões da sua camisa que ela usava.

Abriu-a e olhou para ela, o olhar a chamuscar todos os pontos onde tocava. Acariciou-lhe a barriga com as costas dos dedos, explorou-lhe a estreiteza da caixa torácica apertando-a entre as suas mãos e depois chegou aos seios roliços com as palmas. Ela inclinou-se para elas e emitiu pequenos sons de desejo quando as pontas dos dedos dele traçaram a forma cónica dos seus seios todo o caminho até às pontas que se retesaram sob as carícias.

– Caramba – murmurou ele.

Pegando-lhe na mão, rebocou-a para a cama, onde lhe empurrou a camisa dos ombros para poder continuar a olhar para ela ao mesmo tempo que puxava a sua camisola por cima da cabeça e a atirava para o lado.

Depois as mãos desceram para a braguilha e, com destreza, desabotoaram-na. Com os olhos sempre sem largar os dela, deslizou uma mão para dentro do v de ganga macia e produziu um ajuste que fez com que a respiração dela se acelerasse.

– Não vai durar muito tempo.

– Não terá de o fazer. – Deitou-se para trás na cama e chegou-se para cima para abrir espaço para ele.

Ele subiu para a cama de joelhos, inclinou-se por cima dela, puxou-lhe as calças de malha justas e depois posicionou as pernas dobradas dela de cada lado das suas ancas. Olhou para ela com tanto interesse ávido, que ela enrubesceu por todo o lado.

Praguejando de impaciência, despachou as calças de ganga para baixo e depois fez o que dissera que faria: pôs-lhe as mãos em cima. Primeiro insistentemente nas suas coxas internas quando as separou, depois ternamente quando a acariciou onde ela estava molhada e ansiosa, depois agressivamente por baixo do traseiro dela quando a inclinou para cima. Entrou dentro dela com uma estocada deslizante e determinada.

– Caramba, *Doc* – gemeu –, prometi-lhe que não magoaria.

– Não magoará.

– Poderei.

Fletindo as ancas, entrou ainda mais profundamente e depois esticou-se por cima dela e começou a mexer-se. A copular. Todo ele pura força e certeza masculinas. Não contrito, mas dominante e

possessivo.

Prendendo-lhe os pulsos, ergueu-lhe as mãos por cima da cabeça. Olhou diretamente para os olhos dela, fez deslizar a sua outra mão entre os seus corpos e tocou-lhe com tal precisão carnal que ela se arqueou para a mão dele, esfregando-se contra ela numa súplica silenciosa para ele comprimir, circundar, acariciar. E ele fê-lo. Muitas vezes. Baixou a cabeça para os seios dela, chupou-lhe os mamilos retesados e bateu-lhes ao de leve com a língua.

O orgasmo dela foi avassalador.

Com uma obscenidade grunhida, ele retirou-se mesmo a tempo e colou o corpo ao dela.

Estremecendo e contorcendo-se, espremeram todos os milésimos de prazer e, quando ele se veio, o pulsar foi forte e intenso. Depois pareceram fundir-se um no outro, exauridos. Muito tempo se passou antes de ele lhe libertar as mãos e se afastar de cima dela.

Quando ela teve por fim capacidade para abrir os olhos, ele estava deitado de barriga para baixo ao lado dela, com a face pousada nas mãos juntas, as pestanas pretas a projetarem sombras nas maçãs do rosto.

Havia um brilho de suor nas costas dele. A pele era lisa, as concavidades e declives da sua musculatura belos. As calças de ganga estavam descidas, no território sedutor onde a inclinação das costas se intumescia para o traseiro.

Sentindo o olhar dela, ele abriu os olhos. Eram como luzes gémeas a acenderem-se dentro de uma garrafa de vidro azul. A atenção dele foi atraída para o sémen na camisa de flanela, que estava agora irremediavelmente enrolada à volta dela. Mas os olhos voltaram para os dela. Parecendo na defensiva, disse:

– Já está arrependida?

À laia de resposta, ela estendeu a mão e roçou os dedos no fundo das costas dele. Depois um pouco mais abaixo. Depois as pontas dos dedos aventuraram-se para lá da linha da cintura e brincaram com a fenda cheia de sombras.

– Se continua a fazer isso, vou ter de me virar.

Tocando-lhe tão ao de leve como um sopro, ela delineou o sulco até onde conseguiu chegar.

Grunhindo com um misto de desconforto e excitação, ele rolou até ficar de costas e atirou com as calças de ganga.

O corpo humano encerrava poucos mistérios para ela. Vira centenas, milhares de corpos. De todas as formas e tamanhos. Mas ficou cheia de admiração pelo dele. E, de facto, um pouco acanhada com a sua inflexível masculinidade: o tamanho geral, o leque de pelos que se espalhavam pelo peito, a tatuagem de um relâmpago mesmo por cima da prega onde a coxa dele se encontrava com um abdómen encordado por músculos bem definidos, o sexo retesado e outra vez intumescido com desejo dela.

Impaciente, ele libertou-a da camisa, depois colocou-lhe a mão na nuca e puxou-a para ele. Beijou-a, um beijo longo e profundo, a língua a penetrar repetidas vezes na boca dela. Quando por fim o beijo se quebrou, afastou-a um pouco dele para poder estudá-la, com um descaramento que a arrebatou e excitou.

Pousou-lhe a mão à volta do seio e apertou-lhe com suavidade o mamilo entre os dedos. A voz era rouca e sexy quando perguntou:

– Não vai fugir de mim aos gritos?

Num estado sublime de excitação, ela sorriu e abanou a cabeça num não.

– Então crie recordações para mim, *Doc*.

– Recordações?

Deixando-lhe os seios a formigar, ele deslizou a mão para a barriga dela. Contemplou a arquitetura do seu osso ilíaco como se fosse uma maravilha. Depois roçou as costas dos dedos por cima do pelo macio.

– Crie recordações para mim para eu levar comigo e evocar quando se tiver ido embora.

– Que tipo de recordações?

A pergunta terminou num arquejar de surpresa quando ele reposicionou com destreza e lhe apartou as coxas bem afastadas para acomodar os ombros largos. Quase sentiu a exploração do olhar sensual dele quando fez deslizar as mãos por baixo dela e a puxou para mais perto. Sentiu definitivamente o primeiro movimento circular da língua dele e depois os lábios a moverem-se contra ela quando ele sussurrou:

– Lascivas.

Capítulo 20



Alguma coisa a acordou e despertou sabendo que estava sozinha na cabana. Manteve-se aninhada por baixo das cobertas, mas a cama começara a arrefecer sem o calor do corpo dele.

Talvez tivesse ido só lá fora buscar lenha.

Mas sabia que se estava a enganar. Era mais do que o espaço vazio a seu lado que lhe dizia que ele se fora. Tal como ele parecia encher a sala com a sua pura presença, a sua ausência criava um vácuo.

Temia ficar a saber o que o seu sentimento de solidão indicava.

Mas precisava de saber.

Sentou-se, abraçando-se para se aquecer. Os mamilos contraíram-se com o frio. Estavam sensíveis. Mil outros efeitos da relação sexual combinavam-se para criar uma sensação dorida por todo o corpo.

Sentir-se assim era chocante e maravilhoso e não conseguiu experimentar uma pontinha de remorso. Na verdade, esperava que as pontadas e ardências, essas doces lembranças da paixão dos dois, permanecessem com ela durante muito tempo.

Ele deixara o aquecedor ligado na casa de banho, mas com a chama baixa. Não acendeu a luz, não querendo ter um reflexo claro no espelho. Não queria saber do seu desalinho. O que não queria ver era o desalento da sua expressão. Uma coisa era sentir tristeza; avistar a prova disso nos seus olhos pioraria as coisas.

Tomou um duche rápido. Quando saiu da casa de banho, tirou uma camisa limpa da gaveta dele e depois foi até uma das janelas da frente e ergueu o estore. Ainda era muito cedo. Nuvens finas pairavam sobre os picos distantes como uma estola bela. Fora isso, pela primeira vez naqueles dias todos, o céu estava limpo e prometia tornar-se azul à medida que o dia avançasse.

O pátio encontrava-se vazio. A *pick-up* dele não estava no local de estacionamento.

Lânguida, a mão tombou-lhe de lado. A cortina de musselina voltou a cair no seu lugar.

Virou-se. Foi quando reparou que, sobre a mesa de jantar, onde não podia deixar de a ver, se encontrava a sua bolsinha de cintura. As duas notas de vinte dólares, a carta de condução, o cartão de crédito e o mapa marcado estavam lá dentro. Ao lado, encontravam-se os seus óculos de sol.

As roupas de corrida, incluindo as luvas e a fita da cabeça, tinham sido muito bem dobradas. Os seus

sapatos tinham sido colocados debaixo da mesa, lado a lado, com as pontas e calcanhares alinhados, as meias enfiadas dentro deles.

Tudo aquilo significava que estava na altura de se ir embora.

Parecia que os seus membros pesavam quinhentos quilos cada um quando despiu a camisa dele e a dobrou por cima das costas da cadeira. Vestiu-se de forma mecânica e guardou os seus pertences. Quando ficou pronta, sentou-se no sofá à espera.

Na noite anterior, ele dissera: «Quando estiver pronta.» Era óbvio que ela não estivera pronta para partir, nem ele pronto para a devolver. Durante a noite, tinham sussurrado e suspirado a linguagem premente dos amantes, mas não haviam falado nem uma vez da vida para a qual ela tinha de voltar, nem da *coisa* que, até Lisa intuía, tornara o anonimato dele necessário. Ambos tinham percebido que a noite anterior representara uma trégua. Tinham feito um intervalo de tempo.

Mas com a chegada da manhã...

O olhar desviou-se para a mesinha de apoio. Flagrantemente em falta estava a pistola.

Pôs-se de pé de um salto.

– Oh, meu Deus. Oh, *não!*

Em três passadas, chegou à porta e abriu-a com um sacão. O ar frio cortou-lhe a respiração, mas praticamente saltou pelos degraus do alpendre. Escorregou numa zona de gelo na rocha lisa incrustada no solo, mas a derrapagem serviu apenas como impulso. Atravessou o pátio com os pés pesados, trepou por cima do portão e começou a correr a toda a velocidade em direção à casa dos Floyd.

O caminho era todo a subir, mas correu como se fosse terreno plano, receando que, se abrandasse nem que fosse um pouco, chegasse demasiado tarde. O seu melhor esforço poderia não ser suficiente. Poderia não chegar a tempo de evitar...

Lá estava! A linha do telhado de chapa com os para-raios apareceu por cima das copas das árvores. Em vez de afrouxar, ter o seu destino à vista estimulou-a. Respirava com dificuldade quando avistou a entrada juncada de lixo. Depois viu a *pick-up* dele. E viu-o a ele.

A respiração prendeu-se-lhe, interrompida entre os pulmões e a garganta, que se imobilizou de medo, tanto assim que nem sequer conseguiu chamá-lo quando ele subiu os degraus do alpendre dois a dois, praticamente arrancou a parte exterior da porta dupla das dobradiças, quando a abriu e depois pontapeou com tanta força a porta de entrada que esta se abriu para a sala e bateu contra a parede interior. Desapareceu dentro da casa.

Passados poucos segundos, Norman foi arremessado para fora da casa com tanta violência que a porta exterior não retardou o mergulho de cabeça pelo alpendre e dos degraus abaixo. Deu uma cambalhota e acabou de costas apenas a alguns metros dela.

Pôs-se de pé com esforço a tentar recuperar o equilíbrio e defender-se do homem que o seguira para fora da casa. Trazia a caçadeira familiar, mas atirou-a para o lado e saltou os degraus, caindo em cima de Norman e atingindo-o no rosto com um punho que teve o impacto de um martelo de forja.

Osso e cartilagem esmagaram-se quando o nariz de Norman foi achatado para dentro do seu rosto. Tecido liquefez-se. Sangue esguichou. Ele berrou de dor, mas recebeu vários murros rápidos na barriga antes de cair no chão.

Emory cobriu o seu grito de consternação com a mão.

O cão maltratado corria em círculos à volta dos dois homens, a ladrar como um maníaco.

– Ataca-o, porra de rafeiro! – gritou Will quando saiu como um furacão pela porta exterior vestido apenas com as calças.

Mergulhou para a caçadeira posta de lado, mas levou com uma bota no entrepernas antes de ter descido os degraus. Caiu de joelhos, a berrar e agarrado aos testículos, mas não lhe foi poupada outra bota, desta

vez na cara. Demoliu-lhe a maçã do rosto. Um golpe no maxilar transferiu-lhe o queixo para debaixo da orelha e arruinou-lhe para sempre a expressão mal-intencionada lupina. Caiu para trás, a cabeça a aterrar no degrau inferior com o som de uma trave de madeira a bater, mas não com tanta força que o pusesse inconsciente. Uivou de agonia.

Norman não estava acabado. Por esta altura, recuperara algumas das suas capacidades. Apesar do sangue que lhe escorria para a barba da confusão que costumava ser o centro do seu rosto, conseguiu de algum modo levantar-se, vacilante, e lançou dois socos desordenados que foram facilmente evitados. O punho direito foi agarrado a meio do golpe e utilizado para o fazer rodar.

Com os lábios a um sopro do ouvido de Norman, ele disse:

– Só pensaste que perdeste toda a emoção na Virginia.

Depois empurrou a mão de Norman para cima entre as suas omoplatas. Emory ouviu o som chocante quando a articulação saltou do encaixe do ombro. O berro dele transformou-se numa lamúria estrangulada quando levou um soco no rim. Quando o braço a balouçar foi libertado, caiu como uma boneca de trapos.

– Este é pelo cão, seu filho da mãe do caralho.

Emory ficou com a certeza que o pontapé que deu nas costelas de Norman lhe deixou várias partidas.

O vencedor não parecia afetado, à exceção de estar um pouco sem fôlego. Afastou-se de Norman, dirigiu-se a Will e inspecionou os estragos, achando-os ao que parecia suficientes, porque não lhe tocou e apenas disse:

– Se tornas a pôr uma mão que seja em cima de Lisa, volto e parto-te o pescoço.

Pegou na caçadeira, retirou as munições, depois levou-a até uma árvore robusta e arremessou-a contra o tronco várias vezes até que a coroa se partiu dos canos. Apanhou as duas peças do chão e atirou-as para a caixa aberta da sua *pick-up*.

O cão aproximou-se dele, com a língua de fora, a cauda a abanar. Depois de receber uma festa na cabeça e uma coçadela debaixo do focinho, o animal voltou ao seu lugar debaixo da árvore e deixou-se cair com um suspiro de reconhecimento canino.

Emory correu para Norman.

Ou tentou. O braço foi apanhado e deteve-se com um esticão.

– Não toques nele.

– Não podemos deixá-los simplesmente assim.

– O raio é que não podemos – disse ele e impeliu-a em direção à carrinha.

– *Eu* não posso. – Ela resistiu.

– Vais.

Antes de conseguir protestar outra vez, reparou que Pauline, comprimida dentro de um casaco de malha comido pelas traças, tinha saído para o alpendre. Ele virou-se para ver o que lhe atraíra a atenção, depois deu a volta para o lado do condutor e puxou um saco de papel castanho do chão.

Voltou à casa e inclinou-se por cima de Will para passar o saco a Pauline.

– Está aí dentro uma chávena de café para substituir a que parti. O dinheiro deve cobrir o custo de uma televisão nova.

Parecendo confundida, ela disse:

– ‘Brigada.

– Como está Lisa esta manhã?

– Boa. A dormir profundamente. – Olhou para Will, que gemia alto. – Em todo o caso, estava – acrescentou.

– Faça as malas dela e as suas. Venho buscar-vos mais tarde.

Com ainda mais perplexidade do que mostrara antes, ela olhou em volta, interiorizando a degradação da sua casa, o caos da sua vida. Quando olhou outra vez para ele, disse:

– Não posso deixar a minha casa.

Ele pareceu prestes a falar e depois suspirou de resignação.

– Tenha Lisa pronta.

Voltou à *pick-up* e, desta vez, quando abriu a porta do lado do passageiro, disse:

– Não vamos discutir sobre isto, *Doc*.

Vendo que seria inútil tentar, ela entrou. Que outra opção lhe restava?

– Acordei-te?

Sam Knight rolou até ficar de costas e atrapalhou-se a chegar o telemóvel mais para perto da orelha.

– Encontraram-na?

– Não – retorquiu Grange –, mas a amante de Jeff cedeu.

Knight sentou-se e sacudiu o azamboamento do sono.

– Foi rápido.

– Fui cedo para Atlanta, esqueci as visitas aos vizinhos e, em vez disso, estava a tocar-lhe à campainha da porta antes do amanhecer. Acordei-a e apanhei-a desprevenida.

– Não é que és empreendedor?

– Ao princípio, ela estava na defensiva e cheia de evasivas, mas quando fingi que sabíamos mais do que sabemos sobre a relação dela com Jeff, começou a chorar. Foi-se abaixo, admitiu que têm um caso.

– *Hum*. – Por esta altura, Knight estava a tentar calçar as meias usando só uma mão e a fazer o gesto de beber uma chávena de café para a mulher perceber a insinuação e trazer-lhe uma. – Disse há quanto tempo dura?

– Seis meses. Desde o fim de semana do feriado do Memorial Day. Emory recebeu uma chamada de urgência, teve de ir ter com um doente ao hospital, saiu cedo de um churrasco em casa de Alice.

– E mal ela virou costas...

– Lá foram eles para a cama. Desde o início que Alice tem tido medo que Emory descubra. Nunca pretendeu que acontecesse. Nunca quis magoar ninguém. Foi só uma daquelas coisas. Ninguém está à espera que aconteça.

– Por assim dizer.

Grange estava demasiado excitado para reparar no duplo sentido. Continuou a falar:

– Por entre lágrimas, lá desbobinou as coisas típicas do sentimento de culpa que as pessoas soluçam quando andam a foder o cônjuge de uma amiga.

Knight soprou um beijo no ar para a mulher, que lhe trouxera café.

– E então o cônjuge, o nosso querido Jeff?

– Perguntei-lhe se ela achava que ele tinha alguma coisa a ver com o desaparecimento de Emory. Ela sobressaltou-se toda.

– Em que direção?

– Rebateu a ideia. Categoricamente. Disse que era impensável. Além disso, diz que não podia tê-lo feito. Afirmo que estiveram juntos desde sexta à noite até domingo.

– Onde?

– Na casa dela. Vão sempre para lá. Ela é cliente dele, o que lhes dá um motivo plausível se Emory alguma vez os apanhar.

– Para. Estou a ver uma imagem dele a tratar-lhe dos impostos, todos nus.

Grange riu-se.

Sam beberricou o café, pensativo.

– Ela diz que estiveram juntos todo o fim de semana, é? Conveniente, não dirias? Pode ser que ela só lhe esteja a fornecer um álibi.

– Podia ser, mas acreditei nela, Sam. Por essa altura, já me estava a fazer café. Estava abalada e ansiosa por cooperar.

– Muito bem, então estiveram a aquecer os lençóis até domingo. Até que hora do dia no domingo?

– Até depois de um pequeno-almoço tardio. Não muito antes de Jeff começar a fazer as suas chamadas.

– *Hum*, isto não é bom para nós, Buddy. Não se encaixa no cenário de sábado à noite que discutimos a noite passada. Ou Alice está a mentir em relação a ele ter estado com ela todo esse tempo ou, se está a dizer a verdade, quando matou ele Emory?

Grange pensou naquilo.

– Ele admite ter vindo para cá no domingo. Talvez se tivesse encontrado com Emory nalgum sítio pelo caminho. Combinaram um lugar para conversar sobre as coisas deles. Fosse onde fosse, ele deixou lá o corpo e depois veio até cá acima e armou a cena do pobre de mim.

– Não funciona. Também não funciona para sábado. *Porque* – sublinhou – o carro de Emory estava no parque de estacionamento na montanha, preservado em dois dias de gelo e neve fresca. Veio-me à cabeça a meio da noite. Ela não saiu da montanha. Não naquele carro.

– Merda.

– Temos de pôr Jeff na montanha e até agora não pusemos.

– Merda a dobrar. Mas a questão, Sam, é que eu acho que foi ele.

– Também acho que foi ele – resmungou.

Consideraram ambos o dilema e depois Grange disse:

– O caso extraconjugal, mais o dinheiro, mais o facto de ele ser um cretino dá-nos razão suficiente para o empatar e arranjarmos um pouco mais de tempo seja para o vergar, vergar Alice, encontrar os restos mortais de Emory ou desencantar alguma prova física.

– Estás à espera de um milagre?

– Acontecem.

Knight matutou naquilo e chegou a uma decisão.

– Onde estás?

– No meu carro no caminho de volta. A cerca de uma hora. Deixei-te dormir.

– Obrigado. – Knight consultou o relógio de pulso. – Ficámos de ir buscar Jeff às nove.

– Vou chegar muito antes disso.

– Então vamos buscar Jeff meia hora mais cedo, apanhamo-lo de surpresa e atacamo-lo a sério com a infidelidade dele. Já sabes como funciona.

– Eu faço de polícia mau?

– Até daqui a uma hora.

– Por amor de Deus, Alice, controlas-te, por favor?

– Não creio que estejas a entender as implicações, Jeff.

– Entendo-as na perfeição. Não penso que devamos entrar em pânico simplesmente porque...

– Porque os detetives de algum modo descobriram tudo a nosso respeito, quando já pensas que eles desconfiam que fizeste mal a Emory? Não achas que é motivo para pânico?

– Concedo que é motivo para *preocupação*, mas não vamos exagerar. Agora, inspira fundo e conta-me

outra vez tudo o que Grange disse.

Ela explicou tudo, mas a repetição não melhorou a mensagem.

– Apareceu à minha porta antes de amanhecer, Jeff. Só o facto de ter aparecido tão cedo implica que estão a levar isto a sério, o nosso caso. Veem-no como um fator significativo no desaparecimento de Emory. Desculpa, mas é um bocado inquietante.

Não discutiu aquilo. Grange dera-se ao trabalho de ir de carro até Atlanta, o que indicava que as especulações fortuitas dele e de Knight tinham começado a solidificar e a tomar forma. Jeff receava que a sua designação de «marido desesperado» pudesse ser trocada em breve por «possível suspeito».

Se isso acontecesse, as câmaras da televisão fotografá-lo-iam a ser escoltado para o departamento do xerife por pessoal fardado com rostos duros. As conversas com ele tornar-se-iam então interrogatórios oficiais e havia uma diferença distinta. Durante as primeiras, os investigadores eram deferentes e educados. O ambiente era delicado e agradável.

Um interrogatório era precisamente o oposto.

Seria obrigado a contratar um advogado e isso era quase uma admissão de culpa. Seguir-se-ia uma vaga pública de desconfiança e desdém. Não acreditariam em nada do que dissesse. Seria insultado da mesma maneira por completos desconhecidos e colegas próximos. Os clientes questionariam a sua integridade e levariam as suas carteiras de investimentos para outro gestor financeiro.

Pensar que seria sujeito a tal humilhação provocou-lhe suores frios. Usando um canto do lençol, limpou os pingos que lhe escorriam dos sovacos pelas costelas. Porém, o fedor acre funcionou como sais de cheiro, sacudindo-o de volta à razão. Estava a pôr a carroça à frente dos bois. Ainda ninguém o acusara de nada. Sabiam que ele e Alice eram amantes. E então? O adultério era um pecado, não um crime.

Mesmo assim, nas mentes de muitos, seria um pecado grave para cometer contra Emory Charbonneau, defensora dos oprimidos, querida dos desalojados. Estava na altura de tomar medidas preventivas antes de ser condenado na arena da opinião pública, onde a mulher já o superava em pontos por uma larga margem. Se a sua infidelidade viesse a lume, podia ser flagelado em público. Venderiam bilhetes.

Abruptamente, disse:

– Não me devias ter telefonado, Alice. Foi a pior coisa possível que podias ter feito.

– Preferias que tivesse deixado os detetives aparecer e prender-te sem aviso?

Com paciência reduzida, retorquiu:

– Não vão prender-me. Não têm absolutamente nenhuma base para me prenderem. Não podem pôr-me na cadeia por dormir contigo. O que, tendo em conta as circunstâncias, tem de acabar. Tenho de ser um marido ideal, do tipo que Emory merece. Tu e eu não deveremos ter mais nenhum contacto privado.

– Até quando?

– Não sei.

– Jeff, por favor. Vamos falar disto com mais calma.

Caramba, detestava as lamúrias dela. E detestou ainda mais ouvir um carro a travar mesmo em frente da porta do seu quarto no motel.

– Não me telefones outra vez. – Desligou.

Com muito menos confiança de evitar a detenção do que lhe dera a entender a ela, avançou com rapidez para a janela e espreitou através da fenda entre os cortinados. Knight e Grange estavam a descer do SUV e não vinham trazer café e dónutes.

Porque teriam chegado uma meia hora mais cedo?

O telemóvel começou a vibrar.

– Porra!

Knight gritou através da porta:

– Jeff? Está acordado? – Parecia muito profissional e de modo nenhum provinciano.

O telemóvel de Jeff continuou a vibrar. Praguejando entre dentes, atendeu num sussurro.

– Já te disse. *Não* me telefones outra vez.

Knight bateu com força na porta.

– Jeff, abra. Já.

No seu ouvido:

– Jeff?

Uma chave chocalhou na fechadura. *Knight tinha uma chave do seu quarto?*

No telemóvel:

– Jeff?

Um ombro foi metido à porta e, quando esta se abriu, os dois agentes caíram praticamente no quarto. A mão de Grange vinha no coldre da arma. Ambos estacaram quando o viram de pé ali a tremer só de roupa interior vestida.

Ele sentia-se pegajoso, atordoado e com dificuldade a respirar quando sorriu e estendeu o telemóvel a Grange.

– É Emory.

Capítulo 21



Ele fingiu ser um dos voluntários que tinham andado à procura de Emory. Misturou-se com eles, vestido como a maioria com roupas pesadas para o frio. O cachecol, o que ela esfaqueara, cobria-lhe o queixo. Levantara também a gola do casaco, de forma que lhe cobria uma boa parte do rosto. O gorro estava puxado bem para baixo. Usava óculos de sol muito escuros para ajudar a esconder o arranhão que ela infligira na maçã do rosto. Estava a cicatrizar, mas ainda era visível.

A maioria das marcas que ela deixara nele não era. Encontravam-se lá no fundo onde as feridas nunca eram superficiais e as cicatrizes tinham significado.

Para uma vila do tamanho de Drakeland, o desaparecimento de Emory e sua posterior recuperação representavam grandes acontecimentos. Ao saberem que ela estava de volta ao redil e sentindo o arrebatamento do sucesso, apesar de ela não ter sido propriamente *encontrada*, uma centena ou mais de voluntários tinham-se congregado à porta do hospital local para lhe conceder umas boas-vindas de herói.

Quando o SUV do departamento do xerife parou à entrada para o serviço de urgência, esta encontrava-se pejada de operadores de câmara e repórteres, a maioria vindos de Atlanta. Mirones, que não faziam ideia do que se passava, mas que tinham sido atraídos para o espetáculo, acotovelavam-se para arranjar espaço e uma visão mais vantajosa.

Agentes uniformizados tentavam, com êxito limitado, controlar o pandemónio.

Ele erguia-se com a cabeça e ombros acima de toda a gente na multidão, mas a hipótese de Emory o avistar era remota. Não estaria a olhar. Seria o último lugar onde esperaria que ele estivesse.

Era o último lugar onde ele próprio esperaria encontrar-se.

Continuou a perguntar a si mesmo porque viera. A resposta continuava a escapar-lhe. A meio caminho de casa, depois de a largar, sentira a compulsão de fazer inversão de marcha e fora o que fizera. Havia algumas coisas que se faziam simplesmente e nunca nos reconciliávamos com o *porquê*.

Por isso aqui estava: a razão da ausência dela, uma testemunha do seu regresso a casa.

Um homem paçudo de uniforme desceu do lado do condutor do veículo oficial, abriu a porta de trás e ajudou-a a sair do assento traseiro. Com um cobertor pesado passado em volta dos ombros, ela parecia pequena e submergida. Usava os óculos de sol, por isso os olhos estavam escondidos, mas a boca não

sorria. Os ténis estavam enlameados por ter corrido o quilómetro e meio entre a sua cabana e o sítio dos Floyd.

Não contara que ela acordasse e percebesse onde ele tinha ido a tempo de lá chegar e testemunhar a tarefa que lhes dera. Deixara-a enrolada debaixo das cobertas da sua cama, rosada e quente, dopada pelo sexo, a dormir profundamente. Quando a vira outra vez, encontrava-se no pátio dos Floyd, sem fôlego e horrorizada.

Os irmãos Floyd tinham constituído a razão por que viera para a Carolina do Norte. Jurara procurar vingança, jurara obtê-la. Não contara apenas que as coisas tivessem acontecido como tinham acontecido ou quando tinham acontecido.

Considerara adiar a ação até que Emory já não se encontrasse debaixo do seu teto e a agravar o perigo. Mas depois do incidente com Lisa, depois de ele e os irmãos se terem declarado inimigos, não podia prever o que eles fariam. Sentira que não podia adiar, que tinha de agir antes que a oportunidade se perdesse.

Apenas um juramento tão irrevogável como o que fizera a si próprio em relação a Norman e Will Floyd poderia tê-lo arrastado para longe do peso suave do braço de Emory na sua barriga.

Não a vira senão quando atirara Norman pela porta fora e o seguira. Ela fitara-o com puro horror, mas ele fora até lá com um propósito que nem sequer a aversão dela conseguia travar.

O ato estava feito e era demasiado tarde agora para o desfazer. Não o inverteria mesmo que pudesse. Não se arrependia de o ter feito. Só se arrependia de ela o ter visto a fazê-lo.

Seria a última impressão que teria dele. Sangue vivo nas suas mãos. Uma mancha indelével mais negra do que a mancha na sua alma.

Depois de sair da casa dos Floyd, parara na cabana só o tempo suficiente para entrar e apanhar os pertences de Emory. Colocara-lhe a bolsinha no colo sem ela ter sequer piscado.

Durante o longo trajeto até Drakeland, ela fora todo o tempo a olhar em frente, as mãos apertadas com força, se calhar a rezear que, se soltasse um pio, fosse exasperar a besta que vira à solta.

Nas imediações da vila, ele travara na berma da estrada e pusera a mudança em ponto-morto.

– A cerca de um quilómetro há uma estação de serviço. Podes telefonar a alguém para te vir buscar.

Estendeu o braço por cima dos joelhos dela e abriu o porta-luvas onde pusera o telemóvel. Anteriormente, quando andara em silêncio pela cabana a recolher as coisas dela enquanto ela dormia, considerara a hipótese de incluir o telemóvel. Passara uma noite com ela e morreria a recordá-la. Revisitá-la-ia um milhão de vezes nas suas fantasias.

Mas a desconfiança era a sua segunda natureza. Decidira guardar o telemóvel até ao último minuto.

Passando-lhe, disse-lhe que carregara a bateria.

– Mas agradeceria que não fizesses essa chamada até eu ter alguns minutos de avanço.

Ela olhara para o telemóvel como se não reconhecesse o que era e depois ergueu os olhos para ele.

– Confundes-me completamente. Não te compreendo.

– Não tens hipótese. Nem tentes sequer.

– Foste lá expressamente para os defrontar.

– Sim. E penso que estavam à minha espera. Norman estava a dormir na poltrona, mas tinha a espingarda no colo.

– Podia ter-te morto.

– Não reagiu com rapidez suficiente.

– Disseste-lhe qualquer coisa. Disseste que ele só pensava ter perdido toda a emoção na Virginia. De que estavas a falar?

– Nada que te diga respeito.

– Diz-me respeito! Vi dois homens a levarem uma tarefa que quase os matou.

– Mereciam.

– Talvez por causa de Lisa, mas...

– Deixa isso, *Doc*.

– Dá-me *alguma coisa*. – A voz dela fora-se abaixo. – Alguma explicação.

O berloque prateado queimava como carvão incandescente no fundo do bolso das calças de ganga. Ela ainda não dera pela falta dele. Era demasiado pequeno e sem valor para ter reparado sequer que desaparecera, mas, para ele, era um tesouro. Uma parte dela, agora dele.

Não seria justo que lhe desse alguma coisa em troca? Mas o que ela pedira, uma explicação, ele não podia dar.

Passado um longo instante de silêncio, as lágrimas tinham brotado dos olhos dela.

– Quem és?

Pelo tom, ele percebera que ela exigia saber mais do que o seu nome.

Virara-se e olhara pelo para-brisas, querendo desesperadamente tocar-lhe só mais uma vez, sentir a boca dela aberta e macia sob a sua. Mas, se o tivesse feito, teria sido mais difícil deixá-la ir.

Assim convocou a insensibilidade com que se armava para chegar ao fim de todos os dias. Quando estendeu o braço por cima dela de novo, foi para puxar o manípulo da porta. Abriu-a com um empurrão.

– Adeus, *Doc*.

Ela continuou a fitá-lo com incompreensão. Ele manteve a expressão fechada. Por fim, ela descera da carrinha e fechara a porta. Ele afastara-se pela estrada fora.

Calculava que ela fizera o que ele pedira e não telefonara de imediato a ninguém, porque se passou uma boa hora antes de o boletim noticioso no rádio do carro anunciar que ela fora reencontrada.

Ele estava a correr um risco enorme ao regressar à cidade. Emory podia ter dado às autoridades a marca e modelo da sua carrinha. Talvez até tivesse memorizado o número da matrícula e o tivesse fornecido.

Mas não achava que ela o fosse denunciar, não particularmente porque quisesse protegê-lo, mas para se proteger a si própria do escândalo e vergonha. Quanto mais contasse sobre ele, mais teria de revelar sobre si própria e sobre o tempo que tinham passado juntos e não acreditava que o divulgasse publicamente.

Mas pensou no que ela diria ao marido quando estivessem a sós.

Ao agente pançudo que a ajudara a descer juntou-se outro que viera no lugar do passageiro. Flanquearam-na, protegendo-a quando avançavam com lentidão por entre a aglomeração de gente em direção à entrada para o serviço de urgência. Ela mantinha a cabeça para baixo, o rosto desviado das câmaras. Nem sequer lançou uma olhadela na sua direção.

Se acaso o visse, apontaria na sua direção e acusá-lo-ia de ser o seu captor? Ou fingiria que era apenas outro rosto na multidão, um rosto que não conhecia, um rosto que não beijara, apertara contra os seus seios, comprimira entre as suas coxas quando se viera?

Nunca o saberia porque ela não olhou para aquele lado antes de ser conduzida pelas portas automáticas e ter saído de vista. Continuou a fitar o espaço vazio onde tivera um vislumbre final dela até que a multidão de mirões começou a dispersar, rodopiando à volta dele enquanto ele continuava enraizado no lugar.

As equipas noticiosas começaram a andar devagar para as suas carrinhas. Então ergueu-se um grito no ar:

– Mister Charbonneau! Mister Charbonneau!

E, de repente, estava a ser fustigado por repórteres e operadores de câmara quando estes passaram a

correr por ele de volta ao SUV.

A sair do assento traseiro vinha o marido de Emory, facilmente reconhecível pelas fotos na internet. Tendo sido identificado, Jeff Surrey estava agora rodeado pelos meios de comunicação. Alguma informação da parte dele seria quase como uma declaração de Emory.

Jeff passou dedos esguios pelo cabelo loiro e fino, como se se preparasse para aparecer na televisão. Estava vestido com calças escuras, uma camisola de gola alta e um casaco preto acolchoado mais adequado para uma estância de esqui elegante do que para uma vila rural no sopé de uma montanha.

– Surrey – disse, para o primeiro de muitos microfones atirados na sua direção. – Chamo-me Jeff Surrey.

– A sua mulher está bem?

– Ela contou-lhe o que aconteceu?

– Onde esteve ela, Mister Charbonneau? – perguntou outro, que não ouvira ou ignorara a correção do nome.

Jeff ergueu a mão para pedir silêncio.

– Presentemente, pouco mais sei que os senhores. Há pouco tempo, Emory telefonou-me de uma estação de serviço nas imediações da cidade. Por acaso, encontrava-me com pessoal do departamento do xerife quando recebi a chamada. Assim, junto com os sargentos Knight e Grange, corri de imediato para o local.

Lançaram-lhe perguntas, mas aquela a que respondeu foi a que indagava a razão de Emory ter sido levada para o hospital.

– Sofreu uma concussão. Autodiagnosticada. Fora isso, parece não ter quaisquer lesões graves, mas eu insisti que fosse trazida para aqui e examinada para confirmar o seu estado de saúde.

Em resposta à próxima onda de perguntas, disse:

– Sei que um representante do departamento do xerife dará uma conferência de imprensa na altura apropriada, depois de os agentes terem tido oportunidade de falar com Emory. Agora, se me derem licença. – Começou a abrir caminho por entre eles.

Quando Jeff Surrey se aproximou da entrada do hospital, passou nem a três metros do homem alto de gorro, que não sentiu senão desprezo pelo do casaco de esqui elegante. Formara rapidamente uma opinião sobre o marido de Emory. Era um sacana vaidoso e presunçoso, cheio de soberba. O que vira ela nele?

A tentar encontrar uma resposta, perscrutou atentamente Jeff da cabeça aos...

O coração apertou-se e depois ficou frio como pedra. Dentro da sua cabeça, iniciou-se um clamor. *Porra, porra, porra!*

Mas permaneceu em silêncio e muito quieto e deixou Jeff Surrey passar, sem adivinhar a avalanche que incitara. Com a arrogância intacta, o marido de Emory entrou a passos largos no serviço de urgência. As portas de vidro deslizaram fechando-se atrás dele.

Nelas surgiu o reflexo de um homem. Viu-se a si próprio, com as mãos enluvadas apertadas com força em punhos, junto ao corpo. O maxilar parecia granito, a postura era combativa, um veado ansioso por marrar, um pistoleiro em pulgas para sacar a arma. Parecia assustador, mesmo aos próprios olhos.

E percebeu como daria nas vistas se se deixasse ficar.

Hesitou à beira da indecisão durante mais alguns segundos, depois afastou-se do edifício. Curvou os ombros largos dentro do casaco e fundiu-se com um grupo de voluntários que discutiam o milagre da sobrevivência de Emory, o desfecho feliz que podia facilmente ter sido desastroso e o alívio que o marido devia estar a sentir por a ter de volta sã e salva. Desligou-se do grupo sem ter sido notado e caminhou vários quarteirões até onde deixara a *pick-up* no parque de estacionamento de um movimentado

supermercado. Entrou, mas ficou sentado atrás do volante a martelá-lo com os punhos e a praguejar.

Pensara que, quando se despedisse dela se tivesse libertado, poderia continuar com a sua vida, à deriva e infeliz, mas em paz por saber que fizera o que era correto.

Claro que não.

Jack Connell acordou esperançado nessa manhã. Mas uma olhadela pela janela do quarto de hotel fê-lo parecer que não iria secar tão depressa. A chuva continuava. Torrencialmente. Nem conseguia ver a marina do outro lado da rua através da carga de água.

Levou dez minutos a tomar duche, fazer a barba e vestir-se. Mais vinte e estava de volta à rua onde Rebecca Watson vivia. Estacionou na extremidade do quarteirão oposta àquela onde estivera no dia anterior.

Vira Rebecca apenas aquela vez quando ela aparecera no alpendre para ir buscar o correio. Não avistara a filha, Sarah.

Mastigando amendoins que guardara do voo, observara a casa até à hora do jantar e durante o resto da noite. Através do para-brisas enevoadado, mantivera a casa sob vigilância até todas as luzes lá dentro se terem apagado e depois ficara durante mais uma hora. Nada acontecera. Nenhum bruto alto se esgueirara para dentro da casa a coberto da escuridão. Raio de sorte.

No percurso de regresso ao hotel, comprara um ataque-de-coração-dentro-de-um-saco no *drive-through* de um restaurante de comida rápida. Comera a refeição ao mesmo tempo que verificava os *e-mails* e depois fora dormir.

Agora estava de volta, ansioso por ver o que o dia lhe traria.

Às sete e quarenta e dois, a porta da garagem subiu e o monovolume fez marcha-atrás. A porta voltou a descer. O monovolume veio na sua direção e passou por ele.

No lugar do passageiro ia um rapariga pré-adolescente, a enviar mensagens no seu telemóvel. O condutor era uma mancha indistinta através das janelas raiadas de chuva, mas o cabelo branco era inconfundivelmente de Rebecca.

Esperou até terem dobrado a esquina e depois seguiu-as, mantendo vários carros entre eles.

Depois de um curto trajeto, Sarah foi largada numa escola paroquial. A rapariga parou de escrever mensagens tempo suficiente para se inclinar e beijar a face da mãe antes de sair.

Dali, Rebecca guiou até um Starbucks. Entrou com o portátil enfiado debaixo do braço. Alguns minutos depois, ele viu-a sentada a uma mesa perto de uma janela. Observando-a de um parque de estacionamento do outro lado da rua, a boca começou a salivar-lhe por um *cappuccino* quente, mas não queria arriscar entrar na loja e ser reconhecido.

Ela continuou absorvida pelo que estava no portátil. Ninguém se juntou a ela na mesa. Alguns minutos antes das nove saiu, levando um café com ela.

O centro da cidade lembrou a Jack as aldeias da Nova Inglaterra. Lojas e restaurantes modernos ocupavam edifícios mais antigos que tinham sido recuperados de forma atraente. A loja de Rebecca Watson ficava num desses empreendimentos.

Às nove e trinta, ela deu a volta ao sinal ABERTO na porta de vidro de Bagatelle.

Jack telefonou a Wes Greer. Depois de trocarem os bons-dias e de recapitularem o dia anterior de ambos, ele perguntou se Wes tinha conseguido a informação que ele pedira.

– A loja corre bem – referiu o colega. – Sobretudo nos meses de verão na temporada turística. Abrandando nesta altura do ano, mas ela goza uma boa época de férias. E junho é bom.

– O que acontece em junho?

– As pessoas casam.

– *Hum*. O que vende ela?

– Artigos de papelaria, de vidro e porcelana, presentes. Esse gênero. Coisas com que as nossas mulheres atravancam o apartamento.

Jack não saberia dizê-lo. Não tinha mulher.

Não por falta de tentar. Embora a sua ex-noiva contestasse o esforço que ele despendera a cuidar da relação. De forma veemente. *Nem sequer estás a tentar que isto funcione, Jack. Se eu me fosse embora, levarias dias a perceber que eu partira.*

Levara três.

Antes de desligar, Jack perguntou:

– Mais alguma coisa a mexer por aí?

– Bastante calmo. Como está o tempo aí?

– Uma porcaria.

Apesar da chuva, Bagatelle fez um negócio respeitável para dia de semana. Todos os clientes exceto um eram mulheres e o único homem que entrou na loja não era o que Jack procurava.

Às doze e trinta, a sua bexiga estava a rebentar e tinha fome. Puxou o casaco por cima da cabeça e correu para uma charcutaria fina em que reparara antes. Pediu uma sanduíche e depois foi à casa de banho onde urinou um litro, pelo menos. Voltou ao carro com a sua comida e bebida. Depois de comer, por causa do voo longo do dia anterior e da noite curta, teve de fazer um grande esforço para ficar acordado à medida que a tarde prosseguia.

Como estímulo, abriu a pasta e reviu material que já sabia de cor.

Descrição física: um metro e noventa e três, cem quilos, cabelo escuro, olhos azuis, cicatriz em forma de crescente por cima da sobrancelha esquerda, uma tatuagem no abdómen inferior. Data de nascimento: 3 fevereiro 1976. Local de nascimento: Winston-Salem, Carolina do Norte. Habilitações académicas: grau de bacharel em ciências, engenharia civil, Virginia Tech. Serviço militar: exército. Antecedentes criminais...

Jack levantou os olhos a tempo de ver a única parente conhecida do indivíduo virar o sinal na porta da sua loja. Esperara até mesmo às cinco horas para fechar, embora não tivesse nenhum cliente há mais de uma hora. Era tão disciplinada como o irmão.

Jack deixou vários veículos passarem antes de arrancar para o tráfego atrás dela. Seguiu-a até casa, não virando a esquina para a rua dela senão uns bons cinco minutos depois de ela o ter feito. Passou pela casa. A porta da garagem estava descida. Ela ainda não viera buscar o correio. Havia uma revista espetada na parte de cima.

Foi até ao fim do quarteirão, estacionou debaixo da conífera, pôs a máquina fotográfica ao alcance da mão e bocejou muito, instalando-se para outra vigília de muitas horas.

Durou apenas um par de minutos.

Rebecca saiu para o alpendre, mas não parou na caixa do correio. Em vez disso, abriu um guarda-chuva, desceu o caminho em frente da casa, saltou do passeio e...

Oh, *merda!*

Marchava pelo meio da rua direita a ele e vinha furiosa.

Capítulo 22



— Não sei.

O semicírculo de rostos em volta da cama de hospital de Emory registava vários graus da mesma expressão: incredulidade. O de Jeff estava tingido de consternação. Os Drs. Butler e James exsudavam a abordagem compreensiva do médico à cabeceira do doente. Os dois detetives fitavam-na com ceticismo.

Ela repetiu:

— Não sei. Não sei o nome. Nem a localização da cabana. Lamento. Sei que estavam à espera que vos desse uma explicação completa, mas a verdade é que não me lembro de muita coisa.

Jeff inclinou-se e sussurrou-lhe ao ouvido:

— Isto não é um teste, Emory. Não fiques perturbada. Se não te consegues lembrar, não faz mal. O que interessa mais é que estás de volta.

— O seu marido tem razão, doutora Charbonneau – disse o sargento detetive Sam Knight.

Apresentara-se como investigador principal no seu caso de pessoa desaparecida. Tinha uma postura de avô e uma atitude descontraída. Porque gostara imediatamente dele, detestava mentir-lhe. Embora, reduzindo os factos ao essencial, ela não sabia o nome do homem com quem passara quatro dias. Nem conseguia levá-los à cabana dele ou localizá-la num mapa.

Knight ofereceu-lhe um sorriso encorajador.

— Demore o tempo que precisar. Não temos pressa. Vamos seguir uma abordagem diferente. E se nos contar o que consegue recordar, não o que não consegue?

— Lembro-me de estacionar o meu carro perto do miradouro no sábado de manhã e de começar a correr. Mas, para além disso, as minhas lembranças são imprecisas. Nem sequer sei se são sequenciais. São fragmentadas. Recordo-me de acordar com uma dor de cabeça atroz. Estava tonta e doente do estômago. Vomitei pelo menos uma vez que me lembre. Mas o tempo não tinha qualquer relevância. Estava sempre a perder e a recuperar os sentidos. Até que acordei esta manhã.

Aquilo era uma mentira e toda a gente deve ter suspeitado que era, porque ninguém falou durante vários momentos.

Depois Knight disse:

– Voltando a sábado, disse-nos que correu pelo trilho Bear Ridge. Alguma razão em particular?

Pelo menos podia responder àquilo sem mentir.

– Assinalara-o num mapa que tinha dos trilhos. O mapa mostrava que era sinuoso, mas que acabava num miradouro do outro lado do pico. Seria aí que viraria para trás.

– Bear Ridge ramifica-se noutros. Poderia ser útil para nós ver o seu mapa, para percebermos exatamente para onde foi.

– Não tenho a certeza se segui o caminho que marquei. Afinal, o meu mapa não era assim tão fidedigno nem preciso. Assinalava que Bear Ridge estava pavimentado. Estava, mas mal. Vastas secções estão reduzidas a pouco mais do que um caminho de gravilha. Penso que devo ter caído em cascalho miúdo e batido com a cabeça numa pedra ou pedregulho.

Jeff apertou-lhe a mão.

– É um milagre que tenhas sobrevivido.

Unanimemente, tinham-se maravilhado com a sua condição física basicamente perfeita. Ela assegurara-lhes que ir para o hospital era desnecessário, mas os seus protestos tinham sido postos de lado. Os detetives, Jeff e o pessoal do serviço de urgência tinham insistido que ela fizesse um exame ao cérebro e, quando se confirmara que sofrera uma concussão, foi decidido que passasse a noite em observação.

Ela discordara, mas, por essa altura, os dois médicos com quem partilhava o consultório em Atlanta tinham chegado e concordado com o pessoal médico local. Ia passar a noite no hospital. Ponto final.

Tinham examinado o corte na cabeça. Estava a cicatrizar. No entanto, fora bem limpo com um forte antisséptico e tinham-lhe dado antibióticos para combater qualquer infeção incipiente.

O *sprint* que fizera para a casa dos Floyd agravara a fratura de stresse. Explicou-a como uma consequência infeliz da corrida enérgica no sábado. Tinham-lhe atado um saco de gelo ao pé que estava agora elevado sobre uma almofada.

Estava a receber líquidos através de soro. Essa precaução era inteiramente desnecessária, mas não podia recusá-la sem lhes assegurar que fora hidratada de forma adequada nos últimos quatro dias.

Não teve de fingir a dor de cabeça. Não estava a sofrer a dor lancinante da sua recente concussão, mas o latejar surdo de uma clássica dor de cabeça de tensão, exacerbada por emoções intensas e contraditórias. A seu pedido, as persianas da janela tinham sido fechadas. Dissera que bloquear a luz ajudava a aliviar a dor de cabeça, quando de facto receava que a luz do Sol a entrar chamasse a atenção para as suas mentiras.

Mentir era contra a sua natureza. Envergonhava-a não dizer a verdade aos colegas e aos detetives. Era ainda mais difícil mentir a Jeff. Desde o momento em que entrara na estação de serviço e a tomara nos braços, ele mostrara relutância em a largar de vista mesmo tempo suficiente para ela receber tratamento médico.

Ele estendeu o braço agora e afagou-lhe a face com as costas da mão, não sabendo que evocava a recordação do toque de outro homem.

Doc? *Vai acordar ou continuar a dormir?*

Incapaz de lidar quer com a recordação quer com o sorriso adorador do marido, olhou para os pés da cama onde os seus colegas se encontravam ombro a ombro.

– Jeff contou-me sobre a recompensa que ofereceram.

Eles acreditavam que era novidade para ela. Não era, mas saber do facto desde o dia anterior não diminuía a sua gratidão.

– Não posso... – A garganta apertou-se tanto que mal conseguia falar. – Não sei como vos agradecer pela vossa disponibilidade.

O Dr. James disse:

– Teríamos duplicado o valor para te ter de volta. Assim sendo, para comemorar o teu regresso sã e salva, vamos doar os vinte e cinco mil aos Médicos Sem Fronteiras.

Completamente subjugada de emoção, ela fungou.

– Preciso de um lenço.

Jeff agarrou na caixa de lenços de papel em cima da mesa de cabeceira e estendeu-lha, depois manteve-lhe a mão no ombro enquanto ela limpava os olhos lacrimosos. Passado um instante, ela soltou uma risada embaraçada.

– Em geral não sou tão choramigas.

– As emoções que contiveste nos últimos quatro dias estão agora a vir à superfície.

Como ele se enganava. Nos últimos quatro dias, tivera numerosas explosões de emoções muito variadas, todas elas arrebatadamente sentidas. Mas ofereceu-lhe um sorriso fraco.

– Tenho a certeza que tens razão.

Knight esperou que ela se recompusesse e depois perguntou:

– Dão-nos todos, por favor, alguns minutos a sós com a doutora Charbonneau?

– Para quê? – perguntou Jeff.

– Precisamos apenas de esclarecer alguns pormenores para a papelada que temos de preencher. O gabinete de imprensa do departamento também está à espera da nossa autorização para a declaração que farão aos meios de comunicação e precisamos da contribuição da doutora. Não queremos dizer nada que seja incorreto. Não deve demorar muito tempo.

O discurso um pouco desconexo era uma não resposta, mas, a não ser que quisesse desafiar o agente, Jeff não tinha outra opção senão obedecer. Inclinou-se e beijou-lhe a testa.

– Estarei no corredor se precisares de mim. Amo-te.

– Também te amo.

Lançou aos dois agentes da lei o seu olhar mais glacial e desdenhoso e depois juntou-se aos colegas dela quando saíram em fila indiana.

Knight comentou o desdém de Jeff:

– Ele não nos vê com muito bons olhos.

– E podem censurá-lo? Suspeitaram de ele ter feito sabe Deus o quê.

– Fomos assim tão óbvios?

– Parece que sim. Contou-me que trataram com desconfiança tudo o que ele disse e fez.

Durante um momento a sós numa zona do serviço de urgência fechada com cortinas, enquanto esperavam que o TAC dela fosse avaliado, Jeff contara-lhe a obsessão dos detetives com ele enquanto ela continuava desaparecida numa vastidão gelada.

– Bem – disse agora o detetive mais velho –, admito que eu e Grange desenvolvemos algumas teorias. Em situações como esta, é muitas vezes o companheiro que é o culpado. As minhas desculpas aos dois.

Puxou uma cadeira para mais perto da cabeceira dela e sentou-se. Grange continuou de pé ao fundo da cama. Não era tão sociável como o colega, mas compensava sendo extremamente observador, o que pôs Emory em guarda.

– Não sabemos muito mais do que sabíamos enquanto esteve desaparecida, doutora Charbonneau – começou Knight.

– Compreendo que seja muito frustrante para vocês.

– Vamos começar com o homem cujo nome não sabe.

A menção desse homem encheu-a de tal desespero que receou que fosse perceptível.

Knight disse:

– Ele contou-lhe que a descobriu deitada no trilho, inconsciente.

- Enquanto estava a andar.
- E carregou-a para a cabana dele.

Ela assentiu.

- Não consegue levar-nos lá?
- Não. Durante quatro dias o meu universo consistiu de uma cama atrás de um biombo.
- Biombo?
- Um biombo desdobrável de painéis tipo veneziana. Ele armou-o para me dar alguma privacidade.
- Decente da parte dele.
- Muito.
- Mas não se lembra de muita coisa a respeito desse homem?
- Só que me tratou com extraordinária bondade.
- Como um bom samaritano?
- Sim, tudo o que eu precisava...

Desculpa, Doc.

Porquê?

Por te manter acordada.

Não me queixei.

Então, não queres que pare?

Não.

Não paro isto?

Não. Meu Deus, não. Não... não pares.

Vais ter de ser tu a dizer que já chega.

Ainda não cheguei lá.

Ótimo. Porque não consigo parar.

Os agentes estavam a olhar para ela de forma curiosa. Pigarreou:

- Ele era muito solícito. Atencioso.

Nenhum dos homens disse nada.

Ela humedeceu os lábios.

- Ele cuidou das minhas necessidades. Eu estava consciente. Mas não. Compreendem? A maior parte do tempo, deixou-me sozinha. Para... para recuperar.

Knight cruzou os braços sobre a barriga bastante grande.

- E, nesse tempo todo, nunca se ofereceu para ligar para o 911?

Ela esfregou a testa.

- Creio que não. Talvez. Não me lembro. Não houve uma tempestade? Nevoeiro? Um tempo que tornou as estradas intransitáveis?

– *Hum, hum.*

– Ele disse-me, prometeu, que me levaria de volta mal as estradas estivessem desimpedidas.

– Mas não o fez – observou Grange. – A maior parte das estradas ficou transitável ontem.

– Tenho a certeza que ele o teria feito se eu me tivesse sentido melhor.

Caramba, sentes-te bem. Fresca. Perfeita.

A ganhar tempo antes de continuar, estendeu o braço para ajustar o saco de gelo no pé elevado.

– Mas eu não estava capaz ontem. Depois acordei esta manhã. A minha cabeça estava bem. Pedi-lhe que me trouxesse aqui, a Drakeland, e foi o que ele fez.

– Na verdade, ele deixou-a nas imediações de Drakeland – corrigiu Grange. – Porquê?

– Não sei.

– Porque não trazê-la ao departamento do xerife?

– Não sei.

– Podia ter recebido a recompensa.

– Talvez ele não soubesse da recompensa.

Grange mudou o peso do corpo de um pé para o outro. Knight passou a mão pelo rosto.

– Que tipo de carro ele guiava? – perguntou Grange.

– Uma *pick-up*.

– Quero dizer *Ford, Chevy, Ram...*?

– Não reparei. Não sei muito sobre *pick-ups*.

– De que cor?

– Azul. Tipo um azul-prateado. E... alta.

– Alta?

– Em relação ao chão – explicou ela.

– E ele? Também era alto? – perguntou Knight.

– Já o descrevi antes.

– Pois, mas com toda a confusão, pode ter-se esquecido de alguma coisa.

Na estação de serviço/loja de conveniência, a cena fora caótica. A reunião dela com Jeff. A emoção entre o pessoal que trabalhava no sítio. Os clientes a tirarem fotografias com os telemóveis. Um homem que estava a entregar tabaco a tentar tirar uma *selfie* com ela.

Por entre tudo aquilo, os dois agentes tinham insistido com ela para que explicasse por que razão ali estava e, quando ela lhes dissera que um homem a tinha largado a curta distância, naturalmente tinham querido saber o nome dele. Visto que ela não o conseguia fornecer, tinham-lhe pedido uma descrição geral. Ela fora excessivamente geral: um homem de raça branca.

– Diabo, aquele circo na estação de serviço quase me fez esquecer como é Miz Knight. – O sorriso largo de Knight pouco fez para a pôr à vontade.

– Vamos começar com as coisas básicas – disse. – Como a idade dele.

– Era velho. Quer dizer, mais ou menos. Tinha fios grisalhos no cabelo.

– Altura? Peso?

– A minha perspectiva não era boa. Estava deitada; ele estava de pé.

– Nem sequer uma estimativa? Mais alto do que eu ou Grange? Visivelmente mais baixo?

– Mais baixo não. Ligeiramente mais alto do que o sargento Grange.

Por uma cabeça, pelo menos.

– Ótimo – disse Knight. – Estamos a chegar a algum lado. Tinha uma barriga como a minha? – perguntou, dando-lhe uma palmadinha. – Ou era mais um corpo seco como o meu colega?

– Algures no meio.

Ele repetiu as palavras num murmúrio, como se as decorasse.

– Traços distintivos?

– Como o quê?

– Orelhas grandes? Uma verruga no nariz? Pelos na cara, cicatrizes, tatuagens?

Continue a beijar o meu relâmpago por sua conta e risco, Doc.

Porquê? O que acontece?

Levanta o meu pénis.

Afastou os olhos do olhar perspicaz de Knight.

– nenhuns traços distintivos de que me consiga lembrar.

– Ao aproximarem-se da cidade, de que direção vinham?

– Do norte, penso. Não tenho a certeza. Demos uma série de voltas.

– *Hum.*

Seguiu-se um curto silêncio e depois Grange comentou:

– Visto que agora sabemos de certeza que trilho seguiu no sábado de manhã, enviámos vários agentes para ver se conseguem reconstituir os seus passos.

– Porquê?

– Na esperança de localizarem esse homem que cuidou de si – retorquiu Knight. – Para lhe agradecer.

Ela não acreditou nem por um instante que fosse por essa razão que estavam a tentar reconstituir os seus passos. O coração começou a martelar, surdo.

– Não creio que ele deseje que lhe agradeçam.

– Como assim?

– Pareceu-me ser uma pessoa que se esquivaria às luzes da ribalta. Era... tímido.

– *Hum.*

O uso repetitivo daquela única sílaba era muito eloquente. Implicava que Knight não estava a acreditar no que estava a ouvir.

Grange foi mais direto.

– Detetou uma característica de carácter como a timidez, mas não tem a certeza da altura dele nem da sua constituição física geral?

Ela dividiu um olhar entre eles.

– Porque estão tão interessados nele?

– Nenhuma razão em particular – replicou Knight. – Parece-nos apenas estranho que depois de a ter abrigado durante quatro dias e noites, cuidado tão bem de si, a tivesse simplesmente largado à beira da estrada em vez de a entregar nos braços do seu marido ou de a levar até um agente da autoridade.

Emory procurou uma resposta que, se não provável, pelo menos não esticasse de mais a plausibilidade.

– Referiu o circo na estação de serviço. Ele deve ter percebido que o meu reaparecimento, a minha reunião com o meu marido, resultaria nesse tipo de cena. É óbvio que esse homem dá valor à sua privacidade. Está retirado do mundo e quer continuar assim. Penso que toda a gente devia respeitar isso e deixá-lo em paz.

– Então ele sabia que tinha um marido louco de preocupação consigo.

Ela olhou para Grange percebendo que caíra na sua própria armadilha. Era mesmo uma mentirosa horrível.

Quando ela não falou, o agente continuou:

– Mesmo que as estradas estivessem geladas e demasiado perigosas para guiar o carro, porque não telefonou pelo menos a alguém para comunicar que se encontrava em segurança?

– Talvez o telefone dele estivesse inoperacional.

– Tinha o seu, doutora Charbonneau. Estava a funcionar esta manhã.

Ela não conseguiu pensar em nada para dizer, por isso, sensatamente, não disse nada.

– Porque não telefonou ao seu marido? – perguntou Grange.

– Até esta manhã, estava sempre a perder e a recuperar os sentidos.

– Mas tinha intervalos de lucidez.

– Não lhe chamaria lucidez. Estava acordada, mas os meus pensamentos eram esfumados.

– Demasiado esfumados para fazer um telefonema?

– Claro que me ocorreu. Mas fugazmente. No abstrato. Não agi em concordância porque o meu telemóvel estava fora do meu alcance e não tinha capacidade para o pedir ou para me levantar e ir buscá-

lo.

– Ele tinha a sua identificação. Sabia quem era, onde vivia. Mas nunca se ofereceu para fazer um telefonema por si?

– Talvez tivesse oferecido e eu não me lembre. Mas eu..

– Tem centenas de números programados no seu telefone – insistiu Grange, agora a pressioná-la. – Um par de toques no ecrã e ele podia ter avisado alguém de que ainda estava viva.

Emory baixou os olhos. Durante muito tempo, nenhum deles disse nada, mas ela sentia os olhares deles cravados na sua cabeça baixa.

Foi Knight que quebrou o silêncio tenso.

– Não está a ser muito franca connosco, pois não, doutora Charbonneau?

– Contei-lhes o que sei.

– Bem, o que me disse a mim e a Grange incomoda-nos.

Ela ergueu a cabeça e olhou para ele.

– Porquê? Estou de volta. Estou bem. Não é só isso que interessa?

– Bem, seria. Exceto que temos um indivíduo que nos interessa. Renunciou a uma recompensa significativa e furtou-se a que lhe agradecessem a sua hospitalidade. Estamos a pensar que existe alguma razão para ele evitar os meios de comunicação e querer permanecer anónimo, que talvez não fosse propriamente um bom samaritano. Pensamos que talvez a sua concussão não tivesse sido provocada por uma queda e que possivelmente ele não a *encontrou* no trilho, mas sim que a *atacou* no trilho, lhe bateu na cabeça e, depois, por razões só dele conhecidas, não teve coragem para a matar.

A pedra.

Não devia ter visto isso. Sabia que ia ficar transtornada se a visse.

Capítulo 23



Quando ela não falou, Knight inclinou-se para a frente e apoiou os antebraços nas coxas, incutindo-lhe confiança.

– Emory... posso tratá-la por Emory? Precisa de nos dizer se esse homem, *hum*, a comprometeu de algum modo.

Já está arrependida?

– Não, não comprometeu.

– Compreendo que possa ser demasiado doloroso falar disso connosco – disse Knight. – Se for esse o caso, podemos chamar uma agente para vir recolher o seu depoimento. Mas precisamos de saber se foi cometido algum crime. Seja o que for que ele tenha ameaçado fazer se fizesse queixa, tem..

– Sargento Knight. – Ela ergueu a mão. – Tenho de o interromper. – Não fui vítima dele.

– Já tivemos malucos escondidos nestas montanhas, sabe. É uma boa zona para as pessoas se perderem. Lembra-se do tipo que bombardeou as olimpíadas em Atlanta?

– O homem da cabana era perfeitamente são de espírito.

– Viu algum tipo de pornografia por lá? Vídeos, revistas?

– Não.

– Os tipos que apanham mulheres muitas vezes...

– Ele não era desse género.

– Então não era sinistro?

– Não.

– Quaisquer tiradas disparatadas contra o governo?

– Não falava muito e quando o fazia era razoável e suave, certamente que não arengava. Descrevê-lo-ia como taciturno. – Lançou uma olhadela para os pés da cama. – Como o sargento Grange.

– *Hum*. – Knight virou-se e olhou para o colega como se o avaliasse pela primeira vez. Voltando a ela, tirou um elástico do bolso da camisa e começou a enrolá-lo à volta dos dedos. – Viu alguma coisa que lhe parecessem substâncias para construir bombas?

– Não.

– Ele tinha armas?

– Tenho a certeza que sim.

Ele ergueu as sobrancelhas.

– Como sabe?

– Havia uma cabeça de veado montada por cima da prateleira da chaminé.

– Por estes lados, há cabeças de veado montadas por cima de quase todas as prateleiras.

– Precisamente.

Ganhara aquele ponto. Passado um intervalo de tempo, Grange perguntou:

– O homem demonstrou quaisquer tendências violentas?

– Não comigo. – Visionou Norman e Will caídos onde tinham aterrado, ensanguentados e deformados, a gemer de dores. Pensou também na cortesia oferecida a Pauline e na preocupação enorme com Lisa. – A verdade, senhores, é que esse homem permanece um mistério tanto para mim como para vocês.

Knight fez saltar várias vezes o elástico contra os dedos.

– Suponho que isso diz tudo. A não ser que se consiga lembrar de mais alguma coisa.

Ela abanou a cabeça.

– Lamento.

– Não nos deixa muita coisa para contar aos meios de comunicação – observou Grange.

Ela esquecera momentaneamente a iminente conferência de imprensa e ficou grata por não ter de fazer nenhuma declaração.

– Por favor, que as explicações sejam mínimas. Não sofri quaisquer traumas físicos ou emocionais. De facto, não devo explicações a ninguém..

– Bem, compreende, de certo modo deve – referiu Knight. – Fingir o seu desaparecimento. Provocar um falso alarme público. São crimes, Emory.

Os lábios dela descerraram-se de surpresa.

– Não fingi a minha concussão.

– Não, não, vimos a TAC – retorquiu Knight. – Essa parte é factual. O resto... – Franziu o sobrolho e não pareceu nada indulgente.

Ela inspirou fundo.

– Compreendo que muitas pessoas estiveram envolvidas nas buscas. Uma ação destas custa tempo e dinheiro e tenciono doar fundos a todos os condados envolvidos para ajudar a compensar essa despesa. Talvez ao sistema escolar ou aos departamentos de saúde pública.

– Bem, isso é muito generoso da sua parte. Um gesto como esse contribuiria muito para a manter nas boas graças do público. E ninguém se sente inclinado neste momento a apresentar queixa contra si.

Knight sorria, mas Emory reparou que ele mantivera em aberto a opção de instaurar um processo.

– Tanto quanto sei – declarou –, caí no trilho Bear Ridge. Bati com a cabeça, fiz uma concussão e perdi a consciência. Quando voltei a mim, não sabia onde estava e uma combinação de circunstâncias imprevisíveis impediu-me de regressar. Devo a minha vida à bondade de um homem que permanece um desconhecido. Depois de alguns dias de descanso, devo recuperar por completo. É a declaração que deviam fazer à imprensa.

No essencial, era a verdade.

Eles pareceram meditar naquilo. Knight olhou para Grange e Grange afirmou:

– É o melhor que temos. – Como se para suavizar a sua óbvia insatisfação, perguntou cortesmente se ela continuaria o treino para as maratonas.

– Não de imediato. – Olhou para o pé magoado. – Não estarei pronta para a próxima – disse, pesarosa.

– É uma pena – retorquiu Knight. – Jeff contou-nos como trabalhou tanto a organizá-la, a transformá-la

num evento.

Emory perguntou a si própria se eles saberiam da discussão acesa sobre aquele tópico, mas não viu interesse nenhum em mencioná-lo naquele momento.

Knight levantou-se, assinalando o fim da entrevista.

– Bem, não queremos cansá-la.

– Vejo-os amanhã antes de eu e Jeff partirmos para Atlanta?

– Provavelmente não – respondeu Knight.

– Então agradeço-vos agora. Sei que dedicaram muito tempo e esforço a encontrarem-me.

– É o nosso trabalho.

– Mesmo assim, muito obrigada.

– Não tem de quê.

Quando Knight e Grange estavam prestes a sair, ela pediu:

– Fazem-me um último favor? Pedem, por favor, à doutora Butler para entrar?

Quando a médica entrou no quarto alguns instantes depois, Emory ficou contente por ela vir sozinha. Quando se aproximou da cabeceira da cama, Emory estendeu o braço e agarrou-lhe a mão.

– Primeiro que tudo, obrigado por largares tudo e vires até cá acima hoje.

– Toda a gente no consultório tem andado louca de preocupação. O pessoal administrativo, as enfermeiras. Até os doentes. Escusado será dizer que eu e Neal temos andado desorientados. Tu és o coração e a alma do consultório.

– Lá isso não sei.

– Nada de falsas modéstias. O consultório foi ideia tua, iniciativa tua. Além disso, todos te amamos.

– Como demonstraram oferecendo a recompensa – retorquiu ela, com a voz presa. – Meu Deus, preciso de outro lenço de papel. – Puxou um da caixa e deu pancadinhas nos olhos.

– Tens a certeza que estás tão bem como dizes a toda a gente?

– Estou bem. Preciso só de te pedir para me fazeres uma coisa que é bastante delicada.

– Claro, Emory – disse ela, aproximando-se mais. – O que quiseres.

– Traz-me, por favor, umas pílulas do dia seguinte. – Emory viu o choque inicial transformar-se em alarme.

– Ele *violou-te*? O homem da cabana? Contaste aos detetives? Prepararam um *kit* de violação no serviço de urgência? E Jeff? Contaste-lhe...

– Não fui violada.

O tom baixo, mas enfático de Emory fê-la parar. De facto, engoliu em seco de forma audível.

– Tivemos relações íntimas, mas o sexo foi consensual. Foi... – Emory interrompeu-se, antes de se render ao soluço que se comprimia no fundo da sua garganta.

Incapaz de falar face à revelação, a médica afundou-se na cadeira recentemente desocupada por Sam Knight e, durante algum tempo, fitou apenas Emory. Encontrando por fim a voz, disse:

– A história que contaste aos detetives era tudo uma invenção?

– Não a espinha dorsal. – Não pormenorizou o que tinham sido meias-verdades e evasivas e o que tinham sido completas falsidades. As mentiras tinham de ser apenas dela.

– Continuo estupefacta. Não sei o que dizer.

– Não há nada a dizer.

– Permite-me que discorde. É tão... tão atípico de Emory...

– Ter sexo desprotegido?

– Ter qualquer tipo de sexo com um desconhecido. *Era* um desconhecido, não era?

– Era há quatro dias. – Sorriu, nostálgica. – Não tanto agora.

Incapaz de aguentar a mistura de compaixão e desorientação da amiga, virou a cara e olhou para o ramo de jarros brancos que Jeff trouxera para o seu quarto pouco depois de ela ter dado entrada.

– Não é assim tão repentino como poderias esperar. Tenho quase a certeza que Jeff anda com alguém e já há algum tempo. Podia usar isso como justificação para o que fiz, mas seria pouco sincero e injusto. Não o fiz para castigar Jeff. O facto é que não levei Jeff em linha de conta, nada. Quis estar com esse homem e ele quis estar comigo e foi tudo o que interessou.

– Vais vê-lo outra vez?

– Não.

Excedeste-te nas recordações, Doc.

Tinham-se esgotado um ao outro e estavam deitados aninhados, ele colado às suas costas, encaixando-se como duas peças de um *puzzle*, pernas entrelaçadas, as mãos dele abraçadas contra os seus seios. Ela estava quase a adormecer quando ele lhe esfregara o rosto no cabelo e sussurrara aquelas palavras.

Depois: *Teria sido mais fácil se não tivesses.*

Era provável que ele não pretendesse que ela escutasse aquele comentário, nem a tristeza subjacente. Devia ter-se sentido, como ela se sentia agora, condenado a nunca mais ser inteiramente feliz.

– Quem era ele, Emory?

Desperta da recordação agri-doce, ela sussurrou:

– Não sei. Não estava a mentir em relação a isso. Nem sequer sei como se chama.

– Mas dormiste com ele.

– Sim. E não me arrependo, nem arrependerei.

Tomou consciência das lágrimas que lhe rolavam do canto dos olhos e apressou-se a limpá-las.

– Mas há questões práticas que tenho de resolver. Como sabes, deixei de tomar a pílula há seis meses, quando pensei que talvez ter um filho...

Interrompeu-se e repensou o que estivera prestes a dizer, que teria parecido que estava a acusar Jeff. Independentemente de tudo o resto, nunca se deveria enganar a si própria acreditando que ele era responsável pelo que ela fizera na noite anterior.

– Sendo o futuro do meu casamento incerto, não posso arriscar acrescentar a complicação de uma gravidez.

– Não tomaram precauções?

– Medidas de precaução sim, mas nada... científico. Ou de confiança. – O rosto enrubesceu ao recordar o gemido dele, *Caramba, isto é uma tortura*, evitando o perigo mesmo a tempo.

– Podes trazer-me as pílulas? Não posso pedir aqui ao pessoal do hospital, porque não confio na sua discrição. Sei que posso confiar na tua.

– Claro que tas arranjo. Mas sabes que a contraceção de emergência não é cem por cento eficaz.

– Entendo. Mas, quanto mais cedo tomar a primeira pílula, melhor. E é por isso que te estou a pedir para mas arranjares já, em vez de esperar até amanhã quando as poderia comprar eu.

– Vou já então. – Levantou-se e dirigiu-se para a porta, mas Emory deteve-a.

– Alice?

Esta virou-se e olhou outra vez para a cama.

– Obrigada.

Alice abanou a cabeça.

– Não tem problema.

– Não, estou a agradecer-te pela tua confiança e por seres minha amiga.

Capítulo 24



Rebecca Watson, sem se impressionar com a carga de água, foi direita ao lado do condutor do carro alugado de Jack e bateu na vidraça.

Baixá-la implicava ligar o motor, o que demorou uns cinco ou seis segundos, mas a espera pareceu pô-la ainda mais furiosa. A janela desceu. A chuva entrou. Ela praticamente sibilou:

– Agente especial Connell.

– Não sabia se se lembraria de mim.

O olhar carrancudo dela rejeitou a declaração como ridícula.

– Se me tivesse vindo notificar da morte do meu irmão, teria sido direto e teria tocado à campainha. Não teria ficado aqui agachado metade da noite ou passado o dia todo a espiar-me. Por isso o que o traz por cá?

O facto de ela saber da vigilância mostrou-lhe que ela própria estava de vigia. Perguntou:

– Podemos conversar?

– Vá à merda.

– Ótimo. Está disposta a cooperar.

Rebecca lançou-lhe um olhar de «põe-te a andar».

– Fiz a viagem toda até cá. Por favor?

Ela manteve-se inabalável.

Jack olhou na direção da casa.

– Ele está a viver consigo?

– Perdeu o juízo?

– Está a viver nesta zona? A residir aqui perto? No quarteirão a seguir?

Ela não disse nada.

– Se ele não anda por aí, então qual é o risco de conversar comigo?

Não disse que sim, mas não disse que não e não lhe disse outra vez para ir à merda, por isso quando ela se virou e se afastou, ele desligou o motor do carro, saiu e seguiu-a para a casa.

Ela não se ofereceu para partilhar o guarda-chuva. Ele cobriu outra vez a cabeça com o casaco. Quando chegaram ao alpendre, sacudiu a chuva que conseguiu. Ela entrou à frente dele, mas não sem

antes tirar o correio da caixa.

– Não há aqui nada para se excitar todo, mas faça o que entender.

Atirou-lhe o punhado de correio. Ele apanhou-o contra o casaco molhado. Sem olhar para nada, arrumou-o bem empilhado na mesa da entrada.

Rebecca cruzou os braços sobre a barriga.

– Muito bem, está aqui. Para que veio até tão longe?

– Posso usar a sua casa de banho?

Ela estudou-o durante um instante, como se a tentar perceber se ele estava ou não a brincar. Decidindo que não estava, disse:

– Com certeza – e fez-lhe sinal para a seguir por um corredor central até um minúsculo lavabo enfiado debaixo das escadas.

Entrando à frente dele, ergueu a tampa do autoclismo da sanita.

– Está a ver? Nada aqui senão a válvula de despejar.

Voltou a colocar a tampa com um bater de porcelana e apontou para o espelho emoldurado por cima do lavatório.

– Não há nenhum armário de medicamentos para inspecionar. Pode arrancar os canos por baixo do lavatório, mas se o fizer tem de voltar a pôr tudo como estava ou reembolsar-me o trabalho do canalizador.

– Já foi muito clara, Rebecca.

– Veja se lava as mãos. – Quando saiu, puxou a porta e fechou-a com estrondo.

Ele não só lavou as mãos, como, depois de as secar, usou a toalha de mãos para absorver a água da chuva do rosto e pescoço. Endireitou a gravata e penteou com os dedos o cabelo molhado.

Alguns minutos depois, com a bexiga esvaziada e a sentir-se apresentável, entrou na sala de estar. Ela ligara os candeeiros da mesa e encontrava-se sentada no canto do sofá, com os pés enfiados debaixo de si. Os sapatos pretos de salto alto que descalçara estavam atirados para baixo da mesinha do café. De modo pouco agradável, apontou-lhe um cadeirão que parecia muito menos confortável do que o sofá.

Defrontaram-se. Ele foi o primeiro a falar.

– Gosto do novo penteado.

– Pink copiou-o.

– Ela sabe o que faz.

– Chega da porcaria dos elogios. Como me encontrou?

– A sua amiga Eleanor.

– Oh. – Aquilo apanhou-a de surpresa. Uma tristeza insinuou-se na sua expressão. – Como está ela?

– Bem. Está à espera do primeiro filho dentro de poucos meses.

– Então casou com Tim?

– O apelido é Gaskin?

Ela assentiu e quando ele confirmou que era esse o nome de casada de Eleanor, ela disse:

– A última vez que a vi, a coisa estava a ficar séria entre eles. Ela está feliz?

– A brilhar de entusiasmo. O bebé é uma menina. – Contou-lhe a visita que fizera à casa de pedra acastanhada e descreveu-a. – Eleanor telefonou-me depois de a avistar naquela reportagem do noticiário nacional sobre a manifestação em Olympia.

Ela inspirou fundo.

– Também a vi. Nunca teria participado na marcha se pensasse que me iam apanhar em vídeo.

– Destacava-se.

Rebecca tocou no cabelo curto.

– Não pensei que alguém me fosse reconhecer.

– Eleanor reconheceu. Tinha a certeza que era você. Eu não. Não até ontem, quando a vi sair para ir buscar o correio.

– Passados todos estes anos ainda anda à procura.

Ele encolheu os ombros.

– Ainda não o encontrei. Você é a minha única ligação.

– Sorte a minha.

– Não sou assim tão mau.

Àquilo, ela não disse nada.

Jack olhou em volta da sala agradável. Não sabia nada sobre decoração de interiores, o que era de qualidade, o que era lixo, o que era vulgar. O seu apartamento era funcional e era a única coisa de que se podia gabar. Mas, para os seus olhos não treinados, esta sala parecia arranjada com gosto. Apesar da descrição das coisas que se vendiam na loja dela, a sala não estava atravancada.

E ela também não. Vestia uma camisola preta simples e calças pretas esguias. As joias consistiam de um relógio de pulso com uma correia de pele preta e uma fiada comprida de pérolas. Eram da mesma cor do cabelo. Nela, o contraste forte resultava. A única mancha de cor, os olhos.

– A sua filha Sarah cresceu muito – comentou.

– Está na orquestra da escola.

– Que instrumento?

– Violoncelo. Está no ensaio. Outro pai trá-la hoje. Estará em casa pelas seis e quinze. – Olhou para o relógio prático. – Quero-o daqui para fora antes disso.

– Ela lembra-se de Westboro?

– Claro.

– Fala dele?

– A toda a hora.

– O que diz?

– Que sente saudades do tio.

– E o que lhe responde?

– Que sinto saudades dele também.

Jack aguentou-lhe o olhar durante um instante e depois disse:

– Rebecca...

– Agora é Grace.

Ele inclinou a cabeça para um dos lados.

– Porquê Grace Kent?

– Foi sugerido pelo tipo que falsificou todos os meus documentos. Eu não tinha outro nome escolhido, por isso aceitei a escolha dele.

Apesar da confissão de um crime federal, ele observou:

– Pensei que talvez se tivesse voltado a casar com um tipo chamado Kent.

– Não quero outro marido.

– Depois do que teve, não posso dizer que a censure.

– Disse-lhe onde estamos?

Jack já estava a abanar a cabeça.

– E não tenciono fazê-lo. Não estou aqui para lhe causar problemas. Embora pudesse mandar prendê-la por viver sob um nome falso.

– Que grande agente mau do FBI que é – troçou ela. – Não tem nada melhor para fazer?

– Oh, ando ocupado. Estou atualmente a seguir um estranho incidente que ocorreu no Utah. Antes disso, investiguei um acontecimento curioso em Wichita Falls, no Texas, que, até hoje, passados dois anos, continua inexplicado. O primeiro que captou o meu interesse ocorreu no Kentucky.

O rosto dela transformou-se numa máscara.

– O que sabe sobre um treinador de futebol americano em Salt Lake? – perguntou ele.

– Que é bem provável que seja mórmon?

– Não é. Mudou-se para lá vindo da Virginia.

– Não há mórmones na Virginia?

– Na noite antes de um campeonato, o que levaria um treinador de futebol americano a pegar num taco de beisebol e a bater com ele no fémur, esmigalhando-o? Pelo menos, ele *afirma* que as fraturas foram autoinfligidas.

Deixou aquilo ressoar. Rebecca não disse nada.

– O que também é estranho – continuou Jack – é que se pensaria que esta equipa de miúdos de treze anos, os pais e membros da comunidade ficariam horrorizados com esta tragédia. Mas ninguém que o conheça sente pesar pela sua reforma forçada. Ele tinha um historial de vitórias, mas muitos questionavam os métodos que usava para motivar os jogadores. Dizem os boatos que instilava medo. Qualquer miúdo que cometesse um erro era humilhado. Digo que eram boatos porque os miúdos propriamente ditos não abriam a boca sobre o que se passava durante os treinos e depois de perderem um jogo. Um dos pais disse-me que era como se o filho tivesse medo de bufar. Na noite do incidente, o treinador disse à unidade de urgência, à mulher, à polícia, ao padre, ao raio de toda a gente que fizera aquilo a si próprio. Depois fechou-se em copas. nenhuns pormenores. Nenhuma razão para aquilo. Nada de nada. Até ontem, ainda recusava falar do que se passara naquela noite. – Lançou-lhe um olhar significativo. – Está a ver aqui a ironia?

– Como poderia não dar por ela? Você praticamente a soletrou em maiúsculas na parede. E é uma história e peras. Porém, não faço ideia do que tem a ver comigo.

– Quer que também explique isso?

– Se pensa que sou culpada de alguma coisa, então porque não me prende?

– Não quero prendê-la.

– Então qual é a desculpa que tem para se ter escondido atrás dos arbustos a noite passada e hoje todo o dia, a seguir os meus movimentos todos?

– Não aprecio andar a espiá-la.

– Então pare.

– Pararei. Diga-me onde ele está e...

– Não sei.

– Rebecca...

– *Grace*.

– O que for – disse ele, erguendo a voz para combinar com a dela. – Espera que eu acredite que não teve qualquer contacto com ele em quatro anos?

– Não disse isso. Disse que não sei onde ele está e não sei mesmo.

– Assim tem *mesmo* contacto com ele. Com que frequência? Uma vez por ano, de dois em dois meses, duas vezes por semana? Como entra ele em contacto consigo?

Ela estendeu as mãos, palmas para baixo.

– Puxe aí dos seus rebentos de bambu. Ou o afogamento simulado funciona melhor?

Frustrado, Jack levantou-se e deu a volta à sua cadeira, colocando as mãos nas costas ao mesmo tempo que se inclinava. Olhou-a fixamente, ou tentou. Ela tinha a mesma capacidade de olhar através de uma

pessoa que o irmão tinha. Virando-se, resmungou:

– Maldita característica familiar.

– Quê?

– Os seus olhos.

– Não é o primeiro a fazer essa observação. Quando éramos crianças... – Engoliu o que ia a dizer.

Jack deu a volta à cadeira e sentou-se outra vez.

– Quando eram crianças o quê?

– Nada.

– Vamos lá. Diga-me uma coisa que eu não saiba. Um grãozinho de informação.

– A mãe fazia carne assada na panela todos os domingos.

– A mãe de toda a gente faz carne assada na panela aos domingos. Diga-me qualquer coisa sobre ele.

– Já sabe tudo.

– Surpreenda-me com alguma coisa.

– Ele gosta de abóbora. Ou gostava. Suponho que ainda goste.

Jack observou como, apesar de não querer, os pensamentos de Rebecca se desviavam para tempos passados. Épocas mais felizes. Num tom de voz comovente, disse:

– Ele sempre foi muito protetor. Sou dois anos mais nova e ele levava o papel de irmão mais velho muito a sério. Desde que me lembro que cuidava de mim. Não deixava ninguém implicar comigo.

– Com ele como seu guarda-costas, seria preciso alguém ser muito parvo para se meter consigo.

– Eu também sabia defender-me.

Jack sorriu.

– Aposto que sim. Como exatamente?

– Dizia a todos os fanfarrões intimidadores para irem à merda.

Ele caíra naquela e supunha que até certo ponto a merecia. Com o sorriso a dissolver-se, virou a cabeça para a janela; era como olhar para uma queda de água. Observou os regatos de água da chuva a seguir o seu percurso inevitável pelo vidro abaixo.

Virando-se, disse baixinho:

– Não estou a tentar intimidá-la, Rebecca. Fá-lo-ia se pensasse que isso daria algum resultado, mas acho que nem a tortura dos rebentos de bambu lhe arrancava o nome do sítio onde ele está.

– Não arrancava porque não sei.

– Pense nos entes queridos das vítimas. – Era um golpe baixo, mas usaria todos os meios que conseguisse. – Continuam em contacto comigo, sabe. *E-mails*. Telefonemas. Merdas de partir o coração e sei que não se está a retrair por causa do palavrão. Sabe que essas pessoas querem e merecem...

– Pare!

Saiu do sofá como um relâmpago, deslocando-se com a graça rápida de um gato preto para fora da sala. Ele sabia que ela abrira a porta da entrada porque sentiu uma corrente de ar húmido. Com relutância, levantou-se e seguiu-a para o átrio. Ela mantinha a porta da frente aberta, a fitar o chão entre os pés descalços, a postura rígida.

Quando a alcançou, ela ergueu a cabeça, fulminando-o com aqueles olhos cristalinos.

– Construí aqui uma boa vida para Sarah e para mim. Mas abandonaria tudo isto num instante. Desapareceria outra vez. Continue a chatear-me e é isso que farei. Sabe que consigo.

– E sabe que continuarei à procura dele até o encontrar.

– Uma perda de tempo. Ele nunca se deixará encontrar.

– Tem a certeza? Alguma vez pensou que poderá ser um alívio para ele?

Rebecca soltou uma risada amarga.

– Ora vamos lá. A seguir vai dizer-me que seria a melhor coisa para ele.

– Não seria?

Ela não manteve o olhar desafiador durante muito tempo e virou a cabeça para o lado. Detetando uma fenda minúscula na sua armadura, ele aproveitou.

– Sabe que seria melhor para ele, Rebecca. E seria muitíssimo melhor para si também. Poderia parar de se preocupar com o facto de eu a espiar. Podia usar o seu nome legal. Não seria tudo melhor para todos? – Deu um passo para ela e falou com premência. – Ajude-se a si própria ajudando-me. Dê-me um palpite, ponha-me numa pista.

– Está a pedir-me para trair o meu irmão.

– Ele nunca saberia que a informação partiu de si. Juro-o. – Ela estava a escutar, por isso ele insistiu. – Não quer abandonar a sua bela casa aqui, deixar a sua loja encantadora. E mesmo que o fizesse, o que dizer de Sarah?

Ela lançou-lhe um olhar penetrante e ele pensou: *Ah! Um ponto.*

– Ela era uma criança quando partiram de Nova Iorque, demasiado jovem para entender as implicações. Fugir com a mamã a meio da noite foi uma grande aventura. Agora não seria assim. Manifestaria desagrado. Não quereria deixar as amigas. Ficaria ressentida consigo se a obrigasse.

– Está quase na hora de ela voltar para casa. Tem de ir embora.

– Vai dizer-lhe que estive cá?

– Acha que sou louca?

– Então como vai explicar-lhe estar tão perturbada?

– Não se lisonjeie, Jack. Não tem a capacidade para me perturbar.

– O facto de me tratar pelo meu nome próprio indica que está perturbada. Além disso, está a mentir. Penso que a perturba muito manter a sua filha a viver uma vida de sombras.

Percebeu que ela queria matá-lo por ter dito aquilo. Estava eriçada.

– Vá-se embora.

O impasse entre os dois durou vários momentos, sem nenhum deles ceder um centímetro e depois ele praguejou entre dentes.

– Muito bem, vou-me embora. Por agora.

– E não volte.

– Isso não prometo. – Saiu para o alpendre. – Obrigado pela utilização da casa de banho. – Puxou o casaco por cima da cabeça.

– Agente especial Connell?

Ele virou-se.

– Se se aproximar da minha filha com a ideia de lhe extrair informações, atropelo-o com o meu carro e depois castro-o.

Capítulo 25



A conferência de imprensa decorreu no átrio de entrada do hospital. O funcionário do gabinete de imprensa manteve as suas declarações curtas e agradáveis, providenciando pouco mais informação do que a ditada pela própria Emory Charbonneau.

A seguir à declaração oficial, Jeff Surrey subiu ao pódio e agradeceu a todos os departamentos da polícia e às dezenas de voluntários que tinham participado nas buscas. Depois solicitou aos membros da imprensa que os deixassem em paz enquanto a mulher continuava a descansar e a recuperar.

– Ela está ansiosa por regressar ao consultório e retomar as suas atividades normais.

– E isso inclui correr maratonas? – perguntou um repórter.

– Claro – replicou Jeff. – Mas no seguimento desta experiência, poderá repensar o local onde treina.

Aquilo valeu-lhe alguns risos. Respondeu a um par de outras perguntas, ambas relacionadas com as iniciativas beneficentes de Emory.

– De facto, esta experiência deixou-a mais entusiasmada do que nunca. Encorajou-me a acompanhá-la na sua próxima viagem ao Haiti.

O anúncio constituiu uma grande surpresa para toda a gente, mas sobretudo para Alice. Knight, à margem do ajuntamento de pessoas, reparou na reação dela. Ele e Grange esgueiraram-se cá para fora mal a conferência de imprensa terminou e regressaram ao departamento do xerife. Grange aproximou-se da secretária de Knight com uma grande bolacha redonda com bocadinhos de chocolate para cada um.

– Isto poderá estragar o teu jantar, mas que se lixe.

– Nem pensar. A minha senhora telefonou há bocado e prometeu-me frango e *dumplings*. – Knight cortou com os dentes um quarto da sua bolacha. – Reparaste na reação de Alice Butler ao anúncio de Jeff sobre o Haiti?

– Estava a observar Jeff.

– Parecia que ela tinha engolido um ovo.

– Bem, a mulher regressou. Jeff está a enchê-la de afeto e atenção. Alice tem de se sentir desprezada.

– Não duvido que ela esteja contente por a colega e amiga ter regressado sã e salva.

– Eu também não – retorquiu Grange. – Mas ela é humana. Por outro lado, deve estar aliviada por não ter sido arrastada para uma investigação criminal. – Mastigou a sua bolacha. – Porque achas que está a

mentir? Não Alice. Emory.

Knight inclinou-se para trás na sua cadeira, apoiou os pés no canto da secretária e estendeu a mão para o seu fiel elástico.

– Porque não quer que o marido e o resto do mundo saibam que estava toda aconchegada com um tipo qualquer enquanto boa gente andava por ali a congelar o traseiro à procura dela.

– Vingança pelo caso de Jeff com Alice?

Knight encolheu os ombros.

– Pode ser que o caso dele seja desforra por um dos de Emory. Quem sabe? De qualquer modo, ela ficou com medo quando a escapadela romântica se transformou num caso de pessoa desaparecida. Como mulher esperta que é, decidiu voltar para casa.

Grange franziu o sobrolho de incerteza.

– Não creio que seja tão claro e inequívoco quanto isso, Sam.

Knight também não acreditava.

– Então diz lá.

– A concussão era recente – explicou Grange. – Perguntei ao médico. A ferida na cabeça também. As lesões foram sofridas durante a ausência de quatro dias. O *como* é o que continua pouco claro.

– Achas que ela mentiu em relação a cair e bater com a cabeça?

– Possivelmente.

– Porquê mentir?

– Não sei. Mas penso que deve ter a ver com o bom samaritano. Como pôde estar quatro dias com ele e não saber como se chama?

Knight rodou o elástico.

– Jeff pareceu engolir a história dela do «não me lembro».

– Tornando-o culpado afinal de contas.

– De quê?

– Estupidez.

Knight riu-se.

– Eu disse que ele *pareceu* engolir a história dela. A única forma de não dar parte de fraco é fingir que acredita no que ela diz. Não ia propriamente apontar para ela e gritar «mentirosa, mentirosa, está a crescer-te o nariz» em frente de toda a gente.

– Cá para mim, ele ainda é um grande idiota.

– Não sou eu que vou discutir isso. – Knight levantou-se, esticou as costas e vestiu o casaco. – Frango e *dumplings* estão a chamar-me.

– Então, caso encerrado?

– A pessoa desaparecida já não está desaparecida, Buddy.

– Isso é verdade.

Pressentindo a relutância do colega em se dar por satisfeito, Knight apoiou o traseiro na borda da secretária.

– Queres prender a doutora Charbonneau por criar um falso alarme quando tem duas lesões na cabeça medicamente documentadas?

– Não.

– Ótimo. Porque ninguém do ministério público tocaria nisso. À parte ser uma péssima mentirosa, é uma pessoa tão estável e sã como nunca conheci outra.

– Concordo.

– Então qual teria sido o seu motivo para encenar um desaparecimento?

– Atenção? Celebridade?

– Não precisa – disse Knight. – Já tem toda a atenção do mundo concentrada nela e nas suas boas ações.

– Retaliação em relação a alguém?

– Queres dizer, para além do marido infiel? E nem sequer sabemos se ela sabe da infidelidade dele. Não tem inimigos conhecidos. Ainda não descobrimos ninguém que tenha uma palavra má a dizer sobre ela. Até a doutora Butler, a amante do marido, canta louvores a Emory. Diz-me o que teria a ganhar por armar tal gracinha.

– Nada de nada – respondeu Grange. – O que torna ainda mais peculiar o facto de ter mentido. Se não concebeu este esquema, não devia ter de mentir. Mas está. Porquê?

– Merda. Lá voltamos à minha pergunta original. – Knight arrastou a mão pelo rosto abaixo e quando Grange estava prestes a falar, antecipou-se. – Concordo contigo, concordo contigo. Está-nos a escapar alguma coisa.

– O que achas que é?

– Não faço a mínima ideia. Espero só que quando e se levantar a sua feia cabeça, essa coisa não seja *demasiado* feia.

Jeff olhou para o tabuleiro do jantar de Emory, intocado.

– Não te posso censurar. Não tem um aspeto muito apetitoso. Queres que vá lá fora e te traga qualquer coisa?

– Não tenho fome, mas obrigado pela oferta.

Ele empurrou o carrinho do tabuleiro para o lado, para se poder sentar na beira da cama. Como sempre, estava impecavelmente arranjado, mas Emory percebeu que se encontrava quase tão esgotado quanto ela. Os últimos quatro dias tinham sido cruciantes para ele, embora sempre que pedisse desculpa por causa do inferno que ele tivera de passar, ele lhe assegurasse que as suas tribulações tinham sido esquecidas mal ouvira a voz dela ao telefone e percebera que ela estava bem.

– E o teu jantar? – perguntou.

– Comerei qualquer coisa.

– Devias ter deixado que Alice e Neal te levassem a jantar fora antes de partirem para Atlanta.

– Não queria deixar-te sozinha. Além disso, acho que eles ficaram aliviados por eu não aceitar o convite. Estavam ansiosos por regressar antes que ficasse muito tarde. Alice ia seguir Neal no teu carro.

Jeff pedira a um deles que levasse o carro para Atlanta para Emory poder ir com ele no dia seguinte.

Antes de partir, Alice passara-lhe sorrateiramente a embalagem da contraceção de emergência, tal como prometido. Dissera a Emory que não esperava que ela manifestasse quaisquer efeitos secundários, mas fê-la prometer que lhe telefonava se isso acontecesse. Alice também lhe lembrara, com tato, que embora as pílulas pudessem evitar a gravidez, não evitavam doenças sexualmente transmissíveis.

Jeff estalou os dedos em frente da sua cara.

– Estás cá?

– Desculpa.

– Estava a dizer-te que me lembrei de tirar a tua mochila e as botas da mala do carro antes de Alice se ir embora. Está tudo ali no guarda-vestidos, incluindo o teu portátil que o departamento do xerife devolveu. Também me voltaram a dar a minha pistola.

– Pistola?

– Só uma formalidade, segundo me disseram. Mas tenho a certeza que verificaram se tinha sido

disparada recentemente. – Esboçou um sorriso mal-humorado. – Eu é que acabei por me rir e eles passaram por parvos, não é?

– Não estou a ver qual é a piada.

– Eu também não. Graças a Deus que esta provação terminou para ambos. – Pegou-lhe na mão e apertou-a entre as suas. – Emory, não vou pressionar-te para saber onde estiveste ou o que estiveste a fazer depois de sábado de manhã.

– Jeff...

– Não, não digas nada. Não quero colocar-te numa posição em que tenhas de me mentir. O facto é que, fosse o que fosse que sucedeu, mereci-o. Nos melhores dias, tenho andado distanciado. Nos piores, tenho sido difícil e muitas vezes francamente impossível.

Fez uma pausa como se lhe desse uma hipótese de rebater aquilo. Quando ela não o fez, continuou:

– Sabes como queria tanto ser sócio da empresa. Também houve outros desapontamentos.

– Não posso endossar aquele fármaco, Jeff. Talvez...

– Não tem a ver com isso. Juro. O que estou a tentar dizer é que essas desilusões não são desculpa nenhuma para a forma como me comportei, para a forma como te tratei.

– Não pretendi castigar-te.

– Muito bem, aceito isso – retorquiu ele, mas com uma notável falta de convicção. – O que quero que saibas é que foi preciso quase perder-te para perceber como és vital para a minha felicidade. Não, não apenas para a minha felicidade. Para a minha *vida*. Quero que comecemos de novo. Quero...

O telemóvel tocou, interrompendo-o. Puxou-o do cinto, leu o nome da pessoa que ligava e murmurou com irritação:

– A sério?

Atendeu:

– O que é?

Escutou durante vários segundos e depois disse:

– Não faço ideia. Sim, pergunto-lhe já. *Hum, hum*. Está bem, adeus. – Desligou. – Era aquele detetive gordo. Knight.

– O que queria?

– Perguntou-me se tinhas o mapa dos trilhos que usaste no sábado.

– Está no bolso interior do meu casaco.

Ele levantou-se e aproximou-se do estreito guarda-vestidos onde arrumara a mochila dela. Também lá estava o saco de plástico que continha as roupas de desporto e outros pertences que ela trocara pela bata do hospital. Trouxe o saco para a cama e despejou o respetivo conteúdo.

– Este casaco azul?

Ela assentiu, depois inclinou a cabeça para trás e fitou a cobertura acústica no teto.

– Jeff, porque anunciaste na conferência de imprensa que estavas a planear ir ao Haiti comigo?

Estivera com pouca vontade de ver a conferência, mas uma enfermeira que se encontrava no quarto na altura da transmissão ligara, excitada, a televisão. Uma parte fora para o ar em direto, um segmento importante das notícias da noite.

– Queria declarar oficialmente que estou a começar uma vida nova.

– É um gesto admirável. Mas não estou a ver-te a suportar o calor e as instalações miseráveis. A distribuir escovas de dentes às crianças e a ensiná-las a usá-las? Não tem nada a ver contigo.

– Mas quero que tenha. Quero envolver-me mais nas coisas em que estás envolvida e... Tens a certeza que o mapa estava neste bolso?

– Sim.

Virou-o do avesso e mostrou-lho.

– Não está aqui. Já verifiquei também todos os outros bolsos.

Ela encolheu um ombro.

– É onde me recordo de o ter posto. O sargento Knight disse para que o queria?

– Qualquer coisa sobre os investigadores refazerem o caminho que seguiste no sábado. Disse que o mapa que usaste poderia dar jeito. Telefone-lhe mais tarde e digo-lhe que não o encontrámos. – Começou a arrumar outra vez as coisas dentro do saco de plástico. – Quem consertou os teus óculos de sol?

Posso ser destro quando se exige destreza. Sentindo o calor da culpa a manchar-lhe as faces, desviou o olhar.

– Uma das enfermeiras, calculo. Havia várias no serviço de urgência que me ajudaram a despir.

– Ainda bem que tens uma muda de roupa para usar amanhã. Estas têm um aspeto e cheiro um pouco usado. Tens a certeza que não queres que as deite fora?

– Não. Lavam-se.

– Muito bem então. – Voltou a colocar o saco no guarda-vestidos e sentou-se outra vez na beira da cama. – Bem – disse, inspirando fundo –, onde ia eu?

– A começar vida nova. Mas – disse, antes que ele se lançasse de novo na conversa – importas-te muito se começarmos amanhã? Temos muita coisa que conversar e esta noite estou demasiado exausta. Desculpa.

– Não, eu é que peço desculpa. Devia ter percebido.

Ergueu-a, abraçando-a contra si. Passou-lhe as mãos pelas costas, acariciando-lhe a pele nua através da abertura na bata do hospital.

– Alturas houve nos últimos dias em que tive medo de nunca mais te poder abraçar assim. Senti falta... senti falta disto... senti a tua falta.

Beijou-lhe as têmporas, depois as faces e depois os lábios, suave e castamente. Baixando-a outra vez na almofada, disse:

– Agora descansa.

– Assim farei.

– Se mudares de ideias em relação a queres alguma coisa para comer, a queres qualquer coisa, promete que me telefonas.

– Prometo. Descansa bem. Vemo-nos de manhã.

– Logo cedo. Estou ansioso por partir desta cidade. – Atirou-lhe um beijo da porta.

Depois de ele sair, o desespero abateu-se sobre ela como um pássaro negro e malévolo, com as asas abertas, cobrindo-a por completo. Sentir-se-ia sempre assim tão mal com aquele sentimento de culpa por causa das mentiras que contara e continuava a contar?

Atirou o cobertor leve para trás e levantou-se da cama. Levando com ela o suporte do soro, foi até ao guarda-vestidos e puxou o saco de plástico que continha os seus pertences. Dele retirou o ténis de corrida esquerdo e, de baixo da sola interior, extraiu o mapa.

Knight esquecera-se de o pedir antes de partir. Mal ficara sozinha no quarto, ela fora buscar o mapa ao bolso do casaco e colocara-o no sapato, o único sítio de que se conseguira lembrar para o esconder até estar longe do hospital onde poderia em segurança deitá-lo fora.

Não estava de facto a ocultar nada. Dissera a verdade em relação ao nome do trilho que seguira, se bem que não tivesse sido específica em relação aos caminhos mais estreitos para onde derivara, alguns desviados do trilho que assinalara.

Mesmo assim, ficaria com o mapa, não querendo que fosse mais fácil para os investigadores reconstituir o seu percurso exato e, se calhar, encontrar alguma coisa deixada para trás, uma pista sobre a

identidade do seu salvador ou a localização da sua cabana.

Sam Knight, apesar dos seus modos «pouco sofisticados», continuava a ser um homem da lei. Perguntas não respondidas e pormenores em falta chateavam-no. Deixara-a acreditar que o caso estava praticamente encerrado. Mas, se isso fosse verdade, porque estaria interessado em ver o mapa? Porque havia ainda investigadores a pesquisar o trilho?

O detetive continuava curioso em relação ao seu bom samaritano.

Capítulo 26



O telemóvel lá no fundo do bolso do casaco vibrou.
Puxou-o para fora, leu no ecrã: DESCONHECIDO.

Atendeu, mas não disse nada.

– Sou eu – disse Rebecca.

Mentira a Emory quando dissera que não tinha telemóvel. Tinha dezenas, de marcas não conhecidas que comprava no supermercado, do tipo que se vendiam barato, praticamente à dúzia, descartáveis. Eram usados apenas para comunicar com a irmã.

Sempre que lhe telefonava dava-lhe o número para o próximo telemóvel e depois destruía o que acabara de usar. Desta forma, ela tinha sempre um número indetetável para onde telefonar se precisasse de o contactar numa emergência.

Preparou-se para receber más notícias.

– O que aconteceu?

– O agente especial Jack Connell fez-me uma visita.

Não estava a contar com aquela e, durante um instante, ficou mudo. Depois, num sussurro dramático:

– Estás a gozar?

– Quem me dera.

– Quando foi isso?

– Hoje.

Passados quatro anos, Connell aparecera hoje. No dia em que Emory fora devolvida ao marido, quando estivera rodeada por agentes da lei e meios de comunicação. Coincidência? Os dois acontecimentos tinham ocorrido a uma distância de cinco mil quilómetros. Que possível elo poderiam ter um com o outro? Apenas um. Ele.

– O que queria?

– O que achas? Tu.

– Filho da mãe.

– Ainda tem os olhos de cachorrinho – comentou ela.

– Não confies neles.

– Oh, não confiei. Nem por um minuto. Está tão manipulativo como sempre, mas precisa de reciclar as

suas faculdades de vigilância. Estava estacionado no final da rua quando voltei do trabalho ontem ao fim da tarde.

- Porque não me telefonaste nessa altura?
- Pensei que ele desistisse e se fosse embora.
- Nem pensar!
- Esperei vinte e quatro horas antes de o apanhar.
- Ele veio sozinho?
- Sim.
- Quanto tempo esteve aí?
- Aqui em casa cerca de quinze minutos.
- Deixaste-o entrar?
- Durante quinze minutos – repetiu ela com irritação. – Depois despachei-o.
- Não quer dizer que não continue a observar-te.
- Não creio que esteja.

Tinha de confiar nela. Era esperta e esquiva. Ou fora até agora. Fez a pergunta mais pertinente.

- Como te descobriu em Seattle?

Ela explicou como a antiga colega do Macy's a vira num noticiário. Ele começou a relaxar um pouco quando percebeu que não existia nenhuma ligação entre Emory e a visita não anunciada do agente do FBI à irmã.

– Foi estúpido da minha parte participar no protesto – dizia ela. – Percebo-o agora, mas nunca pensei que merecesse cobertura nas notícias nacionais.

- Mas alteraste o teu aspeto.
- Ao que parece, não o suficiente para enganar Eleanor.
- Recordo-me dela. Vocês eram chegadas.
- Ela tinha uma grande paixoneta por ti, acho eu. Antes...

O que estivera prestes a dizer era *antes de Westboro*. Tudo mudara depois disso, mas era uma perda de tempo discutir o que ambos já sabiam e, por prudência, não deviam conversar demasiado tempo. Sobretudo tendo em conta o recente reaparecimento de Jack Connell.

- Não o deixaste sozinho, pois não?

– Só para ir à casa de banho e, antes que entres em pânico, estive à escuta à porta. Ele fez chichi e lavou-se. Não estive lá dentro tempo suficiente para fazer mais nada. Mas, de qualquer modo, fiz uma busca completa depois de ele sair.

Boa menina.

- Do que falaram durante quinze minutos?
- Ele mencionou Salt Lake City. Texas e Kentucky também.
- Calculo que não fossem destinos de férias na lista de coisas para fazer antes de morrer.
- Não te armes em engraçado. Perguntou-me o que sabia sobre um treinador de futebol americano. Fingi-me de parva, mas claro que ele não engoliu.

Nenhum menção da Carolina do Norte ou sequer da região. Nenhuma menção de uma médica de Atlanta que desaparecera durante quatro dias. A respirar com mais facilidade, ele mudou de assunto:

- Como está Sarah?
- Já lá vamos. Como estás *tu*?
- Bem.
- Não, não estás.
- Estou sim.

- O que aconteceu?
- Nada.
- Não me venhas com tretas! Não me pareces bem. Estás doente?
- São como um pero.
- Então o que se passa?

Rebecca sempre conseguira detetar uma evasiva. Conseguia enxergar uma mentira a mais de um quilómetro. Tinha de parar enquanto estava em vantagem.

- Escuta, é melhor eu desligar. Obrigado pelo pré-aviso sobre Connell.
- Tinha de te avisar. Ele ainda anda no teu encalço.

– Se tivesse alguma pista minha, não te iria incomodar. Uma coisa, no entanto. Tens a certeza que foi a tua amiga que o pôs na tua pista? Ele poderia ter estado a mentir.

- Não estava. Verifiquei. Depois de ele sair, telefonei a Eleanor.

Rebecca era escrupulosa a cobrir o seu rasto e, assim, o rasto dele. Ficou surpreendido por ela ter ligado à amiga em Nova Iorque.

– Ela confirmou que Connell a fora visitar e apenas depois de ela lhe ter telefonado. Gostei de conversar com ela – acrescentou, parecendo na defensiva. – Está casada agora. Grávida da primeira filha. Foi bom ouvi-la e perceber que estava tão feliz.

Ele baixou muito a cabeça, enfiando o queixo na gola do casaco, afligido por a irmã sentir que era necessário apresentar uma desculpa para ter apreciado uma conversa com uma velha amiga. A lealdade dela para com ele saíra-lhe muito caro. Com toda a probabilidade, ele conhecia apenas uma fração dos sacrifícios que ela fizera e ainda fazia para o proteger.

- Estou contente por teres telefonado – disse numa voz pastosa. – Obrigado. Depois telefono.
- Não te atrevas a desligar!
- Já falei demasiado tempo.
- Perguntaste de Sarah.

O coração abanou com força.

- Ela está bem? Caramba. Connell não...?

– Não. Ameacei-o de emasculação se ele se aproximasse dela.

– E depois eu teria de o matar.

– Desnecessário por enquanto. Em resposta à tua pergunta, Sarah está ótima.

– Ainda toca violoncelo?

– Há um recital daqui a umas semanas. Bem desejava que aqui estivesses.

– Também desejava poder estar. – Seguiu-se um silêncio que se prolongou até assumir mais significado do que apenas um intervalo na conversa. – O que não me estás a contar, Becs?

Quando ela tinha doze anos e ele catorze, ela batia-lhe sempre que ele a provocava com o diminutivo. Com o tempo, porém, acabara por gostar dele, apesar de ele o usar em geral para indicar uma alteração no teor da conversa. Era o equivalente verbal de ir ao fundo da questão, de largar as luvas de pelica.

– Eu e Sarah gostamos disto aqui. Ela adora a escola. Tem imensos amigos. A loja está a correr bem. A superar as minhas previsões. Construámos aqui um lar. Se eu tivesse de nos desenraizar outra vez...

– Não te pedi que te desenraizasses da primeira vez.

– Não, a decisão de sair de Nova Iorque foi só minha. Mas enquanto Jack Connell me tivesse no seu radar, ia ser uma praga e eu detestava ter a vida monitorizada. Também Sarah e eu precisávamos de um novo começo, longe daquele idiota com quem casei. Não me arrependo de ter saído de Manhattan.

Fez uma pausa para respirar.

– Mas mudar para uma cidade diferente agora, assumir outro nome, ter de mentir a toda a gente para

estabelecer uma nova identidade, não quero fazê-lo outra vez.

– Também não quero que o faças – retorquiu ele e estava a falar a sério. – Fica onde estás, Beccs, e vive a tua vida. Não penses em mim sempre que tomares uma decisão. A tua felicidade e bem-estar, a de Sarah, é tudo o que deves tomar em consideração.

– Mas agora que Jack Connell sabe onde estou...

– Não me podes trair porque não sabes nada.

– Ele não acredita nisso. Tem a certeza que eu sei onde estás.

– Então está errado, não está?

– E tu também estás.

– Estou quê?

– *Errado*. Passa-se alguma coisa. O quê?

Meu Deus, ela era persistente.

– Não te preocupes comigo. Estou bem.

Sempre sensível à menor nuance, ela perguntou:

– O que fizeste desta vez?

– Sabes que não deves perguntar.

– Diz-me só para eu não ter de me preocupar.

Ele hesitou e depois disse:

– Chateei-me com os meus vizinhos.

A experiência ensinara-a a ler nas entrelinhas. Não adivinharia que, desta vez, ele estava a falar literalmente.

– Plural?

– Dois deles.

Ela emitiu um pequeno som de pesar.

– E até que ponto ficaste *chateado*?

– Ainda respiram, se é isso que estás a perguntar.

– Não sejas desagradável. Quero só saber o que aconteceu.

– Na verdade, Beccs, não queres. Se não souberes, nunca terás de mentir a esse respeito.

– Por amor de Deus, quando paras?

– Quando tiver acabado.

– Ou até que alguém acabe contigo.

– Há sempre essa possibilidade.

Ela teve um acesso de riso desconsolado.

– Mas não me devo preocupar?

Não tinha resposta para aquilo.

– Se terminaste aí, seja lá *onde* isso for, agora deves estar a mudar de sítio.

Ele fitou o edifício do outro lado da rua onde se encontrava encostado a um poste. As horas de visita no hospital tinham terminado, por isso não havia tanta gente a entrar e sair como houvera antes.

Os dois homens que haviam escoltado Emory até ao serviço de urgência tinham-se afastado no seu SUV. As carrinhas das televisões tinham partido após a conferência de imprensa. Pouco depois das dez, Jeff Surrey partira num carro europeu de último modelo.

Algures naquele edifício, Emory encontrava-se sozinha e assim continuaria durante o resto da noite. Isso devia aliviar-lhe a mente. Não aliviava.

À irmã, disse:

– Não posso mudar já de sítio.

– Fazes sempre isso. Imediatamente.

– Não desta vez.

– Por que razão desta vez é diferente?

Não podia dizer-lhe ou ela ficaria ainda mais preocupada e receosa do que estava. Se lhe contasse de Emory, ela aconselhá-lo-ia a virar costas, a afastar-se, a deixar o assunto em paz e a fazê-lo *já*, nessa noite. Não queria ouvi-lo de Rebecca. Já o sabia.

– Tenho de resolver aqui uma coisa antes de avançar, é só.

– Não vais contar-me, pois não?

– Não.

– Tem a ver com Westboro?

– Não. Isto é outra coisa. – Antes de ela exigir saber informação que ele não partilharia, deu-lhe o número de outro telemóvel descartável. – Mesmas regras. Telefona apenas se tiveres de o fazer.

– Assim farei. Telefonas-me?

– Claro.

Passado um segundo, ela disse:

– Estás a arranjar mais problemas, não estás?

Ele não respondeu.

– Juro por Deus, se soubesse onde estavas, telefonava a Jack Connell neste preciso minuto e contava-lhe.

– Não, não contavas.

Rebecca soltou um sopro de ar e, derrotada, respondeu:

– Não, não contava. Mas ele hoje disse uma coisa sobre ti que não consigo tirar da minha cabeça.

– Tem de ser bom.

– Disse que podia ser na verdade um alívio para ti se fosses encontrado.

– Um *alívio*?

– Foi a palavra que usou.

– Então esse tipo é um sacana. Se ele aparecer outra vez, diz-lhe para ir à merda.

Ela riu-se.

– Eu não o teria dito melhor.

A gargalhada dela serviu para terminar a chamada numa nota boa. Antes que qualquer deles se tornasse sentimental, antes de terem de facto dito adeus, ele desligou. Depois retirou a bateria do telemóvel e esmagou o aparelho sob a bota até que se partiu em pedaços.

Ajoelhou-se, varreu todos os bocados do telemóvel do chão para a mão e meteu-os no bolso do casaco para se desfazer deles mais tarde. Depois enfiou a mão no bolso das calças de ganga e puxou o minúsculo berloque prateado, a lembrança que guardara como ligação tangível a Emory, não tendo percebido até àquele dia a importância vital que possuía.

Esfregando-o, pensativo, entre os dedos, lançou um último olhar ao hospital e, convencido que nada fatídico aconteceria naquela noite, começou a andar em direção ao sítio onde deixara a carrinha. Tinha muito trabalho a fazer naquela noite. Trabalho complicado. Tarefas que lhe deviam afastar os pensamentos de Emory.

Mas não afastavam.

Durante quatro anos, vivera com a solidão e reconciliara-se com isso.

Mas, em apenas quatro dias, a sua tolerância a essa solidão expirara. Começara a doer.

Capítulo 27



Emory sentou-se muito direita, a ofegar. Precipitadamente, olhou em volta, à espera de ver as paredes de madeira, o candeeiro com o abajur de serapilheira, ele.

Mas ele não se encontrava ali, aquilo não era a cabana e os irmãos Floyd não estavam prestes a irromper pela porta adentro com uma caçadeira carregada.

Encontrava-se no seu quarto de hospital, em segurança.

Então porque estaria o coração a bater com tanta força? Porque estaria com tanta falta de oxigénio e com formigueiro nas mãos e pés?

Reconheceu os sintomas clássicos de um ataque de pânico, mas por nada deste mundo conseguia perceber o que o desencadeara. Um sonho mau? Sentimento de culpa profunda por ter mentido a agentes da lei?

Poderia ser qualquer das duas coisas.

Mas pressentia que a razão da sua ansiedade aguda era alguma coisa mais imperativa. Levantou-se da cama e arrastou o suporte do soro consigo até à porta. Abriu-a apenas uma fresta e olhou em ambas as direções. O corredor estava vazio. Ninguém à espreita à porta do quarto. Nenhuma enfermeira à vista. Nada ameaçador.

Recuou outra vez para o quarto e fechou a porta.

Foi à casa de banho e lavou a cara com um toalhete molhado. O chão de mosaico estava frio sob os pés descalços. De volta à cama, foi buscar ao guarda-vestidos o saco que continha os seus pertences e levou-o com ela para a cama. Vasculhando-o à procura das meias, concedeu que Jeff tinha razão. As suas roupas de desporto cheiravam de facto bastante...

De repente, impelida pela intuição, ergueu o saco na vertical e despejou o conteúdo no colo, convencida que a resposta ao que lhe causara o ataque de pânico era alguma coisa dentro daquele saco.

Remexeu com rapidez nos artigos e, depois, com mais lentidão, passou-os individualmente, considerando-os um a um.

Quando percebeu, o choque foi eletrizante.

Ficou sentada durante um momento a tentar decidir o que fazer e depois, com mãos trémulas, marcou

um número do seu telemóvel e esperou ansiosa que a chamada fosse atendida.

Após vários toques, uma voz sonolenta disse:

– Emory? Está tudo bem?

– Alice! Peço desculpa por te ter acordado.

– Estás bem?

– Estou ótima. Quero dizer, não estou ou não te estaria a ligar às... Que horas são?

– Não interessa. O que se passa? Pareces agitada.

Ela forçou-se a acalmar e inspirou fundo algumas vezes.

– Preciso de te perguntar uma coisa e não queria esperar até de manhã.

– Estou a ouvir.

– Hoje, quando todos vocês estavam no quarto do hospital e eu estava a descrever a queda e que tinha batido com a cabeça, tudo isso, mencionei que tinha partido os meus óculos de sol?

– Quê?

– Pensa bem, Alice. Por favor. É importante. Referi que tinha partido os meus óculos?

– Não me lembro. Porquê?

Emory engoliu em seco com esforço.

– Porque Jeff me perguntou esta noite quem os tinha consertado. Disse-lhe que devia ter sido uma das enfermeiras quando de facto foi o homem na cabana.

– *Okay* – disse Alice devagar, obviamente baralhada.

– Como sabia Jeff que os meus óculos se tinham partido quando caí?

Alice levou o seu tempo a refletir naquilo.

– Repetiste a tua história várias vezes durante a tarde. Deves ter mencionado os óculos de sol numa altura qualquer.

Ela chupou o lábio inferior.

– Creio que não.

– Estás a sugerir... O que estás a sugerir?

– Escuta-me só, por favor. Desde que nos encontrámos esta manhã, Jeff tem sido uma pessoa diferente. Tem andado sempre em volta de mim. Tem sido protetor, amoroso, até contrito. Nada como costuma ser, como sabes.

– Emory...

– Sei o que vais dizer. Vais dizer que seria comportamento de arrependimento normal para um homem que tem estado a ter uma aventura.

– Era isso exatamente o que eu ia dizer. Tendo em conta que escapaste à justa, ele sente-se muito miserável e quer expiar o facto de se ter desviado do bom caminho.

– Isso faz sentido e sinto-me tentada a concordar, exceto que os mimos parecem fingidos e forçados. Como se ele estivesse a representar. Não me sinto confortável ao pé dele. Fez-me sentir muito pouco à vontade. Sei que parece uma loucura.

– Não parece uma loucura. Porém, parece que parte de alguém que levou um golpe forte na cabeça. Deram-te um sedativo esta noite? Poderá estar a afetar...

– Isto não é a medicação a falar. Não estou com alucinações. Não estou histérica.

O silêncio de Alice na outra ponta indicava que talvez ela parecesse histérica. Revirou os lábios para dentro para se impedir de dizer alguma coisa que o confirmasse.

– Deixa-me ver se entendi bem – retorquiu Alice. – Estás a insinuar que Jeff estava lá, que teve alguma coisa a ver com o ferimento que provocou a tua concussão?

– Se não estive, como sabia dos meus óculos de sol?

Alice inspirou fundo.

– Muito bem, digamos que te incapacitou. E depois? Deixou-te para esse homem da montanha te raptar?

Achas que Jeff e ele eram coniventes?

– Não. Impossível.

– Mais impossível do que o que estás a alegar?

– Não estou a alegar nada. Estou só... – O que *estava* a fazer?

– Falaste nisto aos dois detetives? – perguntou Alice.

– Ainda não.

– Devias.

– Pensei em telefonar ao sargento Knight, mas queria primeiro ter a confirmação em relação aos óculos. Tinha esperança que me dissesse que sim, que os mencionei ou que, definitivamente, não o fiz.

Com suavidade, Alice disse:

– Não mencionaste. Não que eu tivesse ouvido.

Emory soltou o ar num suspiro.

– Obrigada.

– Mas quantas vezes tinhas contado a história antes de eu e Neal chegarmos?

– Várias. Fragmentos dela pelo menos.

– Podes jurar com absoluta certeza que não mencionaste os óculos nalguma altura?

Recordando o dia, era tudo uma baralhada de impressões incompletas, como se alguém tivesse feito um *puzzle* daquilo, depois tivesse atirado com todas as peças para o ar e as tivesse deixado cair.

Estivera a sofrer o impacto da sua reentrada na vida normal e a concentrar-se tanto em não ser apanhada numa mentira que talvez se tivesse referido aos óculos de sol e simplesmente não se lembrasse.

– Não – admitiu baixinho. – Não posso jurar com absoluta certeza.

Alice esperou vários momentos e depois referiu:

– Acredito que tenhas pegado numa coisa que Jeff disse de passagem e tenhas exagerado.

– Gostaria de pensar que sim. Verdade que gostaria. Mas sinto uma intuição tão forte de que alguma coisa não está bem.

– Posso oferecer um par de explicações para te sentires assim?

– Faz favor.

– Passaste por uma provação que te desferiu uma pancada violenta, quer emocional quer física. Sofreste uma lesão cerebral, pouco grave, mas de qualquer modo uma lesão cerebral. Dormiste com um desconhecido. Em termos da zona de conforto de Emory Charbonneau, isso fica fora da estratosfera. É natural que te sintas um pouco frágil, insegura, mesmo assustada.

– Estou a ouvir o que estás a dizer, Alice. Mas já alguma vez me viste a dar largas à minha imaginação ou a ficar com o coração aos saltos numa situação de crise?

– Nunca. Mas isto não foi uma crise vulgar. Foi a *tua* crise.

Ela suspirou.

– Está bem, é uma explicação. Disseste que tinhas um par delas.

– Culpa, talvez?

Emory pensou naquilo.

– Estou a criticar Jeff para acalmar o meu sentimento de culpa por ter dormido com outro homem?

– Não sou psiquiatra, mas esse tipo de transferência parece lógico, não parece?

– Suponho que sim.

– Não pareces convencida.

Não estava. Fizera o exato oposto resolvendo não culpar Jeff pelo seu adultério.

– Não é inteiramente impensável que Jeff estivesse de algum modo envolvido. Os detetives suspeitaram dele.

– Foi ilibado.

Sim, pensou Emory, mas apenas porque eu apareci viva.

Alice dizia:

– Jeff não é um indivíduo muito caloroso e, de facto, pode ser um filho da mãe egocêntrico. Mas, durante uma das nossas conversas quando tu ainda estavas desaparecida, disse-me que queria ser um marido ideal para ti, do tipo que tu mereces. – Fez uma pausa. – Juro-te, não te podia ter feito mal – acrescentou num sussurro sentido.

Os ataques de pânico eram desencadeados por eventos traumáticos. Com a mesma frequência, eram provocados por terrores imaginados ou fabricados. Era óbvio que Alice acreditava que as suas suspeitas não tinham fundamento. E talvez não tivessem.

– Peço desculpa por te ter acordado.

– Sabes que estou aqui para te apoiar – disse Alice. – Mas preciso de ir dormir. Tenho duas cesarianas marcadas para amanhã.

Emory pediu desculpa por a manter ao telefone durante tanto tempo.

Alice ainda mostrava relutância em desligar.

– Tens a certeza que ficas bem?

– Sim, estou bem. Obrigada por escutares.

– Falamos outra vez amanhã. Vê se descansas. As coisas parecerão melhor de manhã.

Mas, de manhã, não pareciam.

Estava vestida e à espera quando Jeff chegou. Ele empurrou a porta e exclamou:

– Estás deslumbrante!

Obrigou-se a sorrir.

– Claro que não, mas fiz alguns melhoramentos.

– Esse foi sempre um dos meus trajes favoritos.

– São calças de ganga e uma camisola.

– És tu de calças de ganga e uma camisola. – Inclinou-se e beijou-a ao de leve nos lábios. – Dormiste bem?

Ela não lhe contou o ataque de pânico nem a conversa com Alice. Mas, depois, deitada na cama sem sono e agitada, decidira *não* viver na dúvida e no medo. Recusava albergar dúvidas sobre o homem com quem estava casada. Perguntar-lhe-ia diretamente como sabia ele dos óculos. Tinha esperança que ele tivesse uma explicação lógica que eliminasse as suas apreensões e a fizesse sentir-se ridícula por as ter considerado por um instante sequer.

Ele esfregou as palmas das mãos com energia.

– Tens tudo? Pronta para ir embora?

– Logo que tragam uma cadeira de rodas. Sabes como é, regras de hospital. Enquanto estamos à espera, quero perguntar-te uma coisa que me tem estado a chatear.

A testa lisa dele enrugou-se. Pegou-lhe na mão e massajou-lhe as respetivas costas com o seu polegar.

– A julgar pela tua expressão, é uma coisa séria. O que é?

Reunindo coragem, ela disse:

– Jeff...

O telemóvel tocou. Tinha-o transferido da bolsinha de cintura para a mala de mão. Puxou-o para fora, leu o ecrã e atendeu.

– Sargento Knight?

Jeff largou-lhe a mão, murmurando um palavrão.

– Olá, doutora Charbonneau – disse o detetive. – Como vai esta manhã?

Ela esteve quase a deixar escapar: *Afinal, poderia ter tido razão em relação a Jeff*. Mas, em vez disso, respondeu:

– Estou a sentir-me muito melhor, obrigada.

– Folgo em saber. O seu marido está consigo?

– Está aqui mesmo.

– Ótimo. É ótimo. Escute, surgiu uma coisa. Eu e Buddy Grange gostaríamos de passar pelo hospital antes de irem para casa. Poderá ser agora?

A enfermeira apareceu à porta a empurrar uma cadeira de rodas.

Emory ergueu um dedo indicador, a pedir-lhe para esperar um momento.

– O que surgiu, sargento Knight?

– Prefiro não entrar em pormenores pelo telefone.

Jeff. Tinham descoberto alguma coisa que implicava Jeff.

– Preferíamos falar consigo pessoalmente – declarou Knight.

Um pouco ofegante, ela retorquiu:

– Não há necessidade de virem ao hospital. Nós vamos até aí.

Capítulo 28



Knight e Grange conduziram-nos por uma sala de esquadra que Jeff lhe descrevera em pormenor depreciativo.

– Esperava nunca mais ver este sítio – disse para Emory em voz baixa. – Ele não te deu nenhum palpite sobre o que era?

– Só que não queria falar do assunto ao telefone.

Seguiram os dois detetives por um curto corredor até uma sala de interrogatório.

– Aqui estamos mais sossegados – comentou Knight, puxando uma cadeira para ela. – Jeff, sente-se aí. Querem beber alguma coisa?

Declinaram em unísono.

Knight sentou-se em frente dela do outro lado da pequena mesa. Grange encostou-se à parede, com uma mão no bolso das calças e outra a segurar um envelope castanho contra a coxa. Parecia descontraído.

Emory não se deixou enganar.

Knight começou.

– Teve uma boa noite de sono?

Não, tive uma *epifania*. Esquivou-se.

– Sabe como é num hospital.

– Acordam-nos para nos porem a dormir.

– Algo desse género.

– Podemos, por favor, ir diretos à razão por que estamos aqui? – pediu Jeff. – Temos de fazer a viagem para Atlanta. – Parecia impaciente, como se gostasse muito de estar noutra sítio qualquer que não ali.

Knight esboçou uma careta.

– Temo-lo incomodado imenso, Jeff.

– Incomodado? Tentem insultado.

– Certo. – Knight suspirou. – E eu e Grange já lhe dissemos ambos que lamentamos. Dizemo-lo outra vez. As nossas desculpas. – Quando Jeff não reagiu, Knight continuou. – A razão por que vos telefonei esta manhã, a razão por que perguntei pelo descanso da sua mulher, foi porque pensei que talvez alguma coisa se tivesse desprendido durante a noite.

– Parece que está a falar de dentes – retorquiu Jeff.

Knight sorriu com bom humor.

– Estava a pensar mais no sentido de alguma recordação que tivesse esquecido ontem. Pensei que alguma coisa pudesse ter-se libertado durante a noite.

Tendo em conta as circunstâncias, a percepção do detetive era extraordinária. Lançou uma olhadela nervosa a Jeff antes de voltar a Knight.

– Os agentes que iam refazer o meu percurso, descobriram alguma coisa?

– Ainda não. Aquele seu mapa sempre apareceu?

– Tem mapas do parque – rebateu ela. – Possivelmente muito mais pormenorizados do que o meu, que imprimi da internet. Como é que podia ajudar?

– Bem, para termos a certeza que não fez um desvio ou virou num sítio errado. Porque, e aqui está o que é tão confuso, ninguém consegue determinar o local do seu acidente. Tem alguma ideia de que distância já percorrera antes de acontecer?

– Calculo que estivesse a correr há cerca de uma hora. Nunca cheguei ao local onde devia virar para trás.

– Tem a certeza disso?

– Sim.

Eles pareciam duvidosos, mas não conseguiu perceber se duvidavam de ela não ter chegado ao local onde viraria para trás ou da sua incapacidade para se recordar se tinha. Remexeu-se na cadeira que, provavelmente, fora concebida para ser desconfortável.

– Acreditem, quero tanto saber o que aconteceu como os senhores.

Knight trocou um olhar com Grange antes de voltar a ela.

– Tem a certeza que não tem nada a acrescentar ao que nos contou ontem?

Ela preferia não mencionar os óculos de sol até saber do que eles queriam falar, o assunto tão delicado que não podia ser discutido ao telefone.

– Nada? Muito bem, então. – Knight virou-se para o colega. – Está pronto? – perguntou.

Grange desencostou-se da parede.

– Tudo a postos.

Um portátil sobre a mesa fora desviado. Grange rodou-o até que o monitor ficou virado para ela.

Jeff, que também se encontrava em posição estratégica para ver o ecrã, indagou:

– O que raio é isto? Filmes caseiros?

Knight respondeu:

– Qualquer coisa do género.

– Isto foi-nos enviado esta manhã. – Grange carregou no ícone para avançar no centro do ecrã e o vídeo começou.

A qualidade não era boa, o filme estava escuro e cheio de grão, mas Emory reconheceu de imediato a sala. Sentiu um baque no estômago. Atrás dos tímpanos, o sangue jorrou como água de um dique a romper-se.

Observou-se a si própria a entrar no enquadramento, de costas para a câmara. Quando se virou, um feixe de luz incidiu-lhe diretamente no rosto. Ergueu uma mão para escudar os olhos.

– Baixe isso por favor. Está a cegar-me.

Recordava-se de ele afastar a lanterna alguns graus para a direita, mas ela continuou visível na câmara a avaliar o que a rodeava.

– Isto é o gabinete. Não haverá aqui nada. Precisamos de encontrar uma sala de exames, um armário onde ele guarde material e fármacos.

– Vá à frente, *Doc*.

Ela saiu do enquadramento. A sala ficou preta e também o ecrã do computador. Depois um menu materializou-se, dando ao telespetador as opções para repetir, fazer pausa ou sair.

Grange carregou na pausa e voltou ao seu lugar contra a parede.

Emory ficou sentada como se petrificada. Sentia o olhar incrédulo de Jeff. Passados alguns lentos segundos, ele levantou-se, avançou para trás da cadeira dela e colocou-lhe suavemente as mãos nos ombros.

– Emory, quem era aquele? *O que* era aquilo?

Através da camisola, as mãos dele pareciam húmidas. Ou, mais provável, era que o corpo dela tivesse começado a suar de pura vergonha.

Knight pousou as mãos sobre a mesa. Ela reparou que havia um elástico apertado com força em volta de dois dos dedos. Ele estava a puxá-lo, a fazer pequenos estalidos.

– Doutora Charbonneau? Emory?

Ela abandonou o estudo do elástico e fitou-o nos olhos.

– O doutor Cal Trenton estava em Coral Gables, na Florida, com a mulher, a comemorarem o quadragésimo aniversário de casamento. Deu a todo o pessoal a semana de folga. Não reabriram senão ontem. Foi aí que descobriram que o consultório tinha sido assaltado e toda a gente entrou em grande agitação. Só esta manhã o médico se lembrou da câmara escondida que colocara na estante há alguns meses. Parece que guardava uma garrafa de uísque na gaveta inferior da secretária e desconfiava que as mulheres da limpeza andavam a servir-se. Esperava apanhá-las em flagrante. Mas – disse com um gesto que desvalorizava a história de fundo –, a longo prazo, substituiu-as apenas por uma equipa de abstmias. Não sabia se a câmara ainda estava a gravar. Estava programada com uma dessas coisas de temporizador de repetição. Cíclico, acho que alguém lhe chamou. Bem, ele pegou no disco e trouxe-o aqui ao agente que investigara o arrombamento e roubo ontem. – Encolheu os ombros carnudos de forma quase contrita.

– Claro que este a reconheceu logo. Telefonou-me para casa.

Emory olhava para ele, mas os olhos tinham-se vidrado, a pensar nos danos catastróficos que isto provocara na sua credibilidade. Ela vinha armada com nada mais do que uma referência inexplicada a óculos de sol. As autoridades tinham um vídeo dela a arrombar o consultório de um médico.

Knight pronunciou o nome dela com suavidade, mas com um incitamento claro por trás.

Ela conseguiu sair do seu aturdimento.

– Vou para a cadeia?

Knight olhou para Grange que parecia partilhar a consternação do colega mais graduado. Quando Knight se virou outra vez para ela, perguntou:

– É tudo o que tem a dizer?

– Sim.

– Nenhuma explicação?

– É necessária?

– Emory, não digas nem mais uma palavra até termos aqui um advogado – disse Jeff. – Puxou as costas da cadeira como se esperasse que ela se levantasse e saísse.

– Pode tratar as coisas assim – retorqui Knight.

– Devia ter tratado as coisas assim quando começaram a interrogar-me sobre o desaparecimento da minha mulher. Sabemos como estavam enganados nessa altura e tenho a certeza que Emory tem uma explicação lógica para isto... – Perplexo, fez um gesto na direção do portátil. – Mas ela não dirá mais nada até ter um advogado presente.

Knight deu uma palmadinha no ar.

– Acalme-se, Jeff. Não queremos prender já a doutora Charbonneau. Temos a certeza que houve circunstâncias atenuantes e gostaríamos de saber quais foram. Enquanto ouvimos o esclarecimento de Emory, porque não espera lá fora?

– Porque não vai para o inferno?

– Jeff. – Ela virou-se na cadeira e ergueu a cabeça para ele. – Se calhar, tens razão em relação a arranjarmos um advogado de defesa. Tenho a certeza que o advogado da empresa pode recomendar alguém. Tratas disso, por favor?

– E deixo-te aqui sozinha com eles?

Grange descolou-se da parede.

– Na realidade, não é você que decide quem fica e quem vai embora. Podemos escoltá-lo lá para fora.

Antes que a situação se tornasse impossível de controlar, Emory apertou o braço de Jeff.

– Telefona ao nosso advogado e põe o processo a andar. Eu vou ter cuidado com o que digo.

Ele lançou um olhar furioso aos dois detetives.

– Se isto alguma vez resultar em prisão ou julgamento, testemunharei que negaram à minha mulher a presença de um advogado quando a interrogaram.

– Devidamente registado – retorquiu Grange impassível.

Jeff inclinou-se e beijou-lhe a têmpora, sussurrando:

– Porque não me contaste isto?

– Não podia.

Ele hesitou, era óbvio que queria saber mais. Depois, apertou-lhe os ombros de forma tranquilizadora.

– Acredito em ti.

– Obrigada.

Saiu indignado e bateu a porta atrás dele.

Seguiu-se um silêncio tenso. Por fim, Knight disse:

– Bem? Importa-se de explicar o que estava a fazer naquele vídeo?

– Não é evidente?

– Não quer dizer-nos porque assaltou o consultório deste médico?

– Não.

– Tem algum ressentimento contra o doutor Trenton?

– Nunca o conheci. Nem sequer sabia o nome dele até que mo disse.

– Escolheu o consultório dele ao acaso?

Ela não respondeu.

– Estava apenas a passar por aquela vila no fim do mundo, avistou o consultório e decidiu arrombar a fechadura da porta traseira e servir-se de alguns materiais médicos?

Ela continuou em silêncio.

Knight inclinou-se para a frente.

– Emory, vamos parar com esta treta. Desculpe a linguagem. Por que assaltou aquele consultório médico e levou...

Grange deu um passo em frente e estendeu-lhe uma folha de papel que retirou do envelope castanho. Knight pôs os óculos. Lendo em voz alta, listou as coisas que ela recolhera num saco de plástico do lixo por ser mais fácil transportar, o que fora ideia do seu cúmplice.

Quando terminou, Emory acrescentou:

– Mais uma caixa de luvas de látex.

Knight abanou o papel na mão.

– Porque levou estas coisas que podia ter obtido do seu próprio consultório?

– Encontrava-me a mais de cento e cinquenta quilómetros do meu consultório.

– E precisava destas coisas naquele preciso instante?

Emory não disse nada.

– Precisava destas coisas para tratar um doente?

De novo, ela permaneceu em silêncio.

– Para se tratar a si? Estava a tratar-se? Não olhe para mim como se eu fosse louco. Precisava destas coisas para si?

– Não.

Ele recostou-se para trás, deixou passar um momento.

– Muito bem, o homem da lanterna chamou-lhe *Doc*, sugerindo algum nível de familiaridade. É o homem da cabana, o que cuidou bem de si, mas cujo nome lhe escapou da memória?

– Não me escapou da memória. Não o sei.

– Foi seu parceiro de crime e não sabe como se chama?

Sem admitir a prática de crime, retorquiu:

– Não sei como se chama.

Knight e Grange olharam um para o outro. Grange ergueu as sobrancelhas de forma expressiva. Knight lançou uma olhadela à porta e, depois, baixando a voz, perguntou:

– Emory, é um namorado com que se encontrou aqui no fim de semana?

– Um namorado? – Era um termo risível quando aplicado a ele. – Não. Nunca o vira antes.

– Antes de quê?

– Antes de recuperar a consciência dentro da cabana dele.

Ainda a falar numa voz sussurrada, Knight disse:

– Não queremos provocar uma desavença entre si e Jeff. Vão ter de resolver a questão do casamento sozinhos. Mas precisa de nos dizer quem é este assaltante.

Ela fitou-os à vez.

– Se querem que vos diga o nome dele, mais vale calarem-se e porem-me já na prisão. Não sei quem ele é.

Knight soltou um longo suspiro.

– Tecnicamente, cometeu um delito de classe H, que, se for condenada, é punido com vários anos de cadeia. Porém, na Carolina do Norte, temos a sentença estruturada e usamos um sistema de pontos para classificar um crime, tomando em linha de conta a gravidade, o motivo e anterior registo criminal do criminoso.

– Não tenho a certeza do que...

– O que significa – interrompeu-a ele – é que ninguém quer fechá-la numa cela. Isto não foi nenhum roubo de ocasião. Havia um envelope de banco com um par de centenas de dólares de fundo de maneiço na secretária do consultório. Ainda lá está. Um armário fechado que continha analgésicos, estimulantes e tranquilizantes, que se teriam vendido nas ruas por bom dinheiro, foi deixado intacto. Bem, não propriamente intocado. A fechadura estava partida, mas nada foi levado exceto um suprimento de antibióticos para duas semanas, que, segundo me dizem, na Europa se podem comprar em qualquer farmácia.

Deixou aquilo assentar antes de continuar:

– O doutor Trenton disse que lhe parecia que os artigos em falta tinham sido adquiridos, por assim dizer, por um profissional. Um profissional médico, não um ladrão profissional. Disse que as únicas coisas levadas tinham a ver com o que seria necessário para um dado procedimento. Digamos, a interrupção de uma gravidez.

Ele estivera a catalogar as reações dela e, quando baixou os olhos, amaldiçoou-se por ser tão transparente.

Knight sentou-se outra vez para a frente, todo ele agora seriedade e compaixão.

– Aquele homem forçou-a a roubar aquele material e a livrar-se de um problema para ele?

Ela não disse nada.

– Emory?

Recusou responder.

Como se recebesse um sinal silencioso de Knight, Grange puxou uma cadeira e sentou-se com eles à mesa. Correspondia à descrição de Jeff do «policia mau». Ela preparou-se para alguma pressão. Ele disse:

– Sam e eu não acreditamos que meteu na sua cabeça assaltar e roubar as luvas de plástico de algum médico de província. Em termos de dólares, o equipamento médico roubado não perfaz muito dinheiro. Se o doutor Trenton for reembolsado, duvido que queira ver uma estimada colega acusada e muito menos julgada. Reconheço que os fármacos que foram roubados são substâncias controladas, mas pode-se ficar muito mais pedrado com um frasco de *NyQuil*. – Fez uma pausa. – Sam e eu pensamos que foi obrigada ou coagida a cometer aquele assalto. O que não percebemos é porque o está a proteger a *ele*, o tipo que não conseguimos ver. O tipo da voz áspera. Quem é ele, doutora Charbonneau?

– Já vos disse, não sei.

– Bem, pode ser que possamos ajudar aí.

Surpreendida com aquela afirmação, viu Grange retirar um mapa do envelope castanho. Abriu-o. Era um duplicado do mapa que ela usara para programar a sua corrida naquele sábado aparentemente inócuo quando, sem qualquer presságio, a sua vida se virara de pernas para o ar. Se os últimos cinco minutos fossem uma indicação do que estava para vir, parecia provável que a sua vida nunca mais se fosse endireitar.

Alguém desenhara uma estrela a tinta vermelha no mapa. Grange pousou a ponta do dedo indicador na estrela.

– Isto é o parque de estacionamento onde deixou o seu carro. O seu ponto de partida, certo?

Ela assentiu.

– A estação de serviço onde foi deixada ontem fica aqui nesta encruzilhada. – Apontou-lha. – E aqui fica a vila onde se situa o consultório de Trenton.

– O que fizemos – disse Knight – foi ligar esses pontos para formar um círculo. Depois começámos a verificar os registos de detenções, à procura de alguém com antecedentes criminais que viva dentro desse círculo ou perto.

Grange afirmou:

– Surgiram vários nomes.

Ela susteve a respiração.

– Um era de um tipo que está neste momento a cumprir pena por assalto à mão armada – explicou Grange. – Outro foi morto pela mulher há oito meses, portanto não é o nosso homem. Mas temos vários outros nomes.

Knight sorriu-lhe.

– E um em particular parece-nos mesmo bom.

Capítulo 29



Emory pensou que poderia vomitar. Baixou a cabeça e levou a mão à boca.
Foi um crime violento?

Extremamente.

– O nome é Floyd.

A cabeça ergueu-se de supetão.

– Quê?

– De facto, são dois – disse Grange. – Irmãos. Norman e Will Floyd.

Foi um esforço para não mostrar o seu alívio.

– Will, o mais novo, é particularmente difícil – explicou Knight. – Abandonou a escola no décimo ano e ninguém no sistema escolar ficou triste por o ver partir. Sempre metido em problemas. Um brutamontes intimidador. Um imprestável. Tem alguns assaltos a casas no currículo. Vandalismo. Roubo em lojas. No verão passado, assediou uma jovem num jogo de beisebol e foi bruto com ela no parque de estacionamento, mas ela ficou com medo de apresentar queixa, por isso ele foi libertado. Aqui está a foto. Parece-lhe familiar?

Puxou de uma ficha com a fotografia de Will Floyd. Nela, ele parecia o indivíduo beligerante e depravado que era.

– E este é o irmão mais velho, Norman, que tem um registo criminal semelhante.

Knight passou-lho.

– Olhe bem para eles. Mas, antes de dizer alguma coisa, deverá saber que já enviámos um agente para interrogar esses rapazes.

O torvelinho de júbilo foi substituído por pavor. Trepassou-a como um veneno paralisante.

– O que soubemos pelo agente? Foi informado pela mãe que os filhos estão neste preciso momento a partilhar um quarto no hospital do condado. O agente foi lá visitá-los. Will está bastante mal. Tem uma... mandi... mandubu...

– Fratura mandibular – disse ela baixinho.

O detetive assentiu.

– É isso. O maxilar está ligada por ferros que lhe saem da cara. O agente descreveu o aparelho como

parecendo uma coisa saída de uma câmara de tortura. O rosto de Norman parecia «um pedaço de carne de porco podre que tinha sido passada por uma trituradora de salsichas». É uma citação. Além disso, tem quatro costelas partidas, um ombro deslocado e um rim que lhe pôs a urina vermelha. O agente acreditou na palavra dele.

Grange retomou o fio da meada:

– Mas, quando não estava a gemer de dores, Norman conseguia falar e, antes de o irmão lhe escrever num pedaço de papel para calar a porra da boca, afirmou que foi o vizinho que infligiu as lesões. Declarou que nunca tinham tido qualquer problema com ele até à penúltima noite, quando ele e uma médica, uma doutora Smith, se intrometeram no que devia ter sido um assunto de família privado e fizeram uma visita ao domicílio para tratar a irmã doente, Lisa.

Passado algum tempo, quando ela continuou a não falar, Knight disse:

– Emory? Esse tipo que vive mais abaixo dos Floyd, apostamos que é o homem do vídeo. Correto?

Ambos assestaram os olhos nela, mas foi a Knight que ela se dirigiu:

– Lisa estava lá?

– Na casa? Não – replicou Knight. – Mistress Pauline Floyd contou ao agente que alguém foi lá cedo esta manhã, antes do amanhecer, e a levou.

– Levou-a?

– Sim, mas ela não quis dizer quem.

– Não te esqueças do cão – disse Grange.

– Ah, pois – retorquiu Knight. – Ele também se foi embora com o animal de estimação da família.

Face à recordação terna que o animal evocava, ela sorriu.

Grange perguntou:

– Isso é divertido?

– Não. – Sentindo-se cansada, Emory empurrou para trás uma madeixa de cabelo. – Asseguro-lhe que a situação no agregado familiar dos Floyd não era assunto para risos.

Grange saltou sobre aquilo.

– Então esteve lá? Era a doutora Smith?

Recusando responder àquilo, ela perguntou:

– Pauline estava bem?

O sargento fitou-a, como se considerasse o que lhe devia contar.

– Depende do seu ponto de vista. Estava bem. Mas frustrou o agente afirmando não conhecer o indivíduo que deu uma coça enorme nos filhos, embora, segundo estes, ela tivesse testemunhado a altercação. O agente descreveu-a como não cooperante, porque recusou terminantemente responder às perguntas sobre o indivíduo sem nome que levou a filha, dizendo apenas que era «do tipo decente».

Ele conquistara a lealdade de Pauline ao tratá-la com respeito e dignidade, provavelmente uma das poucas pessoas que o fizera na sua vida inteira.

Knight dizia:

– Esses rapazes contaram ao agente que uns parentes na cidade tinham sido persuadidos por Pauline a receber Lisa outra vez. Seja lá o que for que isso significar. Ficámos com o nome da irmã de Mistress Floyd e telefonámos. Ela confirmou que a rapariga e o cão tinham sido largados em casa dela por volta da madrugada por um homem que guiava uma *pick-up*. Ele não se demorou. Largou os seus passageiros no passeio e afastou-se. Tal e qual como fez consigo ontem.

Emory não comentou esta última afirmação. Estava a pensar no bem-estar de Lisa.

– Alguém falou com Lisa?

– Ainda não. Falaremos.

– Mande uma agente interrogá-la. Devem tratá-la com suavidade.

Após uma pausa curta, mas reveladora, Grange perguntou:

– Ela foi violada?

– Ela tem quinze anos – observou.

– Terminou a gravidez dela?

– Isso é informação confidencial.

– O tipo mistério engravidou a rapariga e...

– Não.

– Como sabe?

– De novo. Informação confidencial.

– Os irmãos Floyd não partilham da opinião da mãe sobre esse homem. Antes de se armar em mudo,

Norman referiu-se a ele como sendo um selvagem.

Ela fungou de desdém.

– Norman lá sabe.

Após uma curta pausa, Knight tentou outra vez:

– Emory, testemunhou a tarefa que ele deu a esses rapazes?

– Quero o meu advogado.

Knight inclinou-se para ela.

– Está com medo?

– De ser detida?

– Dele? – perguntou irritado.

– Não.

Knight, zangado, fez saltar o elástico.

– O que me incomoda é que vocês todos se recusam a falar desse tipo. O agente contou-me que mal

Norman o mencionou, Will se passou ali mesmo na sua cama de hospital. Começou a ciciar e a abanar a

cabeça o melhor que conseguia com aqueles ferros espetados do maxilar. Depois fez sinal a pedir papel e

caneta e escreveu aquele bilhete para Norman não dizer mais nada e Norman prestou atenção ao

aviso. Emudeceu a partir dali. Era como se estivessem com medo e esses dois nunca foram tímidos um

único dia das suas vidas e não se assustam ou recuam com facilidade.

Ela ficou só a olhar para ele.

Ele expirou pesadamente.

– Vou repetir uma das perguntas que lhe fiz ontem, Emory. Enquanto este homem a teve cativa,

ameaçou-a, fez-lhe mal?

– Não estive cativa.

– Ele nunca a prendeu?

Larga-me as mãos.

Não, Doc.

Por favor.

Não.

Mas eu também te quero tocar. Larga.

Hum, hum. É a única forma de poder controlar...

O quê?

Controlar-me. Se me tocas, venho-me dentro de ti.

Com voz rouca, disse:

– Não estive presa.

Knight olhou para Grange e este encolheu os ombros. Knight voltou a ela, parecendo completamente exasperado.

– Muito bem. Ficámos a saber pelos Floyd onde ele vive. – Arrastou a cadeira para trás com ruído e levantou-se. – Pensámos em levá-la até lá acima.

– O quê? – exclamou ela, alarmada.

– Pois. Aposto que, quando lá chegar, as coisas de que não se lembra vão começar a voltar-lhe à cabeça.

Não podia acreditar.

Porra que *não podia acreditar*.

Não admirava que o corpo de Emory não tivesse sido encontrado. Ela não estava a porra de *morta!*

Telemóvel no ouvido, Jeff andava de um lado para o outro no vestíbulo do departamento do xerife. Aquele espaço malcheiroso, sujo e desagradável à vista onde passara inúmeras horas já se transformara numa metáfora para a sua vida. Tudo nele era horrível.

Emory vivia.

– Mister Surrey, ainda está à espera?

– Sim – gritou para o telemóvel. – Disse-lhe quem estava a telefonar?

– Disse. – A rececionista do escritório de advogados pediu outra vez desculpa pelo atraso. – Ele está com outro cliente. Se prefere desligar e que ele lhe ligue de volta quando...

– Eu espero. Ponha-lhe um bilhete debaixo do nariz. Diga-lhe que é urgente.

– Diz respeito à doutora Charbonneau?

– Sim.

– Ouvimos dizer que ela regressou em segurança ontem.

Sim, há cerca de vinte e quatro horas. Quando Jeff ouvira a voz dela através do aparelho, o que lhe perpassara pela mente fora o pensamento irracional que ela lhe estava a falar do outro mundo.

Mas não, não estava a comunicar da terra dos mortos-vivos. No momento em que Knight e Grange tinham irrompido pelo seu quarto de motel adentro, preparados para o prenderem pelo assassinio dela, ela provara estar muito viva.

E que vida andara a viver!

Quando lhe colocara as mãos nos ombros num gesto aparente de preocupação, bem quisera ao invés apertá-las à volta do pescoço dela. Quem poderia censurá-lo? Quanto se esperaria que um homem aguentasse antes de se passar?

Com a fúria pouco controlada, disse para o telemóvel:

– Ponha-o na linha.

Foi outra vez colocado em espera. Como se a indignidade de ter de arranjar um advogado de defesa para Emory não fosse suficientemente má, tinha de estar à espera desse privilégio.

Quando o corpo dela não fora encontrado após as primeiras doze horas das buscas, ele começara a ensaiar o papel de viúvo indignado. Tinha arengado. Tinha batido os pés e espumado e tinha-os incomodado, pressionando-os para a encontrarem quando, de facto, quanto mais tempo ela permanecesse perdida, melhor.

Mal se estava a acostumar a ela estar morta, quando ela aparecera viva.

A rececionista voltou à linha.

– Ele vai falar agora consigo, Mister Surrey.

O advogado dirigiu-se-lhe com brusquidão:

– O que é assim tão urgente, Jeff?

Não teve coragem para explicar a escapadela de Emory em pormenor.

– Emory não saiu da sua cruciante experiência incólume. Precisa de um bom advogado de defesa, precisa de um advogado imediatamente e o dinheiro não é importante.

Depois de acordarem os honorários, obteve a promessa do seu advogado de se ocupar logo do assunto. Estava a concluir a chamada quando Grange o surpreendeu entrando no vestíbulo pela porta da rua e não vindo da sala da esquadra. Atrás dele, Jeff conseguiu ver o SUV estacionado mesmo em frente.

– Vamos até lá acima – disse Grange.

– Lá acima onde?

– Vem ou não?

Capítulo 30



Com uma eficiência de dar volta à cabeça, Emory foi levada à pressa lá para fora e para o SUV. A escolha dos lugares foi idêntica à do dia anterior quando tinham ido da estação de serviço para o hospital. Knight ia ao volante, Grange também à frente, Jeff sentado atrás com ela.

Hoje, porém, o estado de espírito dentro do veículo era consideravelmente diferente.

Quando Jeff entrou, estendeu o braço pelo banco traseiro e pegou-lhe na mão. Falando num tom baixo, contou-lhe a breve conversa com o advogado deles.

– Ele vai contratar alguém que trata de casos de direito penal. – Retraiu-se com a palavra *penal*.

– Obrigada por fazeres isso.

Ele não disse mais nada, mas, sentindo a censura dele, ela virou a cabeça e olhou pela janela. *Paisagem deslumbrante aqui em cima*. Tentou esvaziar a mente de tudo, exceto a paisagem enquanto o carro seguia o seu caminho sinuoso para as montanhas.

Num dia limpo, a vista teria sido de cortar a respiração. O nevoeiro de hoje cobria os vales. Os picos mais elevados estavam obscurecidos por nuvens baixas. Reconheceu o entroncamento onde virara para a floresta nacional no último sábado de manhã, mas passaram por ele sem ninguém ter feito qualquer comentário.

De facto, ninguém falou durante toda a viagem. Depois dobraram uma curva.

– Parece-lhe familiar? – perguntou Knight por cima do ombro quando pisou o travão e o SUV abrandou para atravessar o portão aberto. – Aquela é a *pick-up* dos Floyd ali do outro lado da estrada. Todos os pneus estão cortados.

Não lhe perguntaram o que sabia sobre a carrinha destruída; ela também não adiantou nada.

De qualquer modo, estava a sentir uma onda de emoção tal que teria sido difícil falar. Tinham passado a fita da polícia para casos de crime na vedação de troncos. O pátio estava apinhado de veículos oficiais com as insígnias de várias agências. Pessoal, agasalhado com trajes de inverno, andava por ali a vasculhar, a beber de termos, a conversar entre eles. Dois saíram do barracão, um com uma lata de tinta, o outro com um rolo de arame. A porta da cabana estava aberta.

Knight desceu do carro e ajudou-a a sair do banco traseiro.

– É este o sítio?

Qual seria o interesse em mentir? Mas também não o confirmou vocalmente. Fez a pergunta que mais receava:

– Ele está detido?

– Não.

Os joelhos enfraqueceram-lhe com o alívio. Jeff avançou para o seu lado e pegou-lhe no cotovelo para a apoiar.

– Isto é uma má ideia. Ela não está capaz.

– Não, estou bem, verdade.

Ele parecia à beira de discutir, quando o telemóvel retiniu.

– É Alice – disse, depois de verificar quem era. – O que queres que lhe diga sobre isto?

– Nada ainda.

Ele fez um aceno curto de concordância.

– Pensarei em alguma coisa.

Levando o telemóvel ao ouvido, Jeff afastou-se deles. Ela ficou contente. Não achava que pudesse aguentar ele estar dentro da cabana. Knight e Grange conduziram-na à porta e fizeram-lhe um gesto para os preceder.

Os troncos carbonizados na lareira tinham esfriado. A caixa da lenha fora esvaziada e pendurada. Os livros dele, outrora muito bem organizados por ordem alfabética, jaziam numa grande pilha no chão, como se prontos para uma grande fogueira. No centro do soalho, o buraco escondido fora exposto e o baú removido. Estava aberto e vazio. O candeeiro continuava na mesinha de apoio, mas o abajur de serapilheira fora retirado, expondo a lâmpada nua. Homens uniformizados vasculhavam gavetas e armários. O colchão na cama fora despejado das cobertas e puxado para o lado.

Knight dizia:

– Quando a nossa gente cá chegou, não havia sinal dele e a cabana estava praticamente vazia. Esvaziada. Não deixou um único pedacinho de papel. Nada. Mas encontrá-lo-emos.

Ela não achava que encontrassem. Ele fazia sempre o que dizia. Como prometera, devolvera-a incólume. Salvara Lisa do estupro dos irmãos. Deixara os Floyd vivos, mas não antes de lhes exigir mais do que sentia lhe era devido por qualquer rancor que lhes guardava.

Também lhe tinha dito que nunca mais se veriam um ao outro. Cumpri-lo-ia também.

Entrou um agente.

– Encontrei isto no barracão. Alguém perguntou para que era aquela barra. – Deixou cair os artigos pesados no chão e voltou a sair com passos pesados.

Emory olhou do par de botas de gravidade para a preocupante vareta de suspensão lá em cima e soltou uma meia risada meio soluço.

Knight confundiu o som por angústia.

– Isto traz recordações dolorosas, Emory? – Ergueu a vista para a barra no teto. – Ele tinha a mania de coisas pervertidas? Fez-lhe mal?

– Quantas vezes tenho de lhe dizer? Não.

Ele estudou-a durante um momento e depois chamou um agente.

– Mantém o marido distraído – disse. – De facto, porque não fazem todos um intervalo de dez minutos lá fora?

A sala esvaziou-se e ficaram apenas os dois detetives e ela.

– Vamos sentar-nos – convidou Knight. Sentou-se com ela no sofá de pele.

Grange puxou uma das cadeiras da mesa de jantar e, quando se sentou, fez um gesto para o baú.

– Tresanda a óleo para armas.

Olharam para ela. Ela manteve a expressão neutra. Quando se tornou óbvio que não ia revelar nada de forma voluntária, Knight perguntou:

- Quantas armas ele tinha?
- Nunca as contei.
- De que tipo eram?
- Não saberia distingui-las.
- Revólveres? Espingardas?
- Algumas de ambos.

Os homens consultaram-se um ao outro com uma olhadela e depois Knight disse:

- Diz que ele não lhe fez mal.
- Não fez.

– Muito bem, mas tendo em conta o que ele fez aos irmãos Floyd, é evidente que este homem é capaz de violência. Também a motivou, se é que não a coagiu, a cometer um crime grave. Ora, Emory, vindo a coisa de um ponto de vista estritamente policial, não acha que é *exequível* que ele a tenha atacado naquele trilho?

- Com que objetivo?
- Talvez apenas pelo gozo – retorquiu Grange.

Ela olhou na direção da zona da cozinha onde as gavetas tinham sido abertas e vasculhadas. Pensou em como ele a mantivera limpa e como executara todas as tarefas de forma meticulosa, como por exemplo o concerto da torradeira.

– Capricho? Não, sargento Grange. Ele nunca faria nada só pelo gozo. Além disso, já lhe disse que ele me tratou com bondade.

– Não diria que transformá-la numa ladra seja bondade – comentou Knight. – Mas só por uma questão de argumentação, digamos que o assalto foi por uma boa causa. Digamos que foi necessário para poder ajudar uma rapariga que precisava de tratamento médico. Digamos também que esses rapazes Floyd mereciam a sova que levaram. A avaliar pelos seus registos criminais, não é uma grande concessão.

– Então porque estamos aqui a ter esta conversa?

– Porque ainda acredito que foi algum tipo de refém e não uma participante voluntária nesse assalto. Eu e Buddy não queremos vê-la punida por uma coisa que foi forçada a fazer sob coação.

Inclinou-se para ela, chegando ao ponto crucial do seu raciocínio:

– Mesmo que não se consiga lembrar, é razoável, não é, que esse tipo lhe tenha dado uma pancada na cabeça e arrastado daquele trilho? Seja como for que consideremos a questão, trata-se de agressão e rapto.

– Não acredito que ele seja culpado desses crimes.

– Se não é culpado de alguma coisa, porque não a levou até à cidade e se deu a conhecer?

Emory abriu a boca, mas não tinha palavras para responder.

No entanto, como se ela tivesse respondido, Knight retorquiu:

– Exato. Ficar afastado do radar valia vinte e cinco mil notas para ele. O que nos leva a acreditar que é um fugitivo. Tem de nos ajudar a apanhá-lo.

– Para que precisam de mim? Já revistaram todos os centímetros desta cabana.

– Que não lhe pertence. É alugada.

– Oh.

– Parece surpreendida.

Ela lançou uma olhadela às prateleiras despojadas.

– Ele tratava-a como um proprietário trataria. Mas se é inquilino, então com certeza que o nome está no

contrato de aluguer.

– A renda é paga por um advogado em Seattle.

– Seattle?

– Em nome de uma sociedade limitada e o sócio principal da sociedade limitada é uma grande empresa. Estamos a tentar passar por cima de toda a burocracia necessária para chegar a um ser humano por trás da empresa, mas, entretanto, o nosso suspeito está a fugir.

Grange interveio:

– Os irmãos Floyd afirmam não se lembrar do aspeto dele. A mãe a mesma coisa. A descrição que Lisa deu à agente tanto podia ser de mim como de Beyoncé. Achamos muito difícil acreditar que os poderes de memória deles sejam assim tão imprecisos. E também achamos que se lembra dele muito melhor e com mais pormenor do que nos contou.

– Isso podia ser interpretado como obstrução à justiça – disse Knight.

– Como podiam provar do que me lembro ou não me lembro sobre ele? – desafiou-os ela. – Tive uma concussão e uma TAC que a mostra.

Frustrado, Knight mudou de tática. Suspirando como se de resignação, afirmou:

– Não estamos a chegar a lado nenhum muito depressa. Estou a ouvir o seu marido a discutir com os agentes lá fora e compreendo a impaciência dele. Está farto de nós. E perdoe-me por dizer isto, Emory, mas está com um aspeto macilento. Talvez não devesse ter saído do hospital tão cedo. Devíamos ter pensado duas vezes antes de a trazer cá acima. Mas já que fizemos a viagem, diga-nos uma coisa. Só uma coisa que nos possa ajudar. Depois voltamos para Drakeland, tratamos de ver se fica nalgum sítio simpático e confortável para poder descansar.

Ela esperou que acabassem as inanidades e retorquiui:

– Por favor, parem de falar comigo como se eu fosse uma imbecil.

– A última coisa que penso é que seja imbecil.

– Também não estou enferma. No entanto, estou cansada da vossa pressão para vos dar informações que não possuo.

– Penso que possui.

– Então pensa mal.

– Podíamos acusá-la de ajudar e ser cúmplice de um criminoso – disse Grange.

– Não sabem se ele é um criminoso.

– Temos um vídeo dele a cometer um assalto.

– Não, não têm. Têm um vídeo *meu*.

– Ele ameaçou-a e aos Floyd para não revelarem a identidade dele?

– Não conheço a identidade dele.

– Cada minuto que passa aqui sentada e se recusa a cooperar...

– Não estou a recusar-me.

– ... ele afasta-se cada vez para mais longe.

– Diga-nos o nome dele.

– Não o sei.

– Emory...

– Não sei o nome dele!

– Hayes Bannock.

– O que tem? – perguntou Jack.

– A impressão digital dele foi encontrada num lava-loiça na Carolina do Norte.

Mesmo antes das seis e um quarto da tarde do dia anterior, Jack deixara a casa de Rebecca Watson com vontade de a esganar.

Excetuando tê-la localizado, a viagem à Costa Oeste fora um fiasco total. Ponderando que não fazia sentido ficar por ali e colocar em risco a sua virilidade, fora direto de casa dela para a água no maldito *ferry*, passara por Seattle propriamente dita e chegara por fim ao aeroporto de Sea-Tac a tempo de adquirir um dos poucos lugares restantes no voo noturno para Nova Iorque. Matou o tempo no aeroporto lendo um mau romance sobre um polícia bom até à partida do voo que atrasou uma hora e meia. Fora turbulento ao ponto de o serviço de refeições ter sido limitado e terem exigido que os passageiros ficassem nos seus lugares com os cintos apertados.

Depois, por causa do tempo, o voo fora deixado em espera às voltas, até ter por fim autorização para aterrar. Esperara numa fila de táxis de quase um quilómetro no aeroporto JFK, a bater os pés e a tentar virar as costas a um vento polar. Acabara de se arrastar para o seu apartamento, a puxar a mala de rodinhas e a sentir-se sujo, cheio de poeira e, no geral, como merda pisada. Quase ignorara a chamada de Greer. Agora largou a pega da mala de rodinhas. Ela tombou.

– Diz lá outra vez.

Greer repetiu a declaração estonteante.

Jack permaneceu perfeitamente quieto, à espera do remate, que o segundo sapato caísse, do «Apanhei-te!», embora não conseguisse imaginar o seu colega de confiança a pregar-lhe uma partida suja como aquela.

Passados quinze segundos de um silêncio aturdido, Greer disse:

– Jack?

– Sim, estou aqui. – O coração começou a bater outra vez. Encontrou oxigénio. – Quando?

– Quando encontraram a impressão digital? Esta manhã, não sei a que horas. Foi copiada num *e-mail* para ti. Chegou há cerca de três minutos. Pensei que tivesses visto.

– Estava a tratar do táxi e a entrar no prédio. Mantém o telefone à mão.

Jack desligou e acedeu ao seu *e-mail*. O mais recente na sua caixa de correio era de um sargento detetive Sam Knight. Tentou lê-lo tão depressa que a mensagem bem poderia estar escrita em zulu. Começou outra vez, obrigando-se a ir mais devagar.

Havia palavras que se destacavam. Roubo com arrombamento. Agressão. Rapto. Estupro por presunção de violência.

– Caramba. – Voltou a telefonar a Wes Greer.

Greer disse:

– Fiquei sem fala. E tu?

– Quando reapareceu, não fez mesmo por menos. Quando me podes mandar para lá?

– Acabaste de sair de um voo noturno. Tira o dia de hoje para...

– Não, *já*. Vou tomar um duche. Falamos outra vez daqui a cinco minutos.

Estava lavado e barbeado e a trocar à pressa as roupas sujas da mala por outras limpas quando Greer ligou outra vez.

– Mandei-te o itinerário por *e-mail*.

– Alguns possíveis atrasos de voos?

– Aqui não. O teu voo de ligação pode ficar retido em Charlotte se o nevoeiro em Asheville não levantar.

– Nevoeiro? Asheville não tem montanhas?

Voar para montanhas no nevoeiro era ainda menos apelativo do que trajetos de *ferry* amortalhados em

neblina. Precisava mesmo de apanhar aquele filho da mãe.

Na viagem de táxi para LaGuardia, marcou o número de contacto que vinha no final do *e-mail* que recebera. A chamada foi atendida por uma voz grossa com um sotaque notavelmente arrastado.

– Sam Knight.

Trocaram apresentações superficiais e depois Knight disse:

– Acabámos de voltar de casa dele. Escrevi no *e-mail* tudo o que sabemos nesta conjuntura.

– Nenhum sinal dele?

– Não desde que largou Lisa Floyd na casa da tia esta manhã e ninguém consegue ou quer descrever a *pick-up* dele.

– O que quer dizer com «quer»?

– Todos os Floyd são tão estúpidos no que lhe diz respeito como a doutora Charbonneau. Bate tudo o que já vi. É como se salpicasse as pessoas com pó de amnésia em vez de pozinho de perlimpimpim. É do tipo de Charles Manson? Um Jim Jones?

– Não o descreveria dessa forma. Mas exerce grande influência – retorquiu Jack, a pensar na devoção cega de Rebecca pelo irmão.

– É o que parece. Estamos prestes a emitir um alerta.

– Aguenta lá isso.

– *Aguenta?*

– Mal ele saiba que anda atrás dele, não terá hipótese nenhuma de o encontrar. Acredite que sei.

– Só para a minha gente então, como é ele?

Jack deu-lhe uma descrição, recebendo uma série de pigarros em resposta.

No final, Knight disse:

– Um metro e noventa e três, cem quilos, cabelo escuro, olhos de um azul invulgar e era difícil de recordar ou descrever?

– Inspira lealdade.

– Ou medo.

– Ou medo – concedeu Jack.

– Quem é esse tipo? O que fez? Quando investigámos a impressão digital, acertámos. Mas todos os ficheiros dele estão selados, confidenciais exceto para o seu departamento. Porquê?

Jack não queria divulgá-lo até ter avaliado esse homem, Sam Knight. Mesmo que confiasse implicitamente nele, não confiava noutro pessoal e a menção de Westboro espalhar-se-ia como um rastilho de pólvora entre as fileiras de agentes de cidade pequena. Isso seria cataclísmico.

– Não emita ainda nenhuns boletins – disse. – Explico tudo quando aí chegar.

Ou talvez não. Dependendo de como as coisas se desenrolassem, seria até melhor se o sargento detetive Sam Knight nunca soubesse a identidade do homem que procurava.

Antes de terminar a chamada, Jack perguntou quais eram as condições atmosféricas.

– Nevoeiro denso e queda de neve. Parece que vai ficar pior antes de melhorar.

Capítulo 31



— Um crime grave, Emory. Um crime grave?

— Não precisas de gritar, Jeff. Ouvi-te da primeira dúzia de vezes.

— Duvido que sejas acusada, mas... por amor de Deus. Pensa na publicidade negativa.

— Peço desculpa por qualquer embaraço que te tenha causado ou vá causar.

Ele parou de andar de um lado para o outro e virou-se para ela.

— Não me faças parecer o mau da fita.

— Não faço. Não o disse de forma sarcástica. Tens todo o direito de estar chateado.

Ele fora humilhado e ela lamentava-o profundamente. Durante todo o dia ele permanecera estoico e publicamente solidário. Mas agora que se encontravam sozinhos pela primeira vez desde que o vídeo do roubo viera a lume, estava a dar livre curso a uma justificável indignação.

Era uma nota adequada para terminar um dia que começara com ela a braços com um ataque de pânico. Convencera-se da culpabilidade de Jeff, para descobrir depois que era ela e não ele que poderia ter de enfrentar uma acusação criminal. Vendo as coisas pelo lado positivo, ela não ia passar a noite na cadeia.

No regresso da cabana, o sargento Knight tornara claro que ela ainda era suspeita ou, no mínimo, uma testemunha material, mas resmungara sobre a bronca que seria se a pusesse na prisão antes de terem resolvido todos os pormenores.

Lisa Floyd tinha sido interrogada por uma agente do sexo feminino que relatou a Knight e Grange que a rapariga elogiara ao máximo a «Dra. Smith». Foi apenas depois de saber que Lisa contara à agente a natureza da sua crise médica que Emory a confirmou aos detetives.

— Não corria perigo de vida, mas o estado dela era traumático e de grande desconforto. Fiz o que pude.

— Isso é o que chamo circunstâncias atenuantes – comentara Knight. – Porque não explicou que fora por essa razão que assaltara o consultório do médico?

— Teria sido uma violação da confidencialidade da doente.

— Foi a única razão? Ou ainda está a proteger o seu cúmplice?

Ela a isso não respondeu.

— Quem engravidou Lisa Floyd?

– Isso mantém-se confidencial.

– Ele?

– Não. Lisa dir-lhe-á a mesma coisa. Ele nem a conhecia, nunca a encontrara antes daquele dia.

O advogado de defesa chegou de Atlanta ao final da tarde. Depois de se inteirar por completo da situação, insistiu que Emory não continuasse detida.

– É o homem mistério da cabana que queremos, não você – afirmou-lhe Knight quando, com óbvia relutância, a escoltara até à saída. – Retomaremos amanhã. Neste momento, tenho de ir até Asheville buscar um agente do FBI de Nova Iorque que se perdeu no nevoeiro.

– Um agente do FBI de Nova Iorque?

– É verdade. Parece que este agente anda atrás de Hayes Bannock há vários anos.

– Quem é Hayes Bannock?

– Como se não soubesse.

– Lamento, não sei. – Depois os lábios apartaram-se de admiração. – É assim que ele se chama?

Interpretando a reação dela, Knight apoiou os punhos nas ancas.

– Bem, diabos me levem. Não sabia mesmo como ele se chamava, pois não?

Hayes Bannock. Ela experimentara dizê-lo em voz alta e decidira que lhe assentava perfeitamente. Depois o resto do que Knight dissera fizera sentido.

– Ele é procurado pelo FBI?

– Assim parece. O agente especial Jack Connell está ansioso para cá chegar e juntar-se à perseguição.

Com aquele pensamento perturbador a imperar, ela tivera esperança que um longo banho quente aliviasse a sua ansiedade, mas com Jeff a andar de um lado para o outro a arengar, mal se conseguia ouvir a pensar. Descontrair estava fora de questão.

Ele dizia:

– A noite passada deixaste-me falar sem parar sobre começar uma vida nova. Confessei que tinha sido uma pessoa difícil com quem viver. Armei-me em poeta a mostrar como és importantíssima na minha vida. Durante todo esse tempo em que eu balbuciava sobre novos começos, mal podia imaginar a surpresa com que me saltarias em cima esta manhã.

– Não saltei...

– Durante a minha cena de *mea culpa*, como conseguiste não te rir?

– Jeff, nada do que fiz foi para te vexar.

– Talvez não, mas o resultado é o mesmo. Como vou explicar isto aos meus clientes? Aos sócios da empresa?

– Não te vão responsabilizar pelas minhas ações.

– O raio é que não vão. E os *teus* sócios? Empatei Alice dizendo-lhe que estavas só a despachar papelada. Mas como vais explicar a tua atividade criminosa a ela e a Neal? Aos teus doentes? O teu comportamento colocou em risco o futuro do teu precioso consultório.

– Explicarei o meu comportamento tal como o expliquei aos detetives, a ti e ao advogado de defesa. Fiz o que era necessário para tratar uma doente. Mesmo que mais ninguém compreenda isso, tenho confiança que Neal e Alice o compreendam. Teriam feito o mesmo.

– Correndo o risco de um processo por negligência médica? Acho que não. Nenhum deles seria tão imprudente.

– Não considerarei nenhuns potenciais processos. Não naquela altura. Estava apenas preocupada com o bem-estar de Lisa.

– Oh, é um argumento empolgante. Reconheço-lhe o mérito. O advogado até pode ganhar o caso com isso. Provavelmente até vai manipular esse roubo para parecer nobre e justo.

– Então porque estás tão zangado?

– Porque, como teu marido, gostaria de saber o que aconteceu nesses quatro dias que te transformaram de uma adulta racional e sensata que partiu de Atlanta na sexta numa fora-da-lei rústica.

– Isso não é um exagero bastante ridículo?

– Não do meu ponto de vista. A Emory que conheço, *conhecia*, teria levado a rapariga ao serviço de urgência se estivesse assim tão preocupada com o estado dela.

– Lisa recusou ir.

– Esse homem misterioso, Bannock, não influenciou a tua decisão de tratar a rapariga em casa?

– Ele suplicou-lhe que ligasse para o 911. Ofereceu-se várias vezes para a levar a uma urgência, apesar das estradas geladas. Foi apenas depois de ela recusar que ele... me envolveu.

– És uma mentirosa horrível, Emory.

– Sim, eu sei. Mas acontece que é a absoluta verdade.

Ele bufou de ceticismo quando se encaminhou para o bar que separava a zona de estar da cozinha.

Tinham alugado uma suíte num hotel de uma cadeia que não estava à altura dos padrões de Jeff, mas que ele considerava um enorme melhoramento em relação ao sítio onde passara as últimas noites por cortesia do departamento do xerife. A suíte era dúplex, com o quarto e a casa de banho no piso superior.

A caminho daquele hotel, vindos do departamento do xerife, Jeff parara numa loja de bebidas e comprara uma garrafa do uísque de malte que preferia. Serviu-se de três dedos.

– Queres um? – perguntou.

– A Emory que conheces não gosta de uísque.

Ele franziu o sobrolho com a piada dela.

– Isto qualifica-se como uma emergência. Queres alguma coisa do minibar?

– Não, obrigada.

– Avisa-me quando tiveres fome. Vou ter de sair e ir buscar alguma coisa. Ninguém nesta cidade ouviu falar de serviço de quartos. – Sentou-se numa poltrona e colocou os pés na otomana a condizer. Pressionando o polegar e dedo do meio nos olhos, suspirou. – Caramba, que pesadelo. Mas presta atenção. Vem aí mais.

Emory, semideitada no sofá, a apertar uma almofada contra o peito, observava-o. Perturbava-a perceber que procurava detetar desonestidade ou perfídia, o que, naquelas circunstâncias, era injusto. E no entanto...

– Jeff?

– *Hum?*

– Como soubeste que os meus óculos de sol se partiram quando caí?

Ele puxou a mão do rosto e olhou para ela.

– O quê?

– A noite passada, perguntaste-me quem consertara os meus óculos de sol. Como sabias que se tinham partido?

Ele pareceu perplexo. Ela repetiu:

– Como sabias que se tinham partido?

– Por causa do conserto mal feito. Estavas a usá-los na sexta quando saíste de casa. Estavam bem. Ontem, quando estavas a despir as tuas roupas no serviço de urgência, uma auxiliar, alguém, entregou-me as tuas coisas. Tive de assinar um impresso de inventário. Quando estava a guardar tudo no saco de plástico que eles providenciaram, reparei que uma das hastes dos óculos tinha sido colada.

– Mal se nota.

– Eu reparei. Sabes que tenho olho para os pormenores.

Emory assentiu.

– Mais alguma coisa? – perguntou ele, tenso.

– De facto, sim. Tens um caso?

Jeff ferveu de irritação durante um momento, depois virou-se para a mesa de apoio junto ao cotovelo e pousou, decidido, o copo de uísque em cima.

– Deixa-me esclarecer isto. Tu é que desapareceste sem explicação e, como veio afinal a saber-se, andaste numa pândega de crime com um homem mistério sob cujo teto passaste quatro noites e *eu* é que tenho de me colocar na defensiva?

– Tens...?

– Sim!

Ela inspirou fundo, para estabilizar.

– Desde quando?

– Agora não faz diferença. Terminou.

– Oh?

– Pus termo a isso.

– Repito, desde quando?

– Recentemente.

– Recentemente como? Desde o meu desaparecimento?

– Bem, não seria muito decente, não é, andar a divertir-me com uma amante quando o destino da minha mulher era desconhecido.

– Os detetives sabem do caso?

– Descobriram sim.

– Quando te estavam a investigar?

– É verdade. Ficaram encantados por te encontrar viva, mas creio que ficaram desapontados, sobretudo Grange, por não me poderem acusar de assassinato.

– E tu?

– E eu o quê?

– Encantou-te que eu aparecesse viva? Ou não?

A pele que cobria o rosto dele retesou-se.

– Isso nem sequer merece uma resposta.

– O que não é uma resposta, pois não? – murmurou ela.

Se a ouviu, não o demonstrou. Estendeu a mão para a sua bebida e beberricou de novo.

– Quem é a mulher? – perguntou ela.

– Não interessa.

– Para mim interessa.

– Ela não tem importância, Emory. Não comecei o caso por causa de um desejo ardente ou amor não correspondido.

– Querias magoar-me.

– Suponho que sim.

– Porquê?

– Contrapartida. Tu tens os teus outros amores e absorvem-te. São muito mais importantes para ti do que eu poderei alguma vez esperar ser. O teu consultório médico, os teus doentes, as tuas maratonas, as tuas obras de beneficência.

– Não teve nada a ver com os ensaios clínicos do fármaco e a minha opinião pouco entusiasta?

– Não mais do que qualquer outra coisa.

– Oh, estou a perceber. Há mais ofensas de que nem sequer estou ciente.

– A questão é precisamente essa. Como minha mulher, devias estar ciente delas, não devias?

Ela ia falar, mas ele ergueu a mão.

– Comecei o caso porque me tinhas transformado num cliché. Irritava, Emory. Eu ficava ressentido com o papel do seguidor pouco apreciado, uma sombra na tua presença deslumbrante. Fui à procura de atenção e afeto. – Engoliu o resto do uísque. – E desfrutei muito de ambas as coisas.

– Então porque terminaste?

– Lidar com a tua pequena escapadela tem-me mantido ocupado. Mal tive tempo para pensar nela, muito menos fodê-la.

As palavras sarcásticas tinham a intenção de magoar. Eram dolorosas, mas não a feriram tanto como poderiam ter ferido há uma semana. Também se devia ter sentido satisfeita ou vingada com a confissão dele. Curiosamente, não se sentiu. Aquilo só a fez sentir-se ainda mais alienada dele. Na verdade, não dormira com outra pessoa por despeito. Mas Jeff sim.

O ressentimento dele não constituía uma surpresa. Sentira-o, ocasionalmente. Mas, até àquele momento, não percebera como estava incrustado tão fundo. Não pôde deixar de perguntar a si mesma até onde a hostilidade dele se alargaria.

Sobressaltou-se quando a campainha da porta tocou.

Jeff levantou-se para atender, desaparecendo por instantes no pequeno átrio da suíte. Emory ouviu-o dizer:

– Quem é?

– Agente especial Jack Connell. FBI.

Capítulo 32



Ao ouvir o homem apresentar-se, o coração de Emory apertou-se e desabou como uma pedra. Ergueu-se, virando-se para a entrada, quando Jeff conduziu Sam Knight e o recém-chegado para a zona de estar.

Jack Connell tinha altura e peso médios e quarenta e tal anos. Vinha de calças de fazenda, casaco desportivo e sobretudo, mas, em vez de uma gravata, usava um lenço de lã à volta do pescoço. Havia meias-luas escuras por baixo dos olhos castanhos. Parecia estafado de muitas viagens.

– Ele insistiu em vir logo falar convosco – disse Sam Knight. O detetive não parecia mais feliz em relação ao encontro do que ela estava. – O miúdo de Grange está doente, por isso disse-lhe que estava dispensado.

– Doutora Charbonneau. – O agente do FBI aproximou-se dela, retirou a luva de pele e estendeu a mão direita. – Jack Connell.

– Como está? – Apertaram as mãos. – Ouvi dizer que se perdeu no nevoeiro.

Ele sorriu com um desconsolo que o tornava humano e simpático. Ela resistiu à atração dessas características. Não queria que o homem que perseguia Hayes Bannock fosse cativante.

– Tive receio de cair por um precipício – explicou ele –, por isso parei num quiosque de estrada que vende amendoins cozidos. Só um alpendre e uma vedação de galinhas a proteger o caldeirão. Não havia por lá ninguém, mas fiquei por ali até o sargento Knight aparecer e me guiar o resto do caminho.

– Sei por experiência própria como o nevoeiro nas montanhas pode ser impenetrável.

– Quero saber tudo sobre isso.

Ficaram ali parados num grupo constrangido até que ela convidou toda a gente a sentar-se. Os dois que tinham chegado desembaraçaram-se dos seus agasalhos. Com uma notável falta de cordialidade, Jeff ofereceu-lhes qualquer coisa do minibar. Jack Connell declinou bebidas. Knight pediu uma *Coca-Cola Diet*, acrescentando:

– E há aí alguns amendoins ou qualquer coisa para comer?

Emory voltou ao seu lugar no sofá. Connell escolheu a poltrona, mas chegou a otomana para o lado. Cedendo o palco ao agente do FBI, Knight levou a sua bebida enlatada e um pacote de pipocas com sabor a queijo *cheddar* para a mesa de jantar. Jeff sentou-se ao lado de Emory. Ela deu por si a afastar o joelho

para ele não lhe poder tocar.

Connell começou:

– O sargento Knight forneceu-me uma visão geral da sua experiência. Mal li o *e-mail* dele, vim logo para cá. Aquela impressão digital é a primeira coisa tangível...

– Desculpe. Impressão digital?

Ele explicou-lhe como tinha sido encontrada.

– É a primeira pista tangível que tenho de Bannock há anos.

– O que fez ele?

– Já lá chegaremos, doutora Charbonneau. E, a propósito, nós aqui nesta sala e o sargento Grange somos os únicos com conhecimento desta informação e, por enquanto, quero que se mantenha assim. Posso contar com a vossa discrição?

– Qual é o grande segredo? – perguntou Jeff. – Esse indivíduo é um fugitivo ou não estaria aqui.

– É um assunto delicado – retorquiu Connell e depois pôs Jeff de lado e dirigiu a sua atenção para Emory. – Estou muito interessado em ouvi-la descrever em primeira mão o tempo que passou com Bannock. Comece desde o início e conte-me tudo.

Ela assim fez, omitindo os aspetos pessoais.

– Presumo que saiba da alteração com os irmãos Floyd?

– O sargento Knight informou-me disso – replicou Connell. – Bannock deixou-os em mau estado.

– Depois de sair de casa deles, levou-me a Drakeland e largou-me perto da estação de serviço.

– Ele disse porque a largou à beira da estrada?

– Não. Mas... pediu-me de facto para não telefonar a ninguém até chegar à estação de serviço.

– Dando-lhe um avanço – comentou Connell.

Ela não lhe disse que fora tal e qual o que Bannock dissera.

– Como estava ele? – perguntou o agente. – Quer dizer no geral. Saudável e em forma?

– Sim.

– Parecia deprimido?

– Não lhe chamaria depressão.

– O que lhe chamaria?

Emory procurou uma palavra que descrevesse a reticência de Hayes Bannock.

– Introspetivo.

– *Hum*. Foi hostil?

– Em relação aos Floyd? Sim.

– Em relação a si.

– Não.

– Em relação a mais alguma coisa?

– Como por exemplo?

– O governo.

Ela abanou a cabeça.

– Não especificamente.

– Qual era a atitude dele em relação à vida em geral?

De novo, ela levou tempo a encontrar a palavra certa.

– Parecia resignado.

O agente assentiu, como se entendesse o que ela queria dizer.

– De que conversaram?

– Nada substancial. Até há poucas horas, nem sequer sabia o nome dele.

– O que lhe contou sobre ele?

– Praticamente nada. Calculei que tivesse estado no exército e ele mais ou menos confirmou. Não disse onde tinha estado nem em que qualidade, mas fiquei com a impressão que vira combate.

– É verdade.

– Em relação ao tema da guerra, disse que não a recomendava.

– Não recomendaria. Esteve no Afeganistão. Dois destacamentos. Exército puro e duro. Ele mencionou a família?

Nenhuma noiva. Nenhuma mulher. Nunca. Pigarreou para afastar uma súbita rouquidão na garganta.

– Disse-me que não era casado.

– Não, mas tem uma irmã e sobrinha em Seattle.

Seattle, onde lhe pagavam a renda.

– Que idade tem a sobrinha?

– Doze.

Recordando como ele se comportara com Lisa, pensou que ele conseguiria conquistar com facilidade o afeto de uma sobrinha de doze anos. E a irmã?

– Ele e a irmã são próximos?

Connell fez uma careta.

– Como não acreditaria. De facto, há apenas pouco mais de vinte e quatro horas, estive na casa dela a tentar espiar, persuadir, extrair-lhe informação. Ela afirmou que não sabia onde ele estava.

– Talvez não soubesse.

O agente encolheu os ombros, indicando que já não era um problema. Bannock fora encontrado. Ou quase.

– O que mais me pode dizer sobre ele, doutora Charbonneau? – perguntou.

Tem uma tatuagem de um relâmpago mesmo por cima da virilha. Quando delineei o desenho com a minha língua, ele avisou-me das consequências. Não liguei ao aviso.

– Cumpre as suas promessas – disse com suavidade. – Lê muito. Conserta coisas. – Olhou para Jeff. – Colou a haste dos meus óculos de sol. Também constrói coisas. – Descreveu as estantes, o barracão não terminado.

Connell disse:

– Tem um curso de engenharia civil.

Ao lado dela, Jeff começara a remexer-se.

– Isto é tudo muito fascinante, Mister Connell. Mas tem algum interesse? O que tem isto a ver com o que Bannock fez a Emory?

Connell saltou em cima daquilo:

– Está a presumir que ele atacou a sua mulher, a pôs inconsciente e a levou.

– Você não?

– Ficaria muito surpreendido – replicou o agente. – Chocado de facto.

Aquilo deixou Jeff espantado. Emory também. Olhou para Knight, cuja mão parara no ar entre a embalagem das pipocas e a boca aberta.

Connell continuou concentrado nela.

– É isso que acredita que lhe aconteceu naquele dia no trilho?

– Quando acordei na cabana dele, sem saber onde estava ou como lá fora parar, a minha reação inicial foi ter medo dele. E, durante os dois primeiros dias, continuei desconfiada e cautelosa. Até fiz um par de tentativas inúteis para partir.

– Ele impediu-a?

– As circunstâncias. O tempo. Depois a situação de Lisa.

– *Okay*. Estava a dizer?

– Com o passar do tempo, comecei a acreditar que ele não me fizera mal nem tencionava fazê-lo.

– Na verdade, doutora Charbonneau, acredito que estive em segurança todo o tempo que passou com ele – afirmou Connell. – Teria sido totalmente incharacterístico da parte dele ver uma mulher sozinha ou alguém contra quem não tivesse motivo de queixa e atacá-los. Também não é um predador sexual. Não é isso que ele faz.

– Então o que *faz* ele? – perguntou Knight.

– Castigo. Suponho que algumas pessoas o denominariam *vingança*, mas é menos pessoal que isso.

– Acredito que os irmãos Floyd levariam muito a peito o que ele lhes fez – disse Jeff.

– Na verdade, castigo condiz – observou Knight. – A agente que falou com Lisa conjeturou que os irmãos tinham andado a meter-se com ela e que tinha sido assim que ela engravidara.

Olharam todos para Emory que não disse nada. Mas a sua expressão pesarosa devia tê-la atraído.

Jack Connell suspirou quando passou a mão pela cara.

– Isso atearia o rastilho de Bannock, sem dúvida. Mas o rancor dele contra os Floyd data de há mais tempo do que as sevícias infligidas à irmã.

Fitando Emory, continuou:

– O facto de ter ido viver para as montanhas não foi uma coincidência. Descobriu Norman e Will Floyd. Estava preparado para semear a destruição e estava só à espera do momento certo. Contou-lhe isso?

– Inferi-o e quando o perguntei ele não negou, mas também não explicou o que tinha contra eles.

– Já lá chegaremos também. Primeiro quero perguntar-lhe sobre o esconderijo das armas. Knight disse-me que Bannock disparou contra os Floyd.

– Não – retorquiu ela. – Tinha uma pistola, mas nunca a usou. Nem sequer puxou dela.

Em sua própria defesa, Knight falou:

– Norman Floyd disse ao nosso agente que Bannock disparou ambos os canos de uma caçadeira contra eles.

– Isso é mentira – disse Emory com ênfase. – A caçadeira era deles, não dele, e usou-a para dar cabo da televisão deles. – Os três homens demonstraram espanto, induzindo-a a relatar as circunstâncias.

– Isso não faz sentido – disse Knight. – Ele queria impedi-los de receberem a recompensa, mas ele próprio não a recebeu.

– Também não faz as coisas por dinheiro – comentou Connell.

– Não seria muito mais esclarecedor se nos dissesse o que ele *é* em vez do que *não é*?

Connell olhou para Jeff, mas não acusou a observação maliciosa. Voltando a Emory, começou a fazer-lhe as perguntas que os detetives já tinham coberto, mas ela respondeu de forma paciente. Pediu desculpa por não saber a marca e modelo da *pick-up*.

– Não se sinta demasiado mal – disse-lhe o agente com um sorriso forçado. – De qualquer modo, já se terá livrado dela por esta altura. Ele mencionou que ia partir?

– Partir da cidade? – perguntou ela.

– Partir da zona. Mudar-se.

Ela abanou a cabeça.

– Mencionou um treinador de futebol em Salt Lake?

– Não.

– Um padre no Kentucky que renunciou à sua paróquia e ao sacerdócio, acreditam alguns sob ameaça de morte?

– Não.

– Uma cabeleireira em Wichita Falls, no Texas?

Emory abanou a cabeça, desorientada.

– Porque pergunta? O que têm essas pessoas em comum?

O agente inclinou-se para a frente e apoiou os antebraços nas coxas, falando com ela diretamente, como se fossem as únicas pessoas na sala.

– Têm duas coisas em comum. Hayes Bannock. – Fez uma pausa, inspirou fundo. – E um tiroteio em massa na Virginia que matou oito pessoas.

Só pensaste que perdeste toda a emoção na Virginia. As palavras dele para Norman Floyd.

O estômago de Emory deu uma volta. Sem nem mesmo pedir licença, saltou do sofá e subiu as escadas em tempo recorde. Ao chegar ao quarto, bateu com a porta e encostou-se a ela como se para não deixar entrar os pensamentos horríveis que a tomavam de assalto.

Tiroteio em massa. Oito pessoas. Mortas.

Sentindo-se tonta e a precisar de ar, cambaleou até à porta de correr de vidro que abria para uma varanda estreita. Foi até à balaustrada e agarrou-a, insensível ao frio cortante do metal.

Oito pessoas. Mortas.

Inspirou fundo o ar gelado. O vapor das suas expirações misturou-se com o nevoeiro que rodopiava em volta.

Pressentindo de repente uma presença, virou a cabeça.

A apenas alguns passos dela, de pé na varanda da suíte adjacente, encontrava-se...

Hayes Bannock.

O coração apertou-se-lhe de terror. E deu um salto de inexplicável alegria.

– Não grites. – Ele falou no sussurro familiar que parecia sempre um tanto surpreendente. – Não faças nada até olhares para isto. – Estendeu a mão. Na palma da luva jazia um berloque prateado. Ela reconheceu-o instantaneamente.

– Onde arranjaste isso?

– Por baixo de ti, no sítio onde supostamente caíste.

Deu-lhe uns meros segundos para assimilar aquilo e depois:

– Vais ficar com eles? Ou vens comigo?

Capítulo 33



Antes do encontro, Sam Knight não tinha tido muita coisa boa a dizer a Jack sobre o marido de Emory Charbonneau.

– Quando suspeitámos que ele dera uma de divórcio instantâneo, Grange e eu fizemos-lhe um desserviço. Mas ele tem um grande ego. Arrogante também. Quando aparecermos sem avisar, pode contar que ele se comporte como um parvo na melhor das hipóteses.

Jack entrara com expetativas baixas e tudo o que Jeff Surrey dissera e fizera desde que tinham chegado correspondera à caracterização de Knight. Jack não sentira simpatia pelo homem e era evidente que o sentimento era mútuo.

A partida abrupta de Emory lá para cima, o bater da porta do quarto no patamar deixara os três homens suspensos num silêncio tenso. Depois de se terem passado vários momentos e ninguém se ter mexido, Jack lançou uma olhadela a Jeff.

– Ela está bem?

– Pareceu-lhe bem? Depois da bomba que acabou de deixar cair, estava à espera que ela ficasse bem?

– Talvez devesse ir lá acima ver como ela está.

Jeff expeliu o ar.

– Vamos dar-lhe um instante. – Levantou-se e aproximou-se do bar. – Ela recusou uma bebida forte antes de vocês chegarem. Poderá ter mudado de ideias. – Serviu um uísque e fitou-o pensativo ao mesmo tempo que o fazia girar no copo.

– Visto que conhece a sua mulher melhor que ninguém – disse Jack –, eu...

– Possivelmente não a conheço nada.

– O que quer dizer?

Jeff acercou-se para o fitar.

– Quero dizer que nunca teria pensado que eu e ela nos encontraríamos em circunstâncias tão sórdidas. Emory é muito estável e de confiança. Esse Bannock deve ter-lhe lançado algum feitiço forte. Ela não está nada como é.

– De que forma?

– Formas, plural. Por norma, ela é autoconfiante e determinada. Agora mostra-se assustadiça como um

coelho, nervosa, agitada. Anda absorta, esquecida, distraída quando em geral é concentrada. Quase demasiado. Continuo?

– Estou a ouvir.

O homem não precisava de mais encorajamento.

– Emory é uma pessoa virada para a frente. Mas agora parece presa dentro do raio daquela cabana com Hayes Bannock, ainda envolvida na detestável situação para que ele a arrastou com aquela família de pacóvios. Seja lá o que for que testemunhou e vivenciou continua a influenciá-la. Mudou-a. Espero bem que os efeitos não sejam irrevogáveis. Se ela não reverter para a Emory Charbonneau que toda a gente conhece, as sequelas disto tudo poderão ser catastróficas. Para ambos. Ainda mais do que já foram – disse, lançando um olhar furioso a Knight.

Voltando a Jack, acrescentou:

– Claro que a sua chegada representou uma grande recaída na sua recuperação e regresso a uma vida normal. Obrigado por isso, agente especial Connell.

Usando aquilo como frase para sair de cena, levou o copo de uísque com ele e subiu as escadas. Lá em cima, bateu ao de leve na porta do quarto.

– Emory? – Não obtendo resposta, rodou a maçaneta e abriu a porta, fechando-a depois com suavidade atrás de si quando entrou no quarto.

Knight sacudiu sal das pipocas dos dedos.

– Disse-lhe que ele era um idiota.

– Estava a ser generoso. Tem tudo a ver com ele, não é?

– Praticamente, pois.

– Não demonstrou qualquer compaixão por ela pela provação por que passou.

– Oh, ontem estava todo numa dessas – retorquiu Knight. – Mas depois de ver o vídeo do arrombamento e roubo esta manhã, ele...

– Ela desapareceu!

O grito de Jeff no patamar lá de cima fê-los erguer de um salto.

– O quê?

Jeff olhou lá para baixo para Knight com desdém.

– Que parte é que não entendeu? Ela não está aqui – gritou, abrindo muito os braços. – Em sítio nenhum. A porta da varanda está aberta.

A primeira coisa que veio à cabeça de Jack foi suicídio. Um salto mesmo de um segundo andar podia ser fatal se fosse dado com determinação. Carregou pelas escadas acima, empurrou Jeff do seu caminho e atravessou o quarto em poucas passadas. Saiu para a varanda e inclinou-se da balaustrada, verificando o parque de estacionamento lá em baixo.

– Já olhei – disse Jeff. – Ela não está aí em baixo. Se saltou, sobreviveu.

Knight, que saíra porta fora a correr e dera a volta ao edifício, surgiu à vista, a bufar do esforço.

– Vê alguma coisa?

Jack perscrutou o parque de estacionamento e mais além, à procura de algum movimento revelador, quando todo o raio da paisagem era um caleidoscópio de neve e nevoeiro em deslocação.

– Porra! – Bateu com o punho na balaustrada e depois virou-se para voltar a entrar no quarto. Ao fazê-lo, reparou que a porta para a varanda vizinha também se encontrava aberta. O quarto respetivo estava imerso em escuridão.

– Cubra a frente – berrou lá para baixo para Knight.

Passando a perna por cima do muro baixo que separava as duas varandas, aproximou-se do quarto escuro, a pensar se estaria prestes a incomodar alguém que gostava de dormir com a janela aberta mesmo

com um vento norte forte a soprar.

Mas a cama estava muito bem feita e parecia intocada.

Entrou na suíte que era uma imagem de espelho da ocupada por Emory e Jeff. Atravessou o quarto, saiu para o patamar e acendeu a luz por cima das escadas, pronto para se identificar como agente do FBI se surpreendesse alguém lá em baixo. Mas o piso inferior também se encontrava vazio e a porta para a suíte...

Tinham feito saltar o mecanismo da fechadura que jazia no chão.

– O mesmo truque da porta no consultório do médico – disse Knight quando empurrou a porta do outro lado e entrou, tendo-se acercado da suíte pela frente.

– Filho da puta! Filho da puta!

Jeff apareceu por trás de Knight, mas Jack reparou que tivera tempo de vestir o casaco antes de se juntar a eles. De olhos em Jack, Jeff disse:

– É tudo o que têm a dizer? Filho da puta? Em que página do manual de treino do FBI é que isso se encontra?

Farto dele, Jack diminuiu a distância entre ambos. Espetou o dedo indicador no peito de Jeff, o golpe pouco amortecido pelo tecido espesso do casaco elegante.

– Escute, seu idiota, se tivesse ido lá acima logo, ver o que se passava com a sua mulher, era muito possível que ela ainda aqui estivesse.

– Não pode acusar-me disto. É evidente que o vosso fugitivo raptou Emory pela segunda vez.

– Nada é evidente. Enquanto tentamos descobrir o que lhe aconteceu, há uma coisa que não devia esquecer.

Jeff arqueou uma sobrancelha.

– Oh?

– Se Hayes Bannock tem a sua mulher, você se calhar está no topo da lista de pessoas que o chatearam. Tenha medo.

Hayes ajudara-a a passar por cima do muro baixo que separava as varandas. Tinham-se apressado pela suíte vizinha e saído pela porta.

Ela sentia-se quase zozna de incredulidade com o que estava a fazer. Fugia para o desconhecido com um homem procurado por causa de um tiroteio em massa. Porém, sentia-se muito mais segura com ele do que com os agentes da lei que estavam agora a bajular Jeff por terem suspeitado dele como assassino.

Dar a mão a Hayes e escapar com ele fora instintivo. Não tinha razão nenhuma para confiar nesse instinto, mas confiava. Seguia-o a correr. Literalmente.

Em silêncio e meio cegos pela neve que soprava, correram a toda a velocidade por entre os edifícios e através das ruas. Por fim, saíram da zona comercial e entraram num bairro residencial assinalavelmente degradado. Cães ladraram-lhes de trás de vedações de arame, mas ninguém saiu para verificar a natureza do distúrbio.

Não abrandaram até chegarem a um *sedan* de tamanho médio estacionado na esquina de uma rua marcada por sulcos de rodas. O modelo do carro era demasiado velho para comando à distância. Hayes usou a chave para destrancar a porta do lado do passageiro. Sem lhe fazer perguntas, ela deslizou para o assento e apertou o cinto, enquanto ele dava a volta ao capô e se sentava ao volante.

Como Connell predissera, abandonara a carrinha.

Mantendo-se longe de estradas principais, em ruas que serpenteavam bairros, ele guiou com cuidado e dentro dos limites de velocidade, aumentando pouco a pouco a distância entre eles e a suíte do hotel.

Contara-lhe que tivera êxito a evitar a captura e, mais uma vez, estava a provar ser fiel à sua palavra.

– Isto é um carro roubado?

– Não. Comprado e pago, registado sob um nome falso e guardado num miniarmazém para uma ocasião como esta.

– Porque o deixaste num bairro tão desagradável?

– Por isso mesmo. É desagradável. Montes de traficantes de droga naquela zona. Laboratórios de metanfetamina, calculo. Para sobreviver, toda a gente se mete na sua vida. Não veem nada; não contam nada. Razão principal, alguém tinha dado cabo da câmara de segurança montada no poste de iluminação.

Emory já não se sentia chocada com o raro poder de observação e conhecimentos que ele possuía sobre esse tipo de coisas.

– Eles sabem quem és, Hayes.

Ao ouvir o seu nome, ele rodou a cabeça e olhou para ela, depois guinou o carro para a berma, travou a fundo e deixou o motor a trabalhar em ponto-morto. Durante um instante de pânico, ela pensou que a ia forçar a sair.

– Já revistaram a tua cabana.

– Então parece que saí mesmo a tempo.

– Apanharam uma impressão digital. Foste identificado por um agente do FBI.

O fogo opala nos olhos dele cintilou.

– Agente do FBI?

– Veio direto de Nova Iorque.

– Merda! O agente especial Jack Connell.

– Conheces?

– Infelizmente. Anda atrás de mim há quatro anos.

– Quer-te a propósito de um tiroteio em massa na Virginia. Ouvi-te mencionar a Norman Floyd a emoção na Virginia.

Ele estudou-a durante um momento e depois disse:

– Sabendo isso, ainda assim vieste comigo esta noite, sem discussão?

Em voz rouca, ela replicou:

– Assim parece.

Ele continuou a olhar para ela através do vapor das suas respirações que se misturava. Depois ergueu o pé do pedal do travão e voltou à estrada.

Mesmo à saída dos limites da cidade de Drakeland, apanhou uma estrada estatal e virou várias vezes para estradas que se tornaram progressivamente mais estreitas e mais sinuosas. Ela não indagou para onde iam. Era óbvio que ele tinha um destino em mente. Revelou-se ser uma casa móvel, situada de forma semipermanente numa faixa de cimento orlada de vegetação morta. Estava afastada da estrada, mas ainda assim à vista. Seriam avisados se alguém se aproximasse.

Manteve os faróis ligados quando saiu e foi até à porta, abrindo-a com uma chave e ligando uma luz interior, antes de vir buscá-la e desligar o carro.

Emory subiu os três degraus e entrou na sala principal da estrutura retangular. Era pequena, compacta, mobilada de forma escassa e barata.

– Espero que não estivesses à espera de nada elegante – observou ele por trás dela quando fechou a porta e fez deslizar a tranqueta.

– Porém, o aquecimento funciona. Não terás frio durante muito tempo. – Estendeu o braço e sacudiu neve que se derretia do ombro da camisola dela.

Ela virou a cabeça e olhou para a mão dele pousada ali.

– Só agora percebo que me vim embora sem casaco.

– Adrenalina.

– Suponho que sim.

Os olhos dele continuaram fixos nos dela.

– Porque não me denunciaste?

– Disseste-me para não o fazer.

– Disse-te para não fazeres uma série de coisas. E fizeste-as na mesma.

– Confiei em ti.

Ele afagou o lado do pescoço dela com o polegar e depois retirou com rapidez a mão e deu um passo atrás. Despiu os agasalhos e empilhou as peças em cima da pequena mesa de jantar.

– Negócio perigoso, *Doc*. Confiar em mim.

– Estás a falar em perigo? Havia dois homens armados ali em baixo e qualquer deles te teria detido de bom grado. Correste um risco enorme para me tirar dali.

– Tinha de te afastar dele.

– Jeff.

– O teu marido – disse ele, com aversão palpável.

Do bolso das calças de ganga, pescou o berloque prateado. Quando lho mostrara na varanda, não tivera dúvidas nenhuma sobre se deveria ficar com Jeff ou fugir com Hayes.

Ela tirou-lhe o berloque das mãos e esfregou-o entre os dedos.

– Tiveste-o o tempo todo que estive contigo?

– Encontrei-o debaixo de ti quando te apanhei no trilho.

– Porque não mo mostraste? Eu podia tê-lo identificado logo.

– Tive receio que o quisesses de volta. – Parecia embaraçado por ter confessado aquilo e fez rolar os ombros num movimento defensivo.

– Querias uma lembrança minha? Muito sentimental. E muito diferente de ontem quando abriste a porta da carrinha e me disseste um adeus brusco. Parecias ansioso por te livrares de mim.

– E estava. Não matando os Floyd, já acertara as contas com eles. Devia ter partido ontem mal entreguei Lisa aos familiares. Devia ter-me ido embora e não olhado para trás.

– Em vez disso...

– Em vez disso, juntei-me à multidão à porta do hospital.

Aquilo espantou-a.

– Estavas lá?

– A dar tão pouco nas vistas quanto possível. Foste levada lá para dentro. Jeff ficou retido pelos repórteres que queriam uma declaração. Não me pareceu que se importasse com a atenção. Todo entusiasmado e importante, passou mesmo ao meu lado. Perto o suficiente para eu ver bem o fecho-éclair do seu casaco de esqui elegante.

– Reparaste que faltava a peça de puxar.

– E percebi o que tinha. – Deixou aquilo assentar. – Não distingo os símbolos dos estilistas. Ao princípio, presumi que tivesse caído do fecho do teu casaco de desporto. Ontem percebi que não. Caiu do casaco de Jeff quando ele te atacou.

– E pensou que me tinha morto.

Apesar de ter começado a suspeitar que Jeff estava de algum modo envolvido, era assustador e doloroso aceitar que ele pudesse ter sido tão frio, cruel e enganador. Por contraste, Hayes arriscara tudo para a proteger. Fitando-o nos olhos, disse:

– Vieste atrás de mim.

– Não te podia deixar com ele. Já tinha sido difícil levar-te de volta antes de saber que ele pretendia matar-te.

Mais valia Jack Connell não ter gasto o seu latim. O que lhe contara sobre Hayes Bannock não exercia efeito nenhum na vontade que sentia que ele a puxasse e lhe roubasse a respiração com um dos seus beijos. Deu um passo na sua direção, mas ele afastou-a.

– Tu e eu, continua a não poder acontecer.

Passou-se um segundo antes de acrescentar:

– Se pudesse, já te teria saltado para cima. – Falava num murmúrio rouco, rico em implicações carnais.

A própria voz dela estava pesada de emoção:

– Connell perguntou se tinhas mencionado que ias partir.

– Ele conhece-me. Nada mudou. Desaparecerei outra vez. Mas não antes de me assegurar que esse sacana assassino é apanhado. – Fez um gesto para ela se sentar. – Vamos conversar.

Ela recuou até ao sofá embutido e sentou-se na ponta da almofada. Ele puxou uma cadeira debaixo da mesa de jantar, colocou-a de costas diante dela e instalou-se de pernas escarranchadas.

– Devo dizer que não pareceste nada surpreendida por saber que Jeff é o culpado.

– Ele revelou o jogo. A noite passada, perguntou-me quem consertara os meus óculos de sol. – Falou-lhe do ataque de pânico e da conversa que tivera com Alice. – Eu contara a história várias vezes. Comecei a duvidar da minha memória. Alice salientou, de forma sensata, que eu estava exausta, sob o efeito de medicamentos e jurou que Jeff não me podia ter feito mal. Mas aquilo continuou a importunar-me. Esta noite confrontei-o. A explicação para saber que os óculos se tinham partido foi plausível, mas ele tomou uma atitude defensiva.

– Defensiva como?

– Desconfio há muito tempo que ele anda envolvido com outra pessoa. Perguntei-lhe à queima-roupa se tinha um caso e ele admitiu-o. Também confessou que estava ressentido comigo. Não sem alguma razão – acrescentou. – Mas muito mais do que eu me apercebera.

Hayes franziu o sobrolho.

– O problema é que o ressentimento é um motivo, mas não é prova.

– Esse berloque é.

Ele abanou a cabeça.

– Podias tê-lo tirado tu do casaco dele e transformado Jeff no mau da fita como vingança pela traição dele. Ou os investigadores sabem do caso dele?

Com pesar, ela assentiu.

– Se eu levantasse a questão da peça desaparecida do fecho-éclair, seria a minha palavra contra a dele quanto ao lugar onde ele a perdera e quando.

– Então ainda bem que guardei aquela pedra.

– Tinha-me esquecido disso! – exclamou ela. – Ainda a tens?

– Oh, sim. Uma queda grave podia ter provocado a concussão. Até o golpe. Mas levaste uma pancada que deixou fios de cabelo na pedra. Aquilo incomodou-me, o suficiente para pensar que era melhor guardá-la. Foi também uma das razões principais para não te ter largado num serviço de urgência quando te encontrei. Se aquela pedra tivesse sido uma arma, a pessoa que a tinha brandido...

– Continuava a constituir uma ameaça.

– Correto. Como se viu, o meu palpite estava certo. Jeff era uma ameaça até me dares a mão naquela varanda.

– Porque não me contaste logo as tuas apreensões quando recuperei a consciência? Porque não me

explicaste na altura por que razão sentias relutância em me levar a um serviço de urgência?

– No estado em que te encontravas, ter-te-ia acalmado se eu tivesse começado a perguntar quem na tua vida poderia querer matar-te?

Emory teve a elegância de se mostrar mortificada.

– Se havia um vilão, eu era a escolha lógica. Depois descobriste o raio da pedra e isso confirmou-o.

– Parecia tão ameaçadora – retorquiu ela, recordando o medo que sentira quando a vira. – Conseguem-se tirar impressões digitais de uma superfície como aquela? O que poderá provar?

– O teu sangue e cabelo serão analisados.

– O ministério público ainda terá de provar como lá foram parar. Um acidente? Ou com intenção criminosa?

– Não sei para que servirá, mas é melhor tê-la do que não ter. Quem investigou o teu desaparecimento?

Depois de ela lhe falar de Knight e Grange, ele perguntou:

– Tens bastante confiança neles? Mesmo com duas provas que levantam dúvidas sobre a tua «queda», levar-te-ão a sério ou rejeitar-te-ão como esposa ciumenta e vingativa?

– Não tenho a certeza – replicou ela com sinceridade.

– Antes de arriscares e te expores, tens de ter a certeza em relação a eles, *Doc*.

– Nenhum deles gosta de Jeff, mas têm-se mostrado deferentes e contritos por terem desconfiado dele. Perdi muita credibilidade quando eles viram aquele vídeo.

– Vídeo?

– Oh! Não sabes disso.

Quando ela acabou de explicar, ele abanava a cabeça com auto-desaprovação.

– Estava preocupado com um sistema de alarme, detetores de movimento e câmaras de segurança, mas o raio de uma câmara escondida nunca me ocorreu. Terei de me lembrar disso.

– Para a próxima vez que cometeres um crime de classe H?

Ele arqueou uma sobrancelha.

– Aprendeste muito hoje.

– Mais do que queria. Onde ia eu?

– Perdeste credibilidade.

– Eles queriam saber quem era o meu cúmplice e não acreditaram em mim quando lhes disse que não sabia como te chamavas. Interrogaram os Floyd, até Pauline e Lisa. Todos ficaram também com amnésia em relação a ti, o que foi muito frustrante para Knight e para Grange. – Contou-lhe a excursão à cabana.

– Lamento que tivesses de passar por isso.

Ela sorriu com tristeza.

– A pior parte foi ver a tua cabana toda revirada.

– É só madeira e metal, *Doc*.

– Eu sei, mas tinha... significado. Fiquei contente por Jeff nunca lá ter entrado dentro.

– Estavas com medo que ele visse o teu sentimento de culpa?

– Não sinto qualquer culpa – replicou ela com calma. – Não queria que ele contaminasse as minhas recordações do tempo que passámos juntos.

Fitaram-se nos olhos durante um momento antes de ela continuar:

– Durante todo o dia, fingiu ser uma rocha de apoio para a esposa que se virara para o crime. Esta noite, quando ficámos pela primeira vez sozinhos, descarregou a sua fúria.

– O que o enfurece de facto é teres aparecido viva. Ficou sem milhões.

– Não creio que tenha a ver com a minha herança. Isso é quase demasiado cliché para ele. Tem a ver com orgulho.

– E a outra mulher?

– Jeff não me disse nada sobre ela exceto que não tem importância nenhuma.

– Acreditas nele?

– Estranhamente acredito. Não o consigo ver governado pela paixão. – Baixando os olhos para a mão, revirou a aliança de casamento em volta do dedo. – O amor não foi a sua motivação para tentar matar-me. Nem sequer tenho a certeza se houve alguma vez amor entre nós.

Não a pressionou para uma explicação, mas o seu silêncio convidava-a a explicar se o desejasse.

– Conte-te como os meus pais eram importantes para mim. Chorei a morte deles durante muito tempo. Mesmo depois de me estabelecer em Atlanta, ainda me achava vulnerável, um feixe de emoções à flor da pele. Quando estávamos a organizar o consultório, a minha amiga Alice apresentou-me a Jeff. Ele era encantador e educado, mas também o epítome do pragmatismo. Controlado, de cabeça fria. Mesmo quando eu era acometida por um ataque de choro ou saudades dos meus pais, ele não se envolvia na minha dor. Mantinha-se à parte. Na altura, eu disse comigo mesma que ele era tal e qual o que eu precisava, alguém que me faria aguentar, seguir em frente, ultrapassar a situação. Disse comigo mesma que se ele tentasse consolar-me rejeitaria as tentativas dele por serem insinceras. Mas ele nunca tentou. Nunca ofereceu uma única palavra de consolo. Vejo agora que o distanciamento não era por consideração para comigo, mas porque simplesmente não estava para se maçar.

Soltou uma risada pesarosa.

– As qualidades que ao princípio me atraíram nele são as qualidades que são agora tão repulsivas.

Esperou vários segundos e depois olhou diretamente para ele.

– Parece que prefiro as minhas emoções à flor da pele. Não tinha percebido quanto até àquela noite contigo. – Estendeu o braço e pousou a mão sobre a dele, que estava apoiada nas costas da cadeira. – Apesar do que o agente Connell alega, não acredito que tenhas morto oito pessoas inocentes.

Capítulo 34



— **A**inda estavas levantada?

— Jeff? — disse Alice um pouco tonta. — Levantada? Não. Estava na cama, mas não a dormir.

Ele não queria saber se a tinha despertado de um coma.

— Parecias esquisito quando te telefonei há bocado — observou ela. — Porque não me voltaste a telefonar? Pensei que ias passar cá a buscar o carro de Emory. Chegaram bem a Atlanta?

— Nada está bem.

— O que se passa?

— Nem sei por onde começar. Mas a conclusão final é que Emory desapareceu outra vez.

— *Desapareceu?* — De repente, ela parecia muito desperta.

Meia hora antes, o sargento Grange juntara-se ao grupo. Usando jargão policial e acrónimos, Knight e Jack Connell tinham-no informado dos últimos acontecimentos. Entretanto, dezenas de outros agentes andavam lá fora a tentar apanhar o rasto de Emory. A neve começava a acumular-se, tornando ainda mais difícil a busca de vestígios de pneus e pegadas.

Porém, tinham descoberto dois conjuntos de rastos mesmo à porta da suíte vizinha. As pegadas das botas de montar de Emory não indicavam que tivesse havido luta ou sequer qualquer hesitação da parte dela. A julgar pelo traçado distinto das solas das botas, Knight calculara que ela fora de boa vontade com o conjunto muito maior de pegadas e Connell concordara.

Jeff estava a precisar de todos os milésimos de fria razão e autocontrolo para não bater nalguma coisa ou arrancar o cabelo. Mas não podia deixar que a ira o dominasse. Tinha de continuar a pensar com calma e de forma prática.

Quase sem eles terem dado por isso, pedira licença para telefonar a Alice.

— Se Emory contactar alguém, será ela — disse-lhes.

Mas o espanto de Alice apagara essa fraca esperança.

— Partiu há cerca de meia hora. Acreditamos que foi com aquele homem da cabana agora famosa. Sabemos finalmente como se chama. Hayes Bannock.

— Oh, Jeff.

O gemido emotivo dela buliu-lhe com os nervos. Esta noite, as pessoas diziam-lhe as coisas mais

estúpidas e inúteis.

– Não sabes da missa a metade. Ela e esse homem foram cúmplices num crime. – Contou-lhe do roubo.

– Não posso acreditar que Emory tenha feito isso!

– Eu também não teria acreditado se não o tivesse visto com os meus próprios olhos.

– Acusaram-na?

– Não. Calculam que ela foi coagida a participar, embora eu não esteja convencido que a coação tenha sido necessária. Havia uma rapariga. – Falou-lhe da família dos Floyd e de como tinha influenciado a questão.

– Isso é tudo tão bizarro – murmurou Alice.

– Ainda mais bizarro é onde essas pessoas vivem, embora *subsistir* fosse uma palavra mais apropriada. – Em termos depreciativos, descreveu a estrada que tinham apanhado para chegar à cabana de Bannock. – No meio do nada é um eufemismo para aquela rusticidade. Os Floyd são os seus vizinhos mais próximos e não por acaso. Parece que Bannock já tinha os irmãos debaixo de olho por causa de algum ressentimento passado. Sabe Deus o quê. Alguma confusão sórdida, tenho a certeza. Connell disse...

– Quem é Connell?

– Oh, isso é a melhor parte. É o raio do FBI.

– Como se envolveu o FBI?

– Hayes Bannock anda a fugir a Connell há anos. Alguma coisa a ver com um tiroteio em massa.

– Não estás a falar a sério.

– Receio que sim. Apanharam uma impressão digital dele na cabana. Informaram Connell. Ele veio logo. Vinte minutos depois de se encontrar com ele e lhe contar a sua aventura na montanha, Emory escapou-se, quase de certeza com Bannock e, neste preciso momento, o rasto deles está a ser obscurecido pela neve. – Fez uma pausa e inspirou fundo. – Creio que é tudo.

O discurso foi seguido por um silêncio longo e carregado. Depois Alice inspirou, trémula.

– Jeff, isto é uma trágica reviravolta nos acontecimentos.

– Achas?

– Não te armes em esperto comigo.

– Então diz alguma coisa menos banal.

– Muito bem. É óbvio – continuou, passados uns segundos – que Emory perdeu a noção da realidade.

Ele pressentiu que uma importante nota de rodapé fora deixada por dizer.

– Alice? Querida? Sabes alguma coisa que eu não saiba?

– Não tenho a certeza se é relevante.

– Conta-me e deixa-me decidir qual a relevância.

– Não posso trair a confiança de Emory.

– A tua lealdade para com ela é admirável, mas, se me estás a esconder alguma coisa e também das autoridades, estás a apoiar o comportamento bizarro dela. Ela está a sacrificar a sua reputação e a pôr em risco o futuro do consultório. Está em causa a carreira dela, bem como a minha, a tua e a de Neal. Não só isso, mas a vida dela pode estar em perigo. Este homem com quem ela está é um criminoso violento. Meu Deus, Alice que se lixe a confidencialidade e conta-me o que sabes!

Ela inspirou muito fundo.

– Ela telefonou-me do hospital a noite passada. Na verdade, hoje de manhã cedo. Parecia à beira da histeria. Respirava de forma errática, como se estivesse a ter um ataque de pânico.

– O que o desencadeou?

– Os óculos de sol. Perguntou-me se eu me lembrava de ela ter mencionado a dada altura durante o dia

que se tinham partido.

– Telefonou-te às primeiras horas da madrugada para conversar sobre os óculos de sol?

– Porque tu lhe tinhas feito perguntas sobre o concerto.

– Caramba, ela está mesmo vidrada nisso. Mencionou-mo esta noite.

– Queria saber como sabias tu que se tinham partido quando caiu.

– Não sabia. Tudo o que sabia era que quando ela saíra de casa na sexta, a haste estava intacta. Ontem reparei que tinha sido colada.

Esperou uns dez segundos e depois perguntou:

– Alice, o que é que ela... Porque te telefonou em pânico por causa de uma coisa tão inócua?

– Para ela não era inócua. Pensou que a tua pergunta sobre os óculos poderia ter sido um deslize. Que, pelo facto de perguntares, te tinhas implicado.

– Bom Deus – exclamou ele num sussurro teatral.

– Eu disse-lhe que ela não estava a pensar com clareza, que estava a deixar-se arrastar pela imaginação, mas quando desligámos ela parecia hesitante.

– Ela é que rouba e anda na companhia de um homem procurado, mas implicou-me. Inacreditável.

– Eu não sabia desse roubo com arrombamento nem de tudo o resto quando falei com ela a noite passada. Mas mesmo assim ela parecia irracional e foi o que lhe disse. Disse-lhe que talvez estivesse a transferir a sua própria culpa para ti.

– A culpa dela no roubo?

Alice não respondeu.

– Culpa em relação a outra coisa?

– Jeff, não posso...

– Ela dormiu com ele, não foi?

Alice calou-se.

Ele escarneceu:

– Ah, o silêncio sonoro de uma confidente e amiga.

– Não uma amiga assim tão boa – replicou ela, contrita. – Ando a dormir com o marido dela.

– Ela sabe.

– Oh, meu Deus – gemeu ela.

– Acalma-te, Alice. Pelo amor de Deus. Não te mencionei, mas de facto confessei.

– Porquê? Porquê *agora*?

– Emory encostou-me à parede. Mesmo depois das revelações chocantes de hoje, ela teve o descaramento de me perguntar sem rodeios se eu tinha um caso. Numa fúria, admiti que sim, mas não lhe disse com quem.

Falando em tom baixo, ela disse:

– Poderá ser um alívio para ela descobrir. Guardar o segredo tem sido uma tortura.

– Ninguém duvidaria da tua lealdade para com ela, embora me devesse ter contactado de imediato depois da vossa conversa a noite passada. Eu devia ter sabido das suspeitas dela em relação a mim.

– Atribuí-as a exaustão, à medicação, a um medo residual depois do que ela tinha passado. Perturbação emocional e...

– Compreendo. Mas devias ter-me dito, Alice. Se eu tivesse sabido, as coisas podiam ter corrido de forma diferente hoje.

– Como assim? O que terias feito?

– Para começar, não teria estado tão ansioso para a levar para casa. Teria recomendado que ficasse no hospital sob vigilância durante mais um par de dias.

– Consultado um psiquiatra talvez?

Deus abençoasse Alice. Perdoou-lhe as anteriores banalidades. Ela agora estava a dizer todas as coisas certas.

– Sim. Critico-me por não ter sugerido uma avaliação psiquiátrica ontem quando ela parecia incapaz de se recordar dos pormenores de como tinha sofrido a concussão e do tempo que passara naquela cabana. Claro que, dado o que sabemos agora, como íamos distinguir entre recordações imperfeitas e pura invenção?

– Temos de arranjar ajuda para ela.

– Primeiro temos de a encontrar. Só espero que sobreviva a esse pulha. Connell disse que ele não era um predador sexual, mas... bem, ele já a seduziu, não foi? – Deixou a voz falhar emocionalmente nas duas últimas palavras e a reação de Alice foi instantânea.

– É difícil estar zangado com ela e preocupado ao mesmo tempo, não é?

– Isso descreve exatamente o que estou a sentir.

Ela ficou em silêncio durante um momento.

– O que significa tudo isto para nós, Jeff? Para a nossa relação?

– Já te disse. Não podemos continuar a ver-nos. Emory tem de ser agora a minha única preocupação. Não digo isto para te magoar.

– Mesmo assim magoa.

– Lamento. Entrámos ambos nisto com os olhos bem abertos, nenhum de nós a predizer um final feliz. É melhor ir-me embora agora, ir até lá abaixo ver se estão a fazer algum progresso.

– Devo manter em segredo este último incidente?

– Por favor. Vamos deixar passar a noite, ver o que o amanhã nos traz.

– Muito bem. – O adeus dela foi choroso e abatido.

Ele desligou e sorriu para si próprio no espelho da cómoda.

– Isto correu bem.

Nem que tivesse escrito o argumento para Alice, não teria posto palavras melhores na boca dela.

Se Emory sobrevivesse a este segundo contratempo com o seu namorado criminoso, a sua estabilidade mental seria posta em causa. Seria denunciada e ridicularizada. Talvez o fim da sua vida beijada pelas estrelas provocasse demasiada pressão para ela conseguir aguentar. Poderia muito bem ir-se abaixo com o stresse de perder tudo o que trabalhara tão afincadamente para conseguir e, quando isso acontecesse, Deus sabe o que faria a si própria. O suicídio seria credível.

Quando ia a sair do quarto, lançou uma olhadela à cama para onde atirara o casaco de esqui quando fora lá acima. Reparara no dia anterior que lhe faltava a peça de puxar o fecho-éclair com o símbolo da marca. Não sabia como nem quando saltara e uma revista aos seus pertences não a fizera aparecer.

Era uma coisa pequena. Mas o diabo não se escondia nos pormenores?

* * *

Quando Jeff pediu licença para ir lá acima telefonar a Alice, Jack Connell perguntou aos dois detetives:

– O que é aquilo?

Knight, que ia a meio de uma lata de cajus do minibar, disse:

– A doutora Alice Butler. Ginecologista e obstetra. – Explicou a sociedade dos três médicos no consultório. – Também é a melhor amiga de Emory.

– Que está a cometer adultério com ele. – Grange inclinou a cabeça para o topo das escadas.

Jack olhou para os dois.

– Hum. Emory sabe?

– Achamos que não – replicou Grange. – Poderá saber. Poderá não se importar. Importar-se-ia se fosse ela?

Jack sorriu e depois perguntou:

– Quando ela desapareceu, investigaram-no bem?

– Comodamente instalado e enroscado com Alice Butler, de sexta à noite até domingo à tarde, quando começou a ficar preocupado com a mulher – disse Knight.

Grange explicou melhor, contando a entrevista que tivera com a outra mulher.

– Ela confessou, vergada sob o peso da culpa. Ficámos com a certeza de termos encontrado o motivo duplo de Jeff.

– Duplo?

Grange falou-lhe da herança de Emory da empresa Charbonneau Oil and Gas.

– Ela vale um bom dinheirão. Íamos a caminho de o deter, mas então Emory apareceu na estação de serviço, viva.

– O marido já não é suspeito – comentou Knight. – O seu rapaz Hayes Bannock roubou-lhe todo o protagonismo.

– Bannock não lhe fará mal.

– Já o tinha dito.

– Aposto a minha carreira nisso – insistiu Jack. – Além disso, ela não tem medo dele ou não teria ido com ele esta noite.

– Foi a primeira coisa que me veio à cabeça quando Knight me telefonou e disse para vir cá ter – disse Grange. – Há uma grande diferença entre não ter medo de uma pessoa e fugir com ela. Porque iria com ele? O que lhe disse ele? O que fez ele para a levar a partir sem sequer apanhar primeiro o casaco?

– Não conheço bem Emory Charbonneau, mas, na minha perspetiva, é muito intrigante. Antes, sempre que Bannock terminava o que tinha a fazer nalgum sítio, partia. Numa questão de horas. Depois do incidente com Norman e Will Floyd não consigo perceber porque se mantém por aqui.

– Talvez não tenha terminado com os Floyd. Talvez a tarefa fosse apenas um prelúdio que vá levar a um grande final.

Jack prendeu o interior da bochecha entre os dentes.

– Espero que não.

– Ou talvez estejamos a deixar passar o óbvio. Talvez o refrão de Emory «ele tratou-me com bondade» seja um eufemismo para... – Knight deixou as sobrancelhas erguidas falar por ele, depois abanou o resto dos cajus de dentro da lata e atirou-os para dentro da boca. – Mas seja o que for que esteja a fazer-lhe, com ela ou para ela, ainda o queremos por delito de lesões corporais. Por isso a minha pergunta para si, agente Connell, é em nome de todos os homens e mulheres que temos por aí à procura deles. Esse tipo é muito perigoso?

– Os agentes devem proceder com cautela.

– É só isso? É o seu único conselho? – Knight franzia o sobrolho com a insuficiência. – A notícia sobre os irmãos Floyd já se espalhou pelo nosso departamento. Verdade seja dita que a tarefa que levaram já foi comemorada em grande. São escumalha e essa era a opinião geral, mesmo antes de alguém saber que tinham violado a irmã mais nova.

– Já foram acusados?

– Ainda não. Está em cima da secretária do ministério público, mas a rapariga está com dúvidas sobre trazer a coisa a lume. Sabe como isso é.

Jack assentiu e Knight continuou.

– Entretanto, está toda a gente um pouquinho assustada com o homem que venceu os Floyd sozinho. Descobrimos onde ele guardava as armas, mas não as armas propriamente ditas, o que significa que pode ter muito poder destrutivo com ele. Agora apareceu um agente do FBI atrás dele. Bannock adquiriu uma... uma...

– Aura – concluiu Grange.

Knight agradeceu a palavra fornecida com um aceno de cabeça, mas manteve a sua atenção em Jack.

– Estou a pedir-lhe como agente da lei, o mesmo que você, para se deixar de ambiguidades e tretas básicas e nos dizer simplesmente com quem estamos a lidar aqui.

– Referiu-se a um tiroteio em massa na Virginia, mas não foi específico. – Grange lançou uma rápida olhadela lá para cima, para a porta fechada do quarto que impediria Jeff de ouvir alguma coisa. Inclinou-se para Jack e falou em voz baixa. – Estamos a falar de Westboro? – perguntou.

Jack fitou-os à vez.

– Sabem da história?

E, quando eles assentiram em uníssono, disse:

– Foi Bannock.

Grange assobiou baixinho.

Knight murmurou:

– Porra.

Capítulo 35



À menção das oito fatalidades, Hayes levantou-se de forma abrupta e voltou a colocar a cadeira por baixo da mesa de jantar.

– É melhor ires-te deitar, *Doc*.

– Ir-me deitar?

– Amanhã pode ser um dia longo.

– Quero uma explicação para o que o agente Connell nos disse sobre ti.

– O quarto é ao fundo do corredor. A casa de banho fica à direita. Eu durmo no sofá.

– Hayes? – Quando ele se aproximou dela, continuou. – Presumo que seja o teu nome verdadeiro.

Hayes Bannock?

Ele hesitou antes de lhe conceder um aceno brusco.

– Estou contente por finalmente o saber.

– Não fales demasiado cedo.

– Se eu te procurasse na internet, o que encontraria? A tua folha de serviço no exército? O teu curso de engenharia civil? A tua irmã e sobrinha em Seattle?

– Ora, ora. Connell foi uma fonte de informações, não foi?

– Referiu um treinador de futebol. Um padre. Outros para além de Norman e Will Floyd.

– Retiro o que disse. Ele foi um regato murmurante.

– Tudo relacionado com aquele tiroteio na Virgínia.

Os olhos dele tornaram-se frios e hostis.

– Devias ir para a cama, *Doc*. Dormir um bocado.

– Não tenho sono.

– Muito bem então. Vou eu descansar.

Fez menção de avançar para o corredor, mas ela colocou-se com rapidez no caminho dele.

– Diz-me o que é tudo isto.

– Tenho a certeza que vais descobrir a seu tempo.

– Quero saber agora. Quero ouvi-lo dos teus lábios, não através de outra pessoa qualquer.

– Porquê?

– Porque caso contrário nunca acreditarei que estivesse envolvido numa coisa tão atroz.

– Bem, estive. – O tom dele era brusco, factual. – Pronto. É tudo o que precisas saber e tudo o que conseguirás de mim. Não tem nada a ver com o presente.

– O agente Connell pensa que tem.

– O agente Connell pode ir à merda. O que aconteceu nessa altura não está relacionado contigo.

– Mas está relacionado *contigo*.

– Não é a minha vida que estou a tentar salvar! É a tua.

– Não preciso que me salves – retorquiu ela, a ficar acalorada com a discussão. – Posso ir ter com Connell, com Knight e Grange e...

– O quê?

– Acusar Jeff.

Ele abanou com força a cabeça.

– Não é um bom plano.

– Porquê?

– Não tens provas que sustentem as tuas alegações.

Ela abriu a mão, mostrando-lhe que tinha a peça do fecho-éclair, e depois puxou rapidamente a mão para trás.

Ele encolheu os ombros com indiferença.

– Inútil. Onde a encontraste e quando, a tua palavra contra a dele, recordas-te?

– Mas isto e a pedra juntos vão...

– Não tens a pedra.

– Mas tu tens.

– É verdade. *Eu* tenho.

– E ficarias com ela, não me deixarias usá-la?

– Para te impedir de te expores a esse nojento filho da puta com quem estás casada? Podes crer que sim.

– Jeff não pode fazer-me nada enquanto estou rodeada de agentes da lei.

– E essa foi a única razão para eu não te ter ido buscar mais cedo. Esperei à porta do hospital a noite passada até ver Jeff sair e calcular que te achavas em segurança. Passaste a maior parte do dia de hoje na companhia de homens com distintivos. Mas o que acontecerá quando eles arrumarem o assunto e forem para casa por falta de provas contra ele? Terás feito a tua jogada. Tê-lo-ás acusado. Como achas que isso o afetará quando ele já estava preparado para te assassinar?

Era um ponto válido. Mesmo que Jeff fosse oferecer agora um alibi à prova de bala, nunca mais confiaria nele ou se sentiria à vontade sozinha com ele. Nunca mais.

– Muito bem, o meu plano tem falhas. Tu tens um? O que pretendes fazer?

– Com a pedra?

– Com tudo isto. Com o que sabes sobre Jeff. Comigo.

– Ainda não sei.

Ela pensou nos Floyd, a sofrer nas suas camas de hospital.

– Mas manter-te-ás dentro da lei, certo?

– Ainda não sei.

Frustrada ao ponto de quase se desfazer em lágrimas, pediu:

– Conta-me da Virginia.

– Não.

– Por favor.

- Não!
- Quero saber o que fizeste!
- Não, não queres!

O grito dele ecoou nas paredes do espaço confinado. Alguns segundos se passaram e depois ele disse numa voz baixa:

- Acredita em mim. Não queres.

A enunciação tensa, a expressão obstinada dele, intimidaram-na. Recuou.

– Talvez tenhas razão. Talvez eu não queira saber. – Olhou em volta, muito agitada. – De facto, porque vim para aqui contigo?

– A isso, *responderei*. – Deu alguns passos comedidos para ela. – Não te arrastei daquela varanda nem te forcei a vir comigo. Mas tê-lo-ia feito se fosse necessário.

Deixou aquilo assentar, depois deu mais um passo em frente e continuou a avançar até o rosto ficar a pairar por cima do dela.

– Se tivesse de ser, embrulhava-te em arame e carregava-te dali para fora. Porque prefiro ver-te a retroceder diante de mim, ver-te a encolher-te de medo e desconfiança como estás agora, ver-te de qualquer outra maneira do que morta.

Não era poesia, mas era profundo. O coração dela dilatou-se de emoção. Estendeu a mão para lhe tocar na face.

Mas, antes de poder estabelecer contacto, ele agarrou-lhe no pulso e afastou-lhe a mão. Quando por fim a largou, fez um gesto para o corredor e ordenou com rudeza:

- Vai para a cama. Tranca a porta se isso te faz sentir mais segura.

Ele esperou.

Ela não se mexeu.

Continuou a fitá-lo com olhos que eram calmos, aceitadores, confiantes. O oposto do que deviam ser.

- Muito bem – resmungou ele –, tu é que pediste.

Agarrou-a pela cintura e virou-a de frente para a parede. Puxou-lhe a camisola por cima da cabeça e depois descartou o *top* da mesma maneira pouco suave. O sutiã foi vítima da sua impaciência desajeitada. A peça de vestuário caiu do peito. Ele puxou o sutiã com força, depois colocou as mãos dela contra a parede e cobriu-as com as suas ao mesmo tempo que se comprimia por trás dela.

Mordiscou-lhe o lado do pescoço com os dentes, querendo marcá-la como sua, sabendo muito bem que não tinha qualquer direito a ela, nenhum direito sequer de a querer.

- Assustada?

– Não.

- Então não estou a fazer isto bem.

Traçou um trilho de beijos cortantes pela garganta dela abaixo; ela guinchou, mas de excitação, não medo. Ele impeliu-se com força contra o traseiro dela, assegurando-se que ela percebia que estava a falar a sério.

- E agora tens medo?

Em vez de se retrair, ela empurrou para trás, ajustando a posição, aumentando a pressão, fazendo com que ele sibilasse através dos dentes.

- Estás a brincar com o fogo, *Doc*.

Quando ela fez aquilo outra vez com um movimento de compressão, ele retirou as mãos de cima das dela, estendeu-as para a frente e, às cegas, desapertou-lhe as calças de ganga. Com pouca delicadeza,

enfioi a mão dentro das cuecas dela, entre as suas coxas, encontrando-a quente, molhada, inchada com o mesmo desejo insistente que latejava através dele.

Os dedos curvaram-se para cima, para dentro dela. Afagou-lhe o ponto mágico e sentiu-a agitar-se. Contra o ouvido dela, sussurrou com voz rouca:

– Quero estar aí dentro. Já.

Virou-a, ergueu-a contra ele e levou-a pelo curto corredor até ao quarto. Pousou-a junto à cama e ela começou a despir o resto das roupas, tão depressa quanto ele começou a tirar as dele.

Ele já estava despido antes de ela tirar a segunda bota. Atirando para trás a colcha, sentou-se na beira da cama e estendeu os braços para ela mesmo no momento em que ela se livrava da roupa interior.

Posicionando-a entre as suas coxas abertas, ele agarrou-lhe o peito e tomou-lhe o mamilo na boca, estimulando-o com avidez, quase desespero, antes de dobrar os braços em volta dela, puxando-a para mais perto, comprimir o rosto na sua cintura e, depois, mais abaixo na doçura cheirosa do seu sexo.

Focinhando aí, percorreu-lhe as coxas com as mãos, para cima e para baixo, e depois apartou-as com mais autoridade do que necessário, porque era óbvio por essa altura que, por mais desconcertante que pudesse ser, a confiança dela nele era inabalável.

Usou os polegares para a abrir, expor, prepará-la para o assalto da sua boca. Mergulhou a língua dentro dela, uma, duas, três vezes, fundo, depois aplicou-a à carne tenra em carícias rápidas, provocando-lhe uma respiração irregular que coalesceu num gemido baixo quando lhe chupou o pequeno centro apertado.

Mas não queria que ela se viesse até estar dentro dela. Guiou-a para baixo para a cama, pôs-se de joelhos entre as coxas erguidas e estava prestes a baixar-se sobre ela quando ela disse:

– Espera!

– Não consigo.

Bem, conseguia, consegui, quando ela se curvou em ângulo, lhe agarrou o traseiro entre as mãos e levou a cabeça do pénis à boca. O prazer foi tão imenso que ele cerrou os dentes e nem sequer estava consciente da pressão que aplicava no maxilar até que a ponta da língua dela revolteou no sulco, encontrou o ponto delicado e ele tentou falar. Arquejou, gemeu e conseguiu que as palavras lhe saíssem estranguladas:

– Caramba, pensei que tinha sonhado a forma como fazes isso. – Alguns segundos mais e estava a ofegar. – *Doc*, para. Para.

Desprendeu-lhe a cabeça, mas não antes de ela lhe ter conseguido dar um beijo rápido na tatuagem.

Quando ela se deitou para trás, ele seguiu-a e enterrou-se nela, empurrando até não poderem estar mais juntos, depois ajustou o seu peso e cravou o rosto no pescoço dela.

– Vais ser a minha ruína. Mas a porra é que não consigo evitar.

Elevou-se e, com os olhos presos nos dela, começou a trespassá-la.

E foi incrível, não só porque ela era tão deliciosamente apertada e sedosa. Porque era. Não só porque ela moldava de forma perfeita com um movimento correspondente a cadência de cada estocada curta e rápida e cada deslizar longo e macio do seu pénis. Porque moldava.

Não só porque sempre que ele quase que saía todo, ela lhe trabalhava a ponta do pénis com movimentos sedutores de dança do ventre até que ele não aguentava mais e tinha de se embainhar outra vez completamente.

Não só porque as mãos dela o acariciavam com impecável intuição. E não só porque, quando ela atingiu o clímax, ele sentiu todo o seu apertar convulsivo e também lhe viu as lágrimas nos olhos que atestavam a emoção que transbordava atrás delas.

Tudo isso contribuiu. Mas o que o fez vir-se com mais força, durante mais tempo e com mais profundidade do que alguma vez lhe acontecera na vida, foi que naqueles momentos em que ele se perdeu

dentro dela, ela fechou os braços à volta da sua cabeça, prendeu-a junto a ela e disse num suspiro, como se fosse a palavra mais importante do seu vocabulário:

– Hayes.

Depois, durante muito tempo, nenhum deles se mexeu. Por fim, a mente dele clareou o suficiente para ter aquele instante, *oh, merda*, de compreensão: viera-se dentro dela sem nada entre eles. E fora também por isso que fora tão bom e por isso que não se arrependia o suficiente para se soltar já.

Quando finalmente se mexeu, soergueu-se num cotovelo e fitou-lhe o rosto. Ela sorriu ensonada. Ele pegou-lhe no queixo com a mão livre e beijou-a, levando o seu tempo, unindo a sua boca à dela, de forma lasciva e vagarosa.

Depois, puxando por fim a cabeça para trás, disse:

– Felizmente para mim, não te assustas com facilidade.

– Felizmente para mim também.

– Mas ainda estás em perigo, *Doc*. Por isso deves ter medo. Só não de mim.

– Eu sei.

– Nunca de mim.

– Não tenho. – Enfiou-lhe os dedos no cabelo. – Não sei tudo, mas uma coisa sei. Não foste responsável pela morte de oito pessoas inocentes.

Como o brilho aveludado de uma candeia a extinguir-se de repente, a alma dele tornou-se outra vez escura e fria.

Saiu de dentro dela e rolou até ficar de costas. Fitando o teto, disse:

– Tens razão. Só sete eram inocentes.

Capítulo 36



O aroma de café acabado de fazer acordou-a. Ainda estava escuro. Ligou o candeeiro ao lado da cama. As roupas dela, descartadas de forma tão desordenada na noite anterior, encontravam-se dobradas e empilhadas numa cadeira. Apanhou-as e às botas e deslizou para a casa de banho.

Dez minutos depois, quando entrou na sala, Hayes ergueu os olhos da mesa de jantar onde estava sentado a beber café. Dormira ao lado dela toda a noite, mas não tinham trocado uma palavra nem se tinham tocado desde a afirmação alarmante dele: *Só sete eram inocentes*.

Aquilo criara uma barreira intangível que nenhum deles quebrara durante a noite. Parecia ainda mais impenetrável naquela manhã. Como se as intimidades da noite anterior não tivessem acontecido, os olhos dele estavam apagados, a expressão impassível.

– As canecas estão no armário à direita do lava-loiça – disse.

Ela encheu uma delas de café e sentou-se em frente dele na mesa, fingindo que ele não tinha uma pistola ao alcance da mão direita.

Reparando no seu cabelo húmido, ele disse:

– Lamento. Não tenho secador de cabelo.

– Vai secar por si.

– Deixei-te água quente suficiente?

– Sim, obrigada. Como consegues caber naquele chuveiro?

– É uma técnica adquirida.

E a conversa banal ficou por ali. Ela beberricou o seu café.

– Tomei uma decisão – disse ele.

Ela fitou-o, à escuta.

– Não vou dar a Connell a satisfação de me apanhar.

– Vais-te render?

– Não propriamente.

Evitou olhá-la nos olhos e aquilo pô-la claramente ansiosa.

– Então o que vais fazer?

– Vou entregar-te a ele.

Sem ter a certeza de como responder, esperou que ele terminasse.

Os olhos dele desviaram-se para a fila de ténues marcas vermelhas de um dos lados do pescoço dela.

– O que lhe disseres, muito ou pouco, sobre isso aí é contigo. E sobre tudo o resto. – Fez um gesto para o quarto. – Podes ser tão minuciosa ou reservada quanto quiseres. Ele será discreto. E, de qualquer modo, estará interessado em mim, não em nós. Vai-te fazer perguntas sobre o meu estado de espírito. Planos. Coisas desse género.

– Já fez.

– Vai insistir contigo para te recordares do mais pequeno pormenor. Coisas que eu disse, coisas que observaste. Enquanto ele está a inteirar-se disso tudo e a pensar qual vai ser a sua próxima linha de ação, eu esgueiro-me daqui para fora.

– Vais fugir.

Ele ergueu um ombro, uma resposta não verbal, sem compromisso.

Ela fitou o café.

– Podes escapar-te, mas nunca vais ultrapassar as mortes dessas pessoas.

– Bem, isso vai dar-te a ti e a Connell muito que conversar.

Com a voz a falhar, ela perguntou:

– Porque o fizeste?

Ele pegou na caneca e depois devolveu-a à mesa sem ter bebido. Ignorando a pergunta dela, disse:

– Diz a Connell o que sabes sobre Jeff. Ele trata de fazer com que ele seja minuciosamente investigado.

Esperemos que como resultado o traseiro frio dele aterre na prisão.

– Como sabes que Connell trata da investigação?

– É um agente do FBI. É o dever dele.

– Mas não é o caso dele. Não vai deixá-lo para o departamento do xerife?

– Não.

– Como tens tanta certeza?

– Por causa da mensagem que lhe vais transmitir.

– E que é?

– Se ele fizer merda e alguma coisa te acontecer, seja num futuro próximo ou distante, mato-o. – Deixou aquilo assentar. – Onde está ele hospedado?

– Para me poderes largar lá?

– Onde está ele?

– Porque te deveria dizer?

Hayes apoiou os antebraços na mesa. Esta abanou ligeiramente quando ele se inclinou para ela.

– Ouve, *Doc*, podemos perder tempo a dançar à volta do assunto, podes discuti-lo comigo de baixo para cima e de trás para a frente, mas não servirá de nada. Não vou deixar que aquele agente me transforme no troféu da sua carreira. Além disso...

– O quê? Além disso, o quê?

– Tenho de desaparecer e não posso levar-te comigo. Tens uma vida para viver que não pode incluir-me. Foi divertido, mas é aqui que dizemos adeus e nos separamos, por melhor que tenha sido juntos na cama.

– Porque estás a ser assim?

– Franco?

– Ofensivo.

– Não, ofensivo teria sido se tivesse dito que és uma boa foda.

O rosto dela enrubesceu de fúria.

Ele devia ter reparado, porque reprimiu uma risada.

– Um pouco tarde para rubores, não é, *Doc*? Sabias onde te estavas a meter a noite passada e não era em lamechices sentimentais. A noite na cabana também. Ambos tivemos o que queríamos. Eu forniquei e tu... como disseste? «Emoções à flor da pele»?

Dizendo aquilo, arrastou a cadeira para trás com ruído, levantou-se e enfiou a pistola dentro do cinto das calças de ganga.

– Vamos embora. Quero lá chegar antes do amanhecer e ainda é um percurso de dez minutos até ao motel.

– Porque me perguntaste onde Connell estava hospedado se já sabias?

– Para ver se me mentias.

– Como descobriste onde ele está?

– Não há assim tantas opções em Drakeland. Telefonei para alguns sítios até que um empregado da receção me confirmou que ele entrou a noite passada.

– Telefonaste? Pensei que não tinhas telefone.

– Já não tenho.

Emory seguiu a direção que ele indicou e viu os pedaços de um telemóvel amolgado caídos sobre a mesinha de apoio. Envergando os seus agasalhos, ele disse:

– Empresto-te um casaco.

– Não o quero.

Foi até à porta, destrancou-a e saiu, deixando-o segui-la.

Ou cair morto. Na verdade, não queria saber.

Parara de nevar, mas o nevoeiro ainda era cerrado e o ar gélido. O interior do carro aqueceu com lentidão, mesmo depois de ele ter ligado o aquecimento. Quando se aproximaram dos limites da cidade, ela disse:

– Não trancaste a casa móvel.

– Já serviu o seu propósito. Não vou voltar.

– Vais lá deixar os teus haveres?

– Os haveres que contam não estão na casa móvel. Vou buscá-los e...

– Desapareces no horizonte com o nascer do Sol?

– Basicamente.

– Compreendes que posso descrever este carro às autoridades?

– Sim.

– Tens um plano de reserva?

– Sempre.

Fizeram o resto do caminho em silêncio. Ele travou junto ao passeio de uma rua paralela às traseiras do motel e deixou o carro em ponto-morto. Ela olhou pelo para-brisas raiado. O sistema de descongelamento estava a começar a derreter toda a geada e chuva congelada que se tinham acumulado durante a noite.

Concentrou-se nos cristais de gelo a desintegrarem-se, em vez de no aperto que sentia na garganta.

– Estou aliviada. E, de facto, um pouco surpreendida.

– Com quê?

– Pensei que fosses tu próprio administrar o castigo de Jeff.

Os dedos dele apertaram-se à volta do volante.

– Esse era o meu plano original. E nada me daria maior prazer. Mas dormi sobre o assunto e decidi confiá-lo ao sistema legal. Não para salvar a pele dele, entende. Mas a minha. Tratar de ti e de Jeff vai

manter Connell ocupado durante uns tempos.

– Dando-te a ti um avanço.

– Certo.

Ela hesitou e depois disse:

– Um aviso. Direi a Connell tudo o que sei sobre ti. Tenho de o fazer. Antes, quando era apenas a questão do teu envolvimento com aqueles horríveis irmãos Floyd, encobri-te, porque partilhava a tua indignação em relação ao caso de Lisa. Mas não posso ajudar-te a fugir à justiça.

Ele aguentou-lhe o olhar durante vários segundos, depois estendeu a mão por baixo do assento do condutor e retirou um saco de papel castanho.

– A tua prova – disse, passando-lho. – Não o abras. Não toques na pedra. Entrega-o a Connell tal como está. Ainda tens o berloque?

– Sim.

– Muito bem, então. Sabes o que tens de fazer.

Sabendo que a sua angústia era transparente, mas incapaz de evitar que se visse, ela proferiu o nome dele de forma suplicante.

– Já dissemos o suficiente, *Doc*. Connell está no quarto cento e dez. Vai lá.

Não confiando em si própria para se demorar nem mais um segundo, saiu do carro. Mal acabara de fechar a porta do lado do passageiro, ele arrancou. Observou, através de olhos turvados pelas lágrimas, os faróis traseiros a desaparecerem na esquina seguinte.

Mal deixou de o ver, arrastou-se em direção ao motel. Era aquele em que Jeff ficara hospedado por cortesia do departamento do xerife e era tão pouco atrativo como ele descrevera. Os dois pisos tinham corredores abertos. As portas dos quartos estavam pintadas, alternadamente, de vermelho, branco e azul. Perto do elevador, no centro do edifício, havia uma máquina de gelo para os hóspedes. Uma seta néon tremeluzia por cima.

O quarto 110 ficava três portas abaixo da esquina do edifício, no primeiro piso. Ergueu o punho, esperou e olhou por cima do ombro na direção da esquina onde Hayes desaparecera. Transformara-se num desconhecido cruelmente insultuoso naquela manhã, que, percebia agora, fora a sua forma de lidar com o inevitável adeus.

Coração partido não era apenas uma imagem.

Empedernindo-se, bateu ao de leve na porta do quarto do motel com os nós dos dedos.

Lá de dentro, uma voz ensonada, disse:

– Sim?

– Agente Connell, é Emory Charbonneau.

Ouviu o som surdo dos pés dele a bater no chão. Afastou as cortinas apenas o suficiente para espreitar lá para fora para a ver, depois percebeu o ruído de uma fechadura, o arranhar de uma tranqueta metálica e o agente do FBI com os olhos papudos e o cabelo em pé abriu a porta de rompante. Vestia *boxers* aos quadrados, uma *T-shirt* branca e meias pretas.

– O que raio? – Varreu o parque de estacionamento atrás dela com um olhar perscrutador. – De onde veio?

– Ele deixou-me aqui.

– Bannock?

Quando assentiu, ele passou por ela e carregou lá para fora, correndo vários metros pelo parque de estacionamento, procurando em volta, como um maluco. Dirigiu-se para a esquina mais próxima do edifício.

– Para esse lado não.

Deu uma reviravolta.

– Então para que lado?

Ela apontou.

– Ele conduz um carro verde. Velho. Decorei a matrícula.

Ele bateu de lado do corpo, à procura do telemóvel, antes de perceber que nem sequer estava vestido.

– Merda! Há quanto tempo?

– Mesmo agora.

Voltando a correr, ele vinha a abanar as mãos, num gesto para ela entrar no quarto. Emory virou-se, entrou pela porta aberta e esbarrou contra Hayes que estava ali tão sólido como uma viga. Ele ergueu-a fisicamente e afastou-a para o lado.

– Hayes, não!

Mas Jack Connell não foi avisado a tempo. Quando atravessou o limiar da porta, não havia nada entre ele e o punho de Hayes, que chocou de forma sólida com o maxilar do agente.

– Isto é por importunares a minha irmã.

Impulsionado pelo golpe, Connell teria cambaleado para trás através da porta aberta, mas Hayes agarrou-lhe um punhado da *T-shirt*, puxou-o com um sacão para dentro e arremessou-o em direção à cama. Quando o agente se esforçava por recuperar o equilíbrio, a tibia bateu na armação de metal da cama. A perna cedeu e ele caiu no chão.

Emory tentava em desespero agarrar a manga do casaco de Hayes numa tentativa para o refrear, mas ele sacudiu-a. Fechou a porta, trancou-a e depois avançou para o outro homem. Connell conseguiu levantar-se antes de Hayes o alcançar. Estendeu as mãos à distância dos braços, as palmas viradas para Hayes.

– Queres acrescentar agressão a um agente do FBI a tudo o resto?

As palavras detiveram Hayes. Ficou ali com o peito a arfar, a olhar carrancudo para o agente.

Receosa e furiosa ao mesmo tempo, Emory bateu no braço de Hayes com o punho.

– Porque voltaste? Porque não continuaste simplesmente a guiar?

– Ele está armado? – perguntou Connell.

– Sim!

Hayes disse:

– Vê se és um homem, Connell, e pergunta-me a mim. – Levantou o casaco e a camisa, expondo o cinto e a pistola enfiada nele.

– Porte de arma oculta – disse Connell. – Atacar um agente do FBI, roubo com arrombamento, agressão. O que estou a esquecer? – O olhar passou de Hayes para Emory. – Rapto?

– Ele não me raptou.

– Tem a certeza disso? – perguntou Connell como se não estivesse muito seguro se ela estava a mentir ou apenas a ser terrivelmente ingénua.

– Bem, ele não me raptou a noite passada – declarou ela. – Fui com ele de moto próprio.

– E ajudou-o a montar-me uma cilada esta manhã.

– Errado outra vez, idiota – disse Hayes. – Enganei-a para te montar uma cilada.

Connell fitou-a à espera de comprovação.

– Lamento – disse ela. – Ele convenceu-me que me ia entregar a si e que depois se ia esgueirar daqui para fora. Palavras dele.

– Porque não tem coragem de dizer o que anda realmente a fazer. Anda a fugir – retorquiu Connell. – A fugir do que fez em Westboro.

Ao ouvir o nome da comunidade que se tornara tristemente célebre numa tarde, Emory ofegou:

– Westboro?

Hayes fitou-a de forma penetrante, o rosto uma máscara, os olhos frios.

Horrorizada, ela recuou afastando-se dele.

– Westboro foi o teu tiroteio?

Durante todo o tempo, a sua mente recusara-se a aceitar que ele estivesse ligado a qualquer tiroteio em massa. Certamente que nunca o associara a Westboro, nem sequer quando Virginia fora referida. Olhou dele para Connell, para vários pontos do quarto, ao mesmo tempo que juntava os factos dispersos que recordava do ato de violência gratuita. Deteve-se em Connell, implorando-lhe em silêncio que o negasse.

Mas os olhos dele estavam pousados em Hayes, a observá-lo com atenção.

– Um homem jovem, zangado e ressentido, entrou no seu local de trabalho com uma espingarda automática e muitas munições. Assumiu uma posição que lhe dava boa proteção e, de forma calma e metódica, começou a abater pessoas.

As imagens que ele evocava fizeram Emory estremecer. Tal como quase toda a gente na nação, vira a cobertura televisiva em direto à medida que o drama horroroso se ia desenrolando. As pessoas a correrem para se salvar. Corpos caídos em poças de sangue. Familiares ansiosos à espera de notícias sobre quem morrera e quem, por milagre, fora poupado, e, depois, no rescaldo, a chorar e festejar em igual medida quando os nomes das vítimas se souberam.

– A confusão durou quase duas horas – continuou Connell. – O que foi uma eternidade para os que estavam agachados, a pensar se alguma das balas iria ter com eles. Alguns usaram os telemóveis para telefonar a entes queridos, fizeram as pazes, disseram adeus.

Ela recuou para uma cadeira perto da janela e sentou-se a esfregar a testa como se para esbater as terríveis imagens e torná-las mais fáceis de aguentar. Depois:

– Espere aí um minuto. – Baixou a mão e, intrigada, olhou primeiro para Hayes, cuja expressão permanecia inescrutável, depois para Connell. – Pensei... O... o atirador não foi morto no local?

Connell assentiu e depois inclinou a cabeça na direção de Hayes.

– Bannock eliminou-o.

Capítulo 37



Jack Connell fez trabalhar o maxilar horizontalmente para a frente e para trás ao mesmo tempo que se chegava para a beira da cama e se sentava. Lançou a Hayes um olhar fulminante.

– Aquilo doeu.

– Era para doer. A tua visita perturbou Rebecca.

– A mim também – resmungou Jack. – Ela estava a mentir ou podia ter facilitado as coisas e ter-me dito onde tu estavas?

– Ela nunca soube onde eu estava. Toda a tua investigação foi um desperdício.

– Não por completo. Tive o prazer da companhia dela durante quinze minutos. Não me divertia tanto desde que andei de rabo ao leu num ninho de víboras.

Hayes sabia que se esperava que sorrisse. Não o fez.

– Viste o novo penteado dela? Atrevido. Condiz perfeitamente com ela.

– Só para que saibas, Jack, isto não é nenhuma reunião agradável. Quando esta confusão terminar, volta tudo à forma como tem sido.

– Vais-te embora.

– Certo.

– *Hum*. Pensei que talvez tivesses caído em ti e quisesses ficar quieto. – Connell olhou para Emory, a implicação inequívoca.

– Ponho-me a andar, mal veja o marido dela atrás das grades.

– O marido dela? O que fez ele?

– Deixou-a como morta.

Connell levou um instante a aferir a seriedade de Hayes.

– Não estás a brincar.

– E eu brincaria com uma coisa destas?

– Não. Raramente brincas, ponto final – retorquiu Jack, fazendo uma careta. – Começa pelo princípio.

– Eu estava a dar uma volta por uma serrania no dia em que Emory desapareceu. Avistei-a com os meus binóculos. Fiquei curioso.

– Porquê?

Hayes lançou uma olhadela a Emory, mas não disse nada.

– Então? – incitou Jack, erguendo as sobrancelhas.

– Era uma loira com calças pretas justas de corrida que tinha um corpo espetacular e estava sozinha.

Jack olhou outra vez para ela.

– De acordo.

– O que é importante – continuou Hayes, com impaciência – é que quando cheguei àquele trilho, ela estava caída lá no meio, com uma concussão e quase gelada. Peguei nela e levei-a para minha casa.

– Porque não para um hospital?

– Várias razões.

– Para além das calças pretas justas.

– Não sabia o que lhe tinha acontecido. Se tivesse caído era uma coisa. Se tivesse sido atacada, estava mais segura comigo.

– Isso é discutível, mas continua.

– Ela recuperou bem, por isso quando o tempo melhorou, trouxe-a...

– Essa parte conheço. Knight e Grange puseram-me a par. A estação de serviço. A loucura dos meios de comunicação.

– Não percebi senão quando ela já estava de volta ao redil que a devolvera ao seu pretense assassino.

– Jeff.

– Esse mesmo.

– Então – disse Connell, enrolando a palavra e assentindo à medida que juntava todas as peças –, sabias que ela estava em perigo mortal.

– Sim.

– Mas sendo tu e querendo manter-te fora do radar, não podias chamar a atenção do mundo e anunciar isso.

Hayes calculou que o seu silêncio era confirmação suficiente.

– Assim – continuou Jack –, enviaste-me um sinal de fumo para eu vir a correr.

– A minha impressão digital na torneira.

– Uma impressão perfeita do polegar numa cabana fora isso imaculada – observou Connell com sarcasmo. – Sabias que não serias tão descuidado.

– Quanto tempo demoraste a perceber isso?

– Cinco, seis minutos no máximo.

– Estás enferrujado. Ou velho.

– Dá-me algum desconto. Tinha acabado de chegar de um voo noturno de Seattle.

– Eu estava a começar a pensar que devia ter sido menos subtil, feito qualquer coisa como pintar uma seta vermelha num poste de sinalização a apontar na minha direção. Para bannock: por aqui, idiota.

– Compreendo que devia ter sido chato, convencional e totalmente incaraterístico de Bannock, mas podias ter apenas pegado no telefone e ligado.

– E ter-te roubado a excitação da caça?

– Vai-te foder.

– E tu também.

De má vontade, sorriram um para o outro.

Durante a galhofeira troca de palavras, Emory vacilara entre a incredulidade e a fúria. Agora confrontou-os:

– Vocês são *amigos*?

– Nem pensar – retorquiu Hayes.

A resposta de Jack foi:

– Quase amigos.

– Há quanto tempo se conhecem?

– Recrutei-o logo que saiu do exército – disse Jack.

– Para?

– A minha equipa de forças especiais SWAT.

Ela olhou para Hayes com assombro.

– Tu és do FBI?

– Era.

– És o agente anónimo da SAWT que disparou aquele tiro impossível e matou o atirador de Westboro?

És a lenda?

Hayes não respondeu.

– Responde-me!

Ele gritou-lhe em resposta:

– Responderei quando fizeres uma pergunta que eu sinta que merece uma resposta.

O som que quebrou o silêncio subsequente foi de Connell a bater nos joelhos nus.

– Temos muito que conversar. Passa-me as minhas calças.

Hayes olhou para trás dele onde as roupas de Connell estavam empilhadas numa cadeira, junto com a pistola e o coldre de ombro.

– Devias manter a tua arma ao alcance da mão, agente Connell.

– Aprendi a lição. Sabe Deus quem vai aparecer para me assaltar.

Hayes atirou as calças para a cama. Connell apanhou-as e abanou-as.

– Com licença, doutora Charbonneau.

Levantou-se e enfiou as calças. Enquanto as abotoava, disse:

– Oh, antes que me esqueça.

Tirou um telemóvel de um dos bolsos das calças e entregou-lho.

– É o seu. Encontrámo-lo no quarto a noite passada depois de ter fugido. Perguntei se podia ficar com ele, para monitorizar as chamadas que recebesse. Suponho que agora não há necessidade.

– Obrigada.

– Para sua informação, a bateria esgotou-se. Precisa de ser recarregada. – Acabou de se vestir, incluindo o coldre de ombro, e enfiou os pés num par de mocassins. – Emory, o que Bannock disse sobre o seu marido é válido?

– Porque não me perguntas a mim? – disse Hayes.

– Porque estou a perguntar a Emory.

– Acredito que seja verdade – respondeu ela.

– Baseia-se num palpite ou em provas?

– Com toda a confusão...

Dobrou-se e apanhou o saco de papel castanho que continha a pedra e que deixara cair no chão durante o confronto. Entregou o saco a Connell. Depois de o abrir e olhar lá para dentro, aquele virou-se para Hayes.

– O cabelo e sangue dela?

Hayes assentiu.

– Encontrada no local, junto com um logótipo de marca do casaco de esqui de Jeff.

Jack refletiu naquela informação durante vários segundos e depois disse:

– Antes de deitarmos mãos à obra, preciso de café preto forte e comida quente e, visto que sou o único aqui que não é procurado pelas forças da lei locais, ofereço-me para ir buscá-los.

Deu-lhes tempo para discutirem ou apresentarem uma alternativa. Quando nenhum o fez, vestiu o sobretudo, as luvas e apanhou as chaves do carro alugado de cima da cómoda.

– Volto já.

Fechou a porta atrás de si, mas nem sequer a rajada momentânea de ar frio dissipou a tensão no quarto. Nem ela nem Hayes falaram. Ele aproximou-se da cama, puxou a colcha para cima dos lençóis em desordem e depois sentou-se mais ou menos onde Connell estivera. Só então olhou para ela.

– Como chegaste aqui tão depressa?

A cabeça dele recuou um pouco.

– De todas as perguntas prementes que deves ter, é essa que fazes?

Sem sequer tentar mitigar a sua fúria, ela retorquiu:

– Estou a tentar poupar-me.

– Dei a volta com o carro para o outro lado do edifício, corri como um raio e entrei pela janela da casa de banho.

– Porque não acompanhar-me simplesmente até à porta? Ele ficaria na mesma surpreendido.

– Tinha de ter a certeza em relação a ti.

– A *mim*?

– Tinha de ter a certeza que tu farias o que era correto e que cumprias a lei.

Emory soltou uma risada áspera.

– Percebes como essa afirmação parece ridícula vinda de ti?

– Eu escolho contornar a lei quando é conveniente. Mas não queria ser responsável por tu a infringires.

– Transformaste-me numa ladra.

– Isso foi uma exceção. Até tu estabeleceste uma distinção entre o episódio com os Floyd e mentir a um agente do FBI para deixar um fugitivo escapar à justiça.

– Então tudo o que disseste esta manhã foi para ver para que direção a minha bússola moral apontava?

– Qualquer coisa desse género.

– Bem, estou contente por ter passado no teste.

– Sei que estás a dizer isso com sarcasmo, *Doc*, mas também estou contente por teres passado.

– Infernizaste-me a vida para nada.

– Não exatamente para nada, mas peço desculpa por ter sido tão duro para contigo.

– Duro não, horrível.

– Tive de implicar contigo ou o estratagema não teria funcionado.

– Apetecia-me matar-te neste preciso momento.

– Tenho esse efeito nas pessoas.

Ele reagira às acusações dela com aceitação calma o que só a enfurecia mais.

– Nunca planeaste largar-me e partir?

– Achas que confiaria a tua segurança, a tua *vida*, a Knight, Grange ou até Jack? Caramba. Não.

– Deves confiar em Connell até certo ponto ou não estarias aqui. Não tinhas medo que ele te prendesse mal te visse?

– Prender-me? A perseguição dele é pessoal, não oficial. Na opinião dele, o meu único crime foi pôr-me a andar.

– Quê?

– Sumi. Desapareci.

– Não cometeste um crime horroroso?

Ele abanou com brusquidão a cabeça.

– Então de que tens estado a esconder-te?

– De ser a *lenda* que eliminou o assassino em massa de Westboro.

Sem fala de espanto, Emory só foi capaz de abrir a boca. Quando conseguiu falar, a voz era fina:

– Fizeste o teu trabalho.

– Verdade. Mas não o vi como motivo de comemoração. Não achei que merecesse reconhecimento. Foi

um dia bom para a nossa equipa. Salvámos vidas, sem dúvida. Queria que a coisa ficasse por aí.

– Mas não ficou.

– Não para quem me conhecesse. Para qualquer pessoa, ponto final. Os meios de comunicação queriam

o meu nome, mas graças a Deus ninguém da equipa, incluindo Jack, o transpirou. Agradecer-lhes-ei sempre por isso.

– Permanecer anónimo apenas te tornou mais fascinante.

– Suponho que sim – murmurou ele. – Era a entrevista mais desejada, disse uma estação de televisão.

Alguns dos familiares das vítimas queriam conhecer-me para me poderem agradecer pessoalmente.

Entendo-o. Finalização. Olho por olho. Tudo isso. Mas nem sequer li as cartas que enviaram a Jack para

mas passar. A euforia, à falta de uma palavra melhor, durou meses. Parecia que todos os dias a coisa

aparecia nas notícias. Um aspeto diferente do incidente. Fiquei farto daquilo e, diabo, pensei, se não

desaparecia, desapareceria eu. Assim, entreguei a minha demissão e parti. Rebecca também. Jack tem

andado atrás de nós desde então.

A explicação dele desarmou-a. Mas, considerando a proximidade que tinham partilhado, física e

emocional, sentiu-se magoada por ele não lhe ter confessado tudo aquilo antes.

– Porque não me contaste? Ou também era um teste?

– Teste?

– Para ver se eu acreditava no pior sobre ti e mesmo assim ia para a cama contigo?

– Não.

Depois com mais ênfase:

– *Não*.

– Então porque não me contaste?

Ele empurrou para trás o cabelo com ambas as mãos e quando estas se encontraram na nuca, manteve-

as lá durante um instante antes de as baixar.

– Matei aquele miúdo, Emory. Atravessei-lhe a cabeça com uma bala e ele morreu.

– Fizeste o teu dever – disse ela, com suave fervor. – Fizeste-o para salvar vidas.

– Isso não faz com que seja mais fácil de aceitar. Ele não era um criminoso nem um psicopata nem um fanático a querer frisar o seu ponto de vista. Era também uma vítima.

Levantou-se e foi até à janela, onde girou a vareta dos estores para os abrir. Olhando lá para fora, disse:

– Chamava-se Eric Johnson. Jack referiu-se a ele como um homem jovem, zangado e ressentido, mas

acabara de fazer dezassete anos. Dezassete. Estava a trabalhar nas férias de verão, prestes a iniciar o seu

último ano no secundário. A maioria dos miúdos estaria entusiasmada. Não Eric. Não conseguia aguentar

a ideia de voltar à escola e sofrer mais *bullying*.

– Os colegas maltratavam-no?

– Quase toda a gente.

– Os pais?

– Não. – Voltou-se para a fitar, apoiado no parapeito da janela. – Francamente, acho que não. Era filho único e tudo indicava que o amavam. Talvez devessem ter pressentido o seu crescente distanciamento e arranjado ajuda psiquiátrica para ele e talvez não percebessem os sinais do seu colapso iminente, mas a negligência não foi maldosa. Além disso, por definição, o impensável nunca lhes teria ocorrido, pois não? Ficaram destroçados com o que ele fez e chocados por saberem que ele tinha adquirido a arma sem o conhecimento deles. O pai nunca possuía armas de tipo nenhum. Eric não crescera com armas no ambiente familiar. Comprou a arma *online* e aprendeu a usá-la em segredo. A descoberta chegou demasiado tarde, quando investigadores de todos os ramos das forças da lei viraram a vida da família Johnson e a casa de pernas para o ar à procura de respostas para a razão por que ele fizera o que fizera. Peritos expuseram as suas teorias. Mas a razão era clara.

– O *bullying*.

– Sim. Eric era o totó clássico, com excesso de peso. Nenhuma capacidade sociais. Nenhum talento especial nem aptidões atléticas. Num esforço para que ele se envolvesse mais, o pai encorajou-o a frequentar um campo de férias de futebol americano num verão e, no outono seguinte, ele conseguiu mesmo entrar para uma equipa de juniores. Num diário, descrevia o bolo que a mãe tinha decorado com as cores da equipa para comemorar esse feito.

Emory engoliu em seco com dificuldade.

– Mas afinal não correu assim tão bem. Ele era lento e não tinha inclinação para o jogo.

– Então porque foi escolhido para a equipa?

– Para ser o bode expiatório do treinador. Se perdiam, o treinador infernizava a equipa, mas era especialmente duro para Eric.

– O treinador no Utah – murmurou ela.

– Já não é treinador e nunca o será.

– Trataste disso.

– Nunca lhe pus as mãos em cima. Tudo o que fiz foi passar-lhe um pedaço de tubo semelhante ao que ele fizera estalar na rótula de Eric.

– Com uma ameaça implícita.

Ele a isso não respondeu.

– Com mais frequência, o tormento de Eric era psicológico. Frequentava uma escola paroquial. Vieram dizer ao diretor da escola que ele fora apanhado a masturbar-se num cubículo da casa de banho. Na capela, na manhã seguinte, o diretor usou o incidente para ilustrar depravação moral.

O coração dela apertou-se de pena pelo rapaz que fora publicamente humilhado e a expressão do seu rosto devia ter revelado a tristeza que sentia por ele.

– O diretor era um padre?

– Pois. Um homem de Deus – retorquiu ele com rancor. – Quando o apanhei, tinha sido nomeado para outra escola em Lexington.

– Percebi que se tinha demitido sob... coação.

– Eu encontrava-me entre a congregação na manhã em que ele confessou, do púlpito, ser viciado em sexo.

– Era viciado em sexo?

– Não sei, mas tornei claro que era esse o pecado que era bom ele confessar.

– Depravação moral. – Ela inspirou fundo e depois soltou o ar devagar. – E houve outros. Connell mencionou qualquer coisa no Texas. Uma cabeleireira?

– Estúpida vaidosa. Cortava o cabelo a Eric. Ele tinha uma paixoneta por ela. Ela troçou dele no Facebook.

– E?

– Algumas semanas depois de a apanhar em Wichita Falls, postou um foto dela própria na sua página do Facebook. Com a cabeça rapada. Sem maquilhagem. – Suspirou. – Estás a ver a ideia.

– O castigo corresponde ao crime.

– Não tanto um crime como uma transgressão contra um alvo fácil. Mas sim, mostrei bem qual era a minha posição.

– Os Floyd?

Ele esboçou um sorriso tortuoso.

– Isso foi especialmente gratificante.

– Eles bateram em Eric?

– Apenas algumas semanas antes do tiroteio. De facto, poderá ter sido a última gota. Tinham andado a implicar com ele desde que ele fora contratado. Durante um intervalo para almoço, Eric, já farto da tortura deles, tentou dar um murro a Norman. Isso deu-lhes a desculpa de que precisavam para cair em cima dele. Bateram-lhe até ele perder os sentidos.

– Como lhes fizeste a eles.

– Sim. E bem queria – acrescentou sombriamente – poder fazer-lhes outra vez o mesmo pelo que eles fizeram a Lisa.

– Aí concordo contigo.

Os olhos dele encontraram os dela com a precisão e intensidade de *lasers*.

– Mas não concordas com o resto.

Ela ergueu as mãos a tentar transmitir a impotência que sentia.

– Estou confusa.

– Porque agora sou eu que pratico *bullying*.

Ficou contente por ter sido ele a dizê-lo e não ela.

– Não é?

– Foi por isso que não te contei – disse ele, com voz fria e bem articulada. – Porque nunca quis que soubesses.

– Ias deixar que eu saísse da tua vida sem sequer saber...

– Sim. Porque nunca entenderás.

– Experimenta lá.

– Justificar, para ti, as minhas ações?

– Não, justificar as tuas ações para *ti próprio*, Hayes. Porque penso que é disso que andas a fugir.

Ele estava a balançar-se para a frente e para trás sobre os calcanhares, com uma expressão zangada e perturbada. Ela discerniu que não era a primeira vez que se debatia com aquilo.

– Eric Johnson será recordado por abater a tiro sete pessoas – declarou. – Mas ninguém se recordará, ou sequer saberá, os nomes das pessoas que o puseram naquele dia atrás daquela parede de tijolos, fortalecido com uma arma, munições e um ódio avassalador pela humanidade. Os intimidadores que instilaram esse ódio nunca tiveram de prestar contas. Penso que deveriam. Penso que deveriam porque ele também morreu nesse dia. – Bateu no peito com o dedo indicador. – E fui eu que tive de o matar.

Lançou-lhe um olhar duro, como se a desafiasse a discordar. Depois afastou-se do peitoril da janela e começou a deambular ao acaso pelo quarto, como se se sentisse enjaulado, talvez pela sua própria consciência.

– Porque achas que Connell te perseguiu estes anos todos?

Ele fez um gesto a desconsiderar a questão.

– Diabos me levem se sei. Talvez queira mitigar as suas próprias apreensões pela forma como aquela

missão foi... resolvida. Talvez não tenha encontrado um substituto para mim na sua equipa. Ou não tem nada melhor para fazer, ou poderá ser que seja tão teimoso como o raio de uma mula.

– As razões não são essas.

Hayes parou de deambular e virou-se para ela.

– Muito bem, *Doc*, esclarece-me.

– Ele preocupa-se contigo e detesta saber que estás a perder-te vivendo uma vida solitária e sombria.

Ele inclinou a cabeça.

– Ena pá. Percebeste isso tudo em... quê? – Fez um espetáculo a olhar para o relógio de pulso. – Dez minutos? Deves ter tido um curso avançado de psiquiatria na faculdade de medicina.

– Estás outra vez a implicar comigo.

– Bem, também estás a implicar comigo. Quem disse que me sinto solitário? E foste tu que falaste de solidão autoimposta. Casada com um homem com um pingente de gelo onde devia estar o pénis. E as tuas corridas de fundo? Não sou nenhum psicólogo, mas parece-me algo obsessivo. Do que precisas que não consegues encontrar parada? Para onde estás a correr? Ou de quê?

A intenção dele era enfurecê-la ou desviar a conversa de si próprio, mas ela recusou ficar ressentida.

– Tenho andado a fazer a mim própria essas mesmas perguntas.

– Bem continua a fazê-las e para de tentar analisar-me.

– Quando estiveste pela última vez com a tua irmã?

– Falámos há duas noites quando eu estava de vigia à porta do hospital.

– Não foi isso que perguntei. Ela ama-te, Hayes.

– Como raio sabes isso?

– Connell.

– O homem fala de mais.

– Rebecca ama-te.

– É o seu defeito principal.

– A tua sobrinha também te ama.

O maxilar dele trabalhou, mas não respondeu, porém afastou-se dela e dirigiu-se para a cómoda. Apoiando as mãos na borda, inclinou-se para o espelho, embora ela tivesse reparado que não olhou para ele.

– E eu amo-te.

Ele sacudiu a cabeça para cima. Os olhos de ambos encontraram-se no espelho.

– Bem, não ames.

– Demasiado tarde. Amo.

Ela saiu da cadeira e, quando chegou ao pé dele, apoiou-lhe o rosto nas costas e abraçou-lhe com força o torso, juntando as mãos no peito dele.

– Estás a preparar-te para te magoares, *Doc*.

– Provavelmente. Mas isso não altera o que sinto. – Fez rolar a testa na concavidade da coluna dele e pousou a mão sobre o peitoral esquerdo dele. – Racionalmente, sabes que fizeste o que tinhas de fazer nesse dia terrível em Westboro. Só desejavas que Eric Johnson tivesse sido alguém que pudesses desprezar e injuriar e não alguém de quem tens pena.

Hayes não a contradisse nem argumentou, por isso ela continuou:

– Usas o teu tamanho e postura severa para maneres as pessoas à distância, com medo de ti. Mas eu fui uma das poucas que pude vislumbrar o teu coração. – Comprimiu a mão contra o coração dele, emocionando-se com os batimentos fortes na sua palma. – E amo o que vi.

Não estava à espera de uma confissão de amor ou qualquer outra declaração romântica da parte dele.

Quando ele se virou no círculo dos seus braços para olhar para ela, parecia tão sinistro como sempre.

– Achas que és esperta, não achas? Pensas que já me percebeste todo.

– Penso que estou lá perto, ou não estarias zangado.

– Queres saber porque não consigo olhar num espelho, *Doc*? Queres saber de que fujo, porque não consigo criar distância suficiente de Westboro?

Sabendo que tinham chegado ao fundo do seu inferno pessoal, ela já sabia o que ele ia dizer.

– Porque na mesma situação, com o mesmo conjunto de circunstâncias, com Eric na mira, eu ainda puxaria o gatilho.

Aproximavam-se passos da porta. A chave foi inserida na fechadura. Connell entrou de rompante. Ela e Hayes separaram-se com rapidez, mas Connell detetou de imediato a atmosfera carregada.

– O que perdi?

– Fecha o raio da porta – resmungou Hayes.

Estendendo o braço atrás para fechar a porta, Connell repetiu:

– Que foi que perdi?

– Não que tenhas alguma coisa a ver com isso, mas contei-lhe o que tenho andado a fazer desde Westboro.

Connell trouxera vários sacos de comida. Pousou-os sobre a mesa. Dirigindo-se a ela, perguntou:

– Falou-lhe das pessoas na lista dele e por que razão lá estavam?

– Sim.

– *Hum* – disse Connell. – Pensei que tinham estado a falar de Jeff.

– De certa forma estivemos – retorquiui Hayes. – É o próximo na minha lista.

Capítulo 38



Os dois tinham um aspeto ainda mais reles do que Jeff esperara. A sua aparência ossuda natural estava embelezada com nódoas negras, ligaduras e as varetas externas que seguravam o maxilar partido de um deles.

Encontravam-se reclinados lado a lado em camas de hospital, com os olhos inchados e injetados de sangue fixos na televisão montada na parede da qual estrondeava o diálogo imbecil da reposição de uma série cómica.

Quando entrou no quarto, ele sorriu-lhe de forma agradável.

– Olá. Chamo-me Jeff Surrey.

Norman observou-o de alto a baixo.

– E daí?

– É o Norman, correto? – Jeff avançou para os pés da cama dele. – Ouvi dizer que foi Will que teve os ferimentos mais graves. – Olhou na direção de Will com uma careta de compaixão.

– Ouviu bem – retorquiu Norman. – E o meu irmão gosta de sofrer em privado. Não é enfermeiro. Se é médico, já temos que chegar. Se é da contabilidade, temos tudo isto de graça porque estamos desempregados e a receber da segurança social.

– Não estou ligado ao hospital.

– Então o que raio quer?

– Hayes Bannock.

– O que é isso?

– Não é um *isso*. É uma pessoa. Eu sou o marido de Emory Charbonneau.

O nome obteve algum efeito. Ao que parecia, tinham estado a ver os telejornais além das reposições das séries. Norman olhou para o irmão e ordenou:

– Desliga isso.

Will, que estivera encarregue do comando da televisão, remexeu nele e emudeceu o som. Jeff conquistara a atenção total deles.

– Posso sentar-me?

Norman fez um gesto de consentimento.

Jeff puxou uma cadeira junto à janela, colocou-a entre as duas camas, sentou-se e cruzou, com descentração, uma perna sobre a outra.

– Contaram-me as circunstâncias invulgares em que conheceram a minha mulher.

– Ela dava pelo nome de doutora Smith.

– Mentiu em relação ao nome. Tem estado a mentir muito nos últimos tempos. Desde que foi raptada pelo vosso vizinho.

– Bannock, diz? Ele era muito sovina com o nome. Nunca o soubemos.

– Por boas razões, como veio a saber-se. É procurado pelo FBI.

– A sério?

– A sério.

Norman lançou uma olhadela a Will.

– Tinhas razão. – Voltou a Jeff. – Tínhamos um mau pressentimento em relação a ele. Porque o quer o FBI?

– Sabem como eles são com os casos deles. Tudo muito secreto. Mas encontrei-me com o agente que anda há anos a tentar capturar Bannock.

– Anos? Então seja lá o que for que ele fez deve ter sido mau.

– Estremeço só de pensar nisso – disse Jeff. – O ataque que vos infligiu foi típico de psicopata cruel. E agora raptou a minha mulher. Pela segunda vez.

Norman virou a cabeça e trocou um longo olhar com o irmão, como se o consultasse em silêncio. Quando voltou a Jeff, perscrutou-o, ao mesmo tempo que se remexia para mudar de posição e se instalava de forma mais confortável na cama. Depois esboçou um esgar, que saiu particularmente feio devido aos estragos feitos no seu rosto.

– Tem a certeza que ela não fugiu? Pois não nos pareceu que ela estivesse com esse Bannock contra a sua vontade.

– Ele fez-lhe uma lavagem a cérebro.

Norman soltou uma gargalhada grosseira.

– Não me lixe.

– Talvez não num sentido literal – respondeu Jeff –, mas qualquer coisa do género. Posso dizer-lhes com toda a certeza que ela não é a mesma. Estava a comportar-se de forma irracional e... receio que, se alguma vez regressar, não vá ser a mulher que foi antes. A que eu conhecia e amava.

Cobriu com o punho uma tosse-soluço ligeiro e teve fé em Deus que a representação fosse convincente. Esperava também que eles entendessem pelo menos algumas das palavras com várias sílabas.

Entenderam as suficientes. Norman já não sorria.

– Ele também andou a enfeitiçar a nossa mãe e a nossa irmã. O filho da puta entrou simplesmente na nossa casa e pôs-se todo à vontade com as nossas coisas.

– É por isso que eu...

– Mas a verdade – continuou Norman, interrompendo-o – é que ele é mau como as cobras e não queremos ter mais nada a ver com ele, sobretudo com isso de ele ser procurado pelo FBI e tudo. Não precisamos dessa merda, nem nada do género. Não, obrigado.

Na cama ao lado, Will confirmou-o com o aceno que conseguiu fazer. Incentivado pela aprovação do irmão, Norman tornou-se mais expansivo.

– Ora, lamento que a sua mulher o prefira a ele. É uma merda, está bem. Mas o problema não é nosso, é seu. Por isso... – Sacudiu o queixo para a saída. – A porta é ali.

Jeff permaneceu onde estava e limpou uma sujidade imaginária da perna das calças.

– Claro que os meus problemas conjugais são inteiramente pessoais e não vos teria falado deles,

exceto pelo facto de se terem tornado problema vosso.

– Como é isso?

– Estou preparado para deixar o destino de Bannock nas mãos do governo federal. A minha única preocupação é a minha mulher. A influência dele transformou-a numa criminosa e desequilibrou-a mental e emocionalmente. Por exemplo, ontem contou aos detetives do departamento do xerife que o bebé que a vossa irmã abortou foi... – Afastou o olhar, como se incapaz de pronunciar a alegação sórdida.

– Foi quê?

– Foi... – Soltou um longo suspiro. – Concebido por um de vocês.

Apesar das costelas partidas, Norman dobrou-se para a frente.

– Disparate!

Jeff ergueu as mãos, rendido.

– Não sou eu que digo, Norman. É Emory.

– Bem, é o raio de uma grande mentira – disse ele, cortando o ar com o dedo indicador para maior ênfase.

– Espero que sim. Independentemente do incesto, qualquer relação sexual com Lisa constituiria violação de menor por causa da idade dela. Como tenho a certeza que estão cientes.

Norman olhou para o irmão, cuja reação era difícil de decifrar, mas Jeff decidiu que continha porções iguais de medo e fúria.

Jeff alimentou ambos.

– Lisa foi interrogada por uma agente. Não sei o que se passou na conversa, mas, tendo em conta a forma afetuosa como Emory falou da vossa irmã, fiquei com a impressão que tinham forjado uma ligação forte.

– Lisa pensa que o sol nasce e se põe na *doutora Smith*.

– *Hum*. – Jeff repuxou o lábio inferior como se achasse aquilo muito inquietante. – Foi o que calculei. Receio que a vossa irmã vá confirmar qualquer coisa que Emory tenha dito sobre vocês às autoridades. E foi por isso que me senti compelido a informar-vos que, enquanto se encontram aqui sequestrados, o vosso apelido anda a ser difamado. Estão a ser acusados do pior tipo de depravação e de um crime hediondo.

Desta vez usou palavras caras de propósito. Eles se calhar não as conheciam a todas, mas a linguagem clamava fatalidade iminente para os irmãos Floyd e essa era a intenção de Jeff.

Norman olhou para Will.

– Temos de sair daqui. Acabar com isto antes que vá mais longe.

Will mostrou os polegares erguidos ao irmão e começou a dar às pernas para empurrar o lençol.

Jeff levantou-se.

– Esperem! Não podem sair do hospital. O vosso estado é demasiado grave. Não vos teria contado se pensasse...

– Não se preocupe connosco. – Norman começou a rasgar o adesivo que fixava o tubo intravenoso à mão. – Obrigado por ter aparecido para nos informar. A partir de agora tratamos nós da coisa.

– Bem – retorquiu Jeff –, visto que insistem em tomar medidas imediatas... Tinha-me ocorrido que nos podíamos ajudar uns aos outros.

Norman parou de puxar o adesivo. Will murmurou a sua vontade de ouvir o que Jeff tinha em mente. Até fez um movimento giratório com a mão como se dissesse: *Diga lá*.

Jeff manteve o semblante pensativo e sério, mas lá por dentro ria-se.

A declaração de Hayes fez com que Emory sentisse um baque no coração.

– Jeff é o próximo na tua lista? O que significa isso?

– Sei o que significa – disse Jack. – Por amor de Deus, Hayes, não podes resolver isto sozinho.

Hayes afastou-se deles e foi até à mesa.

– O que trouxeste para comer? – Tirou uma das sanduíches de um dos sacos, desdobrou o invólucro e inspecionou os ingredientes entre as grossas fatias de pão.

– Ouviste o que eu disse? – perguntou Jack.

– Não posso resolver isto sozinho.

– Antes de te deixar fazer alguma coisa estúpida, ponho-te na prisão por causa da questão dos Floyd.

Juro por Deus que o faço.

– Chega de ameaças, Jack. Come.

Sentou-se à mesa e fez sinal a Emory para ficar com a segunda cadeira.

– Tu ficas com a cama – disse para Jack, ao mesmo tempo que lhe passava uma caneca descartável de café e uma sanduíche de pequeno-almoço.

Emory sentou-se como indicado, mas não tocou na comida.

– Não vais fazer nada ilegal, pois não?

– Como arrancar os membros de Jeff um a um? Nada me daria mais prazer. Mas tu própria proferiste a palavra-chave. Ilegal. Recuso-me a oferecer-lhe uma escapatória no tribunal. O nosso trabalho – disse para Jack – é assegurar-nos que temos um caso muito sólido para o ministério público.

Ouvindo um veículo aproximar-se, Emory virou-se para olhar através dos estores abertos. O SUV familiar estava a travar no espaço de estacionamento diretamente em frente do quarto.

– É Knight e Grange.

– A cavalaria – disse Hayes.

– Sabem quem és – explicou Jack. – Tive de lhes dizer – acrescentou em resposta à reação furiosa de Hayes. – A noite passada depois de teres levado Emory daquela varanda, todos os agentes na zona andavam pelas matas fora à tua procura. Se não lhes dissesse quem eras, podiam dar-te um tiro mal te vissem.

Quando bateram à porta, Emory perguntou:

– Deixo-os entrar?

– O plano era encontrar-nos aqui às oito – disse Jack. – Chegaram mesmo a horas. Abra a porta.

Se a situação não fosse tão séria, ela teria rido com as expressões assarapantadas dos detetives quando a viram.

– Bom dia.

Desviou-se para o lado para eles poderem entrar. Ambos se detiveram, vacilantes, quando viram Hayes sentado à mesa, com o pequeno-almoço espalhado diante de si.

Knight foi o primeiro a recuperar o dom da palavra.

– Devo dizer que vocês os dois nunca deixam de surpreender.

– Sam Knight, Buddy Grange, este é Hayes Bannock – apresentou Jack.

Emory reparou que foi com reverência e admiração que Grange se aproximou de Hayes para lhe apertar a mão.

– É uma lenda. Nunca pensei ter a honra, senhor.

Hayes replicou com um obrigado tenso e, depois de apertar a mão a Knight, continuou a comer.

– Como arranjou essa pisadura no queixo? – perguntou Knight a Connell.

– Escorreguei no chuveiro.

Emory percebeu que nem ele nem Grange acreditaram naquilo. Ambos olharam na direção de Hayes,

cuja única reação à especulação foi amachucar numa bola o invólucro vazio da sua sanduíche e atirá-lo para dentro do saco.

– Devo dizer-vos a todos que estou a morrer por saber como aconteceu esta pequena reunião – comentou Knight.

Jack encarregou-se de explicar. Deu-lhes uma visão geral a traços largos e depois acrescentou os pormenores.

– Quando chegaram, íamos abordar a questão da solidez do caso contra Jeff Surrey. Foi o primeiro a suspeitar dele. O que lhe parece?

Knight repuxou, pensativo, o elástico à volta dos dedos. Virando-se para Hayes, disse:

– Não temos uma cena de crime e, mesmo que tivéssemos, comprometeu-a quando retirou essa pedra.

– Entendo isso. Não esqueci o meu treino. Mas vinha aí mau tempo que, de qualquer modo, a teria comprometido. Ou podiam não ter dado pela pedra. Jeff podia ter começado a pensar nela, voltado ao local e tê-la levado. A melhor opção que eu tinha era levá-la comigo. Estava a usar luvas, por isso a última pessoa a tocar nela foi a pessoa que a usou como arma.

– Porquê uma pedra? – perguntou Grange. – Não é uma arma mortífera muito segura.

– Jeff queria que parecesse um acidente – retorquiu Hayes. – Como se Emory tivesse caído.

– Tem a certeza que não caiu, doutora Charbonneau? – indagou Grange.

– Não. A primeira vez que me interrogaram, disse-vos que não me conseguia lembrar especificamente do que aconteceu e ainda não consigo. Se isto for a tribunal, eu não poderei asseverar sob juramento que não caí.

Aquilo perturbou os detetives e Hayes reparou. Com discernível irritação, disse:

– Mostra-lhes a coisa que caiu do casaco de Jeff.

Emory retirou o berloque prateado do bolso. Enquanto os detetives o examinavam à vez, Hayes explicou como o encontrara.

– Não poderia tê-lo deixado cair lá? – perguntou Knight a Emory.

– Não e tenho a certeza disso. A última vez que o vi antes da noite passada, estava a baloiçar do fecho-éclair do casaco de esqui de Jeff.

– O que aconteceu a noite passada?

– Hayes mostrou-mo na varanda do hotel.

– *Hum* – observou o detetive mais velho. – Então foi isso que a convenceu a partir a correr com ele.

– Sim. Percebi de imediato o que significava e que ainda me encontrava em perigo, por parte de Jeff.

– Ele não terminou o trabalho lá em cima naquele trilho, mas esteve lá – afirmou Hayes.

– O que andava lá a fazer no último sábado?

Hayes explicou, desta vez sem se referir às calças pretas justas de Emory.

– Levei algum tempo a dar a volta. Quando a encontrei, tinha-se passado pelo menos meia hora, possivelmente um pouco mais. Ela estava fria.

– Tempo suficiente para Jeff a intercetar, fazer o que tinha a fazer e fugir sem você o ver – disse Grange.

– Obviamente.

Knight fez estalar o elástico.

– Muito bem, vamos assumir, de forma otimista, porque receio que um advogado de defesa vá atacar esse horizonte temporal, vamos assumir que, se o conseguirmos colocar nesse trilho, também temos um motivo clássico. É podre de rica.

Emory retraiu-se com a expressão, mas não levantou problemas.

– Jeff também tem um caso.

– Então sabe disso? – perguntou Grange. – Não tínhamos a certeza.

– Desconfiava. Ele agora admitiu. Disse-me que terminou, mas neste ponto não acredito em nada que ele diga.

– A ligação poderá ter acabado, mas ele ainda precisa dela como álibi. Alice Butler jurou-me que ela e Jeff estiveram juntos desde sexta à noite até domingo à tarde.

Mais tarde, Emory perguntou a si própria como conseguira não gritar e atraiçoar-se. Sem perceber a gafe que cometera, Grange continuou a falar, mas ela ficou surda ao que ele dizia e insensível a tudo exceto a traição que lhe esmagava a alma.

Sentiu a dor da traição de Alice de forma ainda mais intensa do que a de Jeff. Alice era a colega em quem confiava, que admirava e com quem construía um consultório. Fizera confidências a Alice sobre Hayes. Pior, fora com ela que partilhara as suas dúvidas sobre a fidelidade de Jeff, o futuro do seu casamento e as suas suspeitas sobre a culpabilidade dele.

Como se lhe lesse o pensamento, Hayes interrompeu Grange.

– Alice sabe que Emory suspeita dele.

Toda a gente olhou para ela à espera de uma explicação, mas quando ela não se lançou de imediato num esclarecimento, Hayes contou-lhes a conversa telefónica dela com Alice.

– Ela atribuiu a aflição de Emory a fadiga, medicação, coisas do género. Desvalorizou as suspeitas dela, disse que Jeff não poderia de forma alguma ter-lhe feito mal.

– O amor pode tornar-nos estúpidos – observou Connell. – Talvez ela acredite mesmo nisso.

– Talvez. Mas mesmo assim está a mentir para o proteger.

– Porém, cabe-nos a nós provar que ela está a mentir – disse Knight.

– Ponham esse amor à prova. Se Jeff for de facto detido e acusado, ela poderá repensar a sua história.

Grange pareceu gostar da sugestão de Hayes.

– Vamos pedir um mandado para ele e ver o que acontece.

– Sabem onde está? – perguntou Jack.

– No hotel das suítes – retorquiu Knight. – Parámos lá quando vínhamos para cá, perguntámos-lhe se tivera notícias da mulher durante a noite. Não estávamos à espera que tivesse tido – continuou, dividindo um olhar curioso entre ela e Hayes. – Mas queríamos testar a reação dele. Disse-nos que estivera louco de preocupação a noite toda. Tanto assim que mal amanhecera, fora ao hospital para ver se ela teria sido admitida nas urgências, como mulher sem documentação.

– Está a armar uma bela representação – comentou Jack.

Grange puxou do telemóvel que tinha no cinto.

– Vou mandar um agente para o hotel para vigiar o quarto dele, assegurar-se que ele não vai a lado nenhum enquanto estamos à espera desse mandado.

Quando se afastou para fazer a chamada, Knight disse para Jack:

– Se um agente do FBI estivesse também à espera desse mandado, poderia exercer alguma pressão e acelerar as coisas.

Jack lançou uma olhadela a Hayes, formulando uma pergunta muda. Hayes encolheu os ombros.

– Mal não fará.

– O que vais fazer?

– Ficar por aqui onde é seguro.

– Cancelámos o alerta – informou-o Knight. – A razão que demos foi que o incidente da noite passada tinha sido um mal-entendido doméstico. Não explicámos quem era. Aqui o agente Connell disse que ficaria muitíssimo chateado se a coisa se soubesse e se se criasse um grande burburinho a seu respeito. De qualquer modo, está em segurança.

– Não estava a referir-me a ser seguro para mim – retorquiu Hayes, com os lábios mal se movendo. –

Referia-me a Jeff. Se o vir, sou capaz de o matar.

Naquele momento, Grange voltou e informou-os de que um agente já se encontrava no local.

– Tem a suíte e o carro de Jeff bem controlados.

– Telefone quando o tivermos detido. Qual é o teu atual número de telefone?

Hayes hesitou.

Connell revirou os olhos.

– Ouve, sei que deixas a Rebecca uma forma de te contactar.

Hayes puxou de um telemóvel do bolso e, quando o número apareceu no mostrador, ergueu-o para Connell o ver e decorar.

– Pronto. – Virou-se para os detetives. – Vamos lá tratar disto, senhores.

Grange abriu a porta e afastou-se para o lado para Connell passar primeiro.

– Pode vir connosco.

Saíram os três em fila indiana e fecharam a porta. Nenhum deles parecera reparar que Emory não dissera uma palavra desde que Alice fora mencionada.

Mas Hayes sim.

Capítulo 39



Parecendo crianças a bater às portas no dia das bruxas, Will e Norman chegaram a casa da tia e do tio mesmo quando Lisa estava prestes a sair para a escola.

– A mãe está doente – anunciou Norman. – Tens de vir já para casa connosco.

– O que tem ela?

Ignorando a pergunta, Norman pediu ao tio se lhe emprestava a *pick-up*.

– Como chegaram cá? – perguntou o homem quando lhe entregou, relutante, as chaves.

– Foi um amigo que nos deixou.

– Estão com um aspeto horrível – comentou Lisa. – Não deviam ficar no hospital durante mais uma série de dias?

– Estamos bem. A mãe é que talvez não.

Norman pegou-lhe no braço e empurrou-a com rudeza na direção da carrinha estacionada na entrada. Will tinha a porta do lado do passageiro aberta para ela.

– Pareces uma aberração.

Fulminando-a com um olhar mais malevolente do que o habitual, ele içou-a lá para dentro.

Mal se encontravam a caminho, Lisa perguntou:

– O que tem a mãe?

– Isso nós é que sabemos e tu tens é de te calar – rosou Norman a ziguezaguear por entre o tráfego. – Tens andado a falar de mais, irmãzinha.

– Estão a mentir, não estão? Deixem-me sair daqui! – Tentou agarrar no volante.

Will empurrou-a para trás, bateu-lhe de lado na cabeça com a base da mão e depois agarrou-lhe ambos os pulsos com força esmagadora, prendendo-lhe as mãos juntas.

– Tentas outra vez alguma coisa como essa e vais arrepender-te – ameaçou Norman.

– Para onde me levam?

– Tal como dissemos. Para casa.

– Mas a mãe não tem nada, pois não?

– Para além de ser velha e feia? Não.

Apesar do aparelho à Frankenstein, Will conseguiu soltar um risinho ao ouvir a piada do irmão.

Lisa odiava-os, sentia aversão e tinha medo deles. Sabia por experiência própria que não conseguiria libertar-se das mãos de Will até ele estar preparado para a soltar. Conseguiu com sucesso mantê-la quieta debaixo dele demasiadas vezes para ter alguma esperança de se conseguir libertar dele agora. Estava enfraquecido por causa dos ferimentos, mas o brilho febril dos olhos avisou-a que ainda tinha muita energia. E, mesmo que conseguisse libertar as mãos, como iria sair da carrinha?

A sua única esperança assentava no homem que prometera vir em seu socorro se ela alguma vez precisasse dele. Tudo o que tinha a fazer era esperar até chegarem a casa e, de alguma maneira, apanhar um telefone.

Mas, quando se aproximaram da cabana dele e viu que a fita amarela da polícia tinha sido passada à volta da propriedade inteira, soltou um grito de consternação.

– O que aconteceu?

– Tal como pensamos, ele é um fugitivo. Deu-te um número de telefone, não foi?

– Como sabes?

– Não sabia – disse Norman, lançando-lhe o seu sorriso manhoso. – Mas calculei. Disse-te para lhe telefonares se...

– Se me tentassem violar.

– Pois, sabemos que é isso que tens andado para aí a revelar. Também sabemos que tinhas o apoio da tua amiga doutora. Mas ela que se foda. O homem dela que resolva o problema dela.

– Ela é casada?

– Parece, mas não tens nada com isso. É o teu homem alto, escuro e atraente que queremos.

– O que vão fazer?

Norman virou para a entrada da casa e travou com um solavanco. A corrente ainda se encontrava passada em volta da árvore.

– Raios, também roubou o nosso cão – resmungou, desligando o motor e puxando o seu telemóvel do bolso das calças de ganga sujas, as calças manchadas de sangue com as quais dera entrada no hospital. Aqui está o que vai acontecer, irmãzinha – disse. – Vais telefonar ao teu cavaleiro andante e dizer-lhe que te trouxemos para casa e que estás com medo por causa do que descobrimos sobre as mentiras que andas a espalhar.

– Ele sabe que não são mentiras.

– Não, não sabe – retrucou ele. – Está só a acreditar no que tu dizes. Mas vais dizer-lhe que estamos furiosos e que ameaçámos concretizar as tuas mentiras e que mais depressa te matas do que deixas que nós... façamos isso.

Will grunhiu a sua aprovação do guião.

– E depois? – perguntou ela.

– Depois ele vem a correr salvar-te. Quando aqui chegar, vai desejar nunca ter nascido. – Norman sorriu e brandiu o telemóvel. – Qual é o número?

Ela escarneceu:

– Quando as galinhas tiverem dentes.

Will agarrou-a pelo maxilar, enterrando o polegar numa bochecha e os dedos na outra. Embora lhe custasse uma careta de dor por causa das costelas partidas, Norman segurou-lhe as mãos. Ela resistiu e contorceu-se, mas, quanto mais se debatia, mais eles apertavam. A dor no maxilar era tão intensa que as lágrimas lhe vieram aos olhos.

– Dói, não é? – disse Norman.

Começara a suar frio e um dos ferimentos em carne viva no rosto vertia sangue fresco.

– Podes imaginar o sofrimento por que Will passou por causa do teu amigo. Mas ainda tem força para

dobrar uma pequena escanzelada como tu. Vais acabar por nos dizer o que queremos saber, por isso mais vale pouparem o desconforto.

Lisa fechou os olhos com força e abanou a cabeça.

Passado um momento, Norman disse:

– Muito bem, então, vamos experimentar outra coisa.

O timbre sinistro da voz calma fê-la abrir os olhos. A mãe saíra para o alpendre, com um pano da loiça atirado por cima de um ombro, o casaco de malha cheio de buracos abotoado de través e a coragem de Lisa desintegrou-se porque sabia que faria o que eles exigissem.

– Fazes essa chamada, irmãzinha – sussurrou Norman – e é melhor que seja convincente. Ou agora amarramos a mãe a uma cadeira e ela fica a ver.

Hayes esperou até que os outros três homens tivessem partido e depois disse:

– Não sabias que era Alice.

Em vez de lacrimosos, os olhos de Emory estavam excepcionalmente secos, como se nem sequer tivesse pestanejado desde que soubera da traição da amiga.

– Não.

– Nunca suspeitaste?

– Não.

– Estás furiosa.

– Podes ter a certeza que estou. – Saiu da sua cadeira, empurrou-a para o lado e começou a andar de um lado para o outro na zona entre a cómoda e os pés da cama. – Não tenho ciúmes. Nem sequer estou magoada. Estou furibunda.

– Ela não merece a energia que isso requer.

– Estou mais zangada comigo própria do que com ela.

– Porquê?

– Por ser tão ingénua.

– Confiante.

– Cega.

– Posso juntar outro adjetivo?

Emory parou de andar e olhou para ele.

– Qual?

– Indiferente. Tornaste a coisa fácil para ela. Não te preocupaste o suficiente com as infidelidades de Jeff para descobrir quem era a parceira.

Ela pensou naquilo e depois replicou:

– Para de ter razão e deixa-me arengar.

Ele fez-lhe sinal para continuar.

– O que de facto me enfurece é que lhe falei da minha noite contigo. Era o segredo mais precioso que tinha e queria guardá-lo só para mim. Mas tive de partilhar os aspetos mais pessoais com ela. – Explicou porquê e depois fitou-o, constrangida.

Hayes olhou-a nos olhos e proferiu com solenidade:

– Espero que me tenhas feito justiça.

Era uma reação tão inesperada da parte dele que ela se riu.

– Connell estava enganado. Sabes brincar.

– Não estava a brincar.

Mas estava e ela devorou a visão do sorriso raro dele. Ele tinha razão, Alice não merecia a energia que era necessária para ficar zangada. Além disso, o seu coração estava demasiado cheio de outra emoção. Com suavidade, observou:

– Acho que o teu amigo Jack nos topou.

– Ele não é meu amigo, mas topou-nos. Quando voltou com o pequeno-almoço, percebeu que tinha interrompido ou uma briga ou os preliminares.

– Era uma briga?

– De certeza que não eram preliminares.

Sabendo que se estava a aventurar por um caminho difícil, disse:

– Deixámos essa conversa por acabar, Hayes.

Num instante, a disposição dele mudou. Levantou-se e virou-lhe costas.

– É melhor assim.

– Não acho.

– Vamos só andar para aqui às voltas com este assunto, *Doc*. É inútil.

Ela foi ter com ele e obrigou-o a olhar para ela.

– Durante as nossas primeiras conversas, eu disse «Há sempre uma opção». E tu corrigiste-me. «Nem sempre», disseste. Lembras-te?

– Sim.

– Tinhas razão. Fizeste o que tinhas de fazer em Westboro porque não tinhas nenhuma outra opção.

– O que estás a dizer então é que há trabalhos sujos, mas que alguém tem de os fazer.

– Não são exatamente as palavras que usaria – retorquiou ela.

– Mas no fundo é essa a tua opinião.

– E de onde vem a tua opinião?

– Do raio de um lugar – respondeu ele tenso. – Mas compreendes o que isso significa? Significa que há uma parte de mim que não se importa de sujar as mãos. Isso assusta-me. Devia assustar-te.

Ela via pela implacabilidade dos olhos dele que os seus argumentos não tinham feito moça.

– Vais desaparecer outra vez, não vais?

– Porque pareces surpreendida? Disse-te que ia.

– Também me disseste que nada mudou. Estás enganado, Hayes. Tudo mudou. Raios me partam se vou deixar que o negues.

Estendeu as mãos, abraçou-lhe a nuca e puxou-lhe a cabeça para baixo para lhe poder chegar aos lábios. Ele resistiu e tentou desviar-se até que ela lhe traçou a linha de junção dos lábios com a língua e, então, ele não só afrouxou para permitir o beijo, como assumiu o comando do mesmo.

De repente era ele o agressor, a boca inclinou-se sobre a dela e banqueteu-se. Colocou-lhe as mãos por baixo do traseiro, içou-a para as suas coxas e depois carregou-a até à parede mais próxima e prendeu-a ali com o seu corpo. As pernas dela rodearam-no, segurando-o na enseada das suas coxas.

Sem espaço entre eles que permitisse estocadas, ele aplicou uma pressão firme e insistente a que ela respondeu com ondulações ardentes. O desejo que sentiam um pelo outro só era igualado pela frustração, estorvados como estavam pelas roupas, pelo lugar e ocasião e pelas circunstâncias.

Arrancando a boca da dela, ele enterrou o rosto no L do ombro e pescoço dela, a respiração arquejante e quente contra a pele.

– Pois, está bem, alguma coisa mudou. Quando estiver sozinho na noite, vou querer-te.

Baixou a cabeça, encontrou o mamilo dela através das roupas e passou a boca por ele, ao mesmo tempo que sussurrava em voz rouca frases intermitentes.

– Dormir entre as tuas coxas, descobrir os teus seios no escuro, escutar a tua respiração e cheirar o teu

cabelo na minha almofada. Vou querer isso tudo, raios. Caramba, *Doc*. Não vai ser fácil deixar-te.

– Então fica comigo.

– Não posso.

– Podes.

– Eu...

O telemóvel retiniu. Uma, duas, três vezes. Depois parou.

Imobilizaram-se, ofegantes, à espera e, quando começou outra vez a tocar, ela baixou os pés para o chão. Ele soltou-a e deu um passo atrás, levando a mão ao entrepernas, a massajá-lo e a praguejar prodigamente ao mesmo tempo que pescava o telemóvel do bolso das calças de ganga.

Atendeu com um:

– Grande sentido de oportunidade, Jack.

Escutando, a expressão foi mudando de supremo aborrecimento para alarme.

– Lisa? Podes falar mais alto? – Articulou uma obscenidade. – Onde? A tua mãe está aí?

Um instante depois, sibilou outra imprecação e disse:

– Faz o que conseguires para te afastares deles. Vou a caminho. – Desligou.

– Que é?

– Os irmãos apanharam-na e levaram-na para casa. Ela trancou-se no quarto, mas eles estão a ameaçar concretizar as *mentiras* que ela andou a contar sobre eles.

Emory gemeu.

– Pauline?

– Não vais querer saber.

– Vou telefonar para o departamento do xerife.

– Não. Eles iriam, Lisa acusaria, os irmãos negariam, eles iam-se embora. Ela continuava lá com eles.

Não, isto é um daqueles trabalhos sujos. Tenho de o terminar.

– Isto é um assunto para as autoridades.

Ele concedeu alguns segundos de consideração.

– Muito bem. Dá-me dez minutos de avanço.

– Hayes...

– Dez minutos. – Avançou em direção à porta.

– Vou contigo.

– Uma porra é que vais. Não posso lutar com eles e proteger-te ao mesmo tempo.

– Já o fizeste antes.

– Desta vez não. Além disso, precisas de esperar pela chamada de Connell a respeito de Jeff. Não te esqueças de carregar o teu telemóvel. – Acenou para uma tomada de parede onde o carregador de Connell estava ligado. – Se Jack não me conseguir contactar, telefona-te a ti. Tem o teu número, certo? Knight e Grange também?

– Sim, mas...

– Nada de mas, *Doc*. Jeff está controlado e é por essa única razão que te vou deixar sozinha. Mas o meu assunto neste preciso momento é com Norman e Will.

Quando ele abriu a porta, ela agarrou-lhe no braço.

– Disseste que não os matavas.

– Isso eles não sabem.

Numa semana cheia de surpresas, Jeff recebeu a mais desagradável de todas quando puxou a porta da

suíte para a abrir e descobriu Alice ali na soleira, com o punho erguido, prestes a bater.

– Alice. Que inoportuno. O que estás aqui a fazer?

– Achei que devíamos conversar.

– Agora não. Vou sair.

– Agora, Jeff.

Empurrou-o para o lado quando entrou no vestíbulo. Reparando que ele estava vestido com agasalhos para o frio, perguntou:

– Onde ias?

Franzindo o sobrolho, Jeff verificou o relógio de pulso.

– Dou-te cinco minutos. Tenho pessoas à espera.

– Que pessoas?

– Aqueles irmãos pacóvios.

– Aqueles com quem Emory se envolveu?

– Sim. Esses mesmos. Emory e Hayes Bannock são os defensores da irmã deles. Pensei que se alguma coisa pudesse servir de engodo para os atrair, seria ela.

– De que estás a falar? O que fizeste?

– Não interessa. É o cavaleiro Bannock que vai em seu socorro.

– E Emory?

– Espero que ela esteja com o seu cavaleiro. Se não, Norman assegurou-me que terá todo o gosto em pressionar até que ele confesse onde a escondeu. Além disso, penso que está na altura de conhecer o homem mistério dela.

– Descreveste esses irmãos como patifes.

– E são.

– Mas tramaste algum esquema com eles? Enlouqueceste?

– Não.

– Penso que deves ter enlouquecido, Jeff. Qualquer que seja o plano, pode correr terrivelmente mal.

– Estou preparado para essa eventualidade.

Abriu o casaco e mostrou-lhe um bolso interior. Ela fitou-o boquiaberta.

– Tens uma *arma*? Tu?

– Tenho uma arma. Eu. – Retirou o revólver do bolso e equilibrou-o na palma da mão. – Pequeno, mas de confiança.

Alice encaminhou-se para o sofá e sentou-se a esfregar as têmporas como se lhe doessem.

– Isto é uma loucura. Se houver algum tipo de tumulto, Emory pode ser ferida ou morta.

– E de quem seria a culpa? – disse ele. – Só dela. Porque continua a ser a *cause célèbre* de toda a gente? Tudo isto, tudo o que sucedeu foi ela que provocou.

Ela fitou-o, o semblante desconfiado e acusador.

Abruptamente, ele virou-se.

– Tenho de ir.

– Onde está o berloque do teu fecho-éclair?

Ele voltou para trás.

– Quê?

– Na noite de sexta-feira passada, quando chegaste à minha casa, estavas com esse casaco vestido. Comentei como ficavas bem com ele. Gabaste-te de ser novo e disseste-me quanto te tinha custado. Recordas-te?

– Não estou senil, Alice.

- Tinha um logótipo reconhecível da marca a baloiçar do fecho. Não está aí agora.
- Perdi-o.
- Onde?
- Se soubesse, não estaria perdido. – Com impaciência, mudou o peso do corpo de um pé para o outro.
- Mais alguma coisa na tua cabeça esta manhã?
- Tu e eu. Terminámos?
- Pensei que isso tinha ficado claro a noite passada.
- Sim. Mas queria ouvir-te dizer isso pessoalmente.
- Considera-o dito. – Fez um gesto para a porta. – Acompanho-te à saída e depois preciso de ir andando.

Ela levantou-se, trémula.

- Não estou a sentir-me bem. Preciso de ir à casa de banho.

Ele suspirou.

- Ao cimo das escadas, através do quarto. Despacha-te, por favor.
- Vai – disse ela chorosa. – Eu tranco bem a porta quando sair.

Capítulo 40



Emory não prometera propriamente a Hayes um avanço de dez minutos antes de telefonar para o departamento do xerife. Ele apenas presumira que ela obedeceria ao pedido dele. Mal ele saiu, ela ligou o telemóvel ao carregador.

Verificou os contactos à procura do número de Sam Knight, mas, antes de conseguir ligar, o telemóvel tocou-lhe na mão, sobressaltando-a. Ainda mais alarmante, no mostrador lia-se: *Alice*.

Com um ressurgimento de fúria, atendeu:

– Já sei, Alice.

Alice gaguejou um soluço.

– Jeff contou-te?

– Não. Mas não interessa como descobri. A questão é que descobri.

– Emory...

– Poupa-te. Não posso falar contigo agora. De facto, não quero ter mais nada a ver contigo. Nunca.

– E o consultório?

– Consideraste o futuro do consultório quando começaste a dormir com o meu marido?

– Mereço isso. Mereço o teu desprezo. Mais. Mas agora tens de me ouvir.

– Nada que digas poderá alterar...

– Menti ao detetive.

Emory não chegou a desligar.

– Quê?

– Disse ao sargento Grange que Jeff esteve comigo desde sexta à noite quando partiste para a Carolina do Norte até domingo à tarde.

– Não esteve?

– Esteve, exceto... exceto que acordei cedo na manhã de sábado para ir à casa de banho e ele não estava lá. Pensei que decidira apenas ir embora para casa e dormir na sua cama durante o resto da noite. Não gostei. Tinha calculado que tivéssemos uma noite para passar...

Não ligando ao que ela dizia, Emory interrompeu-a:

– Onde foi ele?

– Não sei. Voltei para a cama, dormi e, quando acordei, ele estava à cabeceira, com um tabuleiro a servir-me o *brunch* na cama. Nunca mencionou que tinha saído. Não sabia que eu dera pela falta dele. Eu nunca trouxe o assunto à baila.

– E não disseste a Grange.

– Não. Quando ele apareceu inesperadamente na minha casa, fiquei abalada. Admiti o caso, mas a ideia de Jeff estar implicado num crime contra ti era tão disparatada que o encobri. Tu reapareceste nessa mesma manhã, por isso a minha mentira estava desculpada. Ou assim pensei. Mas agora penso que as tuas suspeitas se justificam.

O coração de Emory começou a bater mais forte.

– O que te leva a pensar isso?

– Coisas que ele disse, respostas evasivas... mas vou deixar isso para depois. Há uma coisa mais urgente que precisas de saber.

Aos arranques, o discurso tão rápido que as palavras tropeçavam umas nas outras, disse:

– Jeff engendrou um esquema qualquer com esses irmãos Floyd, usando a irmã deles para te atrair a ti e a Hayes Bannock. É de loucos.

– Oh, meu Deus. Hayes recebeu um telefonema desesperado de Lisa. Vai para casa deles agora.

– E Jeff arrancou daqui há não mais de...

– Daí de onde?

– Do hotel das suítes. – Contou a Emory que Jeff lhe telefonara na noite anterior. – Fiquei com a sensação que estava a tentar persuadir-me que tu tinhas enlouquecido. Vim até cá esta manhã para o confrontar em relação a tudo isto e apanhei-o mesmo quando ele ia a sair. Fingi estar maldisposta e, mal ele se foi embora, telefonei-te.

Enquanto Alice estivera a falar, Emory percebeu que Hayes não lhe dera o número do seu telemóvel, um lapso que podia ter sido intencional, para a proteger, mas que a deixava sem nenhuma forma de o alertar para a armadilha preparada contra ele.

Depois reparou nas chaves de automóvel em cima da cómoda.

Interrompeu Alice a meio da frase.

– Ainda tens o número do detetive Grange?

– *Hum...* penso... sim. Deu-me o cartão dele. Está aqui na minha mala.

– Telefona-lhe. Conta-lhe o que me contaste a mim. Tudo. Diz-lhe para despachar agentes lá para cima para casa dos Floyd. Agora. Já. Convince-o que Hayes está em perigo. Entretanto, vou lá acima tentar intercetá-lo.

Puxou o telemóvel do carregador, apanhou as chaves e saiu do quarto do motel. Lá fora, carregou no botão de borracha do comando. Os faróis piscaram num *sedan* vulgar estacionado num dos lugares de estacionamento ali perto. Correu para ele.

O telemóvel tocou. Alice outra vez. Atendeu a dizer:

– Telefona a Grange! Faz isso, Alice. Deves-me isso.

– Estavas a falar a sério, vais lá acima?

– Vou a caminho agora.

– Então há uma coisa que precisas de saber. Jeff tem uma pistola.

Aquilo quase fez Emory abrandar. Quase.

Porém, desligou, abriu com um puxão a porta do lado do condutor e deslizou para trás do volante do carro alugado de Jack, aquele em que ele se perdera no nevoeiro. O que acontecia com facilidade quando se encontrava assim tão cerrado.

Jeff chegou à porta da suíte e estava a estender a mão para a maçaneta quando pensou na visita que Knight e Grange lhe tinham feito essa manhã.

Vimos só ver se tinha tido notícias de Emory durante a noite.

Fora a explicação de Knight para a sua chegada imprevista. Aceitara aquilo na altura, mas, refletindo bem, perguntou a si próprio por que razão Knight não teria simplesmente telefonado a saber. Teriam, ele e Grange, andado a controlá-lo? Ainda suspeitariam que ele praticara algum crime?

Chamassem-lhe paranoico, mas...

A porta para a suíte tinha painéis de vidro estreitos dos dois lados. Mantendo o corpo oculto, espreitou por um dos painéis. No extremo do parque de estacionamento, encontrava-se um carro sem nada que o identificasse, digno de nota apenas porque parecia tão inócuo. A janela do lado do condutor fora descida apenas o suficiente para alojar um cigarro, cujo fumo se encaracolava para o nevoeiro e se fundia nele.

Vigilância amadora na melhor das hipóteses. Mas Jeff tinha de a contornar. Estava a decidir como o conseguir, quando ouviu a voz de Alice vinda do quarto no piso de cima. Talvez tivesse telefonado para o consultório a avisar. Ou talvez não.

Atravessou a zona de estar até às escadas e subiu os degraus atapetados tão ao de leve e em silêncio quanto conseguiu. A porta do quarto estava entreaberta. Ouviu-a dizer numa voz baixa e desesperada: «Mas agora penso que as tuas suspeitas se justificam.»

Foda-se!, ela e Emory, ambas!

A sua indignação aumentou ao ouvir uma frase incriminatória atrás de outra. Ela descreveu em linhas gerais o seu plano com os Floyd. Depois: «Emory? Emory, estás aí?» Devia estar a ligar outra vez porque repetiu num sussurro urgente: «Vamos lá, vamos lá, atende.»

Depois: «Estavas a falar a sério, vais lá acima? Então há uma coisa que precisas de saber. Jeff tem uma pistola.»

Depois disso, silêncio.

Pousou a ponta do dedo indicador na porta e empurrou-a até abrir, seguindo-a, quando ela rodou para dentro, até parar na ombreira da porta. Alice estivera sentada na cama. Quando o viu, pôs-se rapidamente de pé, a tentar, mas não conseguindo, dissimular o seu medo.

– Jeff. Pensei que tivesses partido.

– Fui desviado. – Olhou vincadamente para o telemóvel que ela apertava na mão e emitiu uma exclamação de desaprovação. Virou depois a cabeça para a fitar nos olhos. – Como já te disse antes, Alice, a tua visita esta manhã é muito inoportuna.

As mãos de Emory, ao volante, depressa se tornaram escorregadias de transpiração nervosa.

No caminho pela cidade, procurou um carro da polícia, qualquer tipo de veículo oficial que pudesse mandar parar para pedir ajuda, mas não viu nenhum. Ligar a guiar era arriscado, sobretudo no nevoeiro, mas correu o risco e telefonou a Jack Connell.

Após três toques, a chamada foi para *voicemail*. Muito rápido, disse: «Fala Emory. Hayes saiu daqui a correr depois de receber uma chamada urgente de Lisa Floyd. Mas é uma armadilha. Jeff armou-a com os irmãos. Alice vai telefonar ao sargento Grange a contar os pormenores. Ela também mentiu em relação ao álibi de Jeff. Mas o importante é mandar alguém imediatamente para casa dos Floyd. Hayes corre perigo e todos os segundos contam. Eu estou com o seu carro alugado e vou também a caminho.»

De repente, percebeu que estava a falar para um telemóvel mudo. Gritou de consternação e verificou o mostrador que confirmava que o seu magro suprimento de bateria chegara ao fim. Mas em que ponto da

mensagem?

Atirou com o telemóvel para o lugar do passageiro e concentrou-se na condução. A segurança de Lisa e a vida de Hayes dependiam de ela conseguir lá chegar, mas as condições atmosféricas proibiam a velocidade. Desde que saíra dos limites da vila e apanhara a estrada de montanha, o nevoeiro tornara-se ainda mais denso. Pouca visibilidade havia para lá do capô do carro. Esforçou-se por ver através da cerração.

No dia anterior, a caminho da cabana de Hayes, concentrara-se na vista da sua janela, o que lhe dava agora jeito. Marcos e placas de sinalização avistados no dia anterior guiavam-na e mantinham-na na estrada certa, quando, de outro modo, se teria irremediavelmente perdido. Fazendo uma curva devagar, viu uma fila familiar de caixas de correio rurais. Mais à frente, a peça de arte em metal com a forma de um urso num pátio, depois a casa com a bandeira dos Estados Unidos, o celeiro em ruínas e abandonado.

Sabia que se encontrava perto quando passou por uma vedação forrada de hidrângeas, tão altas quanto ela. Conseguia imaginar uma profusão de flores azuis no verão, mas os ramos sem folhas dos arbustos estavam agora incrustados de gelo, que fora o que atraíra a sua atenção.

A seguir a essa vedação, teriam andado muito mais antes de chegarem à cabana de Hayes? Quatro quilómetros? Oito? Não se conseguia lembrar.

Guiava o mais depressa que ousava, sempre a pensar no rancor que Norman e Will Floyd sentiam por Hayes. Homens que violavam a irmã menor de idade não sentiriam quaisquer escrúpulos em mutilar ou matar um inimigo.

Mas Grange teria reagido de imediato ao telefonema de Alice. Teria despachado agentes e, possivelmente, alguns já se encontrariam na casa dos Floyd. Connell também já iria a caminho para ajudar Hayes. Tendo acabado de o encontrar, Connell não permitiria...

A curva apertada apareceu de repente e viu-a demasiado tarde para evitar a colisão.

O carro embateu na parede cinzenta de rocha. O cinto de segurança contraiu-se. O *airbag* abriu-se. Sem dúvida que lhe salvou a vida, mas o impacto foi doloroso. O interior do carro encheu-se de um pó sufocante.

Mal o *airbag* se esvaziou, ela bateu-lhe às cegas e procurou às apalpadelas a maçaneta da porta. Quase caiu para fora do carro, cujo capô se esmagara contra a rocha íngreme como uma lata de refrigerante.

As solas das botas perderam o ponto de apoio e ela aterrou com força sobre o traseiro. Sentada ali a recuperar o fôlego, o frio e humidade do pavimento infiltraram-se na parte de trás das calças de ganga. O desconforto serviu para a reanimar.

Levantou-se com esforço, descansou apoiada no lado do carro e inventariou todas as partes do seu corpo. Estava abalada e o esterno doía-lhe onde o cinto de segurança o comprimira, mas não tinha ossos partidos.

Empurrou-se, afastando-se do carro e começou a correr.

* * *

Quando saíram do tribunal e se encaminharam para o SUV estacionado, Jack resmoneou:

– Que tipo de porra de política...

– Ele é o juiz – observou Knight.

Grange sentou-se ao volante, Knight no assento do passageiro e Jack subiu para o banco traseiro.

– Aperte o cinto – disse-lhe Knight. – Temos leis.

Jack pôs o cinto com um clique e verificou o telemóvel, cujo uso fora interdito durante o tempo que tinham estado dentro do tribunal à espera do mandado de detenção.

– Emory – explicou aos outros dois ativando o *voicemail*. – Oh, merda! Oh, merda!

– Que é? – perguntou Grange.

Jack desbobinou a mensagem de Emory:

– Hayes corre perigo. Depois a mensagem começou a falhar e terminou. Verifique o seu telemóvel, Grange. Ela disse que Alice Butler lhe ia telefonar com os pormenores. O álibi de Jeff também era uma mentira. Mande algumas unidades – disse para Knight – para casa dos Floyd, mas primeiro veja se consegue apanhar outra vez Emory. Eu telefono a Hayes e é melhor que aquele sacana atenda.

Grange, a guiar só com uma mão, verificou o seu telemóvel.

– Nenhuma chamada de Alice Butler.

– O telemóvel de Emory vai direto para a gravação – disse Knight. – Buddy, continua a guiar para o hotel das suítes, mas vamos dar um bocado mais de força a isto.

Grange ligou a sirene e a barra das luzes e pisou no acelerador.

– Filho da mãe. Isto é um pandemónio... – resmungou Knight pegando no rádio para dar ordens.

Entretanto, Jack fizera a chamada para o telemóvel descartável que Hayes usava de momento. Contou um toque, dois e estava prestes a desistir quando Hayes atendeu.

– Que é?

– Sei que recebeste uma chamada de Lisa Floyd e que vais socorrê-la. O que não sabes é que Jeff Surrey está por trás desse pedido de ajuda.

– Como sabes?

– Emory deixou-me uma mensagem.

– Como soube ela?

– Pensamos que veio da parte de Alice Butler. Estamos a tentar averiguar isso.

– A *tentar*?

– Telefonei outra vez para Emory – informou Knight, falando por cima do ombro. – Só dá a gravação.

– Ouviste isto? – perguntou Jack.

– Sim – respondeu Hayes. – A bateria do telemóvel tinha de ser recarregada.

– A mensagem dela foi cortada – explicou Jack –, mas uma coisa ficou muito clara. Estão a montar-te uma emboscada.

– Muito à tua frente. Calculei isso mesmo. Só não sabia que Jeff estava por trás disso. Onde estão agora?

– A caminho do hotel de Jeff para lhe entregar o mandado.

– Continuem com isso. Ponham esse sacana atrás das grades.

– Assim faremos.

– Diz a Emory para ficar quieta no motel. Liga para o telefone do quarto se não a consegues apanhar pelo telemóvel.

– Entendi. Não enfrentes esses pacóvios sozinho. Há unidades das operações especiais a caminho.

– Eu trato dos Floyd.

– Hayes, tu..

– Eu trato deles.

– É disso que tenho medo.

– Chegámos a tempo de intercetar Jeff – observou Grange quando entrou com o SUV no parque de estacionamento do hotel. – O carro dele ainda aqui está.

Jack transmitiu aquilo a Hayes que pediu:

– Guardem-me um pedaço dele – e depois desligou.

Jack ainda praguejava contra ele quando desceu do banco traseiro.

– Vou confirmar com o nosso homem. – Grange começou a correr em direção a um veículo não identificado do outro lado do parque de estacionamento.

Knight saiu do lado do passageiro do SUV. Parecia estar com dificuldade a respirar.

– Continua a não haver resposta no telemóvel de Emory. Tenho carros de patrulha a convergir para a casa dos Floyd, mas com a porra deste tempo... – Não precisou de aprofundar os riscos adicionais que isso ditava.

– Bem, também vai atrasar Hayes. Isso é bom – disse Jack.

Durante esta troca de palavras, tinham avançado com determinação para a porta da suíte. Grange juntou-se a eles.

– O agente diz que Jeff teve companhia. Uma mulher.

– Mulher? Emory? – perguntou Jeff.

– Não. O agente não a reconheceu.

– Alice Butler?

– Seria a minha aposta – retorquiu Knight. Martelou na porta. – Jeff? Abra.

Esperaram. Nada.

– Jeff! – chamou Knight. – Isto não é uma visita de cortesia. Temos um mandado.

Passaram-se vários segundos e nada aconteceu.

– Estou farto deste idiota de merda – exclamou Knight. – Tirou a pistola do coldre e disparou na fechadura.

Não estava ninguém no piso inferior. Grange dirigiu-se para as escadas, pistola sacada e apontada à porta parcialmente aberta lá em cima.

– Desista, Jeff.

Quando chegou à porta, desviou-se para o lado e empurrou-a para a abrir. Nada aconteceu, por isso entrou no quarto. Jack deslizou atrás do detetive. Knight fechava a retaguarda, a arquejar.

Mais tarde, Jack recordar-se-ia de ele dizer:

– Ah, ora isto é mesmo feio.

Emory sentia dores pelo corpo todo. Até respirar lhe doía.

O ar enevoado parecia repleto de alguma coisa invisível, mas cortante, como cristais de gelo ou fragmentos de vidro. Vestia pouca roupa. O frio penetrante feria-lhe o rosto onde a pele se encontrava exposta. Fazia-lhe lacrimejar os olhos, obrigando-a a piscar constantemente para evitar que as lágrimas lhe toldassem a visão e obscurecessem o caminho.

Surgira-lhe uma pontada aguda de lado. Aguilhoava-a, incessante, esmagava-a, cruel. A fratura de stresse no pé direito disparava ferroadas de dor para a canela.

Mas admitir a dor, passar por cima dela, superá-la, era uma questão de vontade própria e disciplina. Tinham-lhe dito que possuía ambas. Em abundância. Em demasia. E era para isto que servia o treino difícil. Conseguia fazer isto. Tinha de conseguir.

Continua, Emory. Coloca um pé à frente do outro. Devora a distância, um metro de cada vez.

Quanto tempo faltaria?

Meu Deus, por favor, não muito mais tempo.

Revigorada pela determinação e pelo medo de falhar, acelerou o passo.

Então, das sombras profundas dos bosques invasores, veio um som rumorejante, seguido por uma deslocação de ar mesmo atrás dela. O coração apertou-se-lhe com um pressentimento de catástrofe a que não teve tempo de reagir antes de foguetes de dor lhe explodirem dentro do crânio.

Caiu, aterrando com força no chão.

Quando a pior parte do espetáculo de luzes acalmou, rolou até ficar de gatas e manteve a posição durante vários segundos, a cabeça baixa entre os braços, a tentar afastar as tonturas. Por fim, ergueu a cabeça apenas o suficiente para conseguir avistar um par de botas.

Fitou-as quando elas se aproximaram, tornando-se maiores, até que preencheram o seu campo de visão inteiro. Quando chegaram a poucos centímetros e se detiveram, olhou para cima, passando por joelhos, torso, ombros e queixo até um par de olhos familiares.

– Alice?

Capítulo 41



— **P**odias ter-me poupado uma série de chatices e teres morrido a primeira vez – disse Alice. – Hematoma subdural agudo. Tinha a certeza que te tinha batido com força suficiente para causar uma hemorragia lenta mas persistente, que aqui – continuou, abrindo muito os braços – teria sido fatal. Mas não para ti. Não para a Menina de Ouro. Nunca tiveste, nem uma só vez na tua vida encantada, um período de grande azar?

O cérebro de Emory, nem uma semana depois da primeira lesão, sentia os efeitos do choque do carro e, agora, de uma segunda pancada na cabeça. Tentou levantar-se, mas as pernas pareciam-se demasiado com borracha para a suportarem, por isso sentou-se.

Tentou concentrar-se no que Alice estava a dizer, mas as palavras não faziam sentido. A imagem dela oscilava, como se Emory estivesse a olhar para ela debaixo de água. A fluidez estava a deixá-la enjoada.

– O que estás a dizer? O que é isso na tua mão?

– Isto? – Alice ergueu a pistola. – É conhecido em todos os serviços de urgência do país como o «especial de sábado à noite». O clássico revólver de calibre 38.

Emory começava a perceber o que estava a acontecer.

– O que estás a fazer com isso?

– Estou prestes a matar-te e desta vez vou assegurar-me que morrestes.

O estômago de Emory deu uma volta. A náusea subiu-lhe à garganta. Conseguiu a custo engoli-la.

– Porquê?

– Levaria imenso tempo a enumerar as razões, Emory, e está frio aqui fora. Para resumir, Jeff era um pulha, mas era o *meu* pulha. Pelo menos era até eu cometer o erro de to apresentar a ti. Tu eras um prado muito mais verdejante. Bonita. Rica. Virtudes cobiçadas para ele. Mas não te amava, sabes. Nunca amou.

– Percebo isso agora.

– Porém, deliciava-se com a riqueza e estatuto que lhe emprestavas. Tanto assim que nunca te teria deixado, por mais periclitante que o casamento se tornasse. Teria sempre aguentado.

– Assim, tiveste de te livrar de mim.

– Tinhas-me amavelmente mostrado o mapa com o trilho que planeavas correr na manhã de sábado. Discutiste-o comigo em grande pormenor.

– Mas estavas com Jeff.

– Que nunca consegui fumar erva sem adormecer depois que nem uma pedra. Empanturrei-o com dois uísques, duas garrafas de vinho tinto e um charro de boa qualidade para garantir que ele não acordava senão tarde na manhã seguinte. Conduzi o caminho todo, estacionei no miradouro onde darias a volta para trás, que também me tinhas indicado, caminhei pelo trilho até descobrir um bom local para me esconder, esperei que passasses a correr e depois ataquei-te por trás com a pedra que encontrara no caminho.

Sorriu com amargura.

– Em retrospectiva, devia ter ficado um pouquinho mais tempo para me assegurar que estavas morta ou quase. Tive medo de te tocar com receio de deixar algum vestígio. Não toquei nos óculos de sol partidos que provocaram tanta ansiedade. Bem, voltei a correr para o meu carro, que ainda era o único naquele sítio. Não encontrei ninguém na estrada quando desci a montanha. Regressei a Atlanta em tempo recorde e tomei o *brunch* na cama com Jeff, que não tinha dado por nada. Foi tal e qual como te descrevi esta manhã, exceto que fui eu que me esgueirei de casa, não Jeff.

– Querias que eu morresse para ficares com ele.

Alice riu-se.

– Emory, estás a pensar de forma demasiado simplista. Queria que tu morresses para Jeff poder ser acusado disso. Ser condenado pelo teu assassinio custar-lhe-ia a vida, de uma forma ou de outra. Dois coelhos, uma cajadada. Estás a ver? – Esboçou um sorriso que era demasiado animado e alegre, o sorriso rasgado de uma louca que se felicitava a si própria.

Emory concentrou-se muito a juntar as peças do *puzzle* até formarem uma imagem completa.

– Deixaste lá o berloque do casaco de esqui dele?

– Foi encontrado? Estava admirada. Mas não podia perguntar.

Emory não lhe contou quem o encontrara.

– Estava tudo a correr como planeado – continuou Alice. – Jeff rapidamente se tornou suspeito. Fingiu estar muito perturbado com o teu desaparecimento, mas rapidamente começou a gostar da perspetiva de se tornar um viúvo rico o que, claro, favorecia o meu propósito. Mas eu não conseguia perceber por que razão ninguém conseguia encontrar o teu corpo. Não podia ser assim tão difícil. Calculei que tivesses recuperado a consciência e tivesses cambaleado por ali e saído do trilho para a floresta. Passados três dias, comecei a desconstrair-me, acreditando que, se não tivesses morrido do traumatismo craniano, com certeza terias sucumbido de hipotermia.

Continuou, abanando a cabeça de espanto:

– Depois apareceste viva. Salva por Daniel Boone. Inacreditável. Quem teria adivinhado que o teu esplendor incluía ressuscitar dos mortos? E foi só a primeira de várias surpresas. O teu ocupante da cabana era um fugitivo procurado pelo FBI. Tu e ele andavam numa contenda com pacóvios incestuosos. Mas – disse a sorrir outra vez – vi uma forma de tirar partido dessa confusão. Pior do que tudo, Jeff odiava ser tomado por tolo e as tuas escapadelas estavam a fazê-lo parecer um colossal idiota. Estava rapidamente a desmascarar-se. Eu só precisava de lhe dar corda. A noite passada, tentou convencer-me que estavas mentalmente desequilibrada. Por isso, como amiga de ambos, vim até cá esta manhã para oferecer o meu apoio. Ele descreveu-me em traços gerais a conspiração ridícula com aquele par de irmãos. Fingi ficar consternada, quando de facto estava deliciada. Sem qualquer ajuda da minha parte, ele estava a enterrar-se mais. E eu teria ficado contente por ficar a assistir. Mas – suspirou – no último minuto ele obrigou-me a agir.

O sangue de Emory gelou.

– Tens estado a referir-te a ele no passado.

Perdida nos seus próprios pensamentos, Alice continuou a falar num murmúrio pesaroso:

– Incompreensivelmente, ele vinha atrás de ti recuperar-te. Mesmo depois de sofrer a humilhação com que o brindaste, ainda te ia preferir a ti e não a mim.

– Meu Deus, Alice, o que fizeste? Não vais conseguir safar-te, com nada disto.

– Oh, safar-me deixou de importar. O meu objetivo era matar-vos aos dois e estou a meio caminho de lá chegar. – Apontou a pistola a Emory. – Algumas últimas palavras?

– Alice, por favor.

– Não? Muito bem então.

O tiro soou e Alice amarfanhou-se no solo, a perna direita a ceder debaixo dela.

Hayes surgiu de entre as árvores cobertas de nevoeiro como um fantasma, a mão com a arma esticada a todo o comprimento do braço.

– Larga a arma ou morres.

Emory gritou:

– Não, não!

Mas o medo dela era mais por ele do que por Alice.

A bala entrara na parte de trás da perna de Alice e saíra pela frente, mesmo acima do joelho. Os dentes chocalhavam-lhe de dor, mas mantinha a pistola bem segura na mão, apontada a Hayes que constituía um alvo enorme.

Emory pensou que o coração lhe ia explodir no peito.

– Alice, por favor, escuta-me, escuta-o a ele. Larga a pistola. Não o faças matar-te. Por favor.

Alice não pareceu ouvir. Estava concentrada em Hayes.

– O supergaranhão de Emory.

– Larga a pistola.

– Se me quisesses matar – provocou-o ela –, terias acertado com esse primeiro tiro.

– Não quero que morras. Mas mato-te se tiver de ser.

– Não o obrigues, Alice, por favor, por favor – soluçou Emory. – Suplico-te. Não o faças fazer isso. Pousa a arma. Terminou.

– Terminou para ti. – Girou a pistola para Emory.

O tiro não soou tão alto como poderia ter ressoado num dia límpido quando o ar está puro. O nevoeiro abafou algum do som.

Mas Alice estava morta na mesma.

Hayes chegou junto de Emory num instante, curvando-se para a levantar e abraçar contra si. As mãos fecharam-se à volta da cabeça dela quando lhe perscrutou o rosto.

– Estás bem?

Ela chorava.

– Não queria que tivesses de o fazer. Não queria que tu...

– Chiu. Chiu. Não fui eu.

Fez-lhe sinal para olhar para trás. O sargento detetive Grange encontrava-se de pé com uma mão apoiada numa árvore, dobrado pela cintura, aos vômitos violentos. Knight encontrava-se a seu lado, com a mão carnuda no ombro do colega.

A cabana de Hayes tornou-se o quartel-general para todo o pessoal das forças da lei e dos serviços de emergência que chegou ao local em poucos minutos.

Hayes levava Emory nos braços o resto do caminho e depositara-a numa das cadeiras verde-azeitona da mesa de jantar. Trouxera uma manta da cama e embrulhara-a nela.

– Vai ajudar até chegar a ambulância. Eles têm um cobertor de poliéster.

– Só te quero a ti. – Emory agarrou-lhe a mão.

Ele ajoelhou-se ao lado dela e passou-lhe os dedos pelo cabelo.

– O que diabo estavas a fazer naquela estrada, a pé?

– Ia a correr para te avisar.

Hayes percorreu-lhe o lábio inferior com o polegar.

– Não o tornes a fazer – pediu em voz rouca.

– Não te tornes um alvo tão grande.

– Quanto a isso não posso fazer grande coisa, *Doc*.

Ainda se fitavam nos olhos quando Jack Connell se aproximou.

– Estão a aguentar aí?

Trémula e lacrimosa, Emory respondeu:

– Estamos vivos.

– Não é um milagre pequeno – afirmou Connell. – Knight, Grange e eu vimos o seu carro amassado. O meu carro amassado.

– Peço desculpa.

Ele fez um gesto a desvalorizar o problema.

– Não ficou ferida no choque?

– Nada de grave. Mas Alice... – Proferir o nome fez com que a voz se fosse abaixo. – Bateu-me. Talvez com a coronha da pistola. Vou precisar de outra TAC.

– A ambulância deve chegar dentro de mais alguns minutos.

Remexeu os pés e dividiu um olhar apreensivo entre ela e Hayes. Hayes, percebendo a mensagem, resmungou que ia ver se havia alguma coisa que pudesse fazer lá fora e saiu pela porta aberta. Ela sentiu relutância em o deixar ir, mas não o chamou, intuindo o que Jack Connell ia dizer.

– Emory, o seu marido morreu.

Assentiu.

– Ela aludiu a isso. Como?

– Um tiro. Provavelmente com a mesma pistola que ia usar contra si.

– Era a pistola de Jeff?

– Não. A que estava registada no nome dele foi encontrada no bolso interior do casaco dele.

– Então ela não estava a mentir em relação a isso. Disse-me que ele levava a pistola.

– Ele não chegou a implementar o seu plano, fosse qual fosse, e calculo que nunca saberemos. Foi morto dentro da suíte. De algum modo, Alice Butler saiu sem o agente a ver. Talvez da mesma maneira que você e Hayes se escapuliram na outra noite através da suíte adjacente.

Connell explicou que, depois de descobrirem o corpo de Jeff, Knight, Grange e ele tinham lá deixado o agente a guardar a cena do crime.

– Receávamos pela sua segurança e fomos à sua procura ao motel. Quando vi que o meu carro desaparecera, calculámos que só havia um sítio para onde poderia ter ido.

– O meu telemóvel deve ter ido abaixo antes de receber essa parte da mensagem. Dizia-lhe que ia a caminho para avisar Hayes. – Estava a observá-lo através da porta aberta. Ele encontrava-se de costas para ela. Falava com Buddy Grange e Sam Knight. – Alice sabia.

– Ela chegou cá depressa. Deve ter dado com o carro espatifado e percebeu que você ia a pé. Continuou a conduzir até a avistar na estrada e depois...

– Veio por trás de mim, como antes.

– Antes?

Emory relatou a confissão de Alice.

– Então afinal não era Jeff.

– Não diretamente. Ambos me enganaram e Alice contou-me que ele não estava assim tão desgostoso quando pensou que eu tinha morrido. Acredito nisso.

– Detesto dizê-lo, mas eu também.

Hayes entrou e veio ter com eles.

– O condutor da ambulância está a dar a volta para poder recuar.

– Vou transmitir a Knight e Grange o que Alice confessou – disse Connell a Emory. Deixou-os e saiu.

Hayes agachou-se diante dela e pegou-lhe nas mãos frias entre as suas.

– Knight contou-me sobre Jeff. Estás bem?

– Vai levar algum tempo.

– Tens tempo.

Absorta, ela assentiu. Passado um momento, perguntou:

– O que aconteceu na casa dos Floyd?

– Norman e Will estavam de atalaia à minha espera na parte da frente da casa. Esqueceram-se de cobrir a retaguarda. São maus, mas não muito astutos.

– Lisa e Pauline?

– Em segurança. Cheguei lá antes de os irmãos levarem a cabo a sua ameaça desprezível que com toda a probabilidade era vã. Queriam-me a mim, não a Lisa.

– Foram detidos?

– Se calhar por esta altura já foram. A montanha enxameia de polícias de todos os tipos. Deixei Norman e Will bem fáceis de encontrar, acorrentados à árvore onde costumavam ter o cão.

– Justiça poética.

– Foi o que pensei.

Ela tocou nas pisaduras frescas no rosto dele.

Ele ofereceu-lhe um sorriso sardónico.

– Ao princípio, não aceitaram muito bem a ideia.

Queria sorrir, mas precisava de chorar e por isso ela inclinou-se para a frente e aninhou a cabeça no pescoço dele. Ele passou-lhe os braços em volta e abraçou-a com força. Ela sentiu os lábios dele a mexerem-se no seu cabelo, mas não conseguiu perceber as palavras sussurradas.

Assim ficaram até que dois técnicos da ambulância trouxeram uma maca.

Hayes puxou-lhe a cabeça para cima e beijou-lhe a boca, com afeto e ternura.

Depois afastou-se e entregou-a aos cuidados dos técnicos que insistiram em acomodá-la num plano duro por causa do ferimento na cabeça. Quando a empurraram pela porta e lá para fora para o pátio, ela avistou o sargento Grange. Chamou-o e ele virou-se. Parecia pálido, os olhos perspicazes não tão brilhantes como de costume.

Com os lábios, ela articulou um *Obrigada*. Ele acusou o agradecimento com um aceno rápido e depois baixou os olhos para o chão.

À procura de Hayes, tentou mexer a cabeça de um lado para o outro, mas, devido ao imobilizador na testa, não conseguiu. Quando não o viu, esforçou-se por erguer a cabeça, também em vão. Com ansiedade crescente, perscrutou o pátio de forma tão completa quando a sua visão periférica o permitia.

Por fim, avistou Jack Connell. Ele observava-a e, num instante, ela percebeu a causa da expressão sombria dele.

Parou de se debater para erguer a cabeça. Não encontraria quem procurava. As lágrimas que lhe escorriam do canto dos olhos também eram inúteis. O facto de ele ter desaparecido não devia constituir

qualquer surpresa. Disse-lhe que o faria e cumpria sempre o que dizia.

Linha da meta

Ao longo de todo o percurso de quarenta e dois quilómetros através da cidade de Atlanta, os espectadores e adeptos tinham aplaudido os corredores, mas os que se congregavam perto da linha da meta mostravam-se especialmente entusiasmados.

Quando Emory a cruzou a correr e o apresentador rugiu o nome no microfone, apresentando-a como organizadora da corrida para angariação de fundos, recebeu gritos de aclamação. Foi depois cercada por fotógrafos de estações televisivas e agências noticiosas, todos a competir por uma declaração sua. Esbaforida e ofegante, foi breve.

Recebeu palmadinhas nas costas e abraços de outros corredores. Um dos seus doentes, um menino de seis anos, aproximou-se timidamente com os pais e pediu-lhe o autógrafo. Um grupo de veteranos de guerra, que fizera o percurso em cadeiras de rodas, alinhou-se para a cumprimentar, batendo-lhe na mão erguida e fazendo-lhe continência.

O corpo doía-lhe. O pé direito magoava-a ao ponto de a fazer coxear. Estava cansada, quase a desfalecer, mas sentia-se muito feliz. Por muitas razões, terminar esta corrida representava uma vitória da mente, do corpo e do espírito.

Nos últimos seis meses, muita coisa mudara na sua vida.

Concluída a investigação policial sobre as últimas horas de Alice, um familiar viera buscar o corpo e transportara-o para a terra natal no Tennessee para ser enterrado. Emory não tivera qualquer contacto com a família.

Mandara cremar os restos mortais de Jeff e abster-se de qualquer cerimónia. Uma efusão de dor teria sido hipócrita. Recebeu apenas um punhado de cartões de pêsames. As suas respostas educadas foram tão obrigatórias como os próprios cartões. Os pertences dele foram selados em caixas e entregues a um refúgio para sem-abrigo. A única tristeza que sentiu foi pelo próprio Jeff. Vivera, e morrerá, sem alegria nem amor.

Vendeu rapidamente a casa dos dois e mudou-se para uma moradia em banda num encantador condomínio fechado em Buckhead.

O Dr. Neal James e ela tinham convidado um casal, ele ginecologista/obstetra, ela especialista em infertilidade, para se juntarem à sua sociedade. Havia sido excelentes escolhas. O consultório prosperava.

Norman e Will foram acusados, julgados e condenados por violação de menor. Receberam a pena máxima, devido em grande parte ao corajoso testemunho de Lisa no tribunal. Ela e Pauline tinham-se

mudado para um apartamento em Drakeland, pago por Emory. Demasiado orgulhosa para aceitar caridade sem «contribuir», como dizia, Pauline trabalhava na parte da manhã num lar, ajudando a preparar e servir a refeição do meio-dia.

Lisa manteve o emprego de fim de semana no Subway. As suas sessões com uma psicóloga especializada em vítimas de abuso sexual eram também garantidas por Emory, que considerava os pagamentos um investimento na mulher em que Lisa se transformaria.

Permaneceu perto da linha da meta mais algum tempo, a felicitar os corredores à medida que eles iam chegando. Prometeu uma entrevista ao apresentador de um programa da manhã de uma televisão local.

– Vou dizer à minha gente para ligar à sua gente – disse ele e ela riu-se.

E depois:

– Boa corrida, *Doc*.

Virou-se e lá estava ele, mesmo atrás dela.

O atmosfera de festa popular na linha da meta esbateu-se, não deixando nada no espetro dos seus sentidos exceto a voz dele, o rosto dele e aqueles olhos extraordinários que estavam, como sempre, fixos nela.

Vestia um par de calças de ganga muito usadas e uma camisa branca simples com os punhos das mangas enrolados para trás. Estava com um aspeto maravilhoso, desabridamente belo, e ela queria bater-lhe e saltar-lhe para cima em igual medida.

Fitaram-se durante tanto tempo que ela acabou por perceber que estavam a atrair a curiosidade das pessoas em volta.

– Obrigada. Foi simpático da tua parte apareceres para o dizer. – Embora o coração se lhe partisse, virou-se e começou a afastar-se.

Ele acertou o passo pelo dela.

– Onde tens o carro estacionado?

– A alguns quarteirões.

– A minha carrinha está mais perto.

Sem discutir, ela deixou-o guiá-la, ainda sem acreditar muito que aquilo não era um sonho.

– Bastante afluência – observou ele enquanto abriam caminho por uma das zonas de estacionamento reservadas.

– Visto que é a primeira corrida que beneficia esta instituição de caridade em particular, estou espantada com o apoio e o número de corredores que se inscreveram. Angariámos setecentos e cinquenta mil dólares de contribuições.

– Setecentos e cinquenta e *dois*.

Ela fitou-o.

– Não dei a minha contribuição senão esta manhã – explicou ele.

– Obrigada.

– Não tens de quê. Cá estamos.

– Estou a ver que voltaste a conduzir a tua *pick-up*.

– Ninguém anda atrás de mim.

Ajudou-a a subir para o lugar do passageiro, depois deu a volta e entrou.

– Quando saíres do parque de estacionamento, vira à esquerda – disse ela.

Mas ele não ligou a ignição. Ficou ali sentado, a olhar pelo para-brisas. Emory mais depressa se transformaria em pedra do que lhe perguntaria onde ele estivera, o que andara a fazer, por isso esperou paciente e, passado um tempo, ele virou a cabeça para ela.

– Rebecca contou-me que te escreveu.

– Jack Connell deu-lhe o meu endereço. Queria agradecer-me por «te incutir algum bom senso».

Ele fungou.

– Parece dela. – Arqueou uma sobrancelha. – Chegou a ti através de Connell, *hum*? Ela menciona-o na carta?

– Várias vezes.

– *Hum, hum*. Também acontece comigo. Da parte de ambos. Penso que têm uma coisa.

– A sério?

Ele resmungou um palavrão.

– Suponho que é bem feito para mim. – Esperou um pouco antes de continuar. – A orquestra da escola de Sarah deu um concerto no parque da cidade no dia de São Patrício. Fui até lá ver.

– Tenho a certeza que ela ficou encantada.

– Parecia estar. Fiquei uma semana. Comi imenso peixe.

– Não gostas de peixe.

– Ainda menos agora. Engoli ómega-3 suficiente nessa semana para me durar o resto da vida.

Ela ainda não estava preparada para sorrir. Mantendo a voz brusca, perguntou:

– Então tu e Connell continuam a falar um com o outro?

– Acho que ele quer adotar-me.

– Adotou-te há muito tempo.

– A única coisa boa de toda essa marcação cerrada foi que me manteve informado sobre como correram as coisas quando voltaste para a Carolina do Norte.

Aquilo fez saltar a rédea com que controlara o seu temperamento.

– Então ele não passa de um mexeriqueiro.

– Praticamente um coca-bichinhos.

– Se querias saber como estavam a correr as coisas, porque não estavas cá tu para ver por ti?

– Escuta, sei que estás chateada. Tens todo o direito de me dar um pontapé no traseiro e dizer-me para me pôr a andar.

– Se o meu pé não doesse...

– Não podia vir ter contigo antes que toda aquela confusão, a tua e a minha, estivesse resolvida.

Consegues entender isso, *Doc*. Sei que consegues.

Os olhares disputaram-se. O dela foi o primeiro a recuar.

– Demorei um bocado, mas acabei de facto por entender. Terias sido uma complicação adicional, uma coisa que exigiria uma explicação, quando eu já tinha muito que explicar e tratar.

– Exato.

– Mas isso também te deu uma desculpa muito conveniente para desapareceres outra vez e continuares desaparecido.

– Também tinha de resolver uma série de merdas. A minha reentrada não ia ser fácil e não queria sujeitar-te à pressão.

– Podia ter-te ajudado.

– Não, não podias. Eu tinha de resolver as coisas sozinho. Primeiro, tinha de perceber o que ia fazer.

– Voltar para o FBI?

– Não. Jack pediu-me, mas recusei terminantemente.

– Então...?

– Estou, *hum*, a construir coisas. Mais do que estantes e barracões. Associei-me a um grupo de empreiteiros. Avançamos a seguir a desastres naturais. Tornados, tremores de terra. Coisas do género. Construámos abrigos muito depressa. Reparámos casas, escolas, hospitais, o que for.

– Constroem coisas.

– Pois.

Ele não embelezou as coisas. A inflexão da sua voz também não se alterou muito, mas não precisava para ela discernir que estava excitado e satisfeito. O trabalho adequava-se-lhe na perfeição. Porém, achou melhor não dar demasiada importância.

– Parece bom.

– É bom.

Lançou outra longa olhadela ao para-brisas dianteiro. Ela deu-lhe tempo para organizar os seus pensamentos e, quando ficou pronto para recomeçar, ele apoiou o braço esquerdo no volante e virou-se no assento para a fitar.

– Sam Knight contactou-me através de Jack. Contou-me que Grange estava a passar por momentos difíceis por causa de... bem, sabes porquê. A semana passada, fui vê-lo.

– Ele admirava-te.

– Bem, ele agora compreende por que razão eu não gostava que as pessoas me vissem como um herói. Estava bastante consumido e, ao princípio, recusou falar do que aconteceu lá em cima naquele dia. Conheço esse sentimento e foi isso mesmo que lhe disse; depois disso ele abriu-se. Contou que estava a achar difícil viver bem consigo próprio por ter puxado o gatilho.

Fez uma pausa e fitou-a profundamente nos olhos.

– E percebi que lhe perguntava: «Conseguias viver bem contigo próprio se *não tivesses?*» – Deixou a pergunta ressoar durante vários segundos. – Não planeei dizer aquilo, *Doc*. As palavras vieram de algum sítio que não o meu pensamento consciente. De facto, acho que vieram de ti. Mas ali estavam e dizê-las em voz alta fez-me perceber que não conseguiria viver bem comigo próprio se não tivesse também puxado o gatilho naquele dia em Westboro. Não conseguiria viver comigo próprio se não o tivesse detido. E, assim tal e qual, passados quatro anos, libertei-me daquilo. Tenho de te agradecer.

Durante algum tempo, ela sentiu-se demasiado comovida para falar. Teve de pigarrear para o fazer.

– E as pessoas do *bullying* ao rapaz?

– Vou deixá-las entregues às pessoas miseráveis que são. A sua maldade poderá dar cabo delas um dia, ou não. Mas não partirá de mim.

O coração dela encheu-se de amor, mas havia ainda uma coisa que tinha de saber.

– Naquele dia, naquele último dia horrível, antes de a ambulância ter chegado, e quando tu estavas a abraçar-me, sussurraste qualquer coisa no meu cabelo. O que disseste?

– Pedi-te para não desistires de mim.

– Mas depois desapareceste, Hayes.

– Pela última vez. Nunca mais o farei.

– Prometes?

– Prometo. Se depender de mim, passei o meu último dia e a minha última noite sem ti. Mas o que acontece a seguir, tu é que decides.

Ela manteve-o em *suspense* durante uns três ou quatro segundos.

– Não me apetece guiar. Dás-me uma boleia para casa?

– Com todo o prazer. – Mas depois não se mexeu, ficou apenas ali sentado, a bebê-la com os olhos.

– Vais ligar a carrinha?

– Ainda não, *Doc*. – Estendeu o braço, segurou-lhe a nuca com a sua mão grande e puxou-a para ele. – Primeiro vou beijar-te até não conseguir respirar.

Ele fazia sempre o que dizia.